Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Gisele Toassa

**Emoções e vivências em Vigotski: investigação para
uma perspectiva histórico-cultural**

São Paulo
2009

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Gisele Toassa

**Emoções e vivências em Vigotski: investigação para
uma perspectiva histórico-cultural**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como requisito
parcial à obtenção do título de Doutora em
Psicologia

Área de concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilene Proença
Rebello de Souza

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Toassa, Gisele.

Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural / Gisele Toassa; orientadora Marilene Proença Rebello de Souza. -- São Paulo, 2009.

348 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Emoções 2. Vivências 3. Psicologia histórico-cultural 4. Vigotski, Lev Semenovitch, 1896-1934 5. Epistemologia I. Título.

BF531-538

À memória da vó Maria (1919-2006).

E da vó Cezira (1903-1989).

*Assim, elas nunca haveriam de se enciumar
(uma da outra).*

AGRADECIMENTOS

À Marilene Proença, pela coragem de aceitar orientar-me numa fase tão tardia de um trabalho cujo percurso foi bastante acidentado, além de muitas outras contribuições intelectuais e gentilezas.

Ao povo brasileiro, que mantém a entidade CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo apoio financeiro.

À Maria Amélia Azevedo, pela recepção que me prodigalizou no Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Aos professores que me auxiliaram e instigaram, através de textos, informações em geral, idéias e conversas presenciais ou eletrônicas: Boris Meshcheriakov, David Kellogg, Denise de Camargo, Gita L'vovna Vygotskaya, Guillermo Beatón, Homero Silveira Santiago, Márcia Pileggi Vinha, Osvaldo Coggiola, Paulo Bezerra, Suely Amaral Mello, Thomas Nemeth.

Aos membros da banca de qualificação: Angel Pino e Maria Amélia Azevedo, pelas sugestões.

Aos meus companheiros de eventos, humor e troca intelectual no IPUSP: Roberto Preu e Nilson Guimarães Doria. Ao professor Amauri Gouveia Júnior (UFPA) pela solicitada revisão do item 7.4 deste trabalho, lamentando apenas a escassez de tempo que impediu a realização das alterações sugeridas.

Aos professores de russo: Svetlana Zhydunova, Sebastião e Valadão pelo auxílio pra-lá de camarada, bem como aos outros amigos da velha comuna União Cultural Pela Amizade

dos Povos.

Aos funcionários da biblioteca do IPUSP e à Olívia, do PSA-IPUSP, pelo trabalho amigo e eficiente, bem como a todos os trabalhadores de xérox, serviços de impressão e outros, que criaram parte do substrato material necessário a esta tese e deram suporte a outras atividades de doutoramento.

À pequena família Toassa: Mariza, Márcio e Vinícius. A meus pais.

Aos queridos amigos: Adriana Eiko Matsumoto, Abner Faria, Bayard do Couto e Silva, Célia Regina da Silva (Celinha), Christiane Albano, Daniela Uga, Domenico Hur, Eduardo Moraes, Érika C. Soares de Oliveira, Ingrid Campregher, Liliane Caetano, Livia Karina (Livia K.), Marcos Machado (Marquito), Marcelo Calegare, Maria Cecília Bernard (Chuny), Paulo Barillari, Raquel Destro, Thais Borges, Tiago Noel, Vilma Rodrigues e outros mais, pelo apoio, carinho e aventuras. Aos amigos do Fórum Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente-SP, em especial: Givanildo Manoel.

E, por fim, ao auxílio de Boris Schnaiderman, essa alma larga que encarna a própria cultura russa, pessoa à qual me liguei por um laço de amor transcendental, tornando-me alvo resistente da chacota de meus bárbaros amigos, incapazes de compreender um afeto passivo, mas alegre.

RESUMO

TOASSA, G. (2009) *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. 348 F Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A pesquisa teórica de doutorado relatada nesta tese elegeu como objetivos: 1) analisar os conceitos de emoções e vivências na produção de Lev Semionovich Vigotski (1896-1934), radiografando sua composição e gênese epistemológica de 1916 a 1934; 2) discutir a constituição de uma perspectiva histórico-cultural acerca desses conceitos. Para tanto, recorreu à consulta e análise de múltiplas fontes bibliográficas, entrevistas e conversas com pesquisadores da psicologia e cultura russa/soviética. Concluiu-se que os conceitos de vivência e emoção atravessam a obra de Vigotski, sendo que o primeiro transforma-se, de categoria quase coincidente com o segundo em “A Tragédia de Hamlet” (1916), para unidade de análise da relação interna entre consciência/personalidade e meio. As vivências (*pereživânia*) expandem-se na abrangência dos fenômenos psicológicos e influências teóricas apresentados e, de um perfil teórico inicial especialmente marcado pelo simbolismo russo, passam a caracterizar-se (nos textos psicológicos dos anos 1930) pela influência de Lewin, da psicologia da Gestalt e outras fontes germânicas. O conceito adquire um importante papel metodológico: torna-se unidade da vida consciente, marcada pela dinâmica dos sistemas psicológicos. Quanto às emoções (*emotsi*), eram consideradas por Vigotski como o capítulo menos desenvolvido (embora, possivelmente, o mais importante no futuro) das psicologias de sua época. Notamos aspectos importantes que se mantêm de 1925 a 1934, e outros que irrompem ao longo do percurso, configurando uma concepção própria do autor. É especialmente importante observar que as emoções surgem como objeto de sua psicologia geral no “Teaching about emotions” (1933), manuscrito centralizado na busca de um futuro para o conceito a partir da superação do dualismo presente na dicotomia entre psicologia explanatória e descritiva. O autor defende o desenho de um quadro único das múltiplas manifestações da vida emocional humana e de seus processos de determinação. Ao longo de sua obra, Vigotski congrega influências de múltiplas origens: materialismo histórico, psicologia estrutural, Ribot, Stanislavski e Espinosa, definindo, no pleno sentido adquirido por tal idéia, que as emoções humanas são funções psíquicas superiores (culturizadas); a arte e a linguagem, os principais meios culturais que as constituem. Os estudos sobre as emoções são a última e mais difícil fronteira do seu monismo materialista, colocando o cérebro no corpo e o corpo na palavra. Em torno das idéias e problemas impostos por Vigotski, gravita nesta tese uma revisão bibliográfica de pesquisas recentes na psicologia e nas neurociências, na qual trabalham-se algumas contribuições para a perspectiva histórico-cultural, questões de tradução e terminologia, bem como idéias e problemas que determinam o futuro de uma psicologia das emoções e vivências.

PALAVRAS-CHAVE: emocoes, vivencias, psicologia historico-cultural, Vigotski, epistemologia

ABSTRACT

TOASSA, G. (2009) *Emotions and experiences in Vygotsky: research for a historical-cultural perspective*. 348 F. Phd Thesis, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The theoretical research reported in this Phd thesis aimed: 1) to examine the concepts of emotions and experiences in the production of Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), x-raying their composition and epistemological genesis from 1916 to 1934, and 2) to discuss the formation of a historical-cultural perspective about these concepts. For this, it fell back upon the consultation and analysis of multiple bibliographic sources, interviews and conversations with experts regarding Russian/Soviet culture and psychology. It has concluded that the concept of experience (*perezhivanie*) is very close to emotion (*emotsia, tchuvstvo, affekt*) in Vygotsky's first work, "The Tragedy of Hamlet" (1916). But the concept changes: in his pedagogical works of 1930s, becomes unity of analysis for the internal relationship between consciousness/personality and the environment. The experience expands on the scope of psychological phenomena and theoretical works discussed: from a profile especially linked to the Russian symbolism, start to be marked by the influence of Lewin, the Gestalt psychology and other German references. The concept acquires wide and important methodological role as systemic unity of conscious life, marked by the dynamics of functional psychological systems. Regarding to emotions (*emotsii*), Vygotsky considered them as the chapter less developed (although possibly the most important in the future) of the psychology of his era. There are important aspects that remain from 1925 to 1934, and others that arise along the course, setting a conception properly Vygotskian. It is remarkable observing that emotions appear as subject of Vygotsky's general psychology in "The teaching about emotions" (1933), manuscript directed to the search for a new psychology of emotions through the overcoming of dualism, as noticed in the dichotomy between descriptive and explanatory psychology. The author defended the design of a single theoretical framework of the manifestations concerning human emotional life and its processes of determination. The works of Vygotsky reveal many influences, specially: historical materialism, structural psychology, Ribot, Stanislavsky and Espinosa, defining, in the full sense acquired for such an idea, that human emotions are higher mental functions; the art and the language, the main cultural forms of mediation that constitute them. The studies on the emotions are the more difficult and the last frontier of Vygotskian materialist monism, placing the brain in the body and the body in the word. Gravitating in this thesis, around the ideas and problems imposed by Vygotsky, there is a literature review of recent researches in psychology and neuroscience, showing some of their contributions to the historical-cultural perspective, problems of translation and terminology, as well as ideas and questions that determine its future.

KEYWORDS: emotions, experiences, historical-cultural psychology, Vygotsky, epistemology

RÉSUMÉ

TOASSA, G. (2009) *Les émotions et les expériences chez Vygotski: étude d'une approche historico-culturelle*. 348 F Thèse de doctorat, Institut de Psychologie, Université de São Paulo, São Paulo.

L'étude théorique de cette thèse de doctorat vise les objectifs suivants : 1) analyser le concept des émotions et d'expériences présents dans les travaux de Lev Semenovich Vygotski (1896-1934), en retraçant sa composition et sa genèse épistémologique de 1916 à 1934; et 2) considérer la structure de ces concepts sous une perspective historico-culturelle. Pour cela, l'auteur a été amené à consulter et à analyser de nombreuses sources bibliographiques, des entretiens et des discussions entre des chercheurs en psychologie et de la culture russe/soviétique. Il en conclut que les émotions et les expériences sillonnent l'œuvre de Vygotski; le premier évoluant vers une catégorie qui se confond avec le deuxième dans "La Tragédie de Hamlet" (1916), pour l'unité de l'analyse de la relation interne entre la conscience/personnalité et l'environnement. L'expérience (*pereživanie*) évolue dans la gamme des phénomènes psychologiques et des influences théoriques présentées, et à partir d'un profil théorique étroitement lié au symbolisme de la Russie, se caractérise dans les textes pédologiques des années 1930, grâce à l'influence de Lewin, de la psychologie de la Gestalt et d'autres sources germaniques, fortement influencées par Vygotski. Le concept acquiert un important rôle méthodologique: il devient une unité consciente, marquée par la dynamique des systèmes psychologiques. Pour Vygotski, les émotions (*emotsi*) étaient l'un des sujets les moins abordés (bien qu'étant, peut-être le plus important dans le futur) dans les recherches de la psychologie de son époque. Certains importants aspects se démarquent entre 1925 et 1934, tandis que d'autres arrivent le long du parcours, dans une conception propre à l'auteur. Il est particulièrement important de noter que les émotions deviennent l'objet de sa psychologie générale dans la "Théorie des émotions" (1933), un manuscrit consacré au futur de la psychologie des émotions par le biais du dépassement de la dualité présente dans la dichotomie entre la psychologie descriptive et explicative. L'auteur défend la conception d'un cadre théorique unique sur les multiples manifestations de l'émotif et des processus de détermination. Les travaux de Vygotski révèlent de nombreuses influences, dont le matérialisme historique, la psychologie structuraliste, Ribot, Stanislavski et Espinosa, affirmant, dans le plein sens acquis par cette idée, que les émotions humaines sont des fonctions psychiques supérieures, fondées surtout sur l'art et le langage. Les études sur les émotions sont la dernière et la plus difficile frontière de son monisme matérialiste, plaçant le cerveau dans le corps et le corps dans la parole. Face aux idées et questions imposées par Vygotski, cette thèse gravite autour des dernières recherches en psychologie et en neurosciences et de leurs contributions pour la perspective historico-culturelle, les questions de traduction et de terminologie, ainsi que des idées et des questions qui déterminent leur avenir.

MOTS-CLÉS: émotions, expériences, psychologie historico-culturelle, Vygotski, épistémologie

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Quadro 1: Pares de verbos russos e substantivos correspondentes – a etimologia de pereživânie.....</i>	<i>59</i>
<i>Quadro 2: Textos para o debate sobre emoções e vivências na teoria histórico-cultural (1928-1934).....</i>	<i>128</i>
<i>Figura 1: Vista lateral esquerda do encéfalo.....</i>	<i>344</i>
<i>Figura 2: a Teoria do Cérebro Visceral (sistema límbico de MacLean).....</i>	<i>344</i>
<i>Figura 3: Versão minimalista das regiões capazes de desencadear e executar emoções.....</i>	<i>345</i>
<i>Figura 4: Regiões somatossensitivas principais.....</i>	<i>345</i>
<i>Figura 5: Mapa das regiões cerebrais ativadas durante os sentimentos de alegria.....</i>	<i>346</i>
<i>Figura 6: Diagrama das conexões das regiões médio-basais do córtex.....</i>	<i>346</i>
<i>Figura 7 – As áreas funcionais do córtex cerebral.....</i>	<i>347</i>
<i>Figura 8 – O sistema excitatório-ativador do encéfalo.....</i>	<i>347</i>
<i>Figura 9 – O circuito de Papez, um dos precursores da noção de sistema límbico.....</i>	<i>348</i>
<i>Figura 10 – Neuroanatomia da tomada de decisão.....</i>	<i>348</i>

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
RÉSUMÉ.....	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	10
APRESENTAÇÃO.....	14
1 – Introdução.....	22
2 – Contextualização histórica: das agitações sociais da Rússia no fim do século XIX à ascensão do stalinismo.....	41
3 – Vigotski nos seus anos de formação.....	53
3.1 – <i>Vigotski. O significado de “pereživânie”</i>	53
3.2 – <i>Vigotski e as fontes de “A Tragédia de Hamlet”. Estrutura e conteúdo da obra</i>	62
4 – A psicologia na Rússia czarista e o Instituto de Psicologia de Moscou (anos 1910- início dos anos 1920).....	78
5 – Emoções e vivências nos textos sobre arte e psicologia.....	84
5.1 – <i>Características gerais. Ética e função da arte</i>	84
5.2 – <i>Catarse: vivência inconsciente X consciência</i>	96
5.3 – <i>A reação estética e a contradição emocional na arte</i>	102
5.4 – <i>A emoção na arte: leis da criação, energia e representação</i>	106

6 – Emoções e vivências na teoria histórico-cultural: o contexto histórico soviético e os fundamentos da teoria vigotskiana.....	121
6.1 – <i>Uma introdução à produção vigotskiana.....</i>	123
6.2 – <i>Instinto, impulso e emoção: filogênese, funções e destinos do impulso.....</i>	129
6.3 – <i>As emoções: funções psíquicas culturizadas?.....</i>	139
7 – <i>The teaching about emotions</i> e o debate filosófico-científico sobre as emoções na União Soviética	149
7.1 – <i>Um difícil manuscrito.....</i>	149
7.2 – <i>Para pensar Vigotski e Espinosa.....</i>	164
7.3 – <i>Os apontamentos de Vigotski. A doutrina espinosana dos afetos.....</i>	169
7.4 – <i>Emoções/afetos hoje: resumo neurocientífico.....</i>	202
8 – Emoções e vivências na ontogênese do psiquismo: textos pedológicos.....	220
8.1 – <i>Contextualização histórica: Vigotski, estudo do desenvolvimento e pedologia.....</i>	220
8.2 – <i>O desenvolvimento da personalidade, da consciência e das vivências.....</i>	225
8.2.1 – <i>A noção de sistema em Vigotski: problemas de definição.....</i>	225
8.2.2 – <i>As vivências como unidade de consciência e personalidade.....</i>	235
8.2.3 – <i>Vivências e emoções na ontogênese.....</i>	245
8.2.4 – <i>Das origens teóricas do conceito de vivência.....</i>	255
9 – Três tópicos no “Pensamento e Linguagem”	263
10 – Considerações Finais.....	273
10.1 – <i>Vivências.....</i>	273
10.2 – <i>Emoções.....</i>	281

10.2.1 – <i>Questões de terminologia</i>	283
10.2.2 – <i>Conceituação. Definição do campo teórico</i>	286
10.3 – <i>Nota metodológica. Questões pendentes</i>	308
REFERÊNCIAS	319
ANEXO: FIGURAS	343

APRESENTAÇÃO

Uma pesquisa inicialmente marcada pela incerteza de sua viabilidade finaliza-se com mais perguntas que respostas. O ponto de partida era cético: duvidava da abrangência e importância do tema na obra do autor. O de chegada, questiona-se sobre a possibilidade de cobri-lo num só trabalho.

É de praxe que uma tese estritamente teórica contenha a análise das continuidades e rupturas conceituais, das influências e dos aspectos nebulosos, das contribuições originais, das tarefas pendentes, da genealogia dos conceitos na trama do autor. Este trabalho não foge à regra: tomando como objetivo analisar os conceitos de emoções/afetos/sentimentos e vivências na obra de Vigotski, profundamente implicados, busca os fundamentos de uma metodologia (aí entendida como olhar geral que circunscreve as investigações, nos dizeres do próprio Vigotski, 1927/1996j, p.283) histórico-cultural. O resultado é uma radiografia da composição e gênese epistemológica dos conceitos, olhando para sua produção como todo que se movimenta a partir da intenção presente de pensar uma perspectiva histórico-cultural. Também, nos limites do nosso tempo e intelecto, visa a fornecer respostas para alguns problemas teóricos postos pelo bielo-russo que quedaram pendentes com a sua morte precoce, dialogando com autores que consideramos próximos ou pertinentes à discussão de sua psicologia. E ela só pode se fazer numa unidade de diversas fontes metodológicas – peculiaridade da abordagem vigotskiana, que recusou a promoção de qualquer psicologia particular à condição de psicologia geral, como, segundo ele próprio, haviam feito o behaviorismo, a psicanálise, a ciência dos reflexos, a psicologia da Gestalt, entre outras.

Tarefa tão abrangente não poderia deixar de malograr, mas, com a cegueira da mãe que malcriou seu filho peralta, esperando que o moleque possa ser emendado por terceiros, deixaremos aos leitores a avaliação dos aspectos nos quais falhamos e os conselhos sobre sua futura reconstrução.

Para começar, gostaríamos de contar um pouco da história desta tese.

Envolvei-me com a psicologia sócio-histórica brasileira quando, após terminar o bacharelado em fonoaudiologia na Faculdade de Odontologia de Bauru-USP, era ainda estudante de graduação em psicologia na Faculdade de Ciências da UNESP, Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru. Casando esta paixão com a de conversar e brincar com crianças, iniciei um estudo de mestrado sobre desenvolvimento infantil, ainda vinculado à UNESP, mas desta vez na Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília (Toassa, 2004b). Meus interlocutores desta época foram minha orientadora, Suely Amaral Mello, e os amigos do NEPPM – Núcleo de Estudos e Pesquisa “Psicologia Social e a Educação”: Contribuições do Marxismo (Unesp-Bauru), que tem se caracterizado pelo debate dos clássicos do marxismo nas ciências sociais, educação e psicologia e a defesa da indissociabilidade entre práxis política e científica.

Após os tempos de estudo teórico e empírico sobre o conceito de consciência e sua relação com o desenvolvimento infantil proporcionado pelas atividades pedagógicas, num referencial teórico-metodológico baseado especialmente nas obras de Vigotski e Leontiev (mas também envolvendo os estudos da Escola de Budapeste, especialmente os escritos de Agnes Heller e Georg Lukács), uma nova e intrigante temática surgiu. Minhas observações e experimentos criaram um interesse pelo conceito de emoção. Entretanto, não encontrei

respaldo nos textos que se me apresentavam: a literatura psicológica que eu conhecia mostrava diversas lacunas conceituais na descrição e explicação da ontôgenese das emoções. Miopia da leitora? Elas não poderiam existir na própria psicologia soviética; quiçá, até mesmo nos textos que eu já conhecia, mas nos quais não estudara o tema? Valeria dedicar tempo e esforço a uma esfera tão interessante da psicologia.

Valem parêntesis sobre os tão confundidos termos “psicologia sócio-histórica” e “teoria histórico-cultural”. Há quem, como Ratner (1995), denomine, com a primeira expressão, a teoria de Vigotski. Contudo, consideramos que o termo melhor se aplica à psicologia brasileira de bases marxistas, nos dizeres de Ozella & Sanches (2001), a qual se apropriou de diversas contribuições dos autores soviéticos. Mas o próprio Vigotski (1927/1996j) não atribuiu nenhum nome à sua psicologia, condenando outras construções teóricas da época que se pavoneavam como psicologias marxistas (Vigotski, 1927/1996j, p.411). Embora o materialismo dialético fosse a base filosófica fundamental do autor, defendia que ele e sua Escola construíssem simplesmente uma psicologia.

Mas hoje, como na época, as psicologias se multiplicam, e para diferenciar a abordagem vigotskiana, falaremos em psicologia “histórico-cultural” (os dois conceitos principais que Vigotski costumava aplicar ao seu trabalho, perante seus colaboradores, segundo Luria, 1988, p.26); frente ao qual foi uma liderança incontestável nos seus anos de Instituto de Psicologia de Moscou (1924-1930). Assumimos neste trabalho que o núcleo dessa teoria foi idealizado especialmente por Vigotski, tendo Luria como seu mais discípulo mais próximo e um de seus comentadores mais fiéis.

Luria (1988, p.36) defende que a inteligência e energia de Vigotski criaram um sistema

psicológico que, embora não tenha sido totalmente explorado, influenciou cada ramo teórico e prático da psicologia soviética. Note-se o verbo: *influenciado*, e não *construído*. Se Vigotski foi o grande autor da psicologia soviética, esta o transcende: havia a Escola de Leningrado (de Rubinstein) os seguidores da reflexologia de Bekhterev; os pavlovianos, os reactólogos de Kornílov, os criadores da teoria do *set* de Uznadze. Após qualificar um texto de doutorado baseado nas contribuições da psicologia soviética, especialmente de Vigotski e Rubinstein, para uma psicologia das vivências e emoções, contudo, percebemos que o trabalho resultara num calhamaço – que contava, então, com 350 páginas – tedioso e estéril, servindo apenas para o elogio a Vigotski e a crítica a Rubinstein. A presente tese resultou da convicção de que Vigotski é um autor fértil no que se refere às emoções e vivências, dimensões nas quais vem sendo estudado, no Brasil, especialmente nesses últimos dez anos (por autores como Camargo, 1997; González-Rey, 1999; Lane & Araújo, 1999; Botarelli, 2002; Sawaia, 1999;2004).

Os conceitos de emoções e vivências em Vigotski são apresentados de 1916 a 1934, organizando-se em blocos de textos afins. Dada sua abrangência e à nossa pretensão de buscar, mais do que uma totalização descritiva, a essência do pensamento vigotskiano, não dispensamos igual tratamento a todos os textos, mas selecionamos os textos e aspectos que consideramos mais importantes.

Nos capítulos 2, 3 e 4, há três pontos importantes que demandaram uma brevíssima contextualização da história política, cultural e científica do Império Russo/União Soviética: os anos de formação de Vigotski, concomitantes ao colapso do Império e à elaboração da “Tragédia do Hamlet, Príncipe da Dinamarca” (1916); as Revoluções de 1917 e a posterior

integração oficial de Vigotski no âmbito da psicologia (período com um vácuo de traduções do autor, que se estende até 1924), cujo principal texto de nosso interesse é a “Psicologia da Arte” (1925). Um quarto ponto que explanaremos, este específico à obra vigotskiana (capítulo 6), foi a criação de sua teoria histórico-cultural propriamente dita (1928-1934), com vários textos importantes no estudo do objeto desta tese (“The teaching about emotions”, “On the problem of the psychology of the actor’s creative work”, “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores”, os textos pedológicos dos anos 1930, o “Pensamento e Linguagem”).

Acompanharemos o alinhamento inicial do autor com uma posição estética marcada (especialmente) pelo simbolismo, sucedido pelo compromisso de criar uma psicologia marxista, e, coroando este objetivo, a estruturação de sua psicologia histórico-cultural. Mas, no que se refere às emoções e vivências, “La imaginación y el arte en la infancia”, texto de 1930, é mais semelhante, no seu debate sobre as emoções, à “Psicologia da Arte”. Por isso, nós o agrupamos entre os textos de arte e psicologia, o que não pôde ser feito com relação a “On the problem of the actor’s creative work” (1932).

Os conceitos, e os vocábulos traduzidos que os significam, não ocorrem de igual maneira em todas as obras: um ou outro avulta de forma particularmente importante neste ou naquele texto, e o relato de pesquisa que ora apresentamos orienta-se por tal disposição discursiva. Há muitas questões de tradução, a serem explanadas nos momentos apropriados. Utilizaremos *vivências* e *emoções* preferencialmente a afetos e sentimentos pela sua maior presença na obra do autor e, também, pelo fato de intitular o texto que é, para nossa análise, o mais importante, o “Teaching about emotions”. Considerações mais detalhadas localizam-

se no item “10.2.1 – Questões de terminologia”. Nosso capítulo 1: “Introdução”, apresenta um resumo da nossa tese propriamente dita (desenvolvida mais pormenorizadamente nas “Considerações Finais”) e do processo metodológico utilizado na pesquisa.

No capítulo 3, “Vigotski nos seus anos de formação”, analisaremos o interesse do adolescente Vigotski pela arte, apresentando uma análise etimológica e semântica do vocábulo *pereživânie* (vivência), cuja tradução do russo é mais complexa do que emoções/sentimentos/afetos, para depois passar à sua análise na primeira obra de Vigotski (1916/1999f). Os três primeiros itens do capítulo 5 comentam aspectos importantes da “Psicologia da Arte”, também presentes noutros trabalhos do autor sobre arte e psicologia. O item 5.4 debate as quatro leis referentes às emoções em Vigotski, todas em íntima relação com o problema da vivência/reação estética. O capítulo 6 mostra a transição à psicologia histórico-cultural, a partir de textos que a precederam – em especial a “Psicologia Pedagógica” – e a reestruturação de suas idéias sobre a gênese do psiquismo, fundamentais no novo lugar que se destina às emoções como funções psíquicas culturizadas, e não subcategoria do comportamento instintivo.

O capítulo 7, “*The teaching about emotions* e o debate filosófico-científico sobre as emoções na União Soviética” desdobra-se em quatro tópicos: o primeiro discute os principais problemas de comentário presentes no manuscrito traduzido ao inglês que intitula o capítulo. Trata do ceticismo vigotskiano quanto às teorias das emoções de sua época e sua crítica tanto à psicologia explanatória quanto à descritiva, integrando filosofia, ciências biológicas, neurologia e psicologia clínica. Comenta como o autor planejava trabalhar um novo paradigma de pesquisa dos afetos com base em Espinosa. O item 7.2 é um preâmbulo

epistemológico ao comentário sobre a relação Vigotski-Espinoza propriamente dita, enquanto o 7.3 expõe os principais apontamentos, elogiosos ou críticos, do bielo-russo sobre o filósofo, que exigiram tanto uma breve exposição da doutrina espinosana dos afetos quanto uma pesquisa da exegese espinosana. Esse capítulo se completa no item 7.4, que retoma os problemas dos demais itens à luz de um resumo de certos aspectos da neurociência atual, procurando mostrar a atualidade tanto do pensamento vigotskiano quanto do espinosano frente aos desafios de conceituação existentes no “Teaching...”.

O capítulo 8, “Emoções e vivências na ontogênese do psiquismo: textos pedológicos”, debate textos daquela que Vigotski considerava como a ciência do desenvolvimento (a pedologia) de crianças e adolescentes, explicando-a brevemente no item 8.2.1. Esses textos, de difícil comentário, pois implicam na definição de outros conceitos (como personalidade, consciência e sistema), demandaram os dois primeiros itens, “A noção de sistema em Vigotski: problemas de definição” e “As vivências como unidade de consciência e personalidade”. O item “8.2.3 – Vivências e emoções na ontogênese” apresenta os dois conceitos nos textos pedológicos propriamente ditos. O último item do capítulo 8 debate as novas fontes teóricas, não tanto russas quanto alemãs, do conceito de vivência.

O capítulo 9 destina-se ao comentário de “Três tópicos no ‘Pensamento e Linguagem’”, o livro cuja edição integral no Brasil intitulou-se estranhamente: “A construção do pensamento e da linguagem” (1934/2001a). São três os tópicos de reflexão vigotskianos nele imbutidos que nos interessam aqui: 1) a relação pensamento, afeto e consciência; 2) a relação pensamento e palavra e 3) as vivências. Aí se apresenta o estado final da obra vigotskiana, que consolida e desenvolve problemas presentes desde o primeiro livro do autor

– como a inefabilidade e a difícil transição entre pensamento e linguagem – mas num novo contexto, que casa a cultura artística e lingüística de Vigotski com sua famosa teoria sobre a relação pensamento e linguagem. Das múltiplas referências comentadas pelo bielo-russo, selecionamos especialmente as de Paulhan e Stanislavski.

Nossas “Considerações Finais” visam à síntese do percurso que se constituiu ao longo da tese, trabalhando a conceituação de emoções e vivências na perspectiva histórico-cultural como a definição de todo um campo teórico em Vigotski a partir dos próprios objetivos definidos pelo autor. Questões pendentes para futuras investigações, tanto novas quanto acumuladas neste trabalho, serão apontadas. O trabalho se finaliza com as “Referências” e o “Anexo”, este constituído pelas figuras ilustrativas do sistema nervoso central, às quais nos reportaremos especialmente no item 7.4.

1 – Introdução

Elas estão em toda parte. Raramente encontramos uma modalidade discursiva que dispense os vocábulos e expressões delas indicativas: uma delas é importante o suficiente para constar no preâmbulo da Constituição Federal, que postula como um dos deveres do Estado democrático “assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o *bem-estar* da população” (Brasil, 1988, grifo nosso).

Também num plano político, conquanto mais modesto, o site de Ana Maria Braga, apresentadora da Rede Globo de Televisão, aconselha seus visitantes a contornar conflitos, a superar a raiva alheia através da tolerância, da não-violência¹. Na narrativa de Cortázar (s/d), Horácio Oliveira sente-se uma porcaria devido à água em seus sapatos, à solidão, ao concerto ruim e à sua cômica piedade pela artista; em Austen (1811/1996), Elinor Dashwood, símbolo da generosidade puritana, sentir-se-ia obrigada a estar alegre ao perder o homem amado se sua rival fosse mais simpática; no Êxodo (32:19), lemos sobre o furor de Moisés, que quebra as tábuas da lei de Deus ao presenciar a adoração do Bezerro de Ouro, e a contrastante condenação da raiva pelo Apóstolo Paulo (1 Timóteo 2:18); num cenário mais dramático, configura-se o relato biográfico de Orwell (1933/1999, p.15), entediado e faminto, sem nada para fazer, mergulhado num mundo em que a idéia de comida era a única realmente importante; ou, numa situação muito diversa, um menino é cercado de atenções familiares para quem “as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja,

¹ “A raiva não pode ser superada pela raiva. Quando uma pessoa tiver um comportamento agressivo com você e a sua reação for semelhante, o resultado será desastroso. Ao contrário, se você puder se controlar e tomar atitudes opostas “compaixão, tolerância e paciência”, não só se manterá em paz, como a raiva do outro diminuirá gradativamente.” *A Policy of Kindness*, Snow Lion Publications, 1990, recuperado do site de Ana Maria Braga: <http://anamariabraga.globo.com/mensagens.asp?id1=243&cat1=50010> em 02 de novembro, 2008.

em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades” (Guimarães Rosa, 1962/2008, p.7); atordoados, acompanhamos a permanente dúvida de Fernando Pessoa (ele-mesmo), em definir o que sente e pensa, tamanha a complexidade de suas vivências (Pessoa, 1902-1938/2007). Tantos elementos, antigos e modernos; descritos pelo talento de muitos artistas, nas mais diversas situações e com mil propósitos distintos, ilustrativos da informação de Kagan (2007): apesar da enorme variedade lingüística do vocabulário que se refere às emoções, em todas as línguas há palavras para elas, evidenciando tanto a diversidade de condições delas criadoras, como também a sua relativa universalidade na vida humana, nos cérebros considerados próximos do normal para nossa espécie. Sua presença nas línguas é também indício de um fenômeno social, partilhado coletivamente, para alguém de sua condição caprichosa, indescritível e/ou idiossincrática, misturada com o pensamento, a memória, a percepção e apresentando-se de forma marcante na face interna de nossas vivências.

Engelmann (1978, p.21) comenta, a partir de Ullmann, que a polissemia é uma característica universal dos idiomas, pois seria bastante anti-econômico possuir um vocábulo diferente para cada aspecto diferenciável da experiência. Tomemos, por exemplo, das cores: há 7.500.000 de diferenças perceptíveis no espectro visível, mas, em nenhuma língua, número equivalente de palavras. Acompanhando Whorf, Engelmann sustenta que a existência de rótulos diversos obedece às necessidades práticas humanas, variando com o modo de vida de cada comunidade lingüística. Inevitável a referência a Marx & Engels, para quem a linguagem é consciência prática, “que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de

intercâmbio com outros homens” (1846-1846/1999, p.43). Como afirma Baldwin, a partir de Fritz Heider: “Na teoria ingênua da ação, o sentimento é uma das raízes do comportamento. Fazemos coisas porque as pessoas desejam que as façamos, ou porque pensamos que as ações lhes agradarão.” (1973, p.18).

São, também, parte da educação, como influência em nosso modo de ser, pensar e agir, cujo alvo são outras pessoas, nós mesmos, os grupos e a sociedade como um todo. Seu papel na vivência e na ação é revestido por tais aspectos. São, também, permanente desafio de compreensão dos homens por eles mesmos, tema caro especialmente às ciências humanas, à biologia humana e animal, além da filosofia.

Acompanhamos descrições delas, conselhos sobre a regulação das negativas (ódio, inveja, tristeza etc) – seja pela criação de outras emoções, como a culpa; pela auto-sugestão ou o auto-controle da mímica facial; por fármacos e técnicas dos mais diversos tipos – e a obtenção das positivas. Mas estes recursos, para muitos, têm pouco valor: as emoções escapam ao nosso controle, sendo elas que nos controlam, como subsolo arcaico, selvagem, explosivo da vida humana. Neste campo semântico, são consideradas por Ribot (em Vigotski, 1932/1999a) “tribo agonizante do psiquismo”; por Elias (1939/1994, pp.200-201), condutas minguentes entre os homens adultos e civilizados. Também são, para vários autores, como observa Lutz (1988, p.53-80), característica psicológica negativa; processo perigoso e, por isso, patológico; subjetivo, incontrolável; que obstaculiza o livre-curso do pensamento, sendo próprias a toda sorte de seres irracionais, às crianças e às mulheres; ou, como afirma Vigotski (1933/2004), próprias dos deficientes e simples de espírito, nos quais avulta o coração, e não o cérebro. Por essas concepções e práticas que permeiam nossas

relações sociais, as emoções são, irrevogavelmente, uma questão política.

Os discursos sobre as emoções variam, ratificando o diagnóstico de Lutz (1988), que os compreende como posições defendidas por grupos em conflito. Discursos cientificistas, como o darwinismo social aplicado à questão das emoções (Kagan, 2007, p.151), não poderiam deixar de se criar: muitas vezes, numa relação irrefletida para com o pragmatismo do discurso cotidiano, que, tal qual mostra Heller (2000), toma o particular por universalmente humano. O cotidiano, muitas vezes instrumentalizado por teorias pretensamente científicas, determina as psicologias, constituindo com elas um vicioso círculo de reprodução mútua.

Esses fatos não são novos. Vigotski (1927/1996j, p.235), em seus próprios termos, já notava as danosas intrusões da cotidianidade na ciência. Criticou Watson pelo seu deslize para o ponto de vista do indivíduo corrente, o *businessman*. Vigotski acolhia o bordão marxista, de que se essência e aparência dos fatos coincidissem, toda a ciência seria supérflua, pensando uma psicologia negativa da fantasmagoria do subjetivo: “ou os fenômenos psíquicos existem e então são materiais e objetivos, ou não existem e não podem ser estudados” (1927/1996j, p.386). A imagem de uma coisa no espelho é real como a própria coisa, mas tem seu próprio estatuto de realidade; a consciência e o cérebro são parte da natureza e se submetem às mesmas leis da natureza, cabendo-nos descobrir tais leis. Deve-se estudar, por exemplo, não a alegria como pura consciência de se estar alegre, mas como fenômeno realmente existente e determinado. Uma perspectiva histórico-cultural capaz de explicar os fundamentos das concepções e práticas sobre as emoções e vivências, portanto, precisa integrá-las num todo mais abrangente que o mero discurso sobre elas, numa rede de

conceitos, sem as abordar como idéias isoladas.

Avisa-nos Engelmann (1978, p.15), e, com outras palavras, Vigotski (1933/2004, p.54): desde o início do século XX, tem-se demonstrado a vagueza e inadequação do conceito de emoção. Nosso desafio neste trabalho é captar o olhar científico de Vigotski para as emoções e vivências humanas, termos intimamente relacionados em sua obra, considerando a diversidade cultural como um de seus aspectos imanescentes. Se há fenômenos denominados de emoções, sentimentos, afetos, estados de ânimo etc. em cada língua, sua classificação verbal é apenas um dos aspectos. Ratificam, no entanto, um dos aspectos fundamentais da concepção do autor: a multideterminada diversidade da vida emocional humana. Considerava que tal diversidade era relegada a segundo plano nas psicologias do início do século XX. O que esses aspectos podem significar em termos teóricos para a perspectiva histórico-cultural, hoje?

A cada capítulo, comentando as obras apropriadas, o leitor encontrará partes das idéias que defendemos sobre as emoções e vivências na obra de Lev Semenovitch Vigotski – a evolução de nossa tese de pesquisa propriamente dita. Mas, para facilitar a leitura, suprimindo os leitores com um fio condutor, dedicaremos o restante desta introdução a apresentá-la resumidamente. Em seguida, explanaremos os materiais e métodos que utilizamos na pesquisa aqui relatada.

* * *

No que se refere ao conceito de vivência (*pereživánie*): oriunda do verbo vivenciar/sofrer (*pereživát*), é palavra de uso corrente na língua russa, termo importante nos círculos eruditos do início do século XX, nas artes e na filosofia de modo geral. Em Vigotski (1916/1999f), o termo é empregado em consonância com o seu uso culto, muito próximo do simbolismo russo, qualificando um estado mental de exceção suscitado por impressões e sentimentos fortes. “Emoção” é uma das traduções regulares de *pereživánie*. A vivência, em tal livro, opõe-se ao pensamento, ao intelecto.

O vocábulo *pereživánie*, que pesquisamos em alguns originais russos (Vigotski, 1925/1986; 1926/1991c; 1934/2005c), atravessa toda a produção vigotskiana, sofrendo inflexões importantes. Em Vigotski (1931/1995), o autor nega que seu estudo introspectivo fosse a única saída para uma psicologia da consciência. Mas, reconhecendo sua importância como dado de pesquisa neuropsicológico e pedológico, acaba reabilitando sua utilidade metodológica (1933/2004; 1935/2008). Neste ponto de sua obra, sob influência de pensadores de origem alemã (sobretudo os gestaltistas), promove-a ao importante papel de *unidade sistêmica da consciência*, a própria relação interna da consciência/personalidade com o meio, conceito híbrido, em que pessoa e meio se relacionam de modo indivisível. Preservando algumas características do conceito já existentes em Vigotski (1916/1999f), tal relação desdobra-se num núcleo externo e outro interno. A vivência é entreposto do funcionamento psíquico concreto, inicialmente qualificando a relação imediata, antepredicativa, anterior a qualquer estruturação de um sistema psicológico, entre criança e meio; posteriormente, é unidade de uma consciência operante num concerto de funções psicológicas em permanente movimento e irreduzível às emoções. As vivências não podem

ser plenamente enquadradas nem nas regulações voluntárias nem nas reações espontâneas da consciência. Havendo atividade cerebral humana, qualquer que seja o grau de emotividade, haverá vivência; embora cada vivência seja marcada pela atividade mais intensa desta ou daquela função psíquica. Pensamento e emoção se integram na vivência, não mais se opondo, como em Vigotski (1916/1999f). As vivências inscrevem-se numa temporalidade de fatos que se estendem no passado, presente e futuro da vida psicológica.

Na teoria histórico-cultural propriamente dita, toda função psíquica superior tem uma face vivencial – ao lado de sua ação no mundo, e tanto as partes como o todo da consciência podem ser generalizadas pela linguagem que se imiscuiu no seu processo de constituição. O vocábulo só se aplica a seres humanos, ou a suas representações, caso das personagens ficcionais (como em Vigotski, 1925/2001b). As vivências não podem ser meramente deduzidas dos atos da pessoa, pois, embora determinando as ações, a relação interior da consciência/personalidade com o meio depende de uma elucidação da perspectiva da própria pessoa.

Já os vocábulos emoção/sentimento/afeto (*emotsia – tchuvstvo – affekt*), que acabam por definir um mesmo conceito na obra do autor, têm uma história bem mais complexa. Notamos idéias/objetivos importantes que se mantêm de 1925 a 1934, e outros que irrompem ao longo do percurso, configurando uma concepção própria. Em Vigotski (1925/2001b) desenvolvem-se, com fluência, a crítica da psicologia da arte e as dimensões propositivas sobre a emoção/o sentimento artístico, aparecendo a marca do autor num apanhado teórico monista de múltiplas origens investigativas.

Em textos posteriores, quando ele centra sua atenção numa psicologia geral das emoções tendo por referência os princípios metodológicos de sua psicologia histórico-cultural (caso de Vigotski, 1932/1999a; 1933/2004), e um aprofundamento dos seus estudos nesse tema específico, sua crítica é bem mais corrosiva, alcançando autores anteriormente elogiados (em 1926/2001c): caso de William James e Carl Lange. A psicologia geral era disciplina que “deve reger, unir, elaborar os conceitos fundamentais, os princípios e os métodos, comprovar e sistematizar os dados de todos os outros domínios [...]” (Vigotski, 1927/1996j, p.209), estudando o que é próprio a todos os homens. Com sua análise das psicologias particulares das emoções – comparada, infantil, neuropsicologia, psicologia da arte – o autor aponta-lhes os problemas, e, ainda que de modo esparso, tece considerações para sua superação. Esta é a parte positiva de sua teoria, indissociável da crítica, num esquema marxista de tese-antítese-síntese (Van der Veer & Valsiner, 2001, p.175).

O clima para o ousado projeto vigotskiano (1933/2004) era o da crise na psicologia, diagnosticado num texto de seis anos antes (1927/1996j), e no qual o autor defendia nada menos que a reconstituição das direções teórico-metodológicas de toda a psicologia, sendo as emoções um capítulo particularmente difícil (1933/2004, pp.54-56). O “Teaching about emotions”, então, empreende uma tarefa considerada analítica pelo seu autor: a de conhecer algo novo sobre os fatos apresentados (1927/1996j, p.249). Ou seja: conhecer descobertas de pesquisa, no *frisson* da crítica que despontava no cenário internacional, a crítica à teoria periférica das emoções.

À semelhança da acusação dirigida a muitos outros problemas psicológicos de sua época, Vigotski insistente em que as psicologias haviam esquecido o homem (1933/2004,

p.200), reproduzindo um paradigma que ou estudava a experiência ou o comportamento; espírito ou corpo, ciência do espírito ou ciência natural, e seus respectivos métodos. “Quando uma pessoa dança, será que de um lado se encontra a soma dos movimentos musculares e do outro a alegria e o entusiasmo? Um e outro estão estruturalmente próximos” (Vigotski, 1927/1996j, p.356).

O psiquismo parecia cindido numa encruzilhada teórico-metodológica que traía bases filosóficas dualistas. Contra essas idéias, no âmbito da psicologia das emoções, ganham peso as noções de sistema e estrutura psicológico(a), precoces em sua obra, que vão ganhando mais consistência e se coordenando epistemologicamente com a evolução dos estudos do autor em todos os planos metodológicos (filosóficos, neuropsicológicos, experimentais, clínicos).

Em Toassa (2006), defende-se que Vigotski começara a pensar a consciência humana como totalidade complexa, interação entre sistemas de reflexo, estrutura composta de outras estruturas, ainda com fortes nuances da ciência dos reflexos, já em 1924. Época também na qual, segundo Van der Veer & Valsiner (2001, pp.174-179), editou muitos textos alemães, travando contato com o pensamento gestaltista (no núcleo duro da psicologia da Gestalt: especialmente Köhler, Koffka; e também Lewin, Goldstein e Gelb). Teve com ela uma relação ambivalente, apreciando especialmente a metodologia experimental gestaltista e o contexto monista em que ela se realizava².

² Vigotski (1926/1991f) criticou a psicologia da Gestalt pela carência de crítica social e ausência de investigações sobre o desenvolvimento histórico da conduta. Considerava excessiva a proximidade dos gestaltistas com a física ao longo de sua obra. É recorrente a sua observação de que o gestaltismo não enxergava as diferenças qualitativas entre comportamento humano e animal (Vigotski, 1935/1997b; 1931/1995) nem atribuía grande importância à história do desenvolvimento. No entanto, o bielo-russo elogiou muitas vezes o holismo gestaltista, sua crítica ao elementarismo, e suas inovações metodológicas.

As pesquisas de Köhler com situações práticas de resolução de problemas por macacos antropóides, baseadas na reorganização da estrutura do campo visual, inspiraram experimentos do próprio Vigotski (e seus colaboradores, como se dispõe em 1994a, p.33) com crianças. Mas, à diferença dos alemães, o bielo-russo punha os meios culturais no centro dessa reorganização. Considerava que a transição natureza-cultura na vida da criança obedecia a uma lógica dialética, não-linear, monismo materialista no qual a cultura é modificação da própria natureza³. Existiria tanto a acumulação de pequenas alterações que reorganizam a relação infantil com os estímulos, quanto momentos de salto qualitativo a partir das alterações acumuladas, num esquema de superação dialética: com a incorporação de estruturas inferiores, a destruição de suas reações de caráter elementarista e imediato, e a passagem às formas funcionais superiores e complexas. Van der Veer & Valsiner (2001) apontam que o gestaltismo colocava em evidência essas transições, mas enquanto seus autores tendiam a observar as continuidades psíquicas do animal ao humano, as invenções de Vigotski a partir do gestaltismo sublinhavam as diferenças entre ambos.

Grosso modo, podemos dizer que a abordagem do psiquismo a partir de estruturas e sistemas sublinham as *relações* pessoa-mundo. Van der Veer & Valsiner (2001, p.178) afirmam também que a Gestalt era para Vigotski uma psicologia monista, que não cindia interno e externo, analisando-os num todo. De fato, o bielo-russo sustenta que, na psicologia da Gestalt, a idéia de estrutura aproxima psíquico e físico (1927/1996j, p.356). Essas noções,

³ “A potencialidade para as operações complexas com signos já existe nos estágios mais precoces do desenvolvimento individual. Entretanto, as observações mostram que entre o nível inicial (comportamento elementar) e os níveis superiores (formas mediadas de comportamento) existem muitos *sistemas psicológicos de transição*. Na história do comportamento, esses sistemas de transição estão entre o biologicamente herdado e o culturalmente adquirido. Referimo-nos a este processo como a *história natural do signo*.” (Vigotski, 1994a, p.61, grifos do autor)

segundo pensamos, são fundamentais para compreender o papel metodológico exercido por tal abordagem na concepção do autor sobre as emoções. E acreditamos que se apresentem também no materialismo histórico, em Ribot, Stanislavski e Espinosa, como procuraremos apresentar nesta tese.

Detalhemos: sentimentos, representações e percepções de estímulos externos vêm constituir partes de um todo homogêneo sob o ponto de vista da atividade cerebral – eles se unificam nas vivências e na atividade das pessoas no mundo; a atividade retroage nas vivências, tornando a idéia de estrutura um todo dinâmico, contra as relações estáticas presentes no estudo do psiquismo pelo binômio estímulo-resposta (Vigotski, 1931/1995, p.62): há uma nova psicologia experimental na qual a pessoa é parte do mundo, não devendo ser dele separada no processo investigativo. Num texto clássico (Lewin, 1931/1999), conhecido e elogiado pelo bielo-russo (carta a Luria, de 1931, em Vigotski, 2007), o alemão comparava aquele momento da psicologia ao da física, na passagem do paradigma aristotélico ao galilaico⁴.

As evidências tendem a ratificar outra observação de Van der Veer & Valsiner: “A aceitação do trabalho de Lewin estava intimamente ligada no pensamento de Vygotsky a seu constante interesse pela filosofia de Spinoza” (2001, p.190). Para os comentadores, esse vínculo relacionava-se à unificação entre afetividade, cognição e ação. Espinosa, como

⁴ Lewin (1931/1999, p.47-63) critica o “aristotelismo” da psicologia infantil e dos afetos pela sua tendência a considerar classes abstratamente definidas como a própria natureza dos objetos. Contra a explicação descritiva, defende a causal. Não seria possível, por exemplo, na psicologia comparada, buscar generalidades conceituais independentes das condições dos animais e do ambiente no momento pontual de sua ocorrência – o que clama pela necessidade de uma análise do todo concreto. A idéia de homogeneização do espaço psicológico, como do físico, lido como um conjunto de transições fluidas entre objetos que não se separavam dicotomicamente em classes, mas era regido por leis idênticas, deveria, para ele, balizar a pesquisa com humanos.

nenhum dos demais interlocutores, escrevera uma doutrina dos afetos naturalista, psicofísica, determinista, atenta às especificidades do humano, que colocava o desejo e a singularidade do sujeito desejante no plano central da definição da vida afetiva (para a qual também convergia Lewin).

Os afetos espinosanos não são meras respostas a percepções de corpos externos: consistem numa mudança de potência do corpo e de sua idéia, podendo esta idéia ser imaginativa (sensação, percepção e memória); diferenciando-se entre si com base na atribuição de diferentes causas, no seu entendimento racional pelo sujeito, na presença de uma dinâmica multicausal. O aspecto ideacional e lingüístico das emoções não é meramente representação ou narrativa exterior a elas: constitui parte de seu conceito. Vigotskianamente falando, sejam quais forem os sentidos que atribuímos às emoções, desenvolvem-se a partir apropriação dos significados da língua e à sua relação com a nossa formação de conceitos. Sem certas idéias sobre nós, as outras pessoas, os objetos, também não há dinâmica emocional especificamente humana.

Vigotski muito se agradava do núcleo do conceito de afeto espinosano, pretendendo discuti-lo no cenário de pesquisa neuropsicológico de sua época, tal qual pretendemos fazer, em modesta escala, no item 7.4 deste trabalho. Pretendia, também, criticar aspectos que lhe eram incômodos na obra de Espinosa, mas infelizmente faleceu antes de completar seu manuscrito. Acreditava que, como estudara Lewin e outros gestaltistas, as emoções deslocam-se na atividade humana. Sistemas se formam, desagregam-se e regridem, o a que evidencia o desenvolvimento cultural das emoções nas suas múltiplas versões, fossem consideradas normais ou patológicas. O sistema é o todo; e o todo era maior que a soma das

partes, a consciência era sistema estrutural, ou seja, sistema composto por estruturas, as estruturas por vínculos de funções, sendo as funções psíquicas superiores, pois, componentes do sistema como um todo. E as emoções, a partir de 1932, são consideradas pelo autor como funções psíquicas superiores.

Idéia *sui generis*. Pois aí, a teoria histórico-cultural distancia-se relativamente de seus traços comuns com outras teorias psicológicas, como o behaviorismo (em que são, predominantemente, tratadas como comportamentos) ou a psicanálise freudiana (em que, segundo Laplanche & Pontalis, 2001, o termo afeto é conceituado como qualquer estado afetivo), construindo um conceito que não é nem restrito às suas dimensões objetivas nem às subjetivas. Procuraremos mostrar os nove problemas que se implicam no conceito de emoção ao longo da obra do autor, os quais mostram sua tentativa de conquistar este tema para sua psicologia geral, articulando descobertas de várias esferas de pesquisa. Pois embora elas apareçam num contexto dialético, com uma tendência ao apagamento das fronteiras conceituais, em que uma função ou propriedade funcional adjetiva a outra (o pensamento é emocional; a emoção é pensante; a sensação é emotiva etc), representando estruturas que se arranjam dinamicamente na vivência e na ação, as emoções têm características próprias na obra vigotskiana. Surgem em relação com influências teóricas de variados autores, com destaque para os já mencionados gestaltistas e marxistas, Ribot, Espinosa e Stanislavski.

Todas as influências são oportunas: Vigotski desejava uma psicologia concreta da pessoa, capaz de representar a dinâmica da personalidade à maneira de um drama, já que toda função psíquica é social e tem sua origem no que ele denominou de “pequeno drama” do desenvolvimento cultural (Vigotski, 1929/2000). Um outro elemento, pois, acrescenta-se à

estrutura sistêmica, lingüística e ideacional da emoção: a sua socialidade.

Enquanto psicologia descritiva e explanatória pareciam esquecer os homens e seus conflitos concretos, Vigotski planejava um ousado encontro, norteado pelas suas próprias idéias, entre neuropsicologia, espinosismo, materialismo histórico, psicologia da arte, sobre a ontogênese do psiquismo para uma análise semântico/dramática da vida da personalidade. Os estudos sobre as emoções, num autor que consagrou sua pesquisa experimental à relação pensamento-linguagem, a processos perceptuais, mnemônicos, intelectuais e ao desenvolvimento da regulação motora voluntária, são a última fronteira do seu materialismo, colocando o cérebro no corpo, o corpo na linguagem e ambos, nos intercâmbios semióticos da matéria social. Corolário: o futuro da psicologia das emoções concentra-se na resposta ao problema da divisão entre psicologia explanatória e descritiva, dirigindo-se ao desenho de um quadro único das múltiplas manifestações da vida emocional humana, vivenciais e comportamentais (Vigotski, 1933/2004); ou seja, agregando tanto as emoções puramente biológicas do recém-nascido quanto o idealizado amor de Dante por Beatrice.

Conceitos como formação afetiva, signo emocional comum, leis sobre a vida emocional, unificam as várias dimensões da vida psíquica, colocando a linguagem verbal e a semiótica artística no centro da culturização das emoções e vivências; de sua nomeação, descarga e regulação. Nesse quadro, o problema da expressão emocional é indissociável do entendimento de sua natureza; as relações estruturais entre funções psíquicas se constituem quando elas se integram na vida social, são faladas, formando nossa segunda natureza, social e histórica. Assim, a bela psicologia de Vigotski conduz-nos no interior de um verdadeiro labirinto de problemas, o labirinto do real; naquilo que, como a vida, é movimento,

recusando o olhar fácil, redutor da emoção e da vivência ao seu plano simplificado, bruto, analógico, “concreto” e “visível” da expressão facial, da entonação, do comportamento visto como resposta sem sentido interno.

* * *

As bibliotecas e bases de dados da USP, disponíveis na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-FFLCH e no Instituto de Psicologia, foram os acervos mais consultados, seguidos por livrarias, sebos e as ferramentas de busca do Google. Relatamos as formas específicas de tratamento metodológico de cada parte do material em análise sempre que for necessário, e neste tópico, as etapas e estratégias mais utilizadas no seu processo de construção:

- a) Leitura, fichamento e reflexão sobre os textos acerca da vida política e cultural da Rússia czarista e da União Soviética, as origens e condições legadas às instituições de ensino e pesquisa na psicologia soviética: selecionamos, como autores mais importantes: Nikolai Berdiaev, Joel Carmichael, Isaac Deutscher, José Paulo Netto, Bóris Schnaiderman. Procuramos multiplicar as leituras até um relativo consenso (ao menos historiográfico, fatural) entre as várias fontes consultadas, fossem elas incluídas nesta tese, ou não.
- b) Estudo dos textos de Vigotski: procuramos comparar várias traduções, embora esse expediente, devido à indisponibilidade de alguns textos em distintas traduções, infelizmente não tenha sido possível com todos os trabalhos do autor. A conferência

póstuma “A questão do meio na pedologia” (1935/2008), inédita em nosso idioma, foi obtida com Boris Meshcheriakov e traduzida diretamente do russo com financiamento do Instituto de Psicologia. Alguns originais russos foram consultados nos pontos de difícil tradução.

- c) Estudo da biografia de Vigotski e textos de comentadores: optamos pelos textos de comentadores que abordassem o tema das emoções e vivências, limitando-se, pois, consideravelmente a quantidade de trabalhos. Foram localizados poucos comentadores do livro “A tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca”, da “Psicologia da Arte” e dos textos pedológicos vigotskianos, o que aumentou a importância do estudo das referências inclusas em suas obras.
- d) Estudo das referências: implicou na análise de textos e autores mencionados por Vigotski. Dada a sua vultosa quantidade, este expediente foi adotado com maior tempo de leitura e reflexão nos pontos críticos, importantes para o trabalho sobre os textos de Vigotski; ou quando a leitura, pelo distanciamento cultural com relação ao autor, revelou-se difícil. Na maioria dos casos, contudo, esse tipo de estudo apenas serviu para circunscrever o clima geral das produções e identificar a gênese de um determinado conceito.
- e) Estudo de fontes nas neurociências e em diversos referenciais na psicologia das emoções: buscando pensar as relações da teoria vigotskiana com o contexto contemporâneo de pesquisa, estudamos trabalhos de várias origens, especialmente aqueles que mais se aproximavam, pelos seus princípios, temas e métodos, da psicologia histórico-cultural.

- f) Entrevista, conversas, solicitações de textos e trocas de e-mail com pesquisadores da psicologia e cultura russa e soviética.

Os quatro anos que esta tese demandou para sua elaboração possibilitaram o despertar de reflexões diferentes tanto a cada nova hipótese lançada pelos comentadores, quanto de acordo com as estratégias de leitura empregadas: do começo ao fim dos textos; em pequenas partes; associando partes do mesmo ou de diferentes textos; de forma a classificar os enunciados de algum modo; atribuindo menor ou maior valor a esta ou aquela parte; tomando contato com o texto a partir de uma lógica formal ou dialética; lendo Vigotski das obras mais maduras às menos maduras, ou o inverso; ignorando os grifos anteriores e concentrando a atenção nos trechos antes considerados menos importantes. Quando cada estratégia de leitura gerava uma nova hipótese, investigavam-se seus fundamentos, buscando interpelar e tomar o autor como pessoa viva, no movimento de sua produção. A tarefa de delimitar e separar categorias foi particularmente difícil, dado seu caráter amplo, tendo sido fundamental o estudo das referências para podermos compreender quais os sentidos específicos atribuídos por Vigotski aos conceitos de emoção e vivência.

Dado o hermetismo do russo, optamos por nos referir às obras do autor pelos títulos das traduções mais conhecidas no Brasil, muitas delas não disponíveis em português. Ignoramos as diferenças entre as transliterações do nome do autor para diferentes idiomas (Vygotski, Vygotsky, Vigotskii), adotando apenas aquela utilizada nas traduções mais recentes de Paulo Bezerra (*Vigotski*), mais fiel à fonética de nosso idioma. Para Espinosa, em muitos

textos “Spinoza”, adotamos apenas a primeira grafia⁵.

Procuramos, tanto quanto possível, utilizar uma linguagem simples e direta, de modo a facilitar a compreensão do leitor e conduzi-lo no progressivo adensamento da concepção vigotskiana sobre as emoções e vivências. Tentamos lançar um olhar histórico-cultural mesmo para autores completamente estranhos à sua obra, mas cujo trabalho neurocientífico recente tem grande importância, como é o caso de Damásio e LeDoux. Acrescentamos muitas notas tanto como esclarecimento sobre a biografia dos interlocutores escolhidos por Vigotski, muitos deles completamente desconhecidos no Brasil, quanto para aprofundar o rigor da fundamentação bibliográfica, partilhando com o leitor as referências localizadas, muitas delas de difícil obtenção.

Embora violando o formato habitual das referências bibliográficas na normatização da APA (American Psychological Association), adotado neste trabalho, decidimos incluir o ano de publicação/produção/apresentação original das obras nas referências presentes no corpo do texto, seguida pelo ano da edição que utilizamos e o(s) número(s) da(s) página(s). Isso só não foi feito nas referências aos capítulos de livros e relatos de conferências pedológicos dos anos 1930: eles não dispõem, com precisão, dos anos de produção/apresentação no Tomo IV das *Obras Escogidas* de Vigotski, nos *Lektsi po pedologii* ou no correspondente Quinto Volume das *Collected Works*, sendo que as datas disponíveis são muito extensas. Optamos por indicar a referência aos textos pedológicos do autor, compilados no Tomo IV, apenas com a

⁵ Vale notar que existe uma série de sistemas de transliteração do alfabeto cirílico, sendo que aqueles do russo ao inglês são mais conhecidos. Não se adaptam, contudo, à fonética da língua portuguesa (por exemplo, o grafema “X” – *Rá* transforma-se em “KH”, “J” ou “H”). Optamos por seguir as recomendações do Manual de Redação da Folha de S. Paulo (ver Wikipedia, 2009b) para os casos em que foi necessário transliterar frases e vocábulos sem a existência conhecida de transliterações diretamente do russo ao português (caso, por exemplo, das leis de Vigotski acerca das emoções humanas, no item 5.4 deste trabalho).

data de publicação destas últimas, seguida da letra indicadora (exemplo: Vigotski, 1996b), com o fim de evitar referências tão extensas como “Vigotski (1932-1934/1996, p.X)”. Apresentamos, contudo, os anos de produção/apresentação pública no Quadro 2 e nas “Referências” finais.

A falta ocasional da indicação de páginas nas referências deve-se a que: 1) trata-se de textos obtidos por *download*, sem numeração; 2) indicam artigos demasiado curtos para que tal informação fosse relevante; 3) repetem informações que contém referências mais completas noutro ponto do presente trabalho; ou 4) são relativas às obras no seu todo. Haverá, também, algumas referências que, embora antigas, não tiveram seu ano de publicação original localizado.

As figuras ilustrativas do sistema nervoso central têm por objetivo apenas auxiliar na compreensão do texto (itens 7.1, 7.4 e 10.2.2), razão pela qual demos preferência a esquemas didáticos, em detrimento da reprodução de fotografias de peças anatômicas humanas propriamente ditas, o que seria de maior rigor científico, embora implicasse em maiores dificuldades de identificação das estruturas encefálicas e suas relações.

2 – Contextualização histórica: das agitações sociais da Rússia no fim do século XIX à ascensão do stalinismo

Até se criar a concepção de uma Revolução proletária, amadurecida pelos bolcheviques (especialmente por Lênin) a partir dos anos 1910, acreditava-se que uma Revolução socialista poderia acontecer imediatamente apenas nos países capitalistas desenvolvidos. É a eles que se dirige o programa do Manifesto Comunista (Marx & Engels, 1848/2003, pp.43-44). O programa revolucionário do Manifesto expõe o capitalismo como um modo de produção, uma etapa de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção que deve ser superada pela ação revolucionária do proletariado e de uma ditadura desta classe social, com o soerguimento imediato de um Estado proletário, o qual, em seguida, deveria diluir-se numa sociedade de produtores associados, livremente organizados e sem direção estatal. O progresso da indústria, após séculos de produção artesanal e manufatureira, era uma das razões gerais do otimismo que contagiava um mundo cada vez mais urbanizado. A industrialização tornava viável uma produção suficientemente farta para o bem-estar de todos, podendo satisfazer não só as necessidades materiais de sobrevivência humana como difundir produções culturais para todos.

Apesar da rápida industrialização da Europa e dos Estados Unidos, contudo, na aurora do século XX a Rússia continuava a ser um país tecnologicamente atrasado e majoritariamente agrário. O que se deveria fazer: abraçar o “progresso” ocidental ou seguir as tradições monárquicas? As respostas foram várias, transcendendo os limites de nossa tese. Julgamos importante lembrar que, conforme Besançon (1977), diversos segmentos da

sociedade clamavam por industrialização, entre eles a frágil burguesia e a própria *intelligentsia*, composta por pessoas letradas e técnicos com as mais diversas procedências de classe (aristocracia, burguesia, campesinato etc). A literatura de Dostoiévski e Tolstói, pertencente ao século XIX, ilustra muito bem o cotidiano desta camada social preta de elementos antigos e modernos, de círculos de discussão e agitação política. Especialmente, desde a fundação das universidades russas e da criação de um sistema educacional público, ainda no século XIX. O resultado foi a formação de uma sociedade de contrastes, suficientemente longe material e espiritualmente da Europa Ocidental para desenvolver uma tradição cultural própria, com artistas e pensadores como Plekhanov, Stanislavski, Lênin, Dostoiévski, Tolstói e Tchekov florescendo em meio a milhões de analfabetos. A *intelligentsia* (e a sociedade letrada como um todo) debatia-se entre esvofilia e ocidentalismo, tendências culturais que se fizeram presentes no vir-a-ser das características nacionais russas e impregnaram a cultura do século XIX e início do século XX, levando à evolução de um marxismo *sui generis* – o bolchevismo – imbuído tanto de praticidade política, quanto de romantismo utópico e paixão revolucionária. Bauer (1952, p.12) identifica, no marxismo russo, uma sobreposição de análise sociológica empírica, profecia histórica e valores humanitário-rationais do século XIX, nos quais podemos enxergar a influência do catolicismo ortodoxo.

Conforme Berdiaev (1951) identificavam-se o ocidentalismo com as tendências políticas, filosóficas, artísticas e religiosas (especialmente burguesas e proletárias) que ambicionavam uma maior aproximação com o Ocidente, a difusão do ateísmo, a modernização e o fim da monarquia, impregnando-se das obras de Hegel, Schelling e, posteriormente, de Marx. Ainda no século XIX, foram ocidentalistas importantes, por

exemplo, Bakunin (o idealizador do anarquismo) e Bielinski (crítico literário de enorme influência). A enorme extensão territorial da Rússia acompanhava-se de problemas políticos, econômicos e sociais de dimensões equivalentes.

A eslavofilia, opondo-se ao ocidentalismo, foi uma ideologia tradicionalista constituída no decorrer do século XIX. Para Berdiaev (1951, p.50) os eslavófilos preconizavam que a Rússia tinha uma missão diferente das nações ocidentais, devendo defender o caráter singular do cristianismo oriental e ortodoxo, anti-semita, que estava na origem do Império Russo. Esse discurso floresceu nos meios aristocráticos. Seu tripé: populismo, ortodoxia, autocracia. Na prática, misturavam-se diversas tendências, e mesmo a eslavofilia com o ocidentalismo – Tolstói, por exemplo, era a um só tempo cristão e anarquista.

O marxismo na Rússia, para Berdiaev (1951, p.183), de início, aparecia como uma forma extrema de ocidentalismo. Os primeiros partidos de inspiração marxista foram fundados nos anos 1890 (apesar de o primeiro volume de “O Capital” ter sido traduzido em 1869): podemos relacionar esta fundação a um progressivo esgotamento do socialismo populista, romântico e utópico (Berdiaev, 1951, p.181). Várias fábricas, inclusive algumas com capital estrangeiro, surgiam nas grandes cidades russas, como São Petersburgo (capital imperial) e Moscou. Com elas criaram-se as primeiras massas de operários miseráveis, em condições similares à Revolução Industrial britânica, com horríveis jornadas de trabalho e nenhum direito.

Dois confrontos externos foram decisivos para as agitações políticas internas durante o Governo de Nicolau II, o último dos czares: a Guerra Russo-Japonesa e a I Guerra

Mundial⁶. Os principais líderes dos levantes revolucionários de 1905 foram mortos, aprisionados ou exilados, entre eles, Lênin e Trotski, que passaram a viver respectivamente na Suíça e na América. Até este período, difundia-se a opinião geral, enunciada por Plekhanov (Reis Filho, 2003, pp.36-37), teórico marxista, de que a Rússia precisava passar por uma revolução burguesa e mais ampla modernização econômico-social capitalista para que um processo revolucionário genuinamente proletário ganhasse seu curso. Mas a posição de Plekhanov, com a qual Lênin concordava naquele início de século, foi progressivamente questionada por este último. Diante das agitações revolucionárias que foram se desenvolvendo, foi-se constituindo a teoria revolucionária leninista, a qual pregava uma passagem da autocracia czarista de padrão feudal diretamente para a ditadura do proletariado. Contudo, nem mesmo entre os seus adeptos Lênin conquistou o consenso antes da Revolução de Fevereiro de 1917.

O início do século XX trouxe, ainda, uma cisão do Partido Operário Social-Democracia Russo entre bolcheviques e mencheviques (ocorrida em Londres, 1903). Conforme Carmichael (1967), ambos tinham inspiração socialista e as diferenças entre eles não eram muito acentuadas: segundo Berdiaev (1951, pp.204-218), os bolcheviques diferenciavam-se dos mencheviques especialmente pela dedicação de sua militância e a

⁶ Tendo como causa principal a disputa imperialista russo-japonesa sobre a Manchúria e a Coréia, a Guerra expôs pela primeira vez a grande fragilidade do Exército czarista: os japoneses derrotaram os russos em numerosas batalhas, até a derrota final em Tsushima. Pelo Tratado de Portsmouth, o Japão obteve a parte sul da ilha Sacalina, o Port Arthur, as concessões ferroviárias na Manchúria, além do protetorado sobre a Coréia (Wikipedia, 2007a). No contexto de agitação social precipitado pelo confronto, que impunha graves privações para a população e não tinha qualquer sentido existencial para os soldados nele sacrificados, um primeiro levante revolucionário tomou o Império no ano de 1905. A situação político-econômico-cultural do Império agravou-se ainda mais quando o czar Nicolau II insistiu em colocar o país na I Guerra Mundial, com esperança de que uma vitória e territórios coloniais dessem novo alento ao Império. As forças burguesas e aristocráticas, que posteriormente assumiram o controle do soviete de São Petersburgo e da Duma (o Parlamento), adotaram a mesma crença.

tendência a sair do mundo das idéias para o da prática, além de realizarem um processo de reelaboração da própria teoria revolucionária marxista. Um exemplo: Marx acreditava que o campesinato era uma classe retrógrada, sendo que o operariado, organizado nas cidades, seria a verdadeira classe revolucionária. Lênin e seus adeptos repensaram essa questão, entendendo que os camponeses também deviam ter um papel revolucionário. A partir desta idéia, no decorrer da Revolução constituiu-se uma aliança entre campo e cidade, embora tal aliança fosse temporária e repleta de conflitos de interesses (Berdiaev, 1951, pp.209-210). O Partido Bolchevique, a princípio bastante pequeno em número de adeptos, aprofundou a luta pela defesa da revolução contra o reformismo do Império. Defendia que a agitação sindical desprovida de uma base doutrinária voltada para o socialismo acabava por reduzir-se a reivindicações paliativas por maiores salários e menos horas de trabalho, visando apenas a minorar a exploração capitalista, sem atingir o âmago da alienação econômica e cultural imposta pela burguesia (Wikipedia, 2006c).

Os bolcheviques elaboraram o programa para um mundo ao alcance do engenho e da emoção humanos: “The historic ascent of humanity, taken as a whole, may be summarised as a succession of victories of consciousness over blind forces – in nature, in society, in man himself” (Trotsky, 1930). Nessa frase apaixonada, resumem-se as expectativas da *intelligentsia* russa, frustradas por décadas, e que ganhavam novo alento com a Revolução de Outubro. Mesmo as traições da facção stalinista, triunfante com a expulsão definitiva de Trotski em 1929 e a concomitante repressão às demais vertentes do bolchevismo, não apagaram facilmente o romantismo revolucionário. Os grandes expurgos promovidos por Stálin entre 1936-1938 enterraram-no, junto com os milhares de antigos bolcheviques presos, mortos ou

degredados⁷.

O impulso revolucionário afetou profundamente a psicologia soviética nos anos 1920. A Revolução de Outubro de 1917 aconteceu para a surpresa de todo o mundo, inclusive da vanguarda comunista, impondo a vontade das massas de operários, camponeses e soldados na edificação de uma nova ordem social. Sem maiores detalhes sobre os demais líderes e sua influência junto à população, resumo a seguir a polarização Stálin-Trotski, com as principais determinações para se compreender a conjuntura política no interior da qual surgiram as primeiras produções da psicologia histórico-cultural, elaboradas por homens e mulheres de tendência ocidentalista que faziam parte da extremamente produtiva *intelligentsia* russa.

Conforme Carmichael (1967), entre a queda do czar, em fevereiro, e a Revolução de Outubro de 1917, um governo provisório capitaneado pelo social-democrata Kerenski procurou reorganizar um Estado inteiramente desmoralizado. Mas era o soviete de São Petersburgo que tinha em mãos a confiança das massas: soviete em que os bolcheviques eram, inicialmente, uma minoria à procura de conciliar interesses, formando um governo de coalizão. A conjuntura mudou quando: 1) o exército sofreu novas derrotas na guerra, que enfraqueciam o governo provisório; e 2) Kornilov, afamado general, comandou um golpe militar fracassado, em agosto de 1917. Estes eventos ameaçaram a Revolução e causaram espécie no soviete de Petersburgo (formado majoritariamente por operários e soldados, muitos com famílias no campo). Os representantes voltaram-se temporariamente para a

⁷ O assassinato de Sergei Kirov, chefe do PCUS em Stalingrado, em 1934, foi o estopim de uma onda de repressão sem precedentes na URSS, que, conforme Deutscher (1970, p.316-323), generalizou-se e se aprofundou, culminando nos grandes expurgos promovidos pela burocracia do ditador entre 1936 e 1938. Foram assassinados praticamente todos os líderes bolcheviques, como Bukhárin, Zinoviev, Rikov, Yagoda e Kamenev. Outros tantos intelectuais, artistas, militares e profissionais em geral foram mortos, presos, demitidos ou enviados para os campos de prisioneiros na Sibéria onde, por ordem de Stálin, as condições de vida eram muito mais insuportáveis do que haviam sido no czarismo.

esquerda: novas votações realizadas em setembro deram a Trotski, que já se convertera num verdadeiro líder popular, o comando temporário do soviete petersburguês.

Ainda segundo Carmichael (1967), Lênin propôs, então, uma insurreição imediata ao Partido Bolchevique. Sua idéia foi aprovada, e, em 27 de outubro, criou-se oficialmente uma ditadura do proletariado, coordenada por um Conselho dos Comissários do Povo animado pelo jargão leninista de transferir “todo o poder aos sovietes” (em detrimento da Duma, a Assembléia Constituinte governada por Kerenski). Uma série de deliberações radicais tomou seu curso: em 1918, num acordo anti-imperialista, a Rússia assinou com a Alemanha a paz de Brest-Litovski, o que a levou à perda de vários territórios importantes. Não exigiu anexações nem indenizações do governo alemão. Pretendia-se que toda a terra deveria ser imediatamente distribuída aos camponeses, os operários assumissem o comando das fábricas e os povos não-russos tivessem direito à secessão. Lênin foi eleito Presidente do Conselho dos Comissários do Povo, o mais alto posto do novo Estado russo.

Foi quando o ex-Império mergulhou numa sangrenta Guerra Civil (1918-1921), repleta de ofensivas contra-revolucionárias nacionais e estrangeiras (incluindo tropas francesas, inglesas, norte-americanas e japonesas), além de uma guerra contra a Polônia (Miranda, 1981, p.24). O último levante interno de oposição ao governo bolchevique, a insurreição dos marinheiros de Kronstadt (cujo caráter permanece, até hoje, bastante controverso) foi sufocado pelo regime em 1921, encerrando a Guerra Civil. Isso, sob o preço de um relativo fechamento do Partido, que perdeu seu centralismo democrático: o PCUS (Partido Comunista da União Soviética, nome pós-revolucionário do Partido Bolchevique) já concentrava bastante as decisões, em detrimento dos sovietes, e se proibia a formação de

facções partidárias. De 1921 em diante, as discordâncias individuais eram permitidas, mas não deviam chegar a formar facções distintas – proibição que, na prática, não surtiu efeito. A perda da democracia partidária que, para Lênin e Trotski deveria ter sido temporária, acirrou-se com a ascensão de Stálin.

O comando partidário foi-se centralizando nas mãos de Stálin, que assumiu o posto de Secretário Geral em Abril de 1922, época na qual Lênin sofreu o primeiro de uma série de acidentes vasculares cerebrais. Afastado das principais atividades políticas, especialmente no seu último ano de vida, o grande líder morreu em janeiro de 1924.

Num contexto de grande penúria, Lênin tornou-se um símbolo da ortodoxia revolucionária e das aspirações mais democráticas e igualitárias da Revolução. Segundo Deutscher (1970), seus sucessores tentavam conquistar poder político acusando os rivais de desacordo para com o grande líder bolchevique, enquanto se posicionavam como seus legítimos herdeiros. Em meio a uma terrível luta pelo poder, foi composto um Triunvirato de Stálin com Zinoviev e Kamenev (1924-1928) mas, na prática, a disputa polarizava-se em torno do secretário-geral do Partido, Stálin, e Trotski. A pergunta-chave era: *aconteceria realmente uma revolução mundial? Quando?* Essa revolução era esperança de uma estabilização do regime já que, naquele momento, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (criada oficialmente em 1922) ficou num completo ostracismo, submetida a uma permanente hostilidade internacional.

Conforme Deutscher (1970), Trotski manteve a posição marxista-leninista, defendendo que um Estado proletário poderia auxiliar muito a Internacional Comunista, mas jamais seria possível o socialismo num só país. Nenhuma sociedade industrializada poderia

manter-se por muito tempo à margem das trocas econômicas mundiais, nem suportar os ataques a uma república proletária. Para sobreviver em tais condições sem que acontecesse a desestabilização dos governos burgueses (pelo menos a médio prazo), seria preciso o fortalecimento de uma burocracia e de um grande exército, o que traria riscos internos à democracia proletária.

Trotsky entendeu que a recuperação econômica seria um fator importante para a continuidade do fluxo revolucionário soviético. Defendia que a revolução deveria ser um permanente movimento, um longo processo, dependente de sua capacidade de expandir-se e se intensificar, de modo a se impedir sua deformação burocrática (Miranda, 1981, p.26). Mas, gradativamente, o centralismo democrático degenerou em centralismo burocrático, pois os novos membros do Partido, recrutados por manobras de Stálin, sem a astúcia política e a formação cultural dos velhos bolcheviques, eram pessoas do povo que, como todo ele, exauriam-se com as guerras e não se agradavam com a idéia trotskista de revolução permanente. Tratava-se de funcionários, operários e empregados acostumados a obedecer ordens. Os quadros do partido foram, assim, refeitos pelo grupo de Stálin, que estava temporariamente no poder (Trotsky, 1937/1981, pp.146-149).

Aproveitando-se do clima popular de insatisfação com as turbulências políticas, foi em 1924 que Stálin começou a pregar o bordão do “socialismo num só país” (consolidado no texto “Questões do leninismo”, de 1926, segundo Netto, 1982), idéia que tinha na auto-suficiência de uma economia planificada o objetivo da revolução. Stálin acusou seus adversários de não acreditarem na força e na resistência do povo russo. Ele e sua facção afirmavam que não havia crise no capitalismo e a revolução internacional era uma esperança

remota – embora o secretário-geral logo tenha sido desmentido pela Grande Depressão, em 1929. Foi com o referido bordão que o sinistro georgiano, homem que nada conhecia para além das fronteiras da URSS, expulsou do Partido, prendeu e/ou exilou Trotski e seus aliados principais em dezembro de 1927, no XV Congresso do Partido Comunista (Deutscher, 1970). Em janeiro do ano seguinte, Trotski foi degredado no Cazaquistão, mas Stálin só ganhou força suficiente para expulsar o rival do país em 1929.

Seguiu-se um período de profundas mudanças econômicas, capitaneadas por um Estado com tendências totalitárias, que se acentuaram consideravelmente a partir dos anos 1930. De 1928 a 1933 implantou-se o Primeiro Plano Quinquenal (é importante dizer que os planos econômicos marcaram profundamente todas as esferas do mundo soviético, determinando, inclusive as prioridades da pesquisa científica). Num prazo de 10 anos, a Rússia conheceu as mais rápidas e radicais transformações que um país já sofrera até então – não é sem razão que se fala numa “revolução cultural” stalinista. Utilizavam-se alguns prêmios e muitas coerções para submeter a população às condições desumanas de vida e trabalho que se preparavam. Ao preço deste esforço, 20 anos depois, a anteriormente pobre e analfabeta Rússia da Revolução de Outubro já era a segunda economia do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos.

Para Trotski, diferentemente da Revolução Francesa, no caso da Revolução Russa não foi a burguesia, mas a burocracia quem triunfou sobre as massas. O fato não chegava a ser novidade na história russa: o Império tivera uma extensa e corrupta camada de burocratas que, nos anos 1920, confluía com a nova classe de dirigentes para a formação do estado soviético (Boffa, 1998, p.332). Para Trotski, a democratização do regime ganharia impulso

decisivo apenas com a Revolução Internacional, enquanto devia aprofundar-se internamente, atraindo e mobilizando as massas. Mas Stálin inchou o quanto pôde a nova camada de burocratas (Miranda, 1981, p.31). No final dos anos 1920 já desaparecia a democracia dos soviets, sindicatos, cooperativas, organizações culturais e esportivas.

O Comitê Central do Partido com a supremacia de Stálin começou a interferir sistematicamente na vida artística e científica russa. Em 1925 fundou-se a RAPP (Associação Russa de Escritores Proletários), organização semelhante à antiga “Proletkult”, mas, agora, com carta branca do regime para desferir ataques sistemáticos à cultura considerada burguesa. A Academia de Ciências assumiu o papel de planificar as pesquisas científicas, definindo quais problemas deveriam pautar a atividade das instituições de pesquisa, num contexto de progressivo autoritarismo estatal. Um exemplo do grau de tumulto sócio-político é o de que 650 membros da Academia de Ciências – órgão diretamente subordinado ao Comitê Central do PCUS – foram demitidos ou presos. A partir de 1930 intensificou-se a presença do Estado na sociologia e na filosofia. A filosofia, desde então, staliniza-se e torna-se doutrinária, estranhando e punindo todo tipo de novidade.

Conforme Netto (1982), durante o I Plano Quinquenal (que substituiu a NEP, Nova Política Econômica, concebida ainda no governo de Lênin), os mujiques (agricultores pobres) foram forçados a se coletivizar em grandes fazendas, e foi extinta a classe dos *kulaks*, os agricultores mais ricos. Além da coerção direta, houve perda geral da liberdade espiritual e política, com uma nova onda de transformações radicais que se processaram na economia de toda a União Soviética. Paralelamente, uma ampla campanha de alfabetização foi iniciada, além de uma vertiginosa expansão do ensino em todos os níveis, com o intuito tanto de

formar os cidadãos para a nova ordem stalinista, inoculando-lhes uma ideologia de submissão e patriotismo, quanto de qualificar uma mão-de-obra que até então se utilizava majoritariamente de técnicas medievais de produção.

3 – Vigotski nos seus anos de formação

3.1 – Vigotski. O significado de “pereživânie”

Foi, então, num cenário político turbulento e indefinido – no qual o marxismo tinha um alcance muito restrito, em comparação com o período após a Revolução de 1917 – que Vigotski escreveu seu primeiro livro, nele incluindo discussões sobre as vivências e emoções.

Conforme Van der Veer & Valsiner (2001), Vigotski nasceu em Orsha, na Bielorrússia, em cinco de novembro de 1896, numa família de origem judaica. Logo após seu nascimento, a família mudou-se para Gomel, também cidade bielo-russa: seu pai exerceu cargos no Banco Unido, em empresas de transportes e como representante de uma companhia de seguros. Possibilitou que os filhos fossem educados com preceptores, razão pela qual o próprio Vigotski frequentou o Gymnasium judeu por apenas dois anos. Segundo Vygodskaya (1995), o pai de Vigotski era figura respeitada nos círculos culturais locais. A intimidade do autor com a discussão das artes, lingüística e estética ocorreu muito cedo: seu primo, Davi Vigotski, exercia a profissão de lingüista e filólogo, sendo, após a Revolução, muito próximo dos formalistas Roman Jakobson e Viktor Shlovski. Em 1914, Shlovski publicou um trabalho que marcaria o nascimento do formalismo, teorizando a revolução que os futuristas (como Maiakóvski e Klebnikov) empreendiam na poesia. Vigotski toma contato com ela.

Conforme Kozulin (1990, pp.27-33), por essa época, o autor já era considerado um conhecedor de poesia russa, desde o velho Puchkin (primeiro grande poeta da língua russa,

no início do século XIX) até os modernistas Blok e Pasternak. A literatura era, na Rússia, extremamente politizada, um objeto de análise e um ponto de partida para discussões políticas e históricas, com autores que eram vistos como profetas e críticos sociais, caráter que nos serve a compreender o peso e a relevância da literatura ao longo da obra vigotskiana.

Já na universidade, acredita-se que o bielorusso tenha participado de círculos de ativismo sionista, onde procurou unir o problema da cultura judaica a um enfoque hegeliano das leis históricas. Entre as poucas profissões autorizadas para os judeus, Vigotski escolheu a de advogado (que nunca chegou a exercer), graduando-se oficialmente na Universidade de Moscou (1912-1917). Zinalda, uma de suas irmãs, tornou-se posteriormente lingüista e morou com ele em seus anos de formação.

Vigotski também se graduou na faculdade de história e filosofia na Universidade do Povo de Shaniavski, instituto bastante qualificado, mas não reconhecido pelo regime czarista, já que abrigava professores expulsos da Universidade de Moscou devido a motivos políticos. Foi uma época de aprendizagem intensa das ciências, das humanidades e das artes, em que o autor publicou muita crítica de arte (Kozulin, 1990, p.48). Neste período, redigiu o primeiro de seus trabalhos importantes: uma monografia de crítica literária, intitulada “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca” (1916/1999f), que posteriormente lhe serviu como dissertação de mestrado. O texto é denso, erudito e fluente, surpreendente para um autor de apenas 19 anos, e nele já se emprega uma das categorias fundamentais para nossa análise: a de vivência (переживание – *pereživânie*)⁸. Já nesse trabalho, o termo não se apresenta de forma

⁸ Conforme informado por Paulo Bezerra, tradutor das obras de Vigotski, através de e-mail, recebido no dia 05 de dezembro de 2006, e também consulta ao original russo, Психология искусства (Psikhologuia Iskusstva – “Psicologia da Arte”, Vigotski, 1986).

gratuita, sendo o centro gravitacional da mais precoce concepção estética vigotskiana à qual temos acesso.

Desvelar o sentido da palavra é, no entanto, árduo. Dadas as dificuldades de obtenção dos originais em russo, colocaremos maior peso na análise do seu sentido nos textos traduzidos. Sem dúvida, no entanto, a análise semântica e etimológica do vocábulo no russo é de grande importância e precisa desenvolver-se no cenário brasileiro: comecemos, timidamente, esta tarefa.

A tradução da palavra *pereživânie* (vivência, vivenciamento), muito usada na monografia sobre o Hamlet, é bastante difícil, como confirmam Bytsenko, tradutora de Biéli (2005, p.253), e o lingüista Bóris Schnaiderman, que me acolheu para uma conversa no dia 08/12/2006. Trata-se de um termo usado no cotidiano da língua russa (e também nos círculos de crítica literária dos anos 1910/1920)⁹. Vigotski dota-o, contudo, de um caráter singular, de traços conceituais relativamente originais e consistentes, embora diversificados, em textos que vão de 1916 até 1934.

Segundo Bytsenko, tradutora de Biéli (2005, p.253), o dicionário de Ojegov (russo-russo) define *pereživânie* como um “estado espiritual suscitado por impressões e sensações fortes”; tratar-se-ia de uma experiência acompanhada por sentimentos e comoções vividos. Consultei o mesmo dicionário, e minha tradução para o português deste vocábulo seria a seguinte: substantivo de gênero neutro. Estado de espírito (alma), expressão da existência de um(a) forte (poderosa) impressão (sentimento); impressão experimentada (Ojegov, 1968).

⁹ O termo “vivência”, com inspiração fenomenológica, aparece nos capítulos iniciais de Bakhtin (1992), redigidos nos anos 1920. “Vivência” também aparece na obra de Stanislavski, “Minha vida na arte” (1924/1989, p.301), de forma marcante no capítulo sobre intuição e sentimento.

Teresa Prout, tradutora do texto “The Problem of the Environment” (Vigotski, 1935/1994b, p.354), comenta que o termo russo não tem equivalente no inglês e serviria a expressar a idéia de que uma situação objetiva pode ser interpretada, percebida, experimentada ou vivida diferentemente por diversos sujeitos. Nem a palavra “experiência emocional” – que contempla apenas o aspecto afetivo do significado de *pereživânie* – nem “interpretação”, signo de cunho racional, traduziriam adequadamente o substantivo. Segundo Prout, seu significado ligar-se-ia intimamente ao do verbo alemão *erleben*, especialmente *Erlebnis* ou *erlebte Wirklichkeit*.¹⁰ Conforme defenderemos no item 8.2.4 deste trabalho, a psicologia e filosofia alemãs marcaram este termo, especialmente nos textos pedológicos dos anos 1930, configurando relações mais claras com a língua alemã do que neste primeiro livro vigotskiano. O professor Paulo Bezerra, tradutor de várias obras de Vigotski¹¹, informou-nos o seguinte:

Primeiro, desconheço relação entre o termo russo e o alemão. Se procede, não sei. A transcrição correta do termo em português é pereživânie. Pereživânie é um estado psicológico especial, é a presença de sensações ou sentimentos vividos por alguém. Tanto pode ser o resultado de sensações e sentimentos experimentados, e aí eu traduzo tranqüilamente como vivência (que, aliás, é como está em todos os quatro livros de Vigotski que traduzi), como o ato de experimentar tais sentimentos e sensações, que traduzo como

¹⁰ Vigotski dominava o alemão e era muito ligado à cultura alemã. De fato, o sentido do termo alemão é parecido com o de *pereživânie*: “Erleben: v. tr. Viver; presenciar, assistir a; ser testemunha de; (erleben) experimentar; sofrer; suportar; agüentar; eine Überraschung ~ ter uma surpresa; etwas ~ presenciar um acaso; ich habe einen schönen tag erlebt – tive (passei) um dia muito agradável (maravilhoso); schlimme Zeiten ~ passar por dificuldades (maus tempos); so etwas habe ich nach nie erlebt – nunca vi (presenciei) coisa semelhante (coisa assim); wir werden nie diesen Tag ~ já não deveremos estar vivos nesta altura; wir werden es ja ~ veremos; [fam.] ein blaues Wunder ~ ficar admirado; ficar espantado; [fam.] du wirst nacht etwas ~ ainda vais ter surpresas; ainda te vais admirar muito. Erlebnis: nt (-se pl.) acontecimento_m, ocorrência; (Erfahrung) experiência; (Abenteuer) aventura; emoção_f (causada por); vivência; zum ~ werden – causar profunda emoção.” (Departamento de Dicionários da Porto Editora, 2000, p.255). No dicionário russo-alemão de Pruck (s/d), *Erlebnis* é traduzido como *pereživânie*.

¹¹ Tais como “Psicologia Pedagógica”, “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca”, “Psicologia da Arte”, “A Construção do Pensamento e da Linguagem”.

vivenciamento. Este último conceito se aplica também em estética (ver minha tradução de Estética da criação verbal de M. Bakhtin, ed. Martins Fontes), onde ele se aproxima e quase se confunde com empatia. Qualquer outra tradução para *pereživânie* me parece fantasiosa. (P. Bezerra, comunicação pessoal, 22 de fevereiro de 2006)

O lingüista Bóris Schnaiderman ensinou-nos que os verbos russos se agrupam aos pares. Um deles é *пережить* (*perejit*) e *переживать* (*perejivát*), ambos originários do verbo *жить* (*jít*). No seu sentido amplo, tanto *jít* quanto *perejit* significam viver. Os termos e os substantivos deles derivados são bastante utilizados na língua russa. Schnaiderman afirmou que “*Pieriejit* é sofrer algo. *Pier* dá sempre a idéia ‘através de’, dá uma idéia de ‘trans’, ‘através’. Então, quer dizer, você ‘atravessou um pedaço de vida difícil’. Diz-se *pieriejit* para sofrer algo. Vencer uma etapa da vida.” (Schnaiderman, comunicação pessoal, 08 de dezembro de 2006). Enquanto que *jít* significa simplesmente “viver”, denotando condições de vida particulares (viver do seu trabalho; viver na abundância; viver regaladamente etc), *пережить* – *perejit*, verbo perfectivo (de sentido também específico) segundo Schnaiderman, é um termo que, no uso cotidiano da língua russa está mais ligado ao sofrimento¹². A idéia de suportar ou padecer é recorrente na tradução do termo para diversas línguas, embora Schnaiderman assegure que Vigotski não utilizou os verbos neste sentido. Compartilhamos desta opinião.

Os verbos de aspecto imperfectivo denotam ações inacabadas, seja no presente, pretérito ou futuro, referindo-se ao fluxo de seu acontecer. Verbos de aspecto perfectivo apenas aparecem no pretérito ou no futuro, referindo-se a ações/processos já finalizados ou

¹² Schnaiderman acrescenta-nos muito ao aponta esta sutileza, pois, no dicionário de Lapidus & Shevtsova (1963, p.294), *переживать* – *пережить* são verbos agrupados como tendo exatamente o mesmo significado. Assim se fala o russo cotidianamente: um verbo tem um aspecto perfectivo cujo significado é idêntico àquele do aspecto imperfectivo, mas as grafias são diferentes.

que certamente ocorrerão e serão finalizados (exemplo: “vivi um momento difícil quando meu cão morreu”, “viverei um bom momento assim que finalizar esta tese”, “eu lerei o livro – até terminar – amanhã”).

Também existem verbos perfectivos no português. Segundo Schnaiderman (comunicação pessoal, 08 de dezembro de 2006), um exemplo de par de verbos perfectivo-imperfectivo seria *dizer* (determinado: “ele disse que iria jantar”)-*falar* (indeterminado – “ele fala muito”). Mas, enquanto no português essa distinção não chega a ser muito relevante, na língua russa ela é fundamental. Verbos imperfectivos referem-se tanto a ações que foram/são/serão realizadas uma só vez, mas não se sabe dizer se terminaram/terminarão, quanto a ações habituais ou de sentido progressivo (“eu estava vivendo um romance tranquilo”, “eu viverei um romance tranquilo”, “eu vivo/estou vivendo um romance tranquilo” e “eu vivo romances tranquilos”). É assim que se emprega o verbo *pereživát* e a palavra *pereživánie*: para significar a vivência de conteúdos de finalização incerta, seja sua ocorrência habitual ou não. A inconclusão é, portanto, um aspecto fundamental desses vocábulos¹³ (in: University of Denver, 2006; Wikipedia, 2006a;2006e). Fato interessante, considerando-se também que o verbo rege acusativo, ou seja, exige como complemento um objeto direto. Neste sentido, aproxima-se do português.

Com base nas informações etimológicas de Schnaiderman, compusemos o seguinte quadro:

¹³ Existem outras sutilezas gramaticais: na voz passiva, por exemplo, é costumeiro utilizar verbos imperfectivos.

QUADRO 1: PARES DE VERBOS RUSSOS E SUBSTANTIVOS CORRESPONDENTES – A ETIMOLOGIA DE PEREJIVÂNIE			
<i>Verbo perfectivo (ações que se finalizam – passar por algo)</i>	<i>Substantivo correspondente</i>	<i>Verbo imperfectivo (ações que não se finalizam – sentido, mais geral)</i>	<i>Substantivo correspondente</i>
***	***	жить – <i>jít</i> – viver	*** 14
пережить – <i>perejít</i> – viver, vivenciar uma emoção; sofrer	***	переживать – <i>perejivát</i> – viver, vivenciar a existência; sofrer	переживание – <i>perejivânie</i> – vivência

Schneiderman afirmou, ainda, que há dois significados para os verbos переживать – пережить (e *perejivânie*): um coloquial (que exprime a idéia de sofrer ou padecer, atravessar uma difícil situação de vida) e um culto (conforme indicado no Quadro 1: indicando viver = passar algum tempo, experimentar, passar por), este mais fiel ao étimo. Para Schneiderman, foi neste último sentido que Vigotski utilizou os termos. *Perejivânie* é um substantivo originado do verbo, ou seja, é criado pelo que, no português, chamamos de derivação anômala (pois normalmente são os substantivos que dão origem aos verbos), designando, como afirmou Bezerra, o resultado (vivenciamento) dos atos de vivenciar (vivências). Mas

¹⁴ Há dois vocábulos que significam “vida”: o mais comum, жизнь – *jizn*, e também житье – *jítie*.

“vivenciamento” é exclusividade de Bezerra, e não encontramos essa distinção em nenhuma outra tradução de Vigotski.

Todos esses meandros sintático-semânticos servem-nos como guia para a interpretação dos textos vigotskianos, podendo ser atribuídos a eles sem grande dificuldade. Por exemplo: no livro “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca” (Vigotski, 1916/1999f), é possível perceber que a vivência pode estender-se ao passado e ao futuro da existência humana, presentificando elementos importantes na orientação das nossas ações. Substantivo abstrato que delimita um processo psicológico a envolver sujeito e objeto numa relação imediata, pode hospedar diversos conteúdos mentais e ser permeado por qualidades variadas (“vivências estéticas”, “vivências complexas”, “a vivência de uma obra”, “vivências de si” etc).

As traduções dos textos de Vigotski para outras línguas mostram algumas discrepâncias: nas norte-americanas, *pereživânie* aparece como *experience* (Vigotski, 1998a) ou *emotional experience* (Vigotski, 1935/1994b). Num único texto (Vigotski, 1925/1971), o termo aparece como *feeling* ou é suprimido. Como as origens do termo estão relacionadas à idéia de “vida”, “vivência/vivencia” é uma tradução adequada para o português/espanhol, embora a intensidade emocional indissociável do vocábulo também se perca nessa tradução.

Existe, sem dúvida, uma implicação entre vivências e emoções, tanto na obra de Vigotski como na língua russa utilizada coloquialmente. Mas, a tomar por um dicionário de inglês-russo que consultei (Folomkina & Weiser, 1962, p.170), há muitas palavras para a tradução dos vocábulos “emoção” e “sentimento”: эмоция (*emotsia*), чувство (*tchuvstvo* – esta, muito utilizada por Vigotski), чувствительно (*tchuvstvitelno*), чувствительность

(*tchuvstvitelnost*), чувствительный (*tchuvstvitelni*), чувствовать (*tchuvstvovat*). As vivências, na língua russa, não são experiências indiferentes. Envolvem necessariamente qualidades emocionais e uma série de sensações e percepções, implicando em que o sujeito é parte do mundo, é influenciado por este. A vivência é, mesmo na linguagem cotidiana, processo psicológico implicado no próprio fato de existir; é verdade que se encaixa na visão totalizante, dialética, de psiquismo histórico-cultural. Eis porque, segundo penso, o autor escolheu *pereživânie* como categoria de análise da recepção da obra artística, da relação do indivíduo/personagem da arte com o mundo e do desenvolvimento infantil, ao invés de outros vocábulos da língua russa.

O conceito de vivência (*pereživânie*) aparece em Vigotski designando tanto a apreensão do mundo externo pelo sujeito e sua participação nele, quanto a de seu próprio mundo interno (sua “realidade psíquica”, indicando que este mundo interno é passível de simbolização e tomada de consciência, tal como podemos compreender de outras obras do autor). Designa o modo pelo qual o mundo afeta-nos, tornando-se apreensível, inicialmente apenas através dos processos psicológicos geneticamente biológicos e, posteriormente, também através da mediação dos signos. O uso do termo é sinal do perfil monista da obra de Vigotski, em que as sensações sempre aparecem implicadas nas alterações psíquicas que denominamos de sentimento.

3.2 – *Vigotski e as fontes de “A Tragédia de Hamlet”. Estrutura e conteúdo da obra*

Embora o vocábulo vivência e suas derivações apareçam pela primeira vez em “A Tragédia de Hamlet” (1916/1999f), não se pode considerar essa monografia como obra de psicologia. Trata-se de um trabalho de crítica literária. Apesar disto, comenta temáticas de interesse para a psicologia e autores a ela vinculados: a vivência da obra de arte pelo leitor, os sentidos do texto literário e a dialética emocional particular revelada na obra, entre outros assuntos. Freud, James, Wundt, Groos, Blonski, K. Bühler e outros são convidados a dialogar com Vigotski, especialmente no prefácio e notas da obra.

A monografia sobre o Hamlet é produção de um jovem componente da *intelligentsia* russa. O trabalho pretende-se orientado ao futuro do pensamento literário; não se trata de um trabalho de exegese de velhos textos e seus comentadores, mas sim uma crítica diletante, de leitor, uma tentativa de livrar a peça shakespeariana do ruído dos especialistas, resgatando o frescor de seu impacto por meio da vivência singular ao jovem crítico (Bezerra, 1999). Do livro, recende um forte entusiasmo pela peça; é um mergulho no “Hamlet”, que não pensa, ainda, o problema da função social da arte, o qual passa ao proscênio da sua “Psicologia da Arte” (1925/2001b). Entretanto, não se deve dizer que o autor defende *l’art pour l’art*, ou seja, uma crítica auto-referente, que se esgota em si mesma. Vigotski tece idéias e conjeturas sobre os motivos pelos quais trabalha o crítico, entre os quais aqueles que o projetam num determinado laço social: o da partilha da dúvida e da busca de uma “sensação comovida” em comum com o leitor, como apregoava Tieck. Entretanto, pelas influências que indicaremos mais adiante, acreditamos que a atmosfera geral desta obra liga-se culturalmente ao período

czarista e não ao futurismo ou acmeísmo próprios ao período revolucionário, que timidamente ganhavam espaço nas artes russas¹⁵.

A idéia de vivência para Vigotski, tal como aparece em “A Tragédia de Hamlet” (1916/1999f), designa uma apreensão e reconstituição ativa da obra pelo leitor, as quais têm início com o forte impacto da leitura. “Vivência” também se refere à vida interna das próprias personagens; ao seu mundo singular, perpassado de afetividade. Trata-se de um processo básico da vida humana, um acontecimento na existência da pessoa real ou da personagem representada na arte. O sentido de “vivência” do qual Vigotski utiliza-se em vários textos coaduna-se com aquele fornecido pelas tradutoras Prout e Bytsenko, tal como comentamos no item 3.1.

Supostamente redigido em 1915, com complementações em 1916; parte em Gomel, parte em Moscou (Van der Veer & Valsiner, 2001, p.32), a monografia “A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca” tem uma edição brasileira de 252 páginas (incluindo algumas notas de Vyacheslav Vsevolodovich Ivanov¹⁶) e poucas categorias teóricas no corpo do texto. “Vivência” é a principal delas. A revisão bibliográfica concentra-se no prefácio e nas notas da obra, notas estas em que o texto de Vigotski torna-se uma crítica literária tradicional (e profissional), em vivo debate com os anteriores comentadores do Hamlet (Vigotski, 1916/1999f, 187-247). As notas do bielo-russo não têm sistematicidade, embora,

¹⁵ “Será que o crítico repetiria ‘mihi ipsi scripsi’ com Nietzsche, será que concordaria com Daudet, que escreve “no fim das contas só para a multidão” por considerações práticas, ou faria como ‘o homem ridículo’ de Dostoievski, para quem era ‘difícil conhecer sozinho a verdade?’” (Vigotski, 1916/1999f, p.XXXVIII). Johann Ludwig Tieck (1773-1853) foi um poeta alemão, tradutor, editor, romancista e crítico, integrado ao romantismo literário (Wikipedia, 2006b).

¹⁶ Cabe diferenciá-lo do simbolista Vyatcheslav Ivanovich Ivanov, em cuja homenagem o semiótico Vyatcheslav Vsevolodovich Ivanov recebeu seu próprio nome (Schnaiderman, comunicação pessoal, 08 de dezembro de 2006).

tal como pretende o autor, sejam perpassadas por uma visão unitária (Vigotski, 1916/1999f, pp.XXXI-XXXIX). Este avisa-nos que o critério de disposição das mesmas são mais as condições subjetivas do trabalho de leitura (seleção de livros, impressões, etc) do que as exigências objetivas do tema. Isto gerou uma série de comentários diversificados, às vezes desordenados, mas muito ilustrativos da atmosfera geral em que Vigotski produziu. Considerava o prefácio da obra como introdução a uma trilogia de estudos dedicada ao problema artístico-religioso do Hamlet (sendo que os dois outros textos previstos nunca foram escritos). Certa teologia sem Deus, neste aspecto vagamente similar à filosofia de Walter Benjamin, impregna todo o trabalho.

As palavras vivência e vivenciamento, no singular ou plural, aparecem em 15 páginas. Emoção, sentimento, estado de ânimo, paixão e suas derivações – como sentir, apaixonar-se, emocionando-se – aparecem em pelo menos 46 páginas¹⁷ embora todo o texto seja atravessado pela descrição das emoções particulares das personagens (medo, culpa, amor, tristeza etc), nas vibrantes cordas do pressentimento e da sensação. Nenhuma destas categorias recebe uma conceituação explícita no texto, mas todas têm nuances predominantemente simbolistas (do simbolismo russo em particular). Além de haver referência a muitos autores simbolistas, existem vários outros críticos mencionados por Vigotski: ele completa uma lista de 163 referências bibliográficas ao longo de sua obra, havendo muitas outras que não aparecem na lista final da bibliografia. Exemplos: Ivantsov, Nikoláiev, Rozânov, V. Soloviov e Govorukha-Otrok, autores pouco conhecidos no Brasil.

¹⁷ Vivência e outras derivações próximas de *jít*: XXV, XXXVII, 20, 39, 40, 65, 70, 90, 132, 136, 170, 179, 185, 186 e 225. Palavras como emoção, sentimento, estado de ânimo, paixão e suas derivações: XXVI, XXVII, XXXVI, XXXVII, 10-11, 17, 35, 40, 43, 53, 70, 79, 81, 82, 87, 89-91, 95, 98, 107, 109-111, 114, 116, 118, 120, 131, 133, 138, 146-148, 151, 170-172, 179, 185, 195, 202, 205, 247.

Foge aos objetivos deste trabalho uma pesquisa detalhada sobre todas essas referências, mas buscamos analisar qual efeito global elas tiveram. Tendo conseguido várias informações através de Bóris Schnaiderman, também pesquisamos sobre os autores, e as tendências estéticas das quais eles eram próximos, no Google e na biblioteca da FFLCH-USP. Acrescentaremos comentários biográficos sobre os autores sempre que eles apresentarem uma influência significativa na monografia de Vigotski.

“Vivência” serve a delimitar a própria tarefa que o crítico impõe-se, apresentando-se logo no prefácio da obra:

E é possível que, recorrendo à leitura da tragédia, à sua percepção artística integral, o leitor ouça em seu som o que nós ouvimos. Só assim é possível transmitir a emoção do crítico; sua meta é direcionar a percepção de algum modo [...] O resto fica com o leitor: vivenciar nessa direção, nesses tons (entonações), a tragédia. De sorte que esse estudo é apenas o direcionamento da emoção, o seu tom, apenas os contornos da sombra lançada pela tragédia. E, se pela vivência (sonho) artística o leitor perceber a tragédia nesse sentido, nesses tons, a meta do estudo estará realizada e a inefabilidade do pensamento do crítico verterá e submergirá no silêncio elevado e infinito que cerca as palavras da tragédia e conclui o seu mistério. (A inefabilidade e o silêncio são as duas “intradutibilidades” de que já falamos: verter não é a mesma coisa: inefabilidade é deficiência, é prejuízo, depreciação do sentido, definhamento do espírito, sua incompletude..., que é preciso superar; o silêncio é um excedente, a plenitude, a conclusão do pensamento, o mistério, o que é preciso aceitar) (Vigotski, 1916/1999f, p.XXXVII, grifos do autor)

E, nas conclusões finais do ensaio:

E, se o enigmático e o inatingível da obra apenas saíram reforçados dessa sua interpretação, já não se trata de seu enigmático e de sua ininteligibilidade anteriores e iniciais, decorrentes da obscuridade externa da tragédia e que se tornaram obstáculo a sua percepção artística, mas de uma sensação nova, profunda e abissal do mistério decorrente da percepção dessa peça. A meta do crítico se reduz integralmente a sugerir certa orientação para a percepção

da tragédia e tornar possível essa orientação precisamente nesse sentido; a conclusão que o leitor tirar como resultado de sua vivência estética com base nessa orientação já é um problema que sai dos limites da percepção limitada e rigorosamente estética da peça. (Vigotski, 1916/1999f, p.179)

Vigotski, de modo similar à poesia simbolista (idem, p.XXVI), assumiu o propósito de conduzir o leitor a uma determinada *vivência da tragédia*; pretendeu direcionar nossa emoção e nosso discurso interior para lermos, com ele, o *sen Hamlet*. Trata-se da expressão escrita da vivência de um leitor inteligente que cria sua própria linguagem em interação com a peça. Apoiando-se em Tieck, Vigotski defende que a tarefa da crítica estética é a de transmitir impressões, de transmitir uma sensação comovida frente à obra (idem, p.XXV). Com Oscar Wilde, entende que há dois meios de não amar a arte: não amá-la ou amá-la racionalmente¹⁸, sendo transmitir suas próprias impressões a tarefa fundamental do crítico¹⁹. Este é um meio apropriado para se descobrir as leis da peça, mostrar seu movimento sem que fosse preciso transferi-las para a linguagem dos conceitos lógicos; bastaria sentir seu efeito (idem, p.XXXIII).

Apoiando-se em Aikhenvald e Wilde (Vigotski, 1916/1999f, p.XXI), Vigotski trata a recepção estética como recriação e reprodução da obra pelo leitor. Vemos que a vivência não

¹⁸ Vigotski mudará radicalmente de posição posteriormente (1925/2001b), afirmando que a arte funda-se em emoções inteligentes.

¹⁹ Impressionismo e simbolismo são concepções estéticas freqüentemente confundidas: o impressionismo nasceu na pintura da segunda metade do século XIX; o simbolismo, na poesia de Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud e Verlaine. Os impressionistas buscavam uma expressão artística que não estivesse focada na razão e nem na emoção, mas sim que refletisse as impressões da realidade como sensações (Zanchetta, 2004). Da leitura de textos sobre o impressionismo, pudemos perceber que se trata de uma tendência estética não muito bem definida. Na literatura, tendia a valorizar as associações livres e um retrato interno das personagens, sem muitos julgamentos do autor. Apoiando-se na obra de Castagnino, Antônio (s/d) afirma que o impressionismo apresenta o objeto tal como é visto e sentido num determinado momento. Autores como André Gide, Marcel Proust, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud, Henry James, Joseph Conrad, Anton Tchecov escreveram obras de cunho impressionista. O impressionismo capta os fatos exteriores sem referi-los a causa ou efeito, preferindo as formas impessoais, as construções nominais, as sinestesias. A materialização do abstrato, imaterial, é outra tendência impressionista, como pode ser comprovado pela leitura de Biéli. Existe certo clima impressionista na literatura russa dessa época.

é meramente uma apreensão espontânea do mundo; pode tratar-se também de um fenômeno orientado pela linguagem, dirigido por uma intencionalidade comunicativa (aqui, podemos identificar a influência de V.I. Ivanov e Biéli). Vigotski deixa claro que o seu Hamlet guarda relações com o texto real, mas não se reduz a ele: é nítido para nós que o autor não chega, por exemplo, a explorar a comicidade de muitas passagens da peça. O sofrimento de um Hamlet na encruzilhada de dois mundos, *o aqui e o além*, é o tópico mais explorado pelo jovem crítico. A monografia vigotskiana ficou, assim, repleta de impressões lúgubres: podemos dizer que se trata de uma fenomenologia (entendendo simplesmente “fenomenologia” como descrição da experiência suscitada pela peça) da tragédia de Hamlet feita por um Vigotski identificado com o infeliz protagonista²⁰. Conforme Bezerra (1999, p.XIV), o objetivo da monografia é levar o leitor a uma relação de profunda intimidade com a obra de arte, vivenciando-a, recriando-a na sua interioridade afetiva, como fruidor e veículo da emoção estética.

O inefável enlaça a consciência do crítico de arte, dos leitores, das personagens e dos próprios autores. Até onde chega meu conhecimento, este é o único texto vigotskiano de tendência irracionalista. Mas, embora bastante marcada, a linguagem obscurecedora e poética convive com muitos artifícios racionais dirigidos à compreensão da obra: trata-se de uma análise minuciosa do enigma hamletiano e das razões de seu impacto no leitor, ao mesmo tempo em que o próprio texto de Vigotski procura impactar as vivências do mesmo.

Tanto nesta monografia de 1916 quanto no posterior capítulo sobre o Hamlet na “Psicologia da Arte” (1925/2001b, pp.273-301), o autor sublinha o caráter enigmático da

²⁰ Para este perfil lúgubre, pode ter contribuído a montagem do Hamlet em 1911, em que o ator Katchálov centrou sua representação em torno da terrível dor do príncipe (baseado em V.V. Ivanov, 1916/1999, p.207).

peça. Identifica uma série de aparentes incoerências no decorrer da obra, concentrando-se num problema principal: *por que Hamlet demora tanto para agir (ou seja, para matar Cláudio, seu tio, que ele crê ter assassinado seu pai)?* A partir disto, queixa-se de duas intradutibilidades no seu trabalho crítico: uma é a do véu desenhado sobre a própria tragédia (Vigotski, em 1916/1999f, p.XXXIV), que paira sobre ela, mas não pode ser visto²¹. Uma segunda intradutibilidade: a deficiência da própria impressão ou simplesmente a inabilidade de escrever que assola o crítico (a angústia que separa o pensamento da expressão). Tal idéia coincide com a interpretação central que Vigotski lega à peça, entendendo-a como produto artístico construído com duas camadas de sentido. Trataremos deste assunto mais adiante.

O problema da inefabilidade – tipicamente simbolista e fenomenológico, embora presente também em William James – bem como a difícil transição entre pensamento, emoção e palavra fazem, assim, sua primeira aparição na obra vigotskiana²². Trata-se de um tema antigo na crítica literária russa: além da tendência simbolista à valorização do sublime, do inefável na arte e da conseqüente superioridade do artista, mencione-se “As Noites Russas” de Odoiévski, coletânea de contos e novelas do século XIX²³ que, para Vigotski

²¹ Impedir que ela fosse julgada como uma obra “sem pé nem cabeça”, mas sim adquirindo um sentido mais profundo, silencioso e pleno, é o que Vigotski desejou: o “enigmático e o inatingível da obra apenas saíram reforçados dessa sua interpretação” (Vigotski, 1916/1999f, p.179).

²² Como exemplo desta tendência simbolista, destacamos Tiúttchev, para quem “até o pensamento articulado é mentira” (Vigotski, 1916/1999f, p.XXX). E, a respeito do papel simbólico da obra de arte, seguindo V.I. Ivanov, Vigotski entende que o crítico não consegue resolver o inefável do sopro trágico: este é o verdadeiro traço da criação simbólica (idem, p.XXVI).

²³ Vladimir Fiodoróvich Odoiévski (1803–1869) foi filósofo, escritor, crítico musical, filantropo e pedagogo. Conforme Cornwell (1998, p.35-36) era um autor romântico no início de sua carreira, época em que escreveu as “Noites russas”: texto místico e nebuloso na sua estrutura, composto por um rico subtexto. Tal qual Grigóriev, extraiu suas idéias básicas de Schelling. A crítica atribuiu-lhe características românticas, além de uma forte influência do intuicionismo e do panteísmo de Schelling e de uma grande valorização do sentimento e da fantasia, à-lá Hoffman. Apolon Grigóriev foi um poeta e crítico literário de tendência eslavófila: segundo Schnaiderman (entrevista, 08/12/2006), trata-se de um pensador importante do século XIX. Potiebnýá foi um famoso filólogo russo, que Vigotski comenta ao longo de toda a sua obra.

(1916/1999f, p.XXV), tratava inteiramente das dificuldades de transição pensamento-palavra. Este tema também fora discutida por Grigóriev (idem, p.XXV) e Potiebnýá. Mas o simbolismo presente no jovem Vigotski permeia sua apologia à indizibilidade do Hamlet, às sublimes vivências produzidas pela peça, compreendidas como místicas – vocabulário completamente esquecido na “Psicologia da Arte”, na qual o autor, comentando alguns críticos já mencionados em 1916, preocupa-se exclusivamente em provar, na esteira de sua tese geral sobre as reações estéticas, que a contradição entre fábula e enredo responde pela demora de Hamlet em assassinar Cláudio.

Comparando a monografia de Vigotski sobre o Hamlet com as características da poesia simbolista russa expostas em Andrade (2005, pp.150-151), podemos dizer que, tal como o simbolismo, o texto vigotskiano valoriza o conhecimento intuitivo e divide a experiência em exterior (empírica) e interior (esotérica). A imagem simbólica medeia a essência e o fenômeno, a experiência interior e a exterior, o conhecimento da realidade exterior harmoniosamente reencontrado – mera aparência – e da substância interior que recupera o olhar místico. Vários autores simbolistas são mencionados nessa monografia: Maeterlinck, Anenski, Tiúttchev, além do idealista místico Soloviov. Ivánov e Biéli são particularmente importantes, sendo que ambos os autores já haviam trabalhado com a palavra “vivência” (*pereživânie*) no campo da estética, com um sentido semelhante àquele atribuído por Vigotski.

A maior presença do simbolismo tem uma razão histórica: segundo Andrade (2005, p.144), o auge desta concepção estética concentrou-se entre 1890 e 1910; época quase coincidente com os anos de formação de Vigotski e que estava, pois, num processo de

decadência em 1915-1916, quando o autor escreveu seu ensaio sobre o Hamlet. O simbolismo impactou profundamente a arte russa, de forma muito mais significativa do que noutras plagas: o simbolismo fez renascer a poesia após um longo ciclo de maior produção em prosa (que incluía Dostoievski, Tolstói, Turguéniev etc). Conforme Schnaiderman (comunicação pessoal, 08 de dezembro de 2006), na Rússia, tal tendência apresentou-se na ficção, no ensaio e até na filosofia. Emprestou alguns elementos do simbolismo francês, sendo uma espécie de reação ao espírito positivista que marcou a teoria literária e o teatro do país (Schnaiderman, 1985, p.12)²⁴. Afirmou-se pouco antes da Revolução de 1905, começando a declinar nos anos seguintes, sob o ataque das críticas formalistas e futuristas. Tinhas raízes na eslavofilia, com tendência tanto para o idealismo religioso quanto para um certo niilismo nietzscheano (Andrade, 2005)²⁵. O que, considerando-se o ateísmo de Nietzsche, não deixa de ser uma mistura curiosa, tipicamente russa, terra de discussões

²⁴ Segundo Namura (2003, p.78), Ivanov e Biéli, além de Blok – o qual deixou o simbolismo nos anos 1910 – foram bastante conhecidos por Vigotski. Além das referências aos autores em “A Tragédia de Hamlet”, podemos encontrar muitos exemplos desta relação: no problema da criação, Biéli (2005, p.252) comenta que o impressionismo significa o “olhar sobre a vida através do prisma das vivências”. O olhar vivencial por si só já seria um olhar artístico. A vivência transforma o mundo, reconstruindo-o de modo muito pessoal e tendo na arte uma possível síntese deste mergulho. Quando o artista aprofunda-se em si, aprofunda-se na arte. O aprofundamento e transformação das vivências que compõem a seleção estética pressupõem uma norma de arte; o fluxo de criação em que se aprofunda o artista é o lugar onde tal norma realiza-se. No problema da recepção da arte, Viatchesláv Ivanov entende que o impressionismo deve ser composto por combinações de imagens visuais, auditivas e outras; que deveriam fazer soar, na alma do ouvinte, o acorde dos sentimentos que inspiraram o artista, impulsionando-o à coletividade da recepção (Ivanov, 2005, p.218). Diz o autor: “o simbolismo idealista é um monólogo musical; o simbolismo realista, em sua última essência, é o coro e a dança de roda.” (idem, p.219). Bezerra (1999, p.X) identifica, em Vigotski, ecos de Ivanov, autor para o qual o símbolo é inesgotável e polissêmico. O próprio Vigotski elogia Maeterlinck, filósofo e dramaturgo do simbolismo moderno, para quem, na doutrina do diálogo inaudível, há um segundo drama no interior das coisas, um duplo sentido dos fenômenos no drama. Vigotski observa que o “Hamlet” é o ideal da nova tragédia simbolista (Vigotski, 1916/1999f, p.196). Schopenhauer, Werder, Goethe e suas respectivas concepções de tragédia são convidados para o debate com Maeterlinck.

²⁵ Para Trotski (1924/1980, p.28-29), cujos escritos sobre literatura procuravam situar as tendências literárias no interior da composição classista da sociedade russa, as raízes do simbolismo estavam nas forças reacionárias do Império, tendo nascido em oposição ao realismo do século XIX. Conforme Etkind (1987, p.266), na sua origem o simbolismo atacava a expressão da literatura histórico-cultural e, eventualmente, as variantes estéticas marxistas.

místico-religiosas muito profundas e tradicionais vínculos com a cultura alemã (sendo uma forte razão para isto o fato de que as universidades russas constituíram-se tendo as alemãs como modelo, conforme Berdiaev, 1951). Vigotski situou-se no entrecruzamento destas curiosas tendências, que se provavam heterogêneas na sua estrutura, conteúdo e composição social, uma vez que ele próprio era de origem judaica e os principais autores eslavófilos – como Biéli – apregoavam o anti-semitismo.

Van der Veer & Valsiner (2001) afirmam que Vigotski assistiu à montagem simbolista do “Hamlet” (estréia no Teatro de Arte de Moscou, 1911), a qual foi dirigida por Gordon Craig com o auxílio de Konstantin Stanislavski. V.V. Ivanov (1999, pp.187;192) ressalta as influências simbolistas dessa montagem – suprimidas da “Psicologia da Arte” (1925/2001b) – bem como da “Minha vida na arte” (obra de Stanislavski) em Vigotski (1916/1999f). O próprio autor (1916/1999f, p.207) reconhece a influência da montagem, embora apontando discordâncias (que ele não esclarece) para com ela. Esta montagem teve um sucesso mundial, retumbante, e marcou profundamente a construção dos símbolos no teatro moderno (Cavaliere & Vássina, 2005, pp.140-141): se o simbolismo ligava-se, pelo conteúdo, ao passado russo, pela forma criou uma experimentação teatral e artística intensiva, dirigida a uma mudança radical da arte teatral e sua semiótica, com um diálogo intenso entre religião, filosofia, literatura, música, arquitetura, pintura e escultura. Foi a escola que impulsionou o movimento modernista na Rússia.

Embora a influência simbolista seja predominante na monografia sobre o “Hamlet”, não podemos desprezar a importância das outras fontes teóricas. Tratemos de duas delas:

- a) *O pragmatismo*: o “Hamlet” de Vigotski é perpassado por muitas notas e comentários

relativos ao livro “As variedades da experiência religiosa”, do pragmatista William James (1906). A influência deste autor na forma como Vigotski trata o tema da inefabilidade das experiências místicas é bastante nítida numa longa citação de James (verificar James, 1906, pp.324-363; Vigotski, 1916/1999f, pp.225-226) que serve à descrição psicológica deste tipo de experiência.

- b) *O sionismo*²⁶: conforme já foi mencionado, acredita-se que Vigotski tenha participado de círculos de ativismo sionista na graduação, com discussões místico-religiosas que podem ter marcado os primeiros anos de seu pensamento. A cultura tradicional judaica pode, até certo ponto, ter-se amalgamado ao ideário simbolista. Especialmente nas notas do livro, Vigotski mostra um considerável conhecimento bíblico. Mas pode tê-lo adquirido antes mesmo de entrar na faculdade.

Outras fontes tangenciam esporadicamente o sentido da palavra vivência (*pereživânie*).

Exemplo: Chestov e sua referência às “vivências complexas” que medeiam a aquisição de consciência sobre a necessidade desta ou daquela atitude (Vigotski, 1916/1999f, p.198)²⁷.

Vale ressaltar que a palavra “vivência”, segundo Bóris Schnaiderman (comunicação pessoal,

²⁶ Conforme Brenner (1984) o movimento sionista russo estruturou-se especialmente a partir das grandes reformas iniciadas pelo czar Alexandre II (anos 1880). O *pogrom* de 1903 foi um acontecimento que contribuiu para a difusão do sionismo, o qual teve grande dificuldade em atingir as massas judaicas na Rússia. Tornou-se popular entre os jovens estudantes de classe média, em especial entre adeptos que normalmente variavam entre a ortodoxia e a reforma do judaísmo. Já nos anos 1900, contudo, o sionismo disputou espaço com a ideologia socialista, acabando por encolher-se frente à expansão desta. Não localizamos informações sobre o conteúdo dos círculos de discussão sionista russos. Mas, como os demais círculos sionistas, defendia a migração dos judeus para a Palestina e discutia a condição judaica, eternamente dividida entre isolacionismo e assimilação.

²⁷ Conforme Martin (1966) Lev Chestov foi um importantíssimo filósofo e crítico literário judeu-russo. Niilista, sofreu a influência de Nietzsche, e, a partir dos anos 1920, de Kierkegaard e de Husserl. Inimigo do conhecimento científico foi, em geral, um escritor de aforismos. Escreveu um importante texto sobre Shakespeare e Brandes (um dos principais críticos shakespearianos), datado de 1911, que Vigotski utilizou em sua monografia sobre o Hamlet. Até onde vai meu limitado conhecimento, trata-se do único filósofo russo que escreveu sobre Espinosa, ao qual tece ardentes elogios russos (University of Glasgow, 2004; Wikipedia, 2008b).

08 de dezembro de 2006), foi muito utilizada na crítica literária no início do século XX, período em que prevaleceu o simbolismo, mas não apenas pelos simbolistas.

A monografia sobre o “Hamlet” nasceu, pois, no provável entrecruzamento dessas leituras. Aparentemente, poucas tragédias foram tão minuciosamente comentadas na crítica literária russa (daí a surpreendente desenvoltura do juvenil Lev Semenovitch Vigotski ao fazer o mesmo). O enigma central da peça, a demora de Hamlet em agir, é interpretado, nas notas de Vigotski, a partir das profundas inquietações religiosas, típicas da cultura russa, com a morte, a redenção e o além da vida, com o papel da vontade humana e da fatalidade. Sendo o desenvolvimento do enredo do Hamlet um objeto de análise em que tais dilemas são vitais, Vigotski neles insiste à exaustão.

A inação do protagonista dever-se-ia a todo o conjunto da obra, inclusive ao fio místico que liga o príncipe ao além (Vigotski, 1916/1999f, p.95). O crítico analisa, também, a técnica teatral que produz duas profundidades, criando a inefabilidade; e os dois sentidos básicos, um superficial outro profundo, para a peça. Eles seriam conferidos:

- a) pela *fábula* (a seqüência de acontecimentos, o desenvolvimento da ação, a intriga, a catástrofe), arranjada como um enredo e *as personagens*. Esta primeira camada de sentido consiste na disposição das palavras numa narrativa, no encadeamento dos fatos; no que está declarado e não subentendido;
- b) pelo *clima invisível* da tragédia, sua lírica e música, seu tom, seu ânimo místico²⁸:

²⁸ O irracionalismo presente na monografia sobre o Hamlet acaba por admitir a existência de causalidades mais profundas e abrangentes para a vida humana, além daquelas conscientes e declarativas. Assim são Nietzsche, Schopenhauer e Soloviov (Vigotski, 1916/1999f, p. XXVI;196;238).

o mais importante na tragédia não é o que acontece em cena, o que se vê e é dado, mas o que está suspenso [...] o que se experimenta e se sente por trás dos acontecimentos e das falas, aquele clima invisível do trágico que pressiona constantemente a peça. (Vigotski, 1916/1999f, pp.10-16)

Esse é o seu segundo sentido, feito de ressonâncias, revérberos, narrações, visões, cantos etc, e cada personagem adquire um outro se diante dela há outra personagem que lhe lança uma luz. As palavras são os véus que escondem os sentidos; o irracional por detrás do racional. Ao falar não dos próprios acontecimentos, mas de seus reflexos nos “espelhos-almas”, o crítico deve estudar todas as personagens por serem diferentes na sua relação com Hamlet e produzirem imagens diversas, devendo encontrar o foco de cada uma delas. A enigmática loucura do príncipe Hamlet, por exemplo, é vista por Polônio como uma paixão desenganada por Ofélia; pelo rei como um fato suspeito, perigoso; pela rainha, como pesar pela morte do pai e o posterior casamento dela com o cunhado.

Os monólogos de Hamlet são, para Vigotski, fragmentos das vivências do príncipe, as quais são as principais responsáveis pela criação de tantas possíveis interpretações para a peça. Não são nem o princípio nem o fim de suas reflexões, mas oferecem um quadro aproximado do mundo interior do protagonista, escondidas atrás da espessa cortina das aparências do texto (Vigotski, 1916/1999f, pp.39-40). Surgem logo que ele descobre, através do espectro do pai, que este fora assassinado pelo tio. Essas vivências não têm relação com a realidade imediata na qual elas se dão, mas sim com o sentido deles para o protagonista – são completamente desconexas no que se refere à realidade imediata (idem, p.81), tal qual a própria aparição do espectro. Aos dois mundos externos (o aqui e o além) passam a

corresponder dois mundos internos (o imediato e o existencial). Sua vida está dissociada: Hamlet produz dois diálogos – um externo (quase sempre ambíguo) e um interno (consigo próprio). Está entregue a uma outra consciência. Lutam nele o racional e o místico; o consciente e o condicionado; vemos uma cortina que esconde seus sentimentos, disposições, emoções, estados de ânimo. Ao lado do drama externo, transcorre um drama interno.

Em linhas gerais, podemos dizer que, para o adolescente Vigotski, vivenciar é participar de uma realidade impactante, cujo sujeito a apreende sem julgamento *a priori* – no caso da peça, um drama complexo, pois Hamlet vivencia não o mundo de aparências que o cerca, mas aquele revelado pelo espectro (que, além de assassinado pelo próprio irmão, diz penar as próprias culpas no fogo do inferno). As angustiadas vivências de Hamlet como herói trágico, contudo, não refletem um universo egocêntrico, solipsista: é a angústia existencial produzida pelo próprio enredo, em interação com a complexa personalidade do príncipe.

O espectro faz Hamlet sair do luto para conduzi-lo a sentimentos de amor, compaixão, admiração e dever que tornam o drama de um indivíduo o de toda a Dinamarca (e vice-versa). As vivências do príncipe, complexo estado mental, determinam a própria evolução dos acontecimentos. Para Vigotski, seria impensável tal curso da fábula se as vivências de Hamlet não fossem interações com os acontecimentos que a peça lhe impõe. E, provavelmente sob a inspiração de V.I. Ivanov e Biéli (ver nota de rodapé número 24), como um espelho que mira outro, apontando, por sua vez, na direção do leitor, Vigotski procura produzir-nos uma vivência da peça similar à dele próprio.

A monografia sobre o “Hamlet” mostra uma concepção estética bastante bem

definida, mas não tenta, como a “Psicologia da Arte” (1925/2001b), extrair métodos ou pensar as características da reação estética. Essa crítica de leitor foi, entretanto, um importante precedente para que Vigotski formulasse seu “método analítico-objetivo” da reação estética, o qual mantém a forma minuciosa da análise aplicada na monografia. O futuro conceito de reação estética, como veremos no momento apropriado, é muito próximo do de “vivência estética”.

“A Tragédia de Hamlet” já contém algumas referências a Marx e Engels (Vigotski, 1916/1999f, p.243). São, no entanto, esteticamente irrelevantes. Existe um vácuo de traduções de Vigotski entre 1916-1924, mas, sobre os textos com tradução disponível em espanhol e inglês, podemos considerar que passam a ter um recorte teórico-metodológico marxista a partir de 1924, quando Vigotski assume um posto no Instituto de Psicologia de Moscou. A.N. Leontiev (1986), contudo, defende que o autor mostrava afinidade política para com as posições marxistas já entre 1916-1917, quando publicava resenhas no jornal “Letopis”, da esquerda socialista e iniciava os estudos para sua “Psicologia da Arte”. As resenhas vigotskianas defenderam o realismo de Gorki e atacaram o simbolismo, negando as referências estéticas anteriores do autor e mostrando o embrião de seu interesse por problemas de psicologia da arte. Criticou o anti-semitismo e o anti-psicologismo de Biéli, o qual se disfarçava de realismo. E Vigotski não foi o único: conforme A.M. Etkind (1994), tal qual outros jovens autores do princípio do século, produziu ensaios e crítica literária inicialmente influenciados pelo simbolismo, mas acabou por abandonar esta concepção estética, embora conservasse elementos de sua influência. O futurismo (de Maiakóvski, Khlebnikhov, Burliuk, Óssip Brik, Kamienski etc), o acmeísmo (de Mandelstam, Anna

Akhmatova) e a teoria formalista (de Shlovski, Jakobson, Jirmunsky, Eikhenbaum) eram as novas perspectivas fervilhantes na literatura russa²⁹. Perdia-se em fugacidade: “para os futuristas, a redação de apelos à luta com o tifo e um poema de amor são apenas faces diferentes da mesma elaboração vocabular.” (Maiakóvski, 1922/1971, p.165).

Mesmo sendo “A Tragédia de Hamlet” (1916/1999f) um trabalho de crítica literária, Vigotski trabalha contribuições importantes para o entendimento dos processos psicológicos desencadeados pela arte. Podemos, daí, começar a compreender a história de categorias referentes ao tema desta tese, como vivências, emoções (sentimentos e afetos), em intersecção com a semiótica artística; a qual surgiu, pois, *antes* que o autor iniciasse sua produção em psicologia.

²⁹ Schnaiderman (1971) afirma que a exaltação do urbano, as bravatas contra os clássicos, a exaltação do movimento e da máquina aproximavam o futurismo russo do italiano. Seguindo Ripellino, Schnaiderman defende que o futurismo russo afastava-se do italiano pelo seu repúdio ao imperialismo, sua aversão pela guerra e a procura dos verdadeiros processos de formação lingüística, que levassem à construção de um novo sistema literário, de cunho predominantemente racionalista. Em Maiakóvski, Schnaiderman identifica uma concepção de linguagem simples e dinâmica, cuja fonte estava nas ruas e no cotidiano. Abolem-se as fronteiras entre os gêneros de discurso, bem como entre poesia e prosa. O acmeísmo era uma tendência, até certo ponto, contrária. Segundo Bristol (1999, p.425), opondo-se ao futurismo, aceitava a herança simbolista; como o futurismo, rejeitava o misticismo na literatura. Os autores foram apelidados também de neo-realistas e neoclássicos, devido à forma como o imagético surgia em suas obras. Gumiliov, mentor do acmeísmo, fundou a revista Apollon no fim dos anos 1910, sob inspiração do parnasianismo francês e de Briússov, russo. A “Guilda dos Poetas”, em São Petersburgo, foi o núcleo do movimento acmeísta, na sua maioria composta por pessoas anteriormente próximas ao simbolismo. Óssip Mandelstam, amigo de Vigotski, foi o principal poeta acmeísta.

4 – A psicologia na Rússia czarista e o Instituto de Psicologia de Moscou (anos 1910- início dos anos 1920)

A principal cidade do Império Russo fora São Petersburgo (nomeada Leningrado de 1924 a 1991), sede do governo, embora houvesse outras importantes nas ciências, nas artes e no pensamento. Mas a capital da República Russa, e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), veio a ser Moscou. E foi nela que se concentraram alguns intelectuais em torno da figura de Vigotski, emergindo com uma nova teoria psicológica numa ordem social revolucionária.

A disciplina mais próxima de uma psicologia científica, na Rússia czarista, eram os estudos da “atividade nervosa superior” (algo próximo da fisiologia). Essa tradição teve como seu primeiro expoente Ivan Mikháilovich Siétchenov (1829-1905), eminente médico de formação européia. Sua obra, “Reflexos do cérebro”, em que propunha o estudo de comportamentos reflexos, inspirou amplamente a geração posterior, cujos principais nomes foram Pavlov e Bekhterev (Wortis, 1953, p.21). Com eles, tem início uma tradição neurológica mui próxima da psicologia experimental: o primeiro jornal dirigido à psicologia, a Revista de Psiquiatria, Neuropatologia e Psicologia Experimental foi fundado por Vladimir Mikháilovitch Bekhterev em 1896 (Carpintero, 1987, pp.25-26). Bekhterev, formado na Europa com Wundt e Charcot, criou os primeiros laboratórios psicológicos do Império em 1880. Embora houvesse um certo ecletismo teórico, as duas tendências fundamentais da psicologia russa nos anos 1910 eram a reflexologia e o introspeccionismo.

Também, esse cientista foi o primeiro russo a propor uma escola de psicologia

objetiva – a reflexologia – baseada nos estudos da atividade nervosa superior (1904). Três anos depois, fundou um Instituto Psiconeurológico em São Petersburgo, nele trabalhando até o fim de seus dias. O início do século XX trouxe o reconhecimento internacional da fisiologia russa: em 1904, Pavlov (1849-1936), cirurgião formado em São Petersburgo e com doutorado na Alemanha, foi laureado com o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina. E, já no início do século XX, passou a investigar a temática que o consagrou: os reflexos condicionados, influenciando decisivamente a ciência mundial. Os estudos objetivos do comportamento reflexo deveriam, em sua opinião, ser base da psicologia científica (Pessotti, 1979).

Postura oposta era defendida por uma outra vertente, também experimental, a dos psicólogos idealistas, introspeccionistas, francamente dualistas. Entre eles, Nikolai Nikolayevich Lange (1858-1921) abriu um laboratório na Universidade de Novorossiysk (Odessa), realizando trabalhos sobre percepção e atenção e Tchelpanov (1862-1936), o principal fundador do Instituto de Psicologia de Moscou, cujo trabalho de investigação seguia preceitos do estruturalismo titcheneriano, além de ligar-se aos trabalhos de Külpe e Binet. Como administrador, geriu o Instituto permitindo que proliferassem outras tradições européias da psicologia, além das iniciativas teóricas de pesquisadores do próprio Instituto.

Conforme Van der Veer & Valsiner (2001, pp.127-135) Konstantin Nikoláievich Kornílov (1879-1957) era um deles. Graduado em 1910, fora aluno de Tchelpanov, seu assistente na direção do Instituto, psicólogo experimental e professor a partir de 1921. O sistema teórico de Kornílov, a reactologia, desenvolveu-se no decorrer dos anos 1910 e deixou algumas marcas na obra de Vigotski. Mas, conquanto tivesse idéias próprias, seu papel

mais destacado na história da psicologia foi o ataque público, político-ideológico, à direção de Tchelpanov nos anos 1920, alinhando-se à tendência pós-revolucionária de produzir ciências de base marxista. Tchelpanov foi sendo identificado com o atraso do povo russo, com o conservadorismo do falecido Império, que acreditara na primazia da idéia sobre a matéria; na alma e sua imortalidade. Blonski, também ex-aluno de Tchelpanov, ativista da área da educação e eminente pedólogo, foi o primeiro a defender a construção de uma psicologia marxista no texto “Ensaio de Psicologia Científica” (1921)³⁰.

Segundo Van der Veer & Valsiner (2001, p.134), o cerco foi-se apertando em torno de Tchelpanov que, em novembro de 1923 foi forçado a se aposentar e substituído por Kornílov na direção do Instituto. A captura do aparelho institucional tornou-se vital para a formação da Escola de Vigotski, pois vários professores foram exilados, destituídos de seus cargos ou demitidos por Kornílov. Foi possível, entre 1922-1928, a integração imediata de pesquisadores jovens e talentosos de diversas cidades do país, como era o caso de Vigotski, Luria e Leontiev (a chamada *troika*), todos na casa dos 20 anos de idade.

Não imaginemos, no entanto, que no Instituto existissem grandes condições para o desenvolvimento do ensino e pesquisa. Mas ele foi o cenário de encontro dos novos pesquisadores, cujas bases de pesquisa e reflexão estenderam-se à Academia de Educação Comunista, ao Instituto de Defectologia e à convivência no tempo livre³¹.

³⁰ Aparentemente, dois impulsos externos imediatos foram importantes no crescimento do marxismo na psicologia: a fundação do Instituto de Professores Vermelhos, liderada por Mikhail Pokrovski, que buscava constituir a hegemonia bolchevique nas universidades (respaldado pela própria Academia de Ciências, diretamente ligada ao comitê central do PCUS) e o decreto de Lênin “On the Significance of Militant Materialism” (1922), o qual incentivava a refundação das ciências russas sobre bases marxistas.

³¹ A renomeação dos institutos, dos laboratórios, o fechamento e a abertura de órgãos estatais foi uma constante na história da psicologia soviética, especialmente nos anos 1920 e 1930, gerando uma grande instabilidade profissional para os pesquisadores. Suas condições de vida eram precárias: Vigotski, por exemplo, já tuberculoso, morou por vários anos num cômodo do subsolo do Instituto de Psicologia de Moscou (Knox, 1996, p.23).

De modo geral, a adesão político-ideológica dos jovens pesquisadores (bem como de artistas, pensadores e do próprio operariado) ao projeto revolucionário foi entusiástica. Considera-se, neste trabalho, a teoria histórico-cultural criada por Vigotski e Luria – com a participação de outros colaboradores – uma parte do rico florescimento de idéias nos anos 1920, especialmente após a Guerra Civil (1918-1921). Seu trabalho foi impulsionado pela criação de um Estado proletário que visava a socializar os meios de produção e gerar novas oportunidades para massas de excluídos. Salientam-se, ainda, algumas determinações que permearam a adesão ideológica dos pesquisadores:

- a) *Num nível formativo*, nomes como Luria, Leontiev, Vigotski e Blonski, que iriam liderar a constituição de uma psicologia marxista, não eram psicólogos de formação: os dois primeiros graduaram-se como cientistas sociais (Luria em medicina nos anos 1930); Blonski, próximo da história e da filologia. Elkonin, outro discípulo de Vigotski, graduou-se como pedagogo. Os autores tomaram, pois, contato com muitas bases de conhecimento que vieram a alimentar a psicologia soviética, explicando sua pluralidade até o acirramento da repressão stalinista. Eram membros da *intelligentsia* que, como vimos, formava-se desde o século anterior: a mesma camada social da vanguarda bolchevique que comandara a Revolução.
- c) *No embate com o anti-semitismo*, a Revolução trazia uma esperança muito palpável de igualdade étnica para o povo judeu russo³². Explica-se, assim, a animada adesão ideológica tanto de Luria quanto de Vigotski (baseado em Cole, 1992, p.205), ambos judeus educados na Rússia européia.

³² Destaque para um discurso de Lênin pelo rádio, criticando acidamente os pogroms nos bairros judaicos (Lênin, 1919). Os pogroms eram ondas de violência imprimida pela população não-judia, com saque e destruição dos territórios judaicos.

Essas determinações imiscuíram-se no tipo de marxismo praticado pela Escola de Vigotski: um marxismo ocidentalista (e não eslavófilo), em vivo debate com as ciências e as artes ocidentais, universalista e desprovido de patriotismo, como era o bolchevismo nas suas origens³³. Destaque para a influência trotskista sobre o círculo de Vigotski (conforme E. Etkind, 1987, p.28 e Bauer, 1952, p.55)³⁴.

Todo o bolchevismo da época impregnava-se da proposta de transformação do homem, que deveria evoluir do russo ao soviético, da servidão ao socialismo; ao pleno gozo das artes, das ciências, da autonomia política e da segurança material. O projeto de edificação de uma psicologia marxista, abraçado por Vigotski, era também o de criação de um novo homem.

Vigotski concebeu as linhas gerais de seu projeto de psicologia histórico-cultural em 1927, com o texto “O significado histórico da crise na psicologia”. Desenvolveu-o até 1934 apesar do recrudescimento da vigilância ideológica a partir de 1930 (Bauer, 1952, p.115), quando alguns de seus pupilos, caso de Leontiev (in A.A. Leontiev, 2005), já divergiam dele. Nunca tendo recebido qualquer papel institucional importante, o autor foi sendo cada vez mais marginalizado: afastou-se do Instituto de Psicologia de Moscou em 1931, quando a direção de Kornílov foi substituída por Zalkind (Van der Veer & Valsiner, 2001, p.329).

Viajava periodicamente para proferir conferências e, em novembro de 1931, ano no qual

³³ Deutscher (1970, p.333) é um dos autores que viram na intelligentsia russa um grande receptividade às influências progressistas da arte e do pensamento europeus. Como exemplo deste fato, Vigotski não pegou carona na proposta do Proletkult (organização criada em 1917, dirigida ao esclarecimento cultural, artístico e literário), organização que visava a descartar toda a produção cultural do passado russo ou do Ocidente, nem em propostas semelhantes delineadas por outras organizações dirigidas à transformação da cultura proletária.

³⁴ Note-se que o próprio Trotski (in Etkind, 1994, p.29) comenta que a Revolução Russa bania o “inconsciente da política” ultrapassando, com a modernização científica proporcionada pela ditadura do proletariado, para além da barbárie. Para o autor, o pensamento e a iniciativa criativa da época deveriam dirigir-se à elucidação dos cantos profundos da natureza humana. Vigotski teria mencionado tais idéias na sua “Psicologia Pedagógica”.

sofreu as primeiras críticas públicas³⁵, recusou o cargo de diretor do departamento de Psicogenética do Instituto Estatal de Treino de Pessoal do Comitê Popular de Saúde da República Ucraniana (Leontiev e outros de seus pupilos já trabalhavam em Kharkov, Ucrânia). Em abril de 1931 tornou-se professor de pedologia no Segundo Instituto Médico de Moscou (Van der Veer & Valsiner, 2001, p.334).

Nos anos 1930, cada vez mais fragilizado pela tuberculose, terminou dois de seus mais fascinantes trabalhos: “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores” (1931/1995) e “A construção do pensamento e da linguagem” (1934/2001a), além de pronunciar outras conferências da maior importância para a presente tese. A marginalização de Vigotski e sua persistência no projeto da psicologia histórico-cultural permitem-nos considerar sua obra como uma totalidade até certo ponto independente das interferências nocivas do Estado stalinista, mergulhada no criativo *zeitgeist* do marxismo bolchevique, dotada de grande coerência epistemológica e ética.

³⁵ Segundo A.A. Leontiev (2005) as primeiras críticas oficiais à pedologia começaram em 1932.

5 – Emoções e vivências nos textos sobre arte e psicologia

5.1 – Características gerais. Ética e função da arte.

Na continuidade do debate sobre arte, este capítulo discute especialmente três textos vigotskianos: a “Psicologia da Arte” (1925), o capítulo sobre arte na “Psicologia Pedagógica” (1926) e “La imaginación y el arte en la infancia” (1930). No primeiro livro, nascem muitas questões e hipóteses referentes às vivências e emoções, que são trabalhados nos textos posteriores. Consideramos que os textos, apesar de suas diferentes contribuições, são diferentes e complementares, não havendo nenhuma ruptura teórica significativa entre eles, motivo que nos leva a agrupá-los. Um outro trabalho sobremaneira importante “On the problem of the psychology of the actor’s creative work” (1932) sofreu o profundo impacto epistemológico da teoria histórico-cultural, edificada a partir de 1927-1928. Por esta razão, foi incluído entre outros trabalhos de mesmo perfil.

Vigotski mudou-se para Moscou em 1924 e em 1925 finalizou sua “Psicologia da Arte”, que lhe serviu como tese de doutorado. A.N. Leontiev (1986, p.2) afirma que o livro reúne trabalhos redigidos pelo autor entre 1915 e 1922. Para nosso azar, o texto foi o único finalizado, no interior do amplo projeto que o autor planejava redigir nessa temática³⁶. As discussões de psicologia da arte propriamente ditas passaram, gradativamente, a dividir as reflexões de Vigotski com outros assuntos. É importante ressaltar que boa parte de suas

³⁶ Para Leontiev (1991, p.424) Vigotski propunha-se, ainda, a fazer uma teoria sobre as emoções desencadeadas pela reação estética. Baseando-se no próprio Leontiev, os autores Yaroshevski & Gurguenidze (1991, p.452) comentam que o autor pretendia dar conta da análise dos mecanismos da criação artística e das funções específicas da arte.

produções sobre arte e psicologia só existe no russo e, segundo Van der Veer & Valsiner (2001), ainda não foram publicadas.

A “Psicologia da Arte” (1925/2001b), cuja primeira publicação data de 1965, é possivelmente o texto mais complexo de Vigotski, sobretudo para nós, psicólogos sem grande intimidade com o meio artístico russo. A seguir, uma palavra sobre a época:

As atividades de Vygotsky durante seus anos em Gomel eram parte de um dos mais importantes movimentos intelectuais de nosso século. Pinturas futuristas e suprematistas³⁷, assim como esculturas construtivistas, eram expostas nas ruas, trens, caminhões e navios. Os intelectuais inovadores não apenas se devotavam pessoalmente a um trabalho criativo específico, mas participavam do trabalho de instituições. Kandinsky, por exemplo, era vice-presidente da Academia de Artes e Ciências de Moscou. Malevich presidia a de Petrogrado, onde o arquiteto Tatlin, autor do famoso monumento à Terceira Internacional, chefiava um Departamento. [...] Stanislavsky presidia o Teatro Artístico de Moscou. Gabo e seu irmão Pevsner representavam o grupo construtivista e Maiakóvski, a Frente Esquerdista de Artes (LEF). Eisenstein, que devido ao seu conhecimento de engenharia organizou a construção de defesas durante a Guerra Civil, foi se tornar o professor dirigente do Instituto Estatal de Cinematografia. O pedagogo Makarenko fundou a Colônia Gorky para a reeducação de delinquentes juvenis de rua. [...] A escola formalista de Petrogrado estava revolucionando a teoria literária com suas investigações. Bakhtin e seu círculo, a partir de outro ponto de vista, estavam produzindo no mesmo campo de estudos. Lenin comandava o Estado e Lunacharsky era o Ministro da Cultura e da Educação. (Blanck, in Japiassu, 1999)

O clima revolucionário, até a vitória de Stálin sobre Trotski, era de intensa experimentação nas ciências e nas artes, com um maior ou menor grau de engajamento dos artistas (Gibian, 1976, p.13). Havia tamanha liberdade artística que o *Proletkult*, organização que visava a varrer de cena o passado artístico burguês, substituindo-o por uma cultura feita

³⁷ Conforme Douglas (1975) o suprematismo foi o estilo de pintura abstrata criado por Kazimir Malevich entre 1914 e 1915. Fundado sobre a obra de Henri Bergson, buscou romper com o universo newtoniano e seus objetos rígidos. Malevich procurou trabalhar com uma grande variedade de novas experiências humanas sintetizadas na arte abstrata. Para Malevich, toda a psique deveria impactada pela pintura, rompendo velhos hábitos da mente, despertando-se a razão inconsciente e intuitiva.

exclusivamente por proletários, foi criticado publicamente por Trotski e Lunatcharski, perdendo o apoio do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em 1923. Neste contexto, a “Psicologia da Arte” faz inúmeras referências à literatura russa do século XIX e início do XX. Mas, posteriormente, o livro sofreu (como todo o resto da produção vigotskiana) censura durante o regime stalinista.

O primeiro capítulo da “Psicologia da Arte”, extremamente denso, coloca várias questões que cercavam a construção de uma psicologia da arte (nas palavras do autor: pretende elaborar uma “metodologia do problema”). A guinada marxista, cientificista, do pensamento vigotskiano é desde o início do livro tão nítida quanto sua reorientação para problemas de psicologia. Para Vigotski, havia dois campos fundamentais na estética: o psicológico e o não-psicológico, a estética de “cima” (descendendo da base histórica e sociológica para a psicologia) e a de “baixo” (da psicologia para a base histórica e sociológica). Os problemas da estética de cima, segundo o autor, haviam avançado com a visão materialista histórica de Plekhanov, na qual se entendia que o psiquismo humano era matéria-prima para a arte, como para outras formas da ideologia. A arte, especificamente, atingia o campo do sentimento social e esclarecer sua ação sobre os sentimentos seria a tarefa primária da psicologia, enlaçando os dois mundos: a estética de cima com a de baixo, ou seja, as tarefas filosóficas de explanação da arte com o trabalho mais miúdo de explicação de seu impacto individual.

O problema da “estética de baixo” era bastante complicado. A psicologia fizera tentativas ainda muito tímidas de esclarecê-lo. Os estudos da recepção da arte faziam-se com esquemas experimentais extremamente simplistas do tipo estímulo-reação, que, segundo o

bielo-russo, começavam pelo final, ou seja, por uma análise do prazer extraído da vivência estética³⁸. Em oposição a este enfoque, já mostrando os primeiros sinais de sua abordagem genética, Vigotski defendeu o estudo da gênese das reações estéticas, do processo pelo qual a obra de arte cria as emoções de caráter estético. Este é um dos primeiros passos de sua proposta metodológica baseada na análise genética e processual dos fenômenos psicológicos, em detrimento do enfoque de objetos estáticos (como em Vigotski, 1994a, pp.81-85). Resumindo alguns dos pressupostos que trabalharemos neste capítulo, podemos dizer que sua psicologia é objetiva e dialética pelos seguintes motivos:

- a) A arte é um produto social, dirigido a provocar um determinado efeito no seu público-alvo; segundo Vigotski (1925/2001b, p.315), quando cada um vivencia uma obra de arte, ela converte-se de social em pessoal.
- b) Centraliza a atenção na própria obra de arte e na sua organização; não nas impressões do artista ou do apreciador.
- c) Analisa a dialética parte-todo das obras de arte, identificando-as como um conjunto singular de contradições e interações entre material, fábula e enredo responsável pela “reação estética” do receptor³⁹. Esta reação é de caráter especial e não se reduz a um efeito de partes mínimas da obra: a arte realiza-se em cada detalhe, mas se vivencia como um todo, ao qual o leitor acrescenta suas emoções, sua interpretação. O

³⁸ Beardsley (2003) atribui o início do estudo da estética na psicologia experimental a Gustav Fechner no seu “Vorschule der Aesthetik” (Leipzig, 1876). Fechner foi seguido por um grande número de investigadores, com destaque para Richard Müller-Freienfels e Max Des-soir. Vigotski, criticando estes autores mas sem descartar inteiramente suas contribuições, menciona alguns deles na última seção da “Psicologia da Arte”.

³⁹ Idéia que podemos relacionar ao lingüista Potiebnýá: “A essência, a força da obra não reside no que o autor subentendeu por ela mas na maneira como age sobre o leitor ou o espectador” (Potiebnýá, in Vigotski 1916/1999f, p.XXI) e a Aikhenvald, para quem a obra de arte não existe sem o leitor (idem, p.XXI).

resultado/correlato subjetivo deste conjunto interativo seria a reação estética. Vigotski indica que o impacto de uma obra jamais poderia ser o mesmo para cada apreciador, mas o psicólogo da arte pode analisar as leis de construção que o produzem, na sua generalidade.

A diferenciação entre “estética de cima e de baixo”, conforme Vigotski toma a Plekhanov, daria lugar à divisão entre psicologia e sociologia da arte (1925/2001b, p.11): o estudo do funcionamento dos mecanismos psicológicos constituiria o objeto da psicologia; seu condicionamento, do estudo sociológico. A concepção marxista unificaria e daria sentido a ambas as ciências⁴⁰. Com esta posição, Vigotski afirmava-se como um metodólogo da psicologia, publicamente ativo desde sua integração ao Instituto de Psicologia de Moscou (1924). Considerava sua psicologia da arte (sem a qual os estudos em estética não evoluiriam) como uma iniciativa de produzir métodos e um programa, mais do que uma teoria e um método fechados para análise da reação estética. Entretanto, o autor tratou de muitas outras questões além destas⁴¹ e, segundo cremos, é um erro encarar seu texto como uma espécie de cartilha para análise da reação estética ou este método como a única contribuição original da obra.

Diferentemente de “A Tragédia de Hamlet” (1916/1999f), a “Psicologia da Arte” já mostra sinais do sistema psicológico vigotskiano em nascimento. Categorias como consciente/inconsciente, leis psicológicas, emoções e vivências encaixam-se num texto sinuoso e rico em potenciais interpretações.

⁴⁰ Plekhanov, conforme Etkind (1987, p.259), foi o defensor da formação de uma ciência da literatura.

⁴¹ Algumas delas: a natureza da relação entre idéia e emoção, o papel do inconsciente na obra de arte, os processos energéticos envolvidos na vivência estética e a significação da arte para a vida.

Para o Vigotski de 1925 *a arte é a técnica social dos sentimentos* – um meio racional de interferir na dinâmica emocional da sociedade. Aí, o autor não diferencia conceitualmente emoções (*emotsi*) e sentimentos (*tchuvstvo*). Elaborou uma concepção racionalista, marxista e monista (também sob influência do monismo espinosano), em que a arte é um dos elementos universais da origem da nova sociedade comunista. A vida dos sentimentos em tal sociedade precisaria se reelaborar e ser conquistada pelo homem, para sua consciência:

A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumentos da sociedade. A peculiaridade essencialíssima do homem, diferentemente do animal, consiste em que ele introduz e separa do seu corpo tanto o dispositivo da técnica quanto o dispositivo do conhecimento científico, que se tornam instrumentos da sociedade. De igual maneira, a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do ser. (Vigotski, 1925/2001b, p.315)

Para o autor, à diferença dos dispositivos técnicos empregados na produção de objetos (os instrumentos), a obra de arte age sobre o próprio homem como um sistema de estímulos destinado a desencadear uma reação estética/catarse – tem, pois, sua própria teleologia; num certo eco de Vigotski (1916/1999f), porta uma intencionalidade comunicativa e um propósito de afetar o receptor numa certa direção (idem, pp.25-26), suscitando a reação relativamente comum a um determinado público e, quiçá, universal, a todos os públicos.

De modo diverso de outros instrumentos, que agem diretamente sobre os objetos, o impacto catártico da arte incide diretamente na subjetividade e apenas indiretamente nas atividades humanas. Sua ação algo instrumental, contudo, não é muito previsível, já que influi diferentemente sobre cada pessoa (Vigotski, 1925/2001b, p.322). Como a ciência e a técnica

prolongam o braço do homem, *a arte é um sentimento social prolongado*⁴².

Essa idéia, embora tenha um sentido simples em seu contexto, adquire uma fascinante profundidade quando potencializada pela concepção vigotskiana de psicologia da arte em seu todo. Atenhamo-nos à análise do Capítulo 9, “A arte como catarse”: nele, Vigotski nega-se a identificar social e coletivo. Afirmar que o social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais⁴³. Esta idéia é basicamente a mesma de “A construção do pensamento e da linguagem” (1934/2001a, p.429), em que a individualização gradual surge com base na sociabilidade interior da criança. Há socialidade até no funcionamento de nossa linguagem interior: mesmo quando estamos sós, dividimos nossos pensamentos com os outros que internalizamos. Sem existir descontinuidade entre social e individual, podemos pensar nos meios pelos quais essa unidade realiza-se: a unidade social de objetivo e subjetivo própria da arte e também a unidade monista da emoção, como afecção do corpo e sua idéia. Entre o homem e o mundo está o meio social (1925/2001b, p.319). A arte é uma das películas que ficam a permeio, refratando e direcionando excitações que agem no encontro do indivíduo com sua realidade.

Na sua crítica a Tolstói, Vigotski defende que, ao interagirmos com uma obra de arte, estabelecemos uma relação social que não é de mero contágio emocional (Vigotski, 1925/2001b, p.305). Em linguagem espinosana: a emoção artística não é mera imitação dos

⁴² Referendando a influência trotskista sobre Vigotski: “as paixões liberadas voltar-se-ão para a técnica, para a construção, inclusive a arte, que, naturalmente, se tornará mais geral, madura, forte, forma ideal de edificação da vida em todos os terrenos. A arte não será, simplesmente, aquele belo acessório sem relação com qualquer coisa”. (Trotski, 1923/1980, p.197)

⁴³ Num trecho lapidar: “A arte é o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. Por isto, quando a arte realiza a catarse e arrasta para esse fogo purificador as comoções mais íntimas e mais vitalmente importantes de uma alma individual, o seu efeito é um efeito social.” (Vigotski, 1925/2001b, p.315)

afetos, não se fundamenta numa mera excitação do afeto comum (quase sempre seqüestrado pela rotina, pelas ocupações da vida social) ao invés de ser transformado pela catarse artística.

Num sentido: temos a objetividade da obra – pois o autor comenta que a refundição das emoções *fora de nós* realiza-se por força de um sentimento social objetivado, materializado e fixado nos objetos da arte – noutro: o sentido inverso, subjetivo, íntimo e vivencial desse sentimento. A idéia de socialidade pode referir-se à semiótica artística que, de algum modo, passa a revestir, a enformar, a dar respaldo e existência material às emoções mais importantes, antes incomunicáveis que, diminuindo em seu grau de impureza e isolamento, adquirem sentido na arte. Esta é um veículo universalizante para as comoções mais íntimas – pois Vigotski é categórico ao afirmar que as emoções vivenciadas artisticamente são as das próprias pessoas, da vida cotidiana, que se alteram e se generalizam na vivência da arte. Esse desencadeamento é *sui generis*, pois, a partir do material gasto e inútil constituído por emoções estáticas inutilmente vivenciadas, insatisfeitas, negativas, catalisam-se vivências emocionais novas (o que implica em novas cadeias de pensamento e ação criativos, dada a dupla expressão – ideacional e corporal – das emoções). De velhos retalhos, faz-se um bonito e novo *patchwork*, após a luta cruel pelo campo motor que torna exequível apenas uma ínfima parte de todas as possibilidades incitadas por nossa existência social⁴⁴.

⁴⁴ Vigotski (1925/2001, p.312) mostra influência do princípio da luta pelo campo motor geral, formulado pelo inglês Charles Sherrington: o sistema nervoso é como uma estação para a qual confluem cinco ferrovias, mas da qual parte apenas uma, a da nossa motricidade voluntária. O comportamento assemelha-se à nossa vida, concebida em detrimento de milhões de outras que poderiam se formar. Sherrington (in Nobel Foundation, 1965), ganhador do Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1932, celebrizou-se por muitas contribuições conceituais acerca do sistema nervoso (sinapse, exteroceptores, proprioceptores e viscerosceptores), e também sobre a motricidade - incluindo o trato piramidal, o principal feixe de neurônios motores que parte do cérebro e um dos responsáveis pela nossa conduta voluntária.

Outro aspecto que pode ser relacionado à socialidade da arte é a comunicação entre as pessoas sobre os efeitos e a natureza da arte, problema que se punha no centro do trabalho do crítico: a apreciação de uma obra pode ser estopim para a troca de idéias sobre sentimentos que ganharam novo sentido, sendo disponibilizados para a vida social em geral e o contato humano. Sendo a “Psicologia da Arte” uma obra anterior à concepção histórico-cultural sobre o desenvolvimento dos conceitos, a idéia de “generalização” não parece associar-se ao conceito científico, mas a alguma forma de consciência/de explicação que passa pela compreensão do material através do sentido objetivo vigente da obra. A vivência de uma obra de arte pode exercer um amplo efeito intelectual-afetivo, ampliando a nossa concepção sobre todo um campo de fenômenos, levando-nos a vê-lo com outros olhos, a unificar fatos dispersos. Para melhor compreendermos isso, resumimos as funções da arte para o autor, especialmente como dispostas nos três últimos capítulos da “Psicologia da Arte”:

- a) Produz a descarga energética dos sentimentos comuns, os quais não encontram vazão na vida normal – fato imanente ao sentimento. Não é, no entanto, a única forma de vazão: o brincar de faz-de-conta, da criança, e a imaginação, do adulto, constituem formas de descarga próximas à função simbólica da arte.
- b) Rompe o equilíbrio interno anteriormente consolidado, fazendo-o atingir outra forma, estruturando e ordenando os dispêndios psíquicos, os sentimentos, exigindo do apreciador menos esforços que se fossem eles os sujeitos da própria situação.

- c) Com base na revivência de certas emoções íntimas, formula para a mente as emoções, paixões e vícios antes imóveis, fazendo-os encontrar outra solução. Com isso, amplia as possibilidades do sentir.
- d) A vivência estética cria uma atitude sensível para atos posteriores, como se fôssemos uma bateria que dispende energia posteriormente. Esse dispêndio de energia é forte e profundo, “lembrando mais uma explosão que uma economia em centavos.” (Vigotski, 1925/2001b, p.257), de tamanhas proporções, que a arte precisaria ser mesmo considerada um “assunto de Estado”, tal qual defende Pózdnichev, personagem da “Sonata a Kreutzer” (Tolstói, 1891/2007), cujas idéias são comentadas pelo bielo-russo.
- e) Para Vigotski, no futuro, essas funções combinadas poderiam conduzir a uma verdadeira refusão do homem. Mas não poderíamos calcular de antemão as possibilidades da arte, nem da vida: faz coro a Espinosa, ao afirmar que até aquele instante ninguém havia definido as capacidades do corpo. Essa sentença espinosana abre e fecha a “Psicologia da Arte”, sintetizando a obra. Noutro ponto, Vigotski assume que a arte introduz a *ação* na *paixão* (idem, p.316), termos que, como mostraremos no item 7.3 deste trabalho, são muito precisos no vocabulário espinosano. Espinosa, nesse contexto, ingressa na conversão do indivíduo de objeto a sujeito de sua própria vida, incluindo seus próprios afetos; deixando de lado o padecimento das paixões tristes para a alegria da ação e nossa promoção à condição de causa dos próprios pensamentos e ações. A arte, para Vigotski, teria implicado em poder sobre os sentimentos, mostrando valor biológico; portanto, vital e material.

Quanto mais simples e elementares são as nossas relações com o meio, tanto mais elementar é o transcorrer do nosso comportamento. Quanto mais complexa e delicada se torna a relação entre o organismo e o meio, tanto mais zigzagueantes e confusos se tornam os processos de equilíbrio. (Vigotski, 1925/2001b, p.311)

Através de sua semiótica específica – palavras, notas musicais, cores e formas etc – a arte resgata nossas comoções de sua falta de direção interna; mais do que quaisquer outras técnicas, consome energia e implica em algum poder do homem sobre suas próprias necessidades. Para Vigotski, a positividade ética da arte dependeria de seu emprego e, independente da existência potencial de alguns subprodutos negativos da reação estética, não via a necessidade de submeter a vivência artística e as intensas forças psíquicas que a arte mobilizava a constrições moralizantes. A explicação da arte não deveria matar a inquietação por ela produzida, constitutiva de nossa vida inconsciente, apesar de resgatável pela consciência.

As emoções estéticas podem redundar apenas indiretamente em resultados práticos, condicionados pela propriedade geral da emoção em domínios artísticos distintos (a música pode, por exemplo, produzir um estado incomum de agitação e energia, favorecendo esta ou aquela atividade). Vigotski, aí, já trata de funções psíquicas superiores e de seu caráter sistêmico, proposta que marcaria toda a sua obra: a arte deflagra o funcionamento de uma rede de funções (percepção, linguagem, pensamento, memória, sentimento), a qual assume o papel de sujeito da recepção da obra: sujeito que suspende temporariamente o julgamento pragmático da vida para vivenciar a fantasia do artista. Este elemento forte e irracional que acompanha a suspensão do julgamento é uma espécie de mergulho na obra de arte (já

realizado pelo autor na sua monografia sobre o Hamlet), em que o apreciador tende a sofrer a reação estética organizada pelo sistema de estímulos organizado na obra, e, através dela, a catarse de seus próprios sentimentos. Vigotski desenvolverá suas idéias sobre a criação cinco anos depois, em “La imaginación y el arte en la infancia” (1930/1987), texto que comentaremos mais adiante.

Como idéia-síntese da função da arte, o autor empresta de Aristóteles (Vigotski, 1925/2001b, pp.270;342-343) o termo *catarse*, atribuindo-lhe o seu próprio sentido: na reação estética, as emoções desagradáveis são submetidas a certa descarga nervosa, à destruição e à transformação em seu contrário⁴⁵ (a semelhança com o processo dialético de tese-antítese-síntese não é mera coincidência). A primeira mudança importante promovida pela catarse é a conversão da energia negativa em positiva. Ocorrem, também, como comentamos, transformações emocionais muito mais complexas, mas esta conversão de polaridade do sentimento explica o paradoxo da tragédia: explica porque, nela, procuramos paixões que normalmente evitamos na vida cotidiana (medo, compaixão, raiva etc).

A concepção vigotskiana, segundo o próprio autor, aproxima-se da aristotélica, para a qual cada gênero teatral depura o indivíduo de sentimentos diferentes. Na tragédia, a contradição, a repulsa interior, a superação e a vitória são constituintes da vivência que impacta o homem pelo medo e o sofrimento, produzindo a catarse destes sentimentos. O trágico desperta esta dialética emocional, força imanente das interações sociais, similar a uma

⁴⁵ De origem médica, o termo “catarse” significa “purgação”. Aristóteles utilizou amplamente o significado médico deste termo nas obras sobre história natural atribuindo-lhe o sentido de purificação, sendo o primeiro a utilizá-lo também num sentido estético, designando a libertação e a serenidade que a poesia e, em particular, o drama e a música, provocam no homem. Todas as emoções podem sofrer catarse, sem anular-se, mas se tornando compatíveis com a razão. Goethe usa acepção semelhante, despidendo o termo do seu sentido médico (Abbagnano, 2000, p.120). Vigotski, contudo, faz coro a Aristóteles, ao reproduzir sua concepção quase-médica de efeito artístico.

luta íntima entre as nossas paixões: é a catarse dos sentimentos depositados na obra pelo próprio apreciador, de sua empatia para com o sofrimento do herói. Neste processo, a tarefa do estilo e da forma consiste em superar o tema referencial real e transformá-lo em algo novo (Vigotski, 1926/2001c, pp.339-340).

Analisando o sentido do termo “sentido” na obra vigotskiana, Namura (2003, pp.99-104) lembra que a “Poética” de Aristóteles encontra o sentido da tragédia na polaridade entre o homem, seu caráter e sua realidade em confronto com um mundo de valores no qual o singular, encarnado nas personagens, projeta o universal. Conforme Vernant (in Namura, 2003), a tragédia desnuda o jogo de forças contraditório a que o homem está submetido, alcançando, pela mimese, a criação de algo novo que atinge a toda a comunidade, porque a arte é profundamente política, servindo ao auto-conhecimento e à catarse. Vigotski partilha destas idéias, conquanto sua própria concepção não seja aristotélica *stricto sensu*.

5.2 – *Catarse: vivência inconsciente X consciência*

O uso da palavra “vivência” e suas derivações é proporcionalmente menos freqüente na tradução brasileira da “Psicologia da Arte” que na monografia sobre o Hamlet, já que a segunda obra é menos extensa que a primeira⁴⁶. Mostra-se, então, certa diminuição de sua importância, num quadro teórico mais denso do que o da primeira obra vigotskiana. Cotejamos a edição da Martins Fontes (2001) com seis capítulos de uma tradução disponível no Marxists Internet Archive (Vigotski, 1925/1971). A idéia que, na edição brasileira, aparece

⁴⁶ Salvo erro, na “Psicologia da Arte” termos como vivência, vivenciar e suas flexões aparecem em 14 páginas: 24, 45, 47, 48, 85, 91, 94, 190, 192, 245, 255, 259, 260, 272.

como “vivência” e similares ora é traduzida como *emotion/emotions*, ora como *experience/experiences*, ora como *lived* (vívda) ou suprimida⁴⁷. Na tradução brasileira, os vocábulos vivência e experiência aparecem com sentido idêntico.

Vigotski concorda com a psicanálise ao admitir que os processos psicológicos desencadeados pela arte são, em grande parte, inconscientes – a criação e a recepção são como que incompreensíveis, inexplicáveis e ocultos à consciência. Quase não conseguimos externar em palavras os mínimos e essenciais aspectos importantes à emoção estética (Vigotski, 1925/2001b, p.81). Entretanto, uma explicação posterior à vivência da obra é indispensável para acomodá-la no contexto unitário de nossa consciência, pois:

nosso comportamento realiza-se segundo o princípio da unidade, essa unidade se realiza principalmente através da nossa consciência, na qual deve estar forçosamente representada de alguma maneira toda inquietação à procura de vazão. Do contrário, correríamos o risco de criar um conflito, e em vez de produzir a catarse a obra de arte produziria uma ferida [...]. (Vigotski, 1925/2001b, p.322)

O processo de conscientização e a vivência (inconsciente) do impacto produzido por uma obra de arte estabelecem, assim, uma relação de dependência mútua. Os momentos conscientes no ato de vivenciar a arte não podem ser desconsiderados: são importantes para aumentar a distância entre a arte como atividade dotada de sentido e os sintomas patológicos sem sentido – alheios, pois, à consciência (idem, p.94).

Vigotski, já trazendo à luz a visão sistêmica da psique que desenvolverá na teoria

⁴⁷ Verificar o Chapter 11 – “Art and Life”: “The world pours into man, through the wide opening of the funnel, thousands of calls, desires, stimuli, etc. enter, but only an infinitesimal part of them is realized and flows out through the narrowing opening. It is obvious that the unrealized part of life, which has not gone through the narrow opening of our behavior, must be somehow utilized and *lived*.” (Vigotski, 1925/1971, grifo nosso). O trecho correspondente está na página 154 da tradução em português (Vigotski, 1925/2001b).

histórico-cultural, ao invés de concentrar-se numa análise da percepção, que caracterizava os estudos da estética de baixo, desloca a discussão para a fantasia (Vigotski, 1925/2001b, p.263) e o modo como se articulavam as idéias da fantasia (no sistema nervoso central) com as reações corporais periféricas (escola de Meinong, Zeller, Maier e a obra de Ribot). Comentando Zienkovski e Ribot, admite que não haveria uma relação direta entre percepção e desencadeamento da emoção. Alguns processos psicopatológicos, ao invés da percepção do mundo objetivo, colocam a percepção e a fantasia sob o governo da emoção. Exemplo: comentando a emoção patológica existente nas fobias ou no delírio persecutório, o autor defende que o medo vivenciado em tais condições surge sem causalidade real, e se elabora uma fantasia após o surgimento das manifestações corporais correspondentes (supomos que do sistema nervoso autônomo): no caso do delírio, a fantasia de perseguição. Para Vigotski, inversamente, no homem normal, a percepção de algo perigoso é que antecede a reação de medo, na sua unidade ideacional e corporal. A arte, forma muito complexa de fantasia (de modo similar às psicopatologias), também desencadeia processos energéticos no sistema nervoso central que coincidem com a vivência dos sentimentos.

Na idéia de catarse, de forma coerente com autores da época – tal como Freud e o russo Orchanski⁴⁸ – fica evidente a concepção vigotskiana do sentimento como energia (positiva ou negativa, satisfatória ou não) de natureza biológico-social e sua dupla expressão, ideacional e corporal (Vigotski, 1925/2001b, p.257). A gênese dos impulsos é problemática nas obras de Vigotski: o autor oscila entre considerá-los sexuais, emocionais ou de outra

⁴⁸ O trabalho de Orchanski, pesquisador russo da atividade nervosa superior, também inspirou Vigotski na “lei do consumo unipolar de energia” (1925/2001b, p.252). Contudo, nada foi encontrado no Google sobre este autor ou seu trabalho.

ordem (mostrou grande lucidez no “Teaching about emotions”, obra de 1933, ao considerar que a psicologia das emoções carecia de bases neurológicas). E, assumindo o inacabamento de sua concepção, propõe a seguinte hipótese: a diferença entre o sentimento artístico e o comum é a atividade intensificada da fantasia, no primeiro. Esta atividade corresponde a uma energia emocional que se concentra no sistema nervoso central em detrimento do periférico, ou seja, uma energia que ganha uma expressão exterior, aparente, mais insignificante que os sentimentos obtidos de vivências imediatamente “reais”, “cotidianas” quanto ao seu conteúdo. É o que Vigotski, inspirando-se em Kornílov⁴⁹ e Wundt, denomina de *lei do consumo unipolar de energia*. Defende que, com a intensa atividade do sistema nervoso central, as emoções artísticas afastam-se do universo animal e se tornam emoções inteligentes⁵⁰.

Com isso, o autor nega as teorias que reduzem a arte à sensação ou à emoção comum. Admite, ainda, a existência de emoções desencadeadas por fatos que não dependem meramente do estímulo perceptual – diferindo, neste ponto, das emoções animais. Temos, aí, um antecedente histórico para sua dura crítica às psicologias que adotavam o binômio estímulo-reação como paradigma de pesquisa da psicologia humana (Vigotski, 1931/1995, p.62).

Uma nova pergunta aparece na “Psicologia da Arte” e em trabalhos subsequentes: não sendo sensações, o que são os sentimentos/emoções? Quais suas propriedades básicas, como funções de uma personalidade viva? Vigotski (1925/2001b, pp.250;320) dá razão a Titchener:

⁴⁹ Kornílov, conforme Bauer (1952, p.76), valorizava o instinto e a emoção como constructos motivacionais básicos. Pela indisponibilidade de trabalhos de Kornílov, contudo, não sabemos avaliar até que ponto há repercussão mais profunda de suas idéias sobre o trabalho de Vigotski nos anos 1920.

⁵⁰ “[...] a base da reação estética são as emoções suscitadas pela arte e por nós vivenciadas com toda realidade e força, mas encontram a sua descarga naquela atividade da fantasia que sempre requer de nós a percepção da arte. [...] É nessa unidade de sentimento e fantasia que se baseia qualquer arte.” (Vigotski, 1925/2001b, p.272).

os sentimentos têm várias particularidades, sendo seu caráter vago (pouco claro à consciência) a primeira delas. Esse caráter, distribuído no corpo, que pode associar-se também a uma necessidade imensa e indeterminada de agir, deve-se à maior complexidade vivencial dos sentimentos se comparados com a relação, algo simples e lógica, que põe de encontro objetos e sensações que eles nos provocam. O autor aprova a definição de Titchener (idem, p.267), para quem as emoções são reações orgânicas gerais, resposta de todo o organismo a acontecimentos que acometem um órgão isolado⁵¹.

Seguindo Titchener, Vigotski entende que o prazer e o desprazer podem ser intensos e duradouros, mas não claros à consciência. Não podemos prestar atenção neles; se o fizermos, eles fogem de nós, deixando-nos uma imagem bem distinta daquela que pretendíamos observar. Ao assumir esta idéia, Vigotski mostra-se ainda próximo da idéia da sua monografia sobre o Hamlet, na qual, exagerando o distanciamento entre emoção e pensamento, postulava que a crítica de arte não deveria basear-se no pensar. Na mesma obra, contudo, como vimos, o autor já postula uma certa continuidade entre emoção e pensamento durante a análise artística, continuidade ignorada nas psicologias da arte então existentes. Com base nessa concepção, Vigotski nega que a dificuldade de compreender o sentimento artístico deva-se à sua natureza irrevogavelmente inconsciente, mas sim a um certo

⁵¹ O “caráter vago” das emoções é síntese de várias influências: simbolista, de Ribot (1905/2005) e de Darwin. Essa idéia de que a emoção está tanto na parte como no todo do organismo também nos lembra Espinosa (ver item 7.3, acerca das noções comuns). Outra influência acentuadamente monista é a de Pózdnichev, personagem da “Sonata a Kreutzer” (Tolstói, 1891/2007), com quem Vigotski (1925/2001) debate no capítulo final do livro. Esse primoroso monólogo merece o epíteto de monismo histórico-cultural num sentido superlativo: a atormentada personagem compara as condições do corpo e atividade na classe trabalhadora e nas elites russas, sua nutrição, as energias excitadas e sem vazão do aristocrata, suas fantasias vaidosas e o hipócrita código moral sobre sexualidade e romance de seu tempo. Nesse clima colocam-se as raízes, as oscilações e a evolução do sentimento de ciúme doentio que conduz Pózdnichev a uma ação trágica. A execução da “Sonata a Kreutzer”, de Beethoven, com sua força enigmática que exigia uma atribuição de sentido, move ao ápice tanto o desejo adúltero da mulher quanto o ciúme do marido, pego na rede de tolas imaginações que edificara sobre si mesmo e seu casamento.

descompasso temporal e uma carência de métodos que se interpusessem entre o processo de vivência da obra e o posterior conhecimento disto. Nesta via, a análise de Freud e Ovsianiko-Kulikovski o conduz a reconhecer uma contradição: embora o sentimento careça de clareza consciente, não pode ser tomado por incognoscível⁵². Isso o remete à explicação dos fundamentos do impacto orgânico da arte através da ação. Vigotski, marxista, procura explicar as peculiaridades da emoção estética em termos objetivos. Envereda por considerações neuropsicológicas e permite-nos deduzir que também ela é um certo tipo energia, com fonte orgânica própria, a qual não se confunde com a energia luminosa ou acústica que impressiona nossos olhos e ouvidos.

Procurando esclarecer ainda qual a natureza da emoção suscitada pela arte, e mostrando-se novamente crítico para com a idéia de contágio emocional, Vigotski (idem, pp.262-269) elogia a idéia de Müller-Freienfels⁵³: só parcialmente vivenciamos no teatro os sentimentos e afetos *com* as personagens. Na maioria das vezes os vivenciamos movidos *pelos* sentimentos delas, *a partir* delas, e não as espelhando. Os sentimentos artísticos, afirma Vigotski, além de serem guiados pela fantasia, são híbridos, têm várias fontes na obra. Acompanha, em seguida, Darwin, o qual defendia a existência de uma relação de expressão entre estados d'alma e movimentos opostos do corpo⁵⁴, que acabava por mobilizar todo o

⁵² Nada foi encontrado no Google sobre Ovsianiko-Kulikovski.

⁵³ Este autor (1882-1949), de origem alemã, escreveu uma "Psicologia da Arte" em que um dos temas tratados era a recepção da obra artística.

⁵⁴ Darwin (1872/1934, p.4-5) descreveu expressões e gestos usados involuntariamente pelos homens e animais sob o poder de várias emoções e sensações (ambas classificados como sentimentos, sendo as últimas passíveis de localização corporal precisa). Movimentos ou mudanças em qualquer parte do corpo podem servir à sua expressão. O autor apostava que há uma unidade entre estados mentais e movimentos habituais, enquanto que estados diretamente opostos levariam a uma forte e involuntária tendência aos movimentos opostos, os quais podem ser muito expressivos. O movimento é, para o biólogo, uma espécie de descarga da energia desencadeada a partir de uma irritação dos sentidos. Vigotski enxerga nessa oposição um dos fundamentos biológicos da catarse.

organismo, constituindo uma das razões para as nossas dificuldades de descrição dos sentimentos. De modo análogo, a vivência deste ou daquele sentimento através da obra de arte pode nos fazer tender a este ou aquele movimento, sendo a catarse o ponto de resolução da mobilização contraditória de todo o organismo por meio da semiótica artística. As tragédias parecem excitar-nos simultaneamente os músculos e seus antagonistas – o que explica a retenção das manifestações externas das emoções. Com isso, opera-se o curto-circuito emocional do trágico, ou seja, a própria catarse do terror e da piedade, seu profundo efeito moral e físico.

Vigotski, marxista, procura explicar as peculiaridades das emoções estéticas em termos objetivos. Envereda por considerações neuropsicológicas e permite-nos deduzir que também são um certo tipo energia, fonte orgânica própria, a qual não se confunde com a energia luminosa ou acústica que impressiona nossos olhos e ouvidos.

5.3 – A reação estética e a contradição emocional na arte

Cabe agora comentar de forma bastante resumida a construção das obras de artes em geral: batuta da reação estética e do fenômeno catártico. É importante também discutirmos seu método de análise para o bielo-russo. Minha explanação será fundamentada especialmente na Parte II da “Psicologia da Arte” (1925/2001b), a de análise da reação estética.

A tragédia vinha sendo um importante objeto de estudo literário para Vigotski. Mas sua pretensão era a de edificar uma psicologia da arte que contivesse todos os gêneros

literários, os quais, para ele, poderiam ser analisados por parâmetros gerais, provavelmente partindo dos mesmos conceitos desenvolvidos pela primeira geração de formalistas (aos quais recorre amplamente na “Psicologia da Arte”), em especial, os de Victor Shlovski: material, fábula, enredo⁵⁵. O formalismo (de Shlovski, Jirmunski, Eikhenbaum e outros) tinha uma tendência cientificista, mais próxima do marxismo do que fora o simbolismo.

Para Vigotski, naquele momento, toda a psicologia deveria ser uma ciência das reações. Sem fugir à regra, o estudo da reação estética seria o objeto fundamental da psicologia da arte. Para o autor, as análises então existentes – que reduziam a arte a um simples fenômeno pulsional, intelectual ou ao estudo da forma⁵⁶ – precisariam ser superadas por uma visão dialética da interação dos vários elementos produtores da reação estética. Além disso, defende a busca da especificidade da reação estética proporcionada por cada obra, que se liga à produção de um efeito emocional determinado pela intencionalidade do artista na interação dialética de forma e conteúdo (Vigotski, 1925/2001b, pp.3;26)⁵⁷.

Expondo essa concepção, a Parte II da “Psicologia da Arte” contém a análise de três gêneros literários: fábula em versos, tragédia e novela⁵⁸. A partir dos conceitos formalistas em

⁵⁵ Vale notar que Aristóteles (1996, p.36) já classificara em seis os elementos da tragédia: fábula, caracteres, falas, idéias, espetáculo e canto.

⁵⁶ Respectivamente: psicanálise, escola de Potiebný e formalismo, todas analisadas por Vigotski.

⁵⁷ A crítica vigotskiana aos formalistas (semelhante àquela feita por Trotski (1923/1973) a Shlovski), é uma ilustração do intenso debate existente entre simbolismo, formalismo e marxismo existente nos anos 1910-1920). Na “Psicologia da Arte”, a polêmica enfoca especialmente a teoria do verso e o modo pelo qual pode-se depreender que nada resulta dos simples estudos da forma, de *l’art pour l’art* (posição forte especialmente em Victor Shlovski, líder da Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética, que elaborou uma espécie de esteticismo, desprezando até o papel da emoção na arte). Mas o formalismo, posteriormente amadurecendo com Jakobson, encontrou como seu objeto fundamental o estudo da “literariedade” textual que já não opunha radicalmente forma e conteúdo, desprezando o segundo em benefício do primeiro (baseado em Amícola, 1997).

⁵⁸ Embora Vigotski classifique “Leve alento” como uma novela, o texto é, na verdade, um conto.

teoria da literatura, Vigotski constrói seu próprio método de análise⁵⁹. O autor entende que os recursos formais superam o conteúdo “real”, a *fábula* ou material, que serve de base à elaboração artística: existe um conflito entre forma e conteúdo, entre *enredo* (e outros aspectos formais) e *material*. Com base na teoria literária formalista, o autor (1925/2001b, pp.177-188) distingue o material (as relações do dia-a-dia, histórias, casos, ambiente, caracteres etc.) da forma da narração (a disposição do material segundo as leis da construção artística; a organização do material).

O material, dentro de suas propriedades naturais, pode ser descrito como uma linha reta. Mas a disposição artificial dos acontecimentos, que os transforma em enredo artístico e altera a seqüência cronológica, pode ser representada como curva. Tal idéia simboliza um conflito fundamental entre forma e conteúdo, do qual decorre a essência do efeito da obra literária: a forma luta com o conteúdo e o vence, tornando novo o material tomado ao dia-a-dia, universal e belo como retrato da existência humana.

Na “Psicologia da Arte”, como na monografia sobre o Hamlet, a obra de arte é vista por Vigotski como composta por duas linhas que se fundem no clímax da reação estética. Segundo Vigotski (1925/2001b, pp.144-146), na popular fábula do “Lobo e o Cordeiro”, por exemplo, uma linha (a do material) leva à morte do cordeiro e a outra (a do enredo) a afasta. Mas esta última, como constatamos no fim da fábula, é enganosa: o transcorrer da história apenas coloca o cordeiro mais próximo do seu fim. O leitor vivencia estas linhas com

⁵⁹ Esta seção da “Psicologia da Arte” tem alguns elementos em comum com a forma de análise presente no texto “A tragédia de Hamlet, Príncipe de Dinamarca”(1916/1999f, p.243-252). A monografia, procurando reproduzir a vivência do “Hamlet” por Vigotski, é algo análogo às descrições do impacto subjetivo produzido pelas diversas obras analisadas por Vigotski na “Psicologia da Arte”, pois apenas entremeando os fios da obra, os pormenores da composição e seu impacto vivencial no leitor que Vigotski encontra as razões do seu efeito catártico singular. Também na “Psicologia da Arte” duas fontes importantes de análise são a construção do texto em si e a vivência do texto pelo leitor.

expectativa, num aumento de tensão produzida pela obra, sem saber qual delas prevalecerá. Isto produz uma contradição emocional entre forma e fábula (suscitando como que movimentos corporais opostos, contrários, à maneira proposta por Darwin) que é responsável pelo impacto catártico, uma verdadeira síntese dialética desta luta, nova qualidade emocional produzida pela arte (Van der Veer & Valsiner, 2001, p.43). A interação do leitor com a obra gera-lhe novos complexos emocionais: ele introduz suas próprias expectativas e receios neste interjogo de forma e conteúdo; seu conflito interior indica que material e forma não se harmonizam numa obra de arte. São ambivalentes, tal como afirma Vigotski (1925/2001b, p.57) usando um vocabulário psicanalítico.

A ambivalência estrutural da obra está na própria disposição do material, organizada pelo autor. Sons, acontecimentos, significados, mudam quando dispostos em a, b, c ou b, c, a. Temos uma impressão diversa da mesma fábula caso a obra comece com a descoberta do cadáver ou uma perseguição. A forma luta com o conteúdo e o vence, resolvendo-se a obra numa fusão complexa destes dois planos. Conforme já explanamos, para Vigotski (1925/2001b, pp.182-198;261-262), a contradição emocional produzida pela reação estética vai muito além de uma co-emoção (como defendiam as psicologias da época), ou seja, de um mero acompanhamento da emoção da personagem. A obra produz sua emoção específica, que pode variar no teatro, por exemplo, de acordo com sistemas de representação teatral diferentes dirigidos a públicos distintos.

Em oposição ao subjetivismo presente na monografia sobre o Hamlet, o termo “reação estética” adquire um cunho objetivista na “Psicologia da Arte”. É quase como se a reação estivesse contida na obra, fosse seu espelho natural. Apesar disso, o texto não nega a

importância das experiências prévias do leitor, de sua necessidade de catarse e das formas de interpretação que adiciona ao texto. Vigotski não chega a detalhar como deveria ser o processo de formação de um leitor; que características pessoais seriam necessárias nele, ou como isto se relacionaria à composição da obra⁶⁰.

5.4 – A emoção na arte: leis da criação, energia e representação

Especialmente na “Psicologia da Arte” e em “La imaginación y el arte en la infancia”, Vigotski esboçou algumas leis psicológicas gerais que enunciam: 1) como se processam as emoções humanas; 2) como a arte, tanto na recepção como na criação, vincula-se a esta vida pela imaginação. Algumas idéias que o autor apresenta através dessas leis são ricas e impactam sua produção posterior. Contudo, precisamos submetê-las a uma rigorosa reflexão epistemológica, já que são bastante parecidas num primeiro olhar. O trabalho que apresentamos indicará os textos em que elas aparecem, que fenômenos descrevem e quais autores inspiraram Vigotski.

Embora a iniciativa de formular leis sobre as emoções já apareça claramente na “Psicologia da Arte”, a proposta teórica do bielo-russo, de edificar leis gerais sobre o funcionamento psíquico, surge, explicitamente, em 1927. Tratava-se de parte de sua psicologia geral, tal como vemos no seu grande texto epistemológico: “É evidente que nos encontramos diante de uma encruzilhada, tanto no que se refere ao desenvolvimento na

⁶⁰ Maiores considerações a respeito deste tema aparecem na “Psicologia Pedagógica” (1926/2001c), razão pela qual não devemos acreditar que a reação estética é de cunho completamente objetivo, processando-se de forma independente do leitor, de sua experiência e formação.

pesquisa quanto ao acúmulo de material experimental, à sistematização dos conhecimentos e à formação de princípios e leis fundamentais.” (Vigotski, 1927/1996j, p.203)

Nos anos seguintes (1928-1934), Vigotski procurará suprir a lacuna identificada. Apresentando os resultados das suas próprias pesquisas e de seus orientandos, o autor ocupará seus últimos anos de vida trabalhando métodos, conceitos e leis para sua teoria histórico-cultural.

Creemos que a inspiração para a idéia de se formular leis gerais para a psicologia seja materialista dialética, com destaque para a possível influência da “Dialética da natureza”, de Engels (1883/1979, p.34). Um dos focos centrais deste livro era a formulação de leis dialéticas que exprimissem não só os fenômenos da sociedade humana, mas também da natureza. A obra de Engels era inacabada e suas bases relativas às ciências naturais foram bastante questionadas. De todo modo, segundo Van der Veer & Valsiner (2001, p.217), editou-se o texto na União Soviética em 1925, seguindo-se considerável repercussão. Outros aspectos, já comentados, que devem ter influído no trabalho de Vigotski foram a própria visão-de-mundo da União Soviética, marxista e cientificista.

O assunto é pantanoso, e, como o filme de Sofia Coppola, *Lost in Translation*: contém problemas de tradução que podem induzir a confusões, levando até à multiplicação dessas leis. Mas, analisando a essência dos conceitos, defendemos que Vigotski diferencia apenas quatro leis referentes à vida emocional, todas em íntima relação com a vivência artística. Seriam elas:

- a) *Lei da dupla expressão dos sentimentos*: (idéia enunciada em “La imaginación y el arte en la infancia”, página 21, na “Psicologia da Arte”, página 263, e na “Psicologia

Pedagógica”): essa lei trata da expressão ideacional e corporal dos sentimentos.

- b) *Lei do signo emocional comum* (ou lei do signo emocional geral), termo que aparece apenas em duas traduções do mesmo livro: “La imaginación y el arte en la infancia” (Vigotski, 1930/1987), também traduzido como “Imaginación y creación en la edad infantil” (1930/1999b, p.15): essa lei trata da influência dos sentimentos na imaginação.
- c) *Lei da representação emocional da realidade*, ou *lei da realidade emocional da imaginação* ou *lei da realidade dos sentimentos (ou das emoções)*, ou *lei da sensação real na atividade da fantasia*⁶¹. Os termos são trabalhados respectivamente nas seguintes traduções: o primeiro em “La imaginación y el arte en la infancia” (1930/1987, p.23); os dois seguintes na “Psicologia da Arte” (1925/2001b, p.264) e o último nas “Conferências sobre psicologia” (1932/1999a, p.124). Essa lei trata do estatuto subjetivo da realidade dos sentimentos e sua expressão, a partir da relação com os demais processos psíquicos superiores e a realidade externa ao sujeito.
- d) *Lei do consumo unipolar de energia*: essa lei, já brevemente comentada, aparece apenas na “Psicologia da Arte” (Vigotski, 1925/2001b).

Essas leis em nada se diferenciam, epistemologicamente, de outros princípios da obra vigotskiana. Definindo propriedades, características particulares às emoções, são menos elaboradas que outros conceitos, métodos e aspectos fundamentais da concepção do autor,

⁶¹ Na “Psicologia da Arte”, esta última tradução teve como original: закон «реальности эмоций» (zakon “realnosti emotsi” – algo como “lei das emoções realistas” ou mesmo “lei da realidade das emoções”). Noutro trecho do mesmo capítulo, a expressão declinada é “законом реальности чувств” (zakonom realnosti tchuvstv, ou seja, lei dos sentimentos realistas ou lei da realidade dos sentimentos, Vigotski, 1925/1986, p.140). Já a lei da dupla expressão dos sentimentos, cuja tradução parece-nos correta, tem como original russo o termo: закон “двойной выражение чувство” (zakon “dvoynoi virajenie tchuvstvo”) (Vigotski, 1925/1986).

ou mesmo outras leis defendidas por ele⁶², apesar de serem conexas entre si, dotadas de sentido e importância na obra do bielo-russo.

As leis de que trataremos ilustram o modo como a psicologia da arte, para Vigotski (1925/2001b, p.249), depende de dois ou três campos teóricos: as teorias da percepção, sentimento e imaginação. Mas, para o autor, o cruzamento dos problemas da imaginação e do sentimento era o principal. Tanto que, à exceção do seu “Teaching about emotions” (1933/1999e), em vários textos que trabalham a questão dos sentimentos/afetos o autor tece considerações sobre esta relação (como veremos, por exemplo, no item 8.2.3), mostrando que o signo e a representação do objeto – a qual não passa de um dos aspectos do signo, em relação direta com a realidade extra-lingüística – é fundamental na produção do impacto catártico. Vigotski explica com maior vagar o vínculo entre fantasia e realidade ao enunciar suas leis e princípios sobre o processo imaginativo, cinco anos depois da “Psicologia da Arte”, no capítulo 2 do texto “La imaginación y el arte en la infancia” (1930/1987). Os autores com quem dialogou são bastante diferentes daqueles da “Psicologia da Arte” (1925), existindo, no trabalho de 1930, uma franca influência do livro de Théodule-Armand Ribot, “Essai sur l’imagination creatrice” (1900), que explora de modo muito consistente a influência do sentimento na imaginação e na criação. Espinosa (1677/2008) não é mencionado, mas se faz patente a congruência da argumentação vigotskiana com o surgimento das afecções do corpo no nosso encontro com os objetos ou suas idéias, do seu

⁶² Recomenda-se a análise de duas leis fundamentais para a teoria histórico-cultural, embasadas em trabalhos experimentais da Escola de Vigotski e de outros autores (como Kretschmer): 1) “Lei de estratificação” na história do desenvolvimento, e a 2) Lei de passagem das funções a um nível superior (Vigotski, 1931/1995, p.145). O bielo-russo repete, com as leis acerca da vida emocional, a prática de embasar as regularidades que ele denomina “leis” em dados experimentais e reflexões de outros autores.

caráter imaginativo e das mudanças corpo-mente daí decorrentes (ver o item 7.3 deste trabalho).

A terceira das relações entre imaginação e a realidade, tratada no mencionado capítulo dois, é a relação emocional. Essa relação tem uma dupla expressão – consolidando-se teoricamente com o que Vigotski denomina de *lei da dupla expressão dos sentimentos*⁶³. Seguindo a tendência anterior da “Psicologia da Arte”, os estados de ânimo, como as emoções, constituem-se tanto por manifestações corporais observáveis quanto por idéias, pensamentos, representações – embora, habitualmente, não saibamos de que modo nos sentimos. Sentimentos e estados de ânimo acabam por comandar nossos pensamentos e não necessariamente tomamos consciência disso.

Vigotski entende que a relação emoção-fantasia manifesta-se em dois sentidos opostos⁶⁴:

- a) Os sentimentos influem na imaginação: todo sentimento tende a manifestar-se em determinadas imagens concordantes com ele, associando impressões e idéias. Nossas

⁶³ O termo “lei da dupla expressão dos sentimentos” traz modificações importantes da “Psicologia da Arte” (1925/2001b) para a “Psicologia Pedagógica” (1926/2001c). No primeiro texto, o autor admite ter emprestado o termo “lei da dupla expressão dos sentimentos” de Zienkovski, autor sobre o qual nada localizamos. As emoções seriam, dialeticamente, tanto fantasia quanto expressão corporal. A emoção é uma energia com manifestações autonômicas (mímicas, somáticas, secretórias etc) e centrais, dadas na fantasia. Mas, na “Psicologia Pedagógica” (1926/2001c, p.360-361), Vigotski estende o conceito das manifestações corporais meramente autonômicas para outro aspecto: os movimentos voluntários do corpo. Essa discussão acerca da expressão emocional e do papel do impulso emocional na geração de fenômenos do sistema nervoso autônomo e dos sistemas voluntários de comportamento mostra a imaturidade da concepção neurológica da época (por exemplo: não se faz diferença entre movimentos voluntários e reações do sistema nervoso autônomo).

⁶⁴ “Los psicólogos han advertido hace mucho tiempo el hecho de que todo sentimiento posee además de la manifestación externa, corpórea, una expresión interna manifestada en la selección de pensamientos, imágenes e impresiones. Los psicólogos han designado a este fenómeno con el nombre de ley de la doble expresión de los sentimientos. Así, por ejemplo, el miedo no se manifiesta sólo en la palidez, en el temblor, en la sequedad de garganta, en la respiración entrecortada y los latidos de corazón, sino también además en que todas las impresiones que entonces recibe el hombre, todos los pensamientos que vienen a su cabeza suelen estar teñidos del sentimiento que le domina.” (Vigotski, 1930/1987, p.21).

representações condizem com o estado de ânimo que temos num determinado momento (o sentimento matiza a percepção dos objetos externos). Segundo Vigotski, “quando estamos alegres vemos com olhos totalmente distintos de quando estamos tristes.” (1930/1987, p.21)⁶⁵. Esta idéia consolida-se na “lei do signo emocional comum/geral”.

- b) A imaginação influi nos sentimentos: a realidade constitui origem do material semiótico da imaginação e do sentimento: para o autor, todo o material da imaginação sempre é extraído da realidade externa⁶⁶. Não há pura criação, mas sim imaginação reprodutiva e criadora, sendo que a segunda fundamenta-se na primeira. Nossa interação com a realidade externa, presencial ou representada, provoca-nos determinados sentimentos. A criação e a recepção da arte não são exceções: a imaginação do criador ou do apreciador realiza novas combinações dos elementos da realidade externa, independente da consciência. Histórias de sereias, unicórnios, bestas apocalípticas, por mais irreais que sejam, fazem analogia com o mundo dos homens e são combinações de elementos originados deste. Sua estrutura fantástica é constituída com base em materiais extraídos ao mundo externo, na lógica social das idéias, conceitos e sentimentos do homem, mais do que na experiência imediata. É a partir

⁶⁵ Ledoux (1996, p.193), neurocientista, confirma esse fato: o nosso estado de espírito determina as lembranças que ocorrem à mente, funcionando como uma espécie de “pista” para associações similares.

⁶⁶ O autor considera que, embora a arte seja construída com suportes significantes para as sensações externas, corporais ou a imaginação, não é preciso existir igualdade entre representação e realidade, pois a arte não é cópia nem reprodução da realidade: não precisa ser igual a ela, ser sua representação exata mas, sim, necessariamente verossimilhante – precisa fazer crer, ser plausível e, por isto, varia de época para época (essa idéia vigotskiana, segundo creio, apóia-se em Aristóteles e nas estéticas marxistas). O bom uso da técnica é imprescindível para essa verossimilhança, mas cada tendência estética, mergulhada num tempo social determinado, terá uma posição diferente sobre o tipo de representação do real a se adotar. Podemos dizer que a produção de efeitos emocionais decorre tanto dessa verossimilhança quanto da concepção estética que fundamenta sua formulação, podendo, a partir desse encontro singular, produzir vivências inéditas para o sujeito.

dessas relações que podemos compreender como, governando-se os pensamentos de uma pessoa, suas associações, seria possível provocar certos sentimentos – um dos fundamentos da reação estética.

A tal discussão relaciona-se a lei do signo emocional comum/geral, termo em que notamos forte influência de Ribot (1900, pp.32-33). Para o francês, amor, ódio, orgulho podem ser centros de atração que agrupam representações ou eventos: Vigotski denominou-os *signos emocionais da realidade*.

Mas se percebe uma *différence* entre Vigotski e Ribot: neste último, não existe expressão absolutamente idêntica a “signo emocional comum”, ou lei que lhe corresponda. Ribot escreve apenas que as representações ou eventos podem associar-se por uma “marque émotionnelle”⁶⁷. É Vigotski quem propõe uma lei do signo emocional comum, e, ao fazê-lo, refere-se indeterminadamente a outros psicólogos.

Com isso, nosso bielo-russo insiste, pela segunda ou terceira vez em sua obra, na existência de uma dimensão emocional impregnando processos como a imaginação e a memória; irredutíveis, pois, à relação externa, protocolar, entre significante, significado e representação, à lógica exterior das próprias imagens – mas sim à lógica dos sentimentos (expressão que Vigotski, presumivelmente, também empresta de Ribot, 1905/2005). Tal lei indica a plasticidade imaginativa do impulso afetivo: quando surge na forma desta ou daquela

⁶⁷ “Alegría, pesar, amor, odio, admiración, aburrimiento, orgullo, cansacio, etc., pueden servir de centro de atracción agrupante de representaciones o acontecimientos carentes de vínculos racionales entre sí, pero que responden a un mismo signo emocional, a una misma sinal: por ejemplo jubiloso, triste, erótico etc. Esta forma de asociación suele encontrarse con frecuencia em los sueños, en las ilusiones, o sea, en estados del espíritu en que la imaginación vuela con entera libertad y trabaja sin regla ni concierto. [...] esta influencia implícita o explícita del factor emocional debe propiciar el surgimiento de agrupaciones totalmente inesperadas y brinda campo casi ilimitado para nuevas combinaciones.” (Ribot, in Vigotski, 1930/1987, p.22). O trecho no francês pode ser consultado em Ribot (1900, p.32-33).

emoção, associa inúmeras imagens a partir da similaridade do efeito emocional que têm sobre o indivíduo – mesmo que esta seja a única relação existente entre elas.

A palavra “marque” também nos remete a *marcas emocionais* que relacionam agrupamentos de significantes: representações, impressões e idéias. Note-se que a tradução de “marque émotionnelle” é ambígua. Além de signo, vocábulos como impressão, caractere, rastro emocional (*empreinte, caractere, trace*) são traduções plausíveis (Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales, 2008). Avaliamos que essa encruzilhada semântica merece maior atenção, começando pela idéia traduzível como “*signo emocional*”.

Ora, para que algo seja considerado um signo, uma primordial exigência precisa ser cumprida: a existência de um significante e de um significado. Numa definição abrangente, muito semelhante àquela proposta na obra de Vigotski, Todorov (1972/2001, pp.102-105) descreve o signo como uma relação entre dois *relata*: um signo é uma coisa que substitui outra. Trata-se de uma entidade que *pode tornar-se sensível* e assinala uma falta nela mesma. Sua parte sensível é o significante; a ausente, o significado; a relação que mantêm é a de significação. É sempre institucional, pois existe pelo menos para um usuário, embora normalmente seja partilhado por um grupo de pessoas. Forma-se com pelo menos duas relações: a vertical, entre significante e significado, e a horizontal, do signo com todos os outros dentro de um sistema. A representação é o aparecimento de uma imagem mental correspondente ao significado, na mente do usuário.

Um exemplo simples: no signo verbal “maçã”, a sequência de letras é o significante. A representação mental pode ser de diversos tipos e tamanhos de maçã. Podemos afirmar que o significado seria a própria relação de substituição da coisa real pela palavra, num contraste

paradigmático do processo discursivo que define a categoria “frutas” e a fruta “maçã” – vermelha ou verde, de formato esférico, doce, portadora de certos nutrientes etc. Um mesmo significante pode, referindo-se a um ou a vários objetos, remeter a vários significados, bem como a diferenças de denotação e conotação; pedir a um feirante “Dê-me uma maçã” é diferente de dizer a uma mulher “Você é a maçã do meu paraíso!”. No primeiro caso, o significado enlaça o *referente* habitual na língua, a fruta. No segundo, o significado atribui ao referente implícito (esta mulher) as propriedades da fruta, ligadas ao simbolismo religioso de nossa cultura (o Jardim do Éden, o sexo, a delícia, o pecado etc).

Ora, extrapolando tal debate à tradução “signo emocional”, podemos relacionar esse campo de definição do signo às suas seguintes dimensões em Vigotski:

- a) O significante, como suporte sensível, poderia ser a associação de impressões/representações/idéias numa dada seqüência (*quaisquer* idéias). No caso em questão, elabora-se na vivência individual.
- b) O significado, ou seja, a falta assinalada no signo verbal (ou de outra ordem). Sem grandes certezas, acreditamos que Vigotski refere-se especialmente às propriedades vivenciais singulares da alegria, do amor, da culpa que, no seu caráter vago, são substituídas pelas associações de impressões/representações nas quais se expressam (admitindo que tais propriedades não surgem isoladamente na consciência). A emoção (o referente) seria, pois, o processo psicológico em-si, na sua natureza ante-predicativa que pode ser substituída no significante emocional, associativo, sem ser indispensável a existência de um ou outro vocábulo determinado. Trabalharemos mais este tema no item 10.2.2.

- c) A representação da emoção, que, neste caso, poderia ser também o próprio significante, a própria associação de imagens/representações. Não haveria uma representação isolada para cada emoção, embora possam existir símbolos padronizados culturalmente.

Quaisquer idéias, imagens, representações podem tornar-se, então, signos emocionais. Elaboremos um exemplo: na minha vivência, representações de entes tão díspares como “casa amarela” e “logaritmos”, podem associar-se, significando uma única emoção de terror. Essa emoção pode ter sido vivenciada em tempos diferentes de minha vida (numa casa amarela, fiquei aprisionada; no ensino médio, tive um traumatizante teste de matemática). Também, terror similar pode exprimir-se na associação entre referentes tão díspares quanto o filme Frankenstein e a sensação do perfume de eucalipto. Não se descarta, ainda, o fato de que podem ser utilizadas expressões e símbolos convencionais para representar as próprias emoções: “ficar acabrunhado”, “terror”, “tristeza”, a cor verde (para a esperança) etc.

Diferentemente do “signo” no sentido atribuído por Todorov, a idéia de “marque émotionnelle” parece não corresponder *stricto sensu* a um usuário engajado, a alguém que se apodera e *usa* o signo, ativamente. Ao contrário: se tomarmos dos sinônimos “empreinte, caractere, trace”, perceberemos que Ribot (e Vigotski) ressaltam o curso involuntário das implicações entre emoção e demais processos psicológicos. O signo ou o traço emocional é o aglutinador de elementos heterogêneos, pegadas das emoções que vivenciamos – o “trace émotionnelle” é, pois, um traço mnêmico, um híbrido de memória e afeto⁶⁸. Seu caráter

⁶⁸ Lembremos que Ribot participou da formulação das teorias modernas sobre memória e inconsciente, chegando, mesmo, a assistir às demonstrações hipnóticas de Charcot (Jacó-Vilela & Monteiro, 2005). Não conseguimos imaginar situações mais perfeitas para demonstrar a relação entre memória, afeto e linguagem.

involuntário pode ser constatado nos próprios verbos empregados na tradução de Vigotski (1930/1987): o sentimento *cobra* forma; *manifesta-se* em imagens concordantes com ele; como se pudesse *eleger* impressões congruentes consigo; sentimento e pensamento *movem* a criação. Já noutros pontos, o autor atribui à pessoa um papel mais ativo: esta aprende a *manifestar* exteriormente seu estado interior de ânimo, *simbolizando-o* – caso, por exemplo, da cor branca para a alegria, verde para a esperança.

Embora essa segunda tradução pareça-nos mais fiel ao texto ribotiano, a riqueza das idéias semióticas de Vigotski (bem como seu hábito de operar deslocamentos semânticos nos termos de outros autores) torna necessário que admitamos os dois sentidos, mutuamente complementares, no que se refere à expressão *signo emocional geral*. Para a teoria histórico-cultural, cremos que esses sentidos potencializam-se e se complementam. O processo psicológico aí descrito é claro, evidenciando uma concepção na qual os indivíduos não apenas criam um mundo de impressões e efeitos emocionais, mas também são criados por eles; não só os manobram, mas são por eles manobrados. Vigotski ressalta a mobilidade desse processo, considerando, através dele, o afeto como uma das fontes da construção dos signos pessoais e da criação de cultura.

Note-se: Ribot enfoca a “*marque émotionnelle*” como apenas um dos fenômenos que incluem o afeto entre nossos processos mentais. Sua “*Lógica dos sentimentos*” (1905/2005) defende a existência de outras formas de associação, apontando que as mesclas de intelecto e afeto é o mais comum em nossa vivência. Por exemplo: duas representações podem ter, além de um traço emocional comum, alguma outra relação (por exemplo, de similaridade: as palavras “morno” e “quente”, além de próximas pelo sentido, têm um efeito emocional

comum sobre minha imaginação). Chegamos, já, conceitualmente próximos da tão popular distinção vigotskiana entre significado e sentido: o autor comenta, por exemplo, que a existência dos signos emocionais, que podemos considerar como componente da textura do sentido pessoal, não anula o significado das palavras no idioma.

Outra lei vigotskiana é a “lei da realidade dos sentimentos”, que aparece pela primeira vez em Vigotski na “Psicologia da Arte” (1925/2001b) e na “Psicologia Pedagógica” (1926). Naquela, o ponto de partida é o debate vigotskiano sobre os trabalhos experimentais e as formulações teóricas de Witasek e Meinong⁶⁹. Witasek buscava distinguir a realidade dos sentimentos a partir dos processos cognitivos que lhes servem de base: no caso de o acontecimento ser fruto de um juízo real, teríamos um sentimento real; no caso de uma suposição, teríamos um sentimento imaginário. Vejamos um exemplo acerca do caráter de realidade que pode ser atribuído a um sentimento:

Alguns autores, como Witasek, por exemplo, interpretam esses sentimentos ilusórios como reais. “Talvez”, diz ele, “as diferenças que encontramos na prática entre sentimentos reais e imaginários possam reduzir-se exclusivamente ao fato de que os juízos constituem as premissas dos primeiros e as suposições dos segundos”. Poderíamos denominar esse pensamento de lei da realidade dos sentimentos e formular o sentido dessa lei mais ou menos da seguinte maneira: se confundo com uma pessoa um casaco que passou a noite pendurado no meu quarto, o meu equívoco é patente porque a minha vivência é falsa e a ela não corresponde nenhum conteúdo real. Entretanto, é absolutamente real o sentimento de pavor que experimento nesse ato. Assim, todas as nossas vivências fantásticas e irreais transcorrem, no fundo, numa base emocional absolutamente real. Deste modo, vemos que o sentimento e a fantasia não são dois processos separados entre si mas, essencialmente, o mesmo processo, e estamos autorizados a considerar a fantasia como expressão central da reação emocional. (Vigotski, 1925/2001b, p.264)⁷⁰

⁶⁹ “Meinong” é possivelmente Alexius von Meinong (1853-1920), psicólogo alemão de orientação holista, como Brentano, Lewin, os gestaltistas e von Ehrenfels (Sprung e Sprung, 2001, p.368)

⁷⁰ O exemplo é repetido em Vigotski (1932/1999a).

O trecho transcrito mostra-nos que, diferentemente da monografia sobre o Hamlet, onde não se tecem diferenças entre vivências reais ou irreais das personagens, na “Psicologia da Arte” existe uma diferenciação importante quanto ao estatuto de realidade dos processos psíquicos. Podemos interpretar, no referido trecho, que a vivência estética pode ser considerada como falsa quanto ao seu conteúdo (já que este não consiste numa descrição da realidade material e objetiva, existente independentemente da consciência, tal como postula Lênin, 1908/1982)⁷¹, mas o sentimento vivenciado ser inteiramente verdadeiro.

Então, dialeticamente, uma interação psicológica pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo – verdadeira para o sentimento, a fantasia, a percepção e falsa num nível mais complexo de integração das funções psíquicas, como a consciência de si e da realidade imediata em que o sujeito se integra. É possível, verificar, assim, que Vigotski atribui um sentido dialético para as idéias de Meinong e Witasek, enquadrando-as na sua própria concepção. Mas vale ressaltar que muitos autores conhecidos pelo bielo-russo subscrevem a idéia da verdade ou realidade dos sentimentos: caso dos fenomenólogos de forma geral, de Ribot, e mesmo de Espinosa (o qual não considera mesmo que as idéias de nossos afetos sejam conhecimento de qualquer coisa, além das mudanças do estado do nosso corpo).

Os diferentes termos – lei da representação emocional da realidade (ou lei da realidade dos sentimentos, ou lei da realidade emocional da imaginação) – descrevem basicamente os mesmos fenômenos. Mas “lei da realidade dos sentimentos”, tal como aparece na tradução

⁷¹ Lênin (1908/1982, p.96) considera a realidade objetiva como fonte da percepção; para ele, este é também um pressuposto básico do materialismo. A realidade objetiva (aí, compreendida especialmente como realidade natural, física) é-nos legada pelo mundo externo, não sendo possível negá-la, mas sim reconhecer sua independência com relação à consciência: na ordem de surgimento dos seres, para sua ontologia (com a qual Vigotski alinha-se sem grandes formalismos), a realidade objetiva é primária e a consciência é secundária.

da “Psicologia da Arte” (1925), é termo mais adequado para remover ambigüidades com respeito aos fenômenos descritos nas demais leis postas na obra de Vigotski. Ela define que a simples experiência de um sentimento é suficiente para que o consideremos real. Este sentimento pode ser suscitado em muitas situações, sendo que Vigotski dá mais atenção a duas delas: o equívoco cotidiano (como a confusão entre um casaco e uma pessoa estranha) e a vivência estética.

Uma outra lei visa a tratar das especificidades do consumo de energia, particularmente na reação estética. É a “lei do consumo unipolar de energia”, através da qual, para o autor, os sistemas de signos organizados nas obras de arte afetam a energia psíquica, revelando sua natureza semiótico-biofísica⁷². Num aporte psicológico monista e materialista, em que matéria e energia relacionam-se intimamente, Vigotski trabalha a idéia de que as emoções seriam explicáveis como uma forma de energia, fenômeno psicofísico com diversas manifestações, com dupla expressão, ideacional e corporal, além de uma qualidade especificamente emocional, irreduzível a estas dimensões isoladas⁷³. A catarse artística representaria a satisfação e transformação desta energia em processo especificamente humano e que, na arte, concentram-se em larga escala no sistema nervoso central. Mas, ainda sem a concepção de cérebro um pouco mais refinada do “Teaching about emotions”, Vigotski inspirou-se na reactologia de Kornílov (e secundariamente em Wundt) para propor

⁷² Com Blonski, Vigotski acredita que a estrutura do discurso determina até mesmo a forma como sentimos e respiramos, os aspectos periféricos da reação estética, que são, também, parte dela (1925/2001b, p.192). O autor chegou a realizar pequenos experimentos de leitura quando viveu em Gomel, após a Revolução (Van der Veer & Valsiner, 2001, p.44), em que se media o ritmo respiratório de indivíduos durante a leitura de obras literárias.

⁷³ “Por exemplo, se esfregarmos o olho com uma cebola é fácil provocar lágrimas mas isto não significa de maneira nenhuma que depois das lágrimas venha a tristeza. Compreende-se facilmente que neste caso suscitamos apenas um sintoma isolado [...] a tristeza não consiste em simples lágrimas mas em toda uma série de sintomas internos e externos que em dado momento estão ausentes.” (Vigotski, 1926/2001c, p.130)

referida lei. Segundo o autor:

a energia nervosa tende a gastar-se em um pólo, no centro ou na periferia; toda intensificação do dispêndio de energia em um pólo acarreta imediatamente o seu enfraquecimento no outro. A mesma coisa é descoberta em forma desarticulada por estudos particulares da emoção (Vigotski, 1925/2001b, p.265)

Aqui, o autor meramente aplicou as “leis gerais da psicologia, estabelecidas para qualquer reação sensomotora simples” (Vigotski, 1925/2001b, p.265) ao caso da reação emocional. Defendeu que toda reação sofre retardamento de curso quando se complexifica o momento central que dela faz parte. Assim são os fenômenos emocionais produzidos pelas artes, que geram a intensificação da fantasia e a vivência de emoções intensas, com acentuada atividade cortical, embora poucas manifestações externas, observáveis. As emoções da arte *resolvem-se* em imagens da fantasia – ou seja, se não se reduzem à fantasia, ganham forma através dela. Também aqui operam, pois, as idéias do autor sobre a lei da dupla expressão dos sentimentos.

6 – Emoções e vivências na teoria histórico-cultural: o contexto histórico soviético e os fundamentos da teoria vigotskiana

A chegada de Vigotski ao Instituto de Psicologia de Moscou vai transformando profundamente a sua obra. Seu projeto central, a formulação de uma psicologia marxista, espalha-se por um amplo território de pesquisa e reflexão que Luria denomina, como comentamos na Apresentação deste trabalho, de *teoria histórico-cultural*. Acontece um movimento de persistência e ruptura teórica, com a criação de novas simultaneidades, novos métodos de abordagem dos fenômenos psíquicos e conceitos sobre a sua formação. Embora a “Psicologia da Arte” (1925) já trouxesse um enfoque original, marxista, da psicologia, o grande salto teórico-metodológico, já bastante completo, evidenciou-se em 1928, quando Vigotski e Luria publicaram “Problema kul’turnogo razvitiia rebenka” na revista “Pedologia” (Van der Veer & Valsiner, 2003, p.206). O primeiro livro a ser reconhecido como expressão da teoria é o “Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança” (1930). O psiquismo humano, abordado a partir desses fundamentos, ganha uma nova ontologia.

Mas Pavlov, Blonski, Bekhterev eram ainda as figuras mais importantes para o pensamento psicológico russo: conforme Bauer (1952 pp.55-56), Krupskaja, a viúva de Lênin em carne-e-osso, em 1928 ainda dotada de voz ativa na educação, considerava que a ciência dos reflexos tornaria possível o entendimento da relação entre fenômenos materiais e psíquicos. Na época, uma teoria já bastante sofisticada: Bekhterev estendera seus estudos à pedologia, à psicologia industrial, aos grupos animais e humanos, aos pacientes psiquiátricos.

Ao longo dos anos 1930, contudo, a psicologia histórico-cultural foi crescendo de importância (veja-se a grande comoção causada pela morte de Vigotski, conforme A.A. Leontiev, 2005) e transpondo-se à prática – razão fundamental para a perseguição crescente ao ideário e aos discípulos ligados ao bielo-russo.

A multiplicidade de problemas tratados nas obras da Escola de Vigotski desta época é espantosa. Neste universo, diminui a proporção do espaço dedicado à psicologia das vivências e emoções, embora Vigotski procure sempre acomodá-la no quadro mais complexo de sua teoria histórico-cultural. Mas, de fato, muitos autores apontam que as emoções eram um dos principais interesses dos seus derradeiros anos de vida. A última fase de sua exploração científica associou-se ao desenvolvimento do problema do afeto e seu encontro com o intelecto (segundo Bozhovich, 1988/2004, p.24; Shuare, 1990, p.81; Golder, 2004; A.A. Leontiev, 2005). Suas últimas preleções ressaltam o significado vital das emoções na sobrevivência, na consciência e na ação, idéias que, de algum modo, atravessam sua obra e se encaixam no novo quadro teórico por ele construído.

Os trabalhos do autor tendem a apresentar as discussões sobre as emoções e vivências de modo esparso, às vezes com breves referências que não poderão ser compreendidas senão no interior de seu projeto teórico e das idéias e necessidades fervilhantes da nova psicologia. Não se poderá, também, dar seguimento a este trabalho de doutorado sem a apresentação de uma brevíssima síntese de sua teoria. Estes últimos anos de vida de Vigotski quase coincidem com os do Primeiro Plano Quinquenal (1928-1933), no interior de um período mais amplo que podemos denominar, com base em Netto (1982), como de exclusão das alternativas à autocracia stalinista e o início da II Guerra Mundial (1928/1929 a 1939).

6.1 – Uma introdução à produção vigotskiana

Beneficiando-se da relativa abertura política dos anos 1920, o enfoque histórico-cultural estruturou-se nos últimos anos de trabalho de Vigotski (1928-1934), com a participação de muitos colaboradores, cujo material de pesquisa ele utilizou. A teoria histórico-cultural marca uma ruptura definitiva do autor com as anteriores misturas e ecletismos elaborados com a ciência dos reflexos e a psicanálise, entre outros enfoques. Ao mesmo tempo em que cresce e se encorpa, cria novos problemas, alguns dos quais o próprio autor não chegou a responder satisfatoriamente, dada sua morte precoce.

Sua teoria tem um tecido incrivelmente complexo, fundado na lógica dialética: cada problema, conceito e método relaciona-se a um diferente domínio de fenômenos psíquicos que o autor propõe-se a estudar, os quais se encaixam num conjunto bastante harmonioso. Não pretendemos, aqui, estudá-la de modo aprofundado, mas apenas sintetizar seus métodos, estruturas e conceitos mais gerais, além dos aspectos nos quais tais configurações importam para as reflexões sobre as vivências e emoções na obra do autor.

O grande problema articulador da teoria histórico-cultural foi o estudo das formas especificamente humanas de psiquismo. A consciência, seu desenvolvimento e funcionamento como sistema de funções psíquicas, para muitos (como A.N. Leontiev, 1996), foi o objeto de sua psicologia *per se*, como ciência das formas mais complexas de comportamento.

Vigotski (1927/1996j) tece a crítica das psicologias que tomavam como referência o homem adulto normal. Nega, fundamentalmente, que qualquer teoria possa ter uma única

fonte epistemológica: a psicopatologia e a psicologia animal, por exemplo, deveriam ser apenas ciências particulares, e não modelos para a psicologia como um todo. Nos “Estudos sobre a história do comportamento” (1930/1996), Vigotski e Luria planejavam reconstituir a transformação das formas mais simples em mais complexas de comportamento. A partir dos experimentos de Köhler, os autores acreditavam ter encontrado o elo perdido do intelecto prático das crianças nas reações intelectuais de chimpanzés submetidos a experimentos. Neste contexto, os autores estudaram, simultânea ou sucessivamente, o desenvolvimento genético das funções psíquicas superiores especiais, em conexão com o uso de signos e ferramentas mediadoras: percepção, atenção, memória etc.

A tarefa de Vigotski & Luria (1930/1996, p.53) era demonstrar a especificidade de cada fonte particular de sua psicologia; discriminando seus traços distintivos, formadores de aspectos universais do desenvolvimento cultural humano, que Vigotski veio a chamar de *psicologia geral*. Para o autor, a gênese da transformação do comportamento humano deveria ser objeto de análise de uma psicologia evolucionária (estudos comparados de humanos e animais; enfocando uma evolução biológica), da ontogênese das funções psíquicas superiores (o desenvolvimento infantil, ou ontogênese das transformações da biologia pela cultura) e também de sua história social, que resulta na transformação gradual do homem primitivo no homem cultural moderno (Vigotski & Luria, 1930/1996, p.151)⁷⁴. As passagens de uma modalidade de comportamento a outra se devem a novas formas de atividade mediadora, especialmente aquelas que implicavam no uso de signos e instrumentos. Eis o seu *enfoque*

⁷⁴ Uma categoria dialética fundamental na compreensão do pensamento de Vigotski é a de superação: passagem ou mudança de qualidade. As mudanças produzidas pelo ser social induzem a formação de um novo sistema psíquico, dotado de propriedades que não se reduzem às dos demais primatas. A superação das leis biológicas não pode ser tida como repentina ou casual: demanda um longo processo de acumulações quantitativas e saltos qualitativos, regressões e saltos dialéticos.

genético. Vigotski considera a infância como momento privilegiado para a observação ontogenética, pois em tal época tensionam-se, de forma mui particular, cultura e biologia, processo complexo no qual as funções superiores formam-se sucessivamente, em que a cultura apóia-se na biologia e a transforma⁷⁵. Para isto, contribui especialmente a apropriação de técnicas culturais e/ou meios auxiliares de relação com outros homens e a natureza.

Vigotski & Luria (1930/1996) defendem que, das formas mais simples, primatas, de comportamento baseado na estrutura percepção-reação, o comportamento vai se transformando e adquirindo novas configurações estruturais. Os autores, comparando pessoas de sociedades culturalmente simples (os primitivos)⁷⁶ com antropóides e também com humanos de sociedades complexas (“culturizadas”, “cultas”), negam preconceitos básicos sobre a suposta inferioridade do primitivo, que atribuíam as diferenças existentes entre primitivos e civilizados à biologia.

É nesse contexto epistemológico que Elkonin (1996, pp.387-397) reputa Vigotski como criador do método genético-experimental, o qual, essencialmente, consistia na aplicação dos mesmos experimentos (atividades) com crianças, adolescentes e adultos de diversas idades. Tornou-se possível, com isso, criar um modelo do surgimento e

⁷⁵ Um exemplo: Bozhovich (1987, p.251) destaca que, no desenvolvimento ontogenético, a memória e o pensamento sucedem a percepção, principal função desenvolvida na primeira infância. Tais funções psicológicas encontram períodos ótimos para sua formação na infância, transformando-se, na idade adulta, em estruturas cerebrais interligadas, geradoras de uma consciência operando em concerto.

⁷⁶ Quanto à análise da expressão “homem primitivo” em mais de uma obra do autor (Vigotski & Luria, 1930/1996; Vigotski, 1931/1995; 1994a), é razoável afirmarmos que Vigotski referia-se especialmente aos membros de sociedades iletradas, possivelmente restritas ao domínio do que Heller (1991) denomina de objetivações em-si: linguagem (oral), uso de instrumentos, costumes que regulam as interações sociais, enquanto que as sociedades “culturizadas” designam aquelas em que se desenvolveram as objetivações para-si (arte, ciência, filosofia, moral e política). No caso de Vigotski, a idéia tem um acento ligado à modernidade civilizada, que excluiria, por exemplo, a Grécia Clássica. Acreditamos que essa classificação refere-se, portanto, à disponibilidade de meios culturais, tema central das reflexões na União Soviética dos anos 1920 que, como vimos, contava com dezenas de milhões de analfabetos com vida agrária, desafio ao qual a psicologia e a educação deveriam responder.

desenvolvimento de várias funções, forjando conceitos teóricos gerais acerca do desenvolvimento psíquico (Elkonin, 1996, p.399). Podemos acrescentar, ainda, as pesquisas experimentais planejadas para comparar o desenvolvimento psíquico de coletividades, como as expedições de Luria à Ásia Central, cuja população era transportada repentinamente de uma sociedade feudal a uma incipiente república socialista, sofrendo mudanças econômicas e educacionais que a tornavam laboratório de uma espécie de experimento histórico-cultural (Kozulin, 1990, p.130).

Uma outra fonte de compreensão das funções psíquicas, para Vigotski, foi o estudo psicopatológico. Comparava-se: 1) o desenvolvimento nas crianças biologicamente normais e deficientes⁷⁷; 2) as lesões cerebrais locais, adquiridas, que desorganizam os processos neurológicos, criando formas diferentes de atividade consciente (pois, no indivíduo adulto biologicamente normal, tais funções são tão interdependentes que é difícil estudá-las separadamente); 3) das “doenças mentais” (como a esquizofrenia e a histeria). Todos esses fenômenos mostravam a gritante diversidade do psiquismo humano, que ele pretendia acolher em sua teoria. Utilizou também observações clínicas com crianças, adolescentes e adultos, mesmo que não fossem portadores de psicopatologia ou apresentassem dificuldades de desenvolvimento. A literatura e o teatro nunca deixaram de ser objeto de suas preocupações ou fontes de sua abordagem, compondo parte da ciência que o autor e seus discípulos então edificavam.

⁷⁷ A idéia não chegava a ser nova. Vigotski (1934/2001a) comenta como Claparède associou a pesquisa de crianças normais e anormais com o estudo experimental de pessoas adultas. E Ribot (in Jacó-Vilela & Monteiro, 2005, p.11) também advogou o estudo da psicopatologia entendendo que a enfermidade é uma espécie de experimentação. Vigotski entendia que a psicopatologia sempre proporciona uma reunião das pesquisas anatômico-fisiológicas e as psicológicas, as quais trouxeram as emoções para um primeiro plano da psique humana (Vigotski, 1932/1999a, p.103).

Além do enfoque genético, há o *funcional* e o *estrutural*. Segundo Shuare (1990, pp.78-80), o enfoque de Vigotski encara a consciência como função, que se desenvolve principalmente no processo de realização da atividade produtiva (o trabalho). O enfoque estrutural, inspirado em múltiplos autores (especialmente nos psicólogos da Gestalt, populares na Rússia do final dos anos 1920; em Kretschmer e outros) valoriza o conhecimento do psiquismo como unidade sistêmica, feito de relações com a realidade que não se encaixam num simples vínculo associativo, de estímulo-resposta.

No Quadro 2, indicamos os textos principais desta discussão:

<i>QUADRO 2: TEXTOS IMPORTANTES PARA O DEBATE SOBRE EMOÇÕES E VIVÊNCIAS NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL (1928-1934)</i>	
1926/2001c – Psicologia Pedagógica	
1929/2000 – Manuscrito de 1929	
1930/1996 – Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança	
1930/1991g – Sobre los sistemas psicológicos	
1931/1995 – Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores	
1930-1931/1996f – Paidología del Adolescente	
1932/1999c – On the problem of the psychology of the actor's creative work	
1932/1999a – Conferência: As emoções e seu desenvolvimento na infância	
1932-1934 – Problemas de la psicología infantil (1996i) ⁷⁸	
El problema de la edad (1996h)	
El primer año (1996g)	
Crisis del primer año de vida (1996c)	
La infancia temprana (1996d)	
La crisis de los tres años (1996a)	
La crisis de los siete años (1996b)	
1933/1994a – O brinquedo e seu papel no desenvolvimento	
1934/2001a – A construção do pensamento e da linguagem	
1935/2008 – A questão do meio na pedologia ⁷⁹	

⁷⁸ Textos também estudados na tradução norte-americana como: "Problems of Child (Developmental) Psychology" (1998c).

6.2 – *Instinto, impulso e emoção: filogênese, funções e destinos do impulso*

A temática que intitula este capítulo intrigava Vigotski desde o início de sua produção em psicologia, ainda enfeitada pela ciência dos reflexos, nos anos 1920. Nos limites de nossa leitura, podemos afirmar que ela já transcende os domínios da psicologia da arte, assumindo proporções importantes, na “Psicologia Pedagógica” (1926/2001c). Posteriormente, sofre a revolução epistemológica da perspectiva histórico-cultural, acomodando-se no novo quadro teórico do autor durante os anos 1930.

A “Psicologia Pedagógica” (1926/2001c) é um fruto dos anos de formação de Vigotski na psicologia, anterior à consolidação do trabalho experimental dele e de seus colaboradores; está, pois, na pré-história da referida perspectiva. Livro de divulgação das psicologias dos anos 1920 para professores, Van der Veer & Valsiner (2001c, p.61) sustentam que foi, possivelmente, redigido em 1924, embora publicado em 1926. Demonstra uma série de preocupações com a psicologia humana e animal das emoções que vão se reapresentar durante toda a estruturação da perspectiva histórico-cultural: seu papel na atividade, sua relação com os instintos, a concepção das emoções como um tipo determinado de reação, sua natureza filogenética⁸⁰.

Vigotski inclui as emoções entre os tipos de instintos/atividade instintiva, tratando-as em termos de “comportamentos emocionais”, de base hereditária. Sua terminologia reflexológica não chega a destoar da “Psicologia da Arte”, em que ela aparecia relacionada

⁷⁹ Originalmente publicado no livro “Fundamentos de pedologia” (1935) por M.A. Levina (Vigotski, 1935/1994b, p.353).

⁸⁰ Comparando a tradução de Paulo Bezerra (Vigotski, 1926/2001c) com o original russo (Vigotski, 1926/1991c), notamos que os termos “emoção” e “sentimento” foram traduzidos regularmente de *emotsia* e *tchuvstvo*.

com a análise da reação estética. Persiste comentando Darwin, mas, desta feita, também D. Baldwin e V.A. Vagner ocupam lugares importantes. Da psicologia animal de Vagner, em particular, o autor tomou a noção de que instintos e reações intelectuais têm o reflexo (incondicionado) como ancestral evolucionário (Vigotski, 1926/2001c, p.215): seriam estas as três formas básicas de conduta hereditária.

O termo instinto, na psicologia da época, aparece-lhe como uma espécie de “saco-de-gatos”, cujo uso era abrigar todo o inexplicável da conduta humana (Vigotski, 1926/2001c, p.80). Sem especificar fontes, o autor afirma que instintos e emoções confundiam-se como mesma modalidade de comportamento. Opera, então, uma diferenciação: as emoções são *subclasse* dos comportamentos instintivos. E avança um passo para além das psicologias consumidas pela dicotomia inato-adquirido: considera que a diferenciação de emoções e instintos teria lugar apenas através do desenvolvimento cultural.

Na “Psicologia Pedagógica”, os instintos são processos comportamentais indeterminados que têm duas fontes de estimulação possíveis, interdependentes: 1) o próprio interior do organismo (eis aí a dimensão de *apresentação* do instinto, mormente como sinal de necessidade); 2) os estímulos externos, como os que desencadeiam raiva e medo. A natureza do instinto, em Vigotski (idem, pp.92-93), é abordada na dupla condição de *impulso mediador* da satisfação de necessidades orgânicas, colocando o organismo em condições de satisfazer tais necessidades (que, quando bem sucedidas, implicam numa satisfação e descarga impulsiva, reação interna do organismo), como também *modalidade de comportamento*, classe geral indeterminada, o comportamento instintivo. As reações instintivas poderiam modificar-se, surgir e se desenvolver com a idade e a periodicidade natural. Ao pensar o instinto como

modalidade de comportamento, Vigotski toma-o como uma reação do organismo em seu todo, enquanto o reflexo seria a resposta de órgãos particulares, séries intrincadas de comportamentos coordenados (conforme Van der Veer & Valsiner, 2001, p.63, à semelhança do que fora definido na “Psicologia da Arte”). A dupla condição enfocada coloca-nos diante de um problema que já surgira antes: a relação entre ação e energia.

O instinto acaba podendo configurar-se como estímulo (interno) e resposta (externa) ao mesmo tempo. Isto se acomoda na visão vigotskiana da época, para a qual o comportamento consiste em cadeias de reflexos: uma resposta do organismo torna-se excitante da outra, seja do mesmo organismo ou de outro. Nelas, o instinto pode, pois, ser tanto fonte de estimulação quanto resposta a outro estímulo de origem externa ao organismo. Mais uma demonstração do monismo vigotskiano, que torna homogênea a substância da vida psicológica. É mais difícil, contudo, compreendermos as implicações desse fato para as relações entre comportamento e energia: podem ser distintos na forma de sua apresentação (pública, vivencial), embora iguais na sua essência neurológica, já que o comportamento nasce como impulsos nervosos nas áreas motoras do cérebro? Os instintos são, num nível neurológico, estes impulsos constitutivos da atividade (na sua dupla natureza vivencial e motora) tal como percebidos pelo sujeito humano? Não temos uma resposta clara na obra do autor e, quiçá, nem nas ciências da atividade nervosa superior então existentes.

A dupla condição de abordagem do instinto acaba por atravessar, também, as idéias de Vigotski sobre as emoções. Ao comentar as concepções de William James e Hugo Münsterberg, Vigotski aborda as emoções tanto como *reações* bem demarcadas, evolutivamente inferiores e antigas (ódio, medo), quanto um *tom emocional geral* que impregna

a conduta, uma espécie de energia dotada de representação psíquica que aparece sutilmente ou não se mostra. Ou seja: oscila entre considerar as emoções como um processo impulsivo que plasma as reações do psiquismo (idéia que vai ganhando mais espaço na “Psicologia da Arte”) ou comportamentos humanos bem delimitados e similares aos animais (acepção de William James, que influencia bastante Vigotski neste livro). Para Vigotski, as formas externas dos movimentos emocionais iriam se debilitando e atrofiando, perdendo a clareza externa de sua manifestação (idem, pp.134;138), numa idéia plenamente condizente com sua lei do consumo unipolar de energia. Desenvolve-se pela educação a riqueza interna, o caráter vivencial da emoção, e também sua pluralidade de manifestações comportamentais⁸¹.

Pela sua relação estreita com as necessidades orgânicas, os comportamentos emocionais e os instintos de forma geral são também dotados de outro aspecto que afeta o engajamento do organismo na ação; um efeito regulador do impulso emocional: a vivência de prazer-desprazer. Vigotski (1926/2001c, pp.136-139; 1925/2001b, p.311) indica que, como reação secundária, a emoção é chamamento ou renúncia à ação, mantendo, até nos humanos, seu papel de preparar os órgãos internos e de regular uma relação de equilíbrio ou desequilíbrio com o meio, vantagem ou desvantagem orgânica (expressa como vivência de prazer-desprazer); sentimento de força e satisfação, em que o organismo

⁸¹ Ressonância da “Psicologia da Arte” em que, como vimos, as emoções humanas são vistas como emoções inteligentes, concentradas no sistema nervoso central. Vigotski (1926/2001c, p.97;136) comenta, por exemplo, que as vivências sexuais são marcadas por uma unidade de representação, de idéia/fantasia e de excitação em certos órgãos; era, pois, tanto central quanto periférica. Repete-se ainda a existência de uma *dimensão intrapsicológica* em cada processo mental, vinculando, por exemplo, sensação corporal e sentimento.

sente sua superioridade perante o meio (1926/2001c, p.136)⁸², ou o contrário.

Apesar da concepção eminentemente reflexológica da “Psicologia Pedagógica”, Vigotski antecipa algumas idéias importantes na formação da psicologia histórico-cultural das emoções. São elas:

- a) Opõem-se sentimento humano e instinto animal, sendo que o primeiro tem antecedentes filogenéticos no segundo. Num trecho sobre sexualidade: “A partir do exato momento em que esse instinto [sexual – G.T.] é direcionado para uma pessoa determinada e como que se extingue em relação às demais ele deixa de ser instinto animal para tornar-se sentimento humano” (Vigotski, 1926/2001c, p.99). Inspirado por Platão, nota que a tensão entre o vil, o rasteiro, e o nobre coexistem no instinto sexual (em Eros – Vigotski, 1926/2001c, p.102). O enobrecimento do instinto seria parte de sua humanização. O fundo ideológico é claro: Vigotski, monogâmico homem do início do século XX, defende o amor como afeto exclusiva e superiormente humano. Existiria, pois, um processo de culturização do instinto, aí apresentado na forma inicial da emoção sexual relativamente indiscriminada. Uma causa possível para esta mudança seria a ineficácia das formas animais de comportamento para as necessidades do organismo humano, seu caráter menos adaptativo que as novas formas de reações conscientes. Haveria que se encontrar formas mais complexas e produtivas de reação baseadas nelas, na experiência individual e cultural, de modo a

⁸² A fonte imediata para esta idéia é “O novo em reflexologia e fisiologia do sistema nervoso” (1925) de Hugo Münsterberg (1863-1916), que estudou com Wundt em Leipzig, tornando-se professor e psicólogo experimental em Harvard e Berlim. Sua obra, com destaque para a psicologia aplicada, versou sobre a psicologia industrial, médica, artística e educacional, adquirindo um perfil funcionalista (Domingue & Rardon, 2002).

repor os instintos de acordo com as condições do meio⁸³.

- b) Existe uma diferença *metodológica* entre a observação externa do sentimento e a vivência de um sentimento, ou seja, entre o caráter subjetivo do sentimento para o homem que o experimenta e o observador das suas manifestações externas (Vigotski, 1926/2001c, pp.131-132). A idéia antecipa discussões do método histórico-genético, que nega a mera descrição das vivências como forma de compreender a natureza de um comportamento.

Na “Psicologia Pedagógica”, a discussão, não mais sobre a filogênese, mas sobre os destinos do instinto no comportamento humano faz-se com uma curiosa mistura conceitual entre Freud (de tal modo que os instintos sexuais são a principal modalidade instintiva em discussão), Thorndike e a ciência dos reflexos russa⁸⁴. Os instintos (e sua subclasse, as emoções), no tocante à sua dimensão impulsiva, poderiam ser redirecionados: idéia que, quanto aos instintos, Vigotski baseia em Thorndike e Freud; quanto às emoções, na ciência dos reflexos condicionados (Vigotski, 1926/2001c, p.145). Em texto também datado de 1926, o autor reproduz uma analogia de Thorndike: se é insalubre e perigoso operar uma repressão dos instintos das crianças; se é impossível reter o rio Niágara num simples lago, o educador poderia, no entanto, construir novos canais e obrigá-lo a fazer girar as rodas das

⁸³ “É de suma importância o animal fugir instintivamente ao defrontar-se com o perigo. Contudo, nos últimos séculos as condições de vida mudaram de tal forma que, diante do perigo, a fuga instintiva não é, de modo algum, uma reação útil ao homem. Ao coelho é útil o fato de suas orelhas se levantarem e todo o corpo tremer ao mínimo ruído, pois isto o protege do caçador [...] mas para o homem nem sempre é útil empalidecer, começar a tremer e perder a voz diante do perigo”. (Vigotski, 1926/2001c, p.94)

⁸⁴ Mistura teórica relativamente comum na psicologia soviética d’então, cujo foco estava nas noções de instinto/impulso. Para citar um exemplo: Zalkind, responsável pelo setor de psicopatologia do Instituto de Psicologia de Moscou (e pela ponte ideológica com a *intelligentsia* soviética, conforme Van der Veer & Valsiner, 2003) foi um psiconeurologista que buscou sobrepor condutismo, reflexologia e freudismo (Elkonin, 1996a, p.45). Consta que Trotski em pessoa, no início dos anos 1920, era favorável ao diálogo entre pavlovismo e psicanálise.

fábricas a serviço do homem (Vigotski, 1926/1999d, p.177). Outras palavras para a sublimação freudiana, que o autor encarava com simpatia nessa época: o desvio de certas tendências naturais para atividades socialmente úteis (Vigotski, 1926/2001c, pp.96-100). Tipos inferiores de energia poderiam, assim, tornar-se culturizadas, superiores, através de um processo de deslocamento, como alternativa ao conflito neurótico. A cegueira dos instintos deixa seu efeito daninho e se introduz no campo geral da consciência.

Vigotski defende a transferência do sentimento entre objetos, baseando-se na de estímulos, sem atribuir importância à linguagem e ao pensamento neste processo (fato que será sempre levado em consideração na teoria histórico-cultural)⁸⁵. Esta crença nos princípios da ciência dos reflexos permite-lhe afirmar que um sentimento egoísta, como o medo, caso seja redirecionado para outros estímulos inicialmente neutros, pode tornar-se base de sentimentos sociais mais amplos e profundos: o que persiste em obras posteriores, mas apresentadas no vocabulário histórico-cultural.

* * *

Anos depois, as características do comportamento reflexo (incondicionado e condicionado) e dos instintos (mormente a dimensão impulsiva destes últimos) não desapareceram da obra de Vigotski, mas sua operação foi subsumida a formas mais complexas de comportamento. As emoções deixam de ser enquadradas entre as formas do

⁸⁵ Essa forma instintiva é apresentada como energia sem aproveitamento, que pode ser canalizada para as atividades do organismo não diretamente ligadas à satisfação do instinto, ou seja, podem ser fonte para formas mais complexas de reflexo condicionado. Em todo o livro, o instinto humano não tem formas rígidas, estabelecidas, mas pode, como um motor, transmutar-se em várias formas de atividade (1926/2001c, p.92-93), em vários tipos de energia.

instinto, integrando-se na problemática das funções psíquicas superiores.

Importantes textos histórico-culturais, posteriores à “Psicologia Pedagógica” (Vigotski e Luria, 1930/1996; Vigotski, 1931/1995; 1932/1999a), tratam os instintos como forma hereditária de comportamento e os separam das emoções nos sistemas psicológicos culturizados, tendendo a nelas integrar sua dimensão impulsiva. Vários trabalhos são marcados pela presença de uma nova e importante etapa de desenvolvimento: a *vontade*, o domínio da própria conduta, que se opõe às reservas biológicas de desenvolvimento, inferiores, da conduta animal; quarta etapa especificamente humana e qualitativamente nova que se diferencia das puramente biológicas (Vigotski, 1931/1995, pp.158-159). A reboque de Karl Bühler, o bielorusso, desta feita, classifica essas etapas em três (que aparecem tanto na filo quanto na ontogênese), as quais corresponderiam também a uma estratificação cerebral da conduta (idem, pp.129-132;144):

- a) Instintos: modos inatos de comportamento. Sequências comportamentais geneticamente programadas, com função de autopreservação e reprodução. Nem todos os instintos amadurecem precocemente – é o caso dos que se ligam à reprodução. Servem como meios de adaptação a situações ambientais mais ou menos constantes.
- b) Adestramento/treinamento/reflexos condicionados⁸⁶: provém da experiência individual do animal, da associação de reações inatas, mas se transforma num mecanismo de adaptação mais flexível. Formas simples de adestramento podem ser

⁸⁶ A tradução do russo ao espanhol (Vigotski, 1931/1995, p.144) traz os termos adestramento ou reações condicionadas. A idéia engloba as reações simples que podem ser aprendidas, num sentido amplo que behaviorismo atual denominaria tanto de condicionamento reflexo, quanto de formas simples de condicionamento operante.

encontradas em insetos, embora sejam típicas de vertebrados.

- c) Intelecto ou reações intelectuais: vinham sendo identificadas entre macacos antropóides. Conforme Vigotski, Karl Bühler desenvolveu a idéia desta etapa pela similaridade entre suas observações de crianças e os experimentos de Köhler com primatas. Este último sustentava que os primatas apresentavam reações inteligentes, ausentes em outras espécies, como a utilização de objetos para alcançar outros objetos; reações possíveis pela sua associação no interior de um determinado campo visual, consistindo numa modalidade de comportamento não aprendida pelo animal.

Há diferenças marcantes entre essa classificação e aquela que o autor utilizava na “Psicologia Pedagógica” (1926/2001c), baseada em V.A. Vagner. No esquema de Bühler, os reflexos condicionados são considerados evolutivamente mais recentes, mais elaborados e dependentes da experiência individual do que os instintos. Estes passam a ser vistos como comportamentos padronizados e os reflexos condicionados, não. Vigotski repudia a teoria anteriormente acolhida, afirmando que não é o reflexo que origina o instinto, mas sim o contrário.

Existe, especialmente na “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores”, uma clara tendência do autor a separar os conceitos de emoção e instinto. Mas, ainda coexistem as duas condições de abordagem do instinto: *impulso mediador* e também *modalidade de comportamento*, uma classe geral indeterminada, o comportamento instintivo, característico de animais e bebês pequenos. Nos homens, se considerados como impulsos, os instintos acabam sendo integrados em novas formas de comportamento: as funções psíquicas superiores (mormente as emoções), cujo caráter é sempre cultural e social.

La psicología dinámica actual aspira a conocer la base energética de las diversas formas de conducta. Dos psicólogos, en una serie de cambios de las formas del instinto, por ejemplo, ven la acción del lenguaje infantil en el desarrollo y su influencia sobre la conducta, que ofrece un gran interés para nosotros por su relación con el problema de la voluntad. Volveremos a este tema más adelante. La cuestión fundamental que plantean los psicólogos es clara y evidente para nosotros. Por ejemplo, el hombre moderno se dirige a un restaurante para comer, mientras que el animal a causa del mismo instinto natural sale a cazar con el fin de conseguir la comida precisa para su existencia. La conducta del animal está enteramente basada en la reacción instintiva, mientras que el comportamiento del hombre, que experimenta la misma sensación de hambre, se basa en reacciones condicionadas totalmente diferentes. En el primer caso se trata de un reflejo natural donde una reacción sucede la otra; en el segundo, se produce una sucesión de cambios condicionados. Sin embargo, si profundizamos en la conducta cultural del individuo veremos que el motor decisivo, su base energética, su estímulo es el mismo instinto o bien la misma necesidad material del organismo que mueve al animal donde el instinto no siempre necesita reflejos condicionados. El instinto existe en el hombre en forma oculta y su conducta está ineludiblemente unida a las propiedades modificadas de este instinto. (Vigotski, 1931/1995, p.158)

A citação é lapidar para demonstrarmos a existência de uma nova perspectiva sobre a transição entre comportamentos simples e complexos. As funções psíquicas passam a categorizar-se em dois níveis: inferiores e culturizadas (por sua vez, subdivididas em primitivas e superiores)⁸⁷. Elas se constróem umas sobre as outras, e as formas culturizadas de comportamento constituem-se por processos que preservam parte das características, dos princípios de funcionamento das funções psíquicas inferiores. A atividade vital humana conhece processos socializados inteiramente diversos, baseados na vontade, no domínio da própria conduta – os quais se tornam mediados, no caso da citação anterior, por uma reação

⁸⁷ Vigotski, entre as funções psíquicas culturizadas, diferencia as primitivas (que apresentam um incipiente funcionamento voluntário, por meio das objetivações em-si: ver nota de rodapé 75) daquelas que são propriamente “superiores”. Seus estudos de psicologia étnica (1931/1995, p.67) associam as funções primitivas a culturas tribais, de povos iletrados. Contêm meios culturais de domínio do próprio comportamento, mas seu funcionamento ainda é apenas relativamente mediato, sem a sofisticação dos meios culturais proporcionada pelos idiomas modernos, a arte, a matemática etc.

condicionada, um hábito. Nesse contexto, o instinto, mormente na sua dimensão impulsiva, continua sendo uma das bases motivacionais da conduta na obra madura de Vigotski. As emoções, sempre relacionada aos impulsos e necessidades, também não se distanciam dessa idéia, como ao analisaremos outros textos.

A etapa da *vontade* ou *domínio da própria conduta* é possível apenas com a conquista dos meios culturais: ferramentas (mediadoras da relação entre homem e natureza) e signos (mediadores da relação dos homens para com outros homens e consigo próprio). Através destas mediações, que constituem novas formas de estimulação, o homem pode dominar seu próprio comportamento, as manifestações comportamentais, o processo de satisfação do instinto. O debate sobre a gênese de instintos, vivências e emoções agora ascende a um patamar mais complexo.

6.3 – *As emoções: funções psíquicas culturizadas?*

1932 e 1933 foram anos decisivos para a concepção histórico-cultural de uma psicologia das emoções, quando Vigotski elaborou quatro textos importantes: “On the problem of the psychology of the actor’s creative work” (1932/1999c), “The teaching about emotions. Historical-psychological studies” (1933/1999e), “As emoções e seu desenvolvimento na infância” (1932/1999a) e “La crisis de los siete años” (1933/1996b).

A temática, complexa, impunha novos desafios e se limitava pela pobreza dos conhecimentos neurológicos então existentes. Por isso, antes de qualquer outra proposição, seu “Teaching about emotions” (1933) advogou a mudança do modelo filosófico então

utilizado na investigação e interpretação dos dados neurológicos. Em 1932 (Vigotski, 1999a), vemos nova tentativa do autor em discutir a especificidade das emoções humanas como processos culturizados. Critica Spencer e Ribot, negando que as emoções fossem a “tribo agonizante do psiquismo”, restos de nossa existência animal, debilitados na sua manifestação exterior e no seu desenvolvimento interior⁸⁸. A crítica a Ribot é novidade em sua obra, mas mesmo no original (Vigotski, 1932/2005b) não localizamos a qual(is) texto(s) o autor refere-se.

Ribot, para o bielo-russo, considerava as emoções como um estado (animal) dentro do outro (racional) na psique – resquícios evolutivos semelhantes ao nosso apêndice cecal, que não tem função no ser humano, separando-se do funcionamento orgânico geral. Mas Vigotski procurava criar-lhes um lugar funcional e dinâmico no desenvolvimento (1932/1999a, p.95)⁸⁹. Os autores ligados à interpretação organicista das emoções, contudo, desprezavam a análise da sua ontogênese. Sua preocupação era apenas mostrar como as descargas emocionais da infância precoce se reprimiam, debilitavam e eliminavam. A teoria James-Lange simplesmente fechava as portas para esse estudo (Vigotski, 1932/1999a, p.86), recaindo num dualismo entre emoções fisiológicas e superiores. Mas a simples observação cotidiana, a análise das dinâmicas da vida emocional, servia a negá-lo, bem como negar a atrofia das manifestações emocionais, que seriam:

⁸⁸ O propósito de Vigotski é mostrar por que, dentre todos os capítulos da psicologia, o das emoções era o mais estudado de forma naturalista, biológica. Sua tese é de que a obra de Darwin (1872/1934), ratificara, na psicologia inglesa, francesa e alemã, velhos preceitos escolásticos e dualistas sobre a natureza animal das emoções humanas, que passavam a ser encaradas como tribo agonizante, apêndice, rescaldo animal no comportamento dos homens que as superavam pela ascensão do comportamento logicizado e civilizado (contrapondo-se a tal tendência, na “Psicologia Pedagógica”, 1926/2001c, p.144, Vigotski fizera pouco do amesquinamento dos sentimentos na vida pequeno-burguesa). Ribot e Spencer são refutados neste contexto, como casos particulares do contexto geral visualizado por Vigotski.

⁸⁹ Lembremos que, desde a “Psicologia da Arte”, considera que, ao invés de se empobrecerem no organismo humano, as emoções teriam um sentido diferente e mais rico do que no animal.

do ponto de vista da experiência retrospectiva, sensações tão importantes, tão consideráveis, que são as que estão mais próximas do núcleo da personalidade. Vocês mesmos sabem que as sensações mais emotivas são as sensações pessoais internas. (Vigotski, 1932/1999a, p.84)

Se Vigotski negava a atrofia das emoções nos homens, deparava-se, então, com a necessidade de determinar a sua especificidade neuropsicológica e sua dinâmica. Cabia a Freud (segundo Vigotski, 1932/1999a, p.101) o mérito de ter demonstrado como os movimentos agudos dos processos emocionais geram mudanças da consciência, as quais relegam a um segundo plano outras funções que asseguram a vida normal da mesma consciência. Já Claparède (e, com ele, Vigotski) perguntava-se: se as emoções causavam alterações nocivas à vida psíquica, como explicar que também eram responsáveis por sua diversidade de conteúdo (tão evidente na criação e recepção da arte)? Como explicar que as vivências intelectuais assumiam a forma de fortes sensações; por que cada guinada importante no destino das pessoas impregna-se de elementos emocionais? Temos uma possível resposta: sua posição dependeria do papel das emoções em diversas estruturas e sistemas psicológicos – sua diversidade é problema concernente à sua dinâmica funcional.

Em harmonia com o bielo-russo, tendência inversa à de Ribot e Spencer era explorada por Adler e Ch. Bühler, para os quais as emoções relacionavam-se de modo vital à organização e formação da personalidade (Vigotski, 1932/1999a, pp.97-100). Contribuições experimentais de Bühler, Claparède e Lewin surgem neste contexto. A Bühler, psicóloga de raízes gestaltistas, coubera o mérito de mostrar qual lugar as emoções (melhor dizendo, do prazer que constitui uma de suas qualidades vivenciais) ocupam em relação a outros processos psíquicos, o seu caráter nômade no desenvolvimento. Mostrara como o afeto faz

parte de qualquer estrutura com que se relacione – a reação emocional é resultado de uma estrutura psicológica (Vigotski (1932/1999a, p.103), atendendo, em geral, aos critérios necessários para a definição das funções psíquicas superiores (ver item 10.2.2). Nesse contexto, a saída de Vigotski é defender os estudos experimentais das migrantes relações intrapsicológicas da vida emocional⁹⁰.

Há um enunciado central para a compreensão dos esforços de Vigotski para enquadrar as emoções tanto na sua psicologia geral quanto na concreta: um dos mais importantes de sua concepção sobre emoções e vivências. Ele surge em “On the problem of the psychology of the actor’s creative work”, e similarmente em “Sobre los sistemas psicológicos”⁹¹:

Psychology teaches that emotions are not an exception different from other manifestations of our mental life. Like all the other mental functions, emotions do not remain in the connection in which they are given initially by virtue of the biological organization of the mind. In the process of social life, feelings develop and former connections disintegrate; emotions appear in new relations with other elements of mental life, new systems develop, new alloys of mental functions and unities of a higher order appear within which special patterns, interdependencies, special forms of connection and movement are dominant. (Vigotski, 1932/1999c, p.244)

⁹⁰ É noutro texto que Vigotski (1935/1997b) apresentará e criticará a interessante contribuição experimental de Lewin enfocando tarefas inacabadas, da relação afeto-intelecto entre crianças “normais” e com “retardo mental” (não localizamos, na própria edição, no Google ou em bases de dados em inglês, a quais trabalhos de Lewin Vigotski se refere). Louva um dos trabalhos de Lewin e Köhler pela crítica à estreiteza da análise do problema da deficiência mental a partir apenas do intelecto: dever-se-ia conceder maior importância ao lugar do afeto na atividade da criança deficiente. Os afetos seriam, para os alemães, a pedra angular da deficiência, os responsáveis pela natureza da perturbação intelectual. Vigotski, entretanto, defendia que a compreensão das *relações* entre afeto e intelecto era a chave do problema do atraso mental, opondo-se à grande importância do afeto para Lewin e tendendo à idéia de que a mobilidade dos processos psicológicos deve-se mais ao pensamento que ao afeto.

⁹¹ “Dicho simplemente, nuestros afectos actúan em um complicado sistema con nuestros conceptos y quien no sepa que los celos de una persona relacionada con los conceptos mahometanos de la fidelidad de la mujer son diferentes de los de otra relacionada con un sistema de conceptos opuestos sobre lo mismo, no comprende que ese sentimiento es histórico, que de hecho se altera en medios ideológicos y psicológicos distintos, a pesar de que en él queda indudablemente cierto radical biológico, en virtud del cual surge esta emoción.” (Vigotski, 1930/1991g, p.87)

No trecho acima, as emoções surgem como funções mentais que, das bases biológicas permeadas por correlatos no universo animal (embora dotadas de componentes especificamente humanos), transformam-se em algo qualitativamente novo no processo de desenvolvimento. Os sistemas psicológicos socializados criam, então, as manifestações bizarras ou belas da vida emocional. A citação possibilita-nos compreender a tentativa do autor de trabalhar, posteriormente, sobre a ontogênese da emoção e da vivência em textos mais embaraçados, como a “Paidología del Adolescente ” e os “Problemas de la psicología infantil”. “On the problem of the psychology of the actor’s creative work” problematiza aspectos fundamentais da teoria histórico-cultural, como a regulação das emoções e seu caráter sistêmico – indissociável do caráter de função psíquica superior adquirido pelas emoções.

A fonte de inspiração imediata mais marcante de Vigotski (1932/1999c) é o método teatral de Konstantin Stanislavski (nascido em 1863-morto em 1938). Vigotski (1932/1999c) discute a emergência do sentimento no trabalho do ator, considerando que, acerca dele, só se haviam desenvolvido pueris psicologias práticas, fragmentárias, elementaristas. Contra isso, defende uma psicologia concreta, que, na própria teoria do bielo-russo, deveria ser apenas uma parte da psicologia total, geral: tanto no significado abstrato-científico quanto no concreto-vivido da representação teatral. Dimensões mais profundas da psicologia plasmavam-se nesta análise singular: Vigotski compreende que, no domínio abstrato-científico (da psicologia geral) aquele momento estabelecia um diálogo entre o sistema teatral de Stanislavski e o psicológico de Ribot.

Informação concreta, adivinhação ou bruxaria: Vigotski não se enganava. Conforme Guinsburg (2001b, p.312) Stanislavski conhecia a “Psychologie des sentiments” (1896) de Ribot, que aparecera numa tradução russa no ano de estréia do Teatro de Arte de Moscou (1898). Tanto o francês como o russo discutiam a possibilidade do controle dos sentimentos pelo ator: as indagações teatrais de Stanislavski encontraram um apoio em Ribot, mas também refutaram a idéia ribotiana de que o controle do sentimento deveria basear-se na compreensão de todos os aspectos das emoções vivenciadas pelo ator. A compreensão, conquanto extremamente importante, era apenas uma parte do trabalho criador: Stanislavski considerava que os intérpretes deveriam, através de múltiplas técnicas, canalizar sua capacidade de excitação emocional para os objetivos do papel (para Guinsburg, isso aprofundava as idéias ribotianas). A consciência deveria controlar as vivências e os pensamentos aí exigidos: tratava-se, mais que um problema de compreensão, uma questão *técnica*⁹².

Ora, todas as funções psíquicas, na teoria histórico-cultural, demandam um nível mínimo de controle, de domínio ou regulação. Entretanto, como categorizar as emoções deste modo se, para quase toda a psicologia da época (e para o próprio Vigotski), os processos afetivos eram vistos como essencialmente incontroláveis?

A solução do bielo-russo foi considerar que o domínio da vivência das emoções não poderia ser direto, idêntico ao dos demais processos psicológicos culturizados, mas demandaria artifícios e técnicas, uma forma *indireta* de regulação baseada na sua peculiar natureza. Para isto, contribuiu a concepção neurológica de Vigotski, fundamentada na teoria

⁹² Vemos que, novamente, a arte comparece na obra de Vigotski como técnica dos sentimentos.

talâmica de Cannon, e nos trabalhos experimentais de Bekhterev, para quem a expressão emocional não dependia inteiramente, mas só parcialmente, do córtex, já que não poderia ser de todo suprimida por ele (Vigotski, 1933/1999e, p.109). Também noutros textos, as emoções – embora funções psicológicas culturais – têm íntimas relações com partes mais antigas e primárias do cérebro: “son los sistemas más elementales, antiguos y primarios del cerebro y su formación superior, lá más tardia y específicamente humana” (1935/1997b, p.272). Uma razão para suas especificidades.

Para Vigotski, Stanislavski contribuía muito para o entendimento da emergência da emoção no ator durante a representação artística e sua relação com os sentimentos da platéia. Podemos deduzir: se a psicologia abstrata, geral, auxiliava a psicologia concreta do trabalho do ator, o inverso também era verdadeiro, mesmo considerando-se que cada época exigia métodos diferentes, um lugar diferente para os sentimentos do ator, dirigidos à sensibilidade específica da platéia, às significações contemporâneas da obra etc. A representação teatral para Stanislavski não seria um sentimento de “eu”, mas um sentimento de “nós”, generalizado em sua expressão. Um elemento diferenciador da perspectiva de Stanislavski, com relação, por exemplo, à de Diderot (1773/2005), era seu argumento de que o ator deveria *necessariamente* vivenciar as emoções de seu papel (Vigotski, 1932/1999c, p.241)⁹³. O elogio a Stanislavski não é gratuito e merece um parêntesis sobre o contexto da época e o sutil posicionamento assumido por Vigotski.

A Rússia pré e pós Revolução de Outubro foi muito rica em qualidade e quantidade

⁹³ Como no sistema de Denis Diderot, também a imitação seria uma mediação importante para a vivência dos sentimentos do papel, embora não a partir de um modelo ideal que devesse ser imitado, sob o peso de uma completa contenção da sensibilidade emocional própria do ator.

de experimentação teatral. Naquele contexto, sobressaiu a figura de Stanislavski (ativo desde o fim do século XIX), e que, ao longo da vida, criou uma concepção teatral centrada em trazer o máximo possível de realismo aos fundamentos da sua arte (iluminação, cenografia, figurino etc). O diretor radicalizou sua busca até o absurdo, o extremo, até a vivência de emoções pelo ator: especialmente no palco do Teatro-Estúdio, fundado em 1905, o termo “realismo emocional” logo ficou em uso (Rudnitsky, 1988, p.21)⁹⁴.

Vigotski menciona apenas três diretores: Stanislavski (que ele admirava desde 1916), um de seus continuadores, Evgenii Vakhtangov, e um discípulo deste, B.E. Zakhava. Diretores como Tairov e Meierhold, importantíssimos na história do teatro e, conforme Rudnitsky (1988, p.21), críticos do realismo de Stanislavski não são comentados no texto vigotskiano. É de se supor que Vigotski (1932/1999c, pp.276-277), morador de Moscou e figura próxima da arte teatral, conhecesse minimamente a diversidade artística de sua cidade. Por que a escolha por Stanislavski e seus discípulos?

Em primeiro lugar, cremos que o método Stanislavski possibilitou a Vigotski pensar num lugar para as emoções entre as demais funções psíquicas especificamente humanas, de modo condizente com o seu racionalismo marxista e espinosano (no qual as emoções poderiam ser controladas, de algum modo, pelo pensamento e a situação psicológica, ver Vigotski, 1930/1991g, p.80). Em segundo lugar, a profunda preocupação de Stanislavski com os sentimentos do ator destacavam-nos não apenas no cenário artístico russo, mas também em toda a história do teatro: a incansável experimentação do diretor acumulou muito

⁹⁴ O encontro do Teatro de Arte de Moscou com Tchekov foi fundamental para o trabalho de Stanislavski como diretor de cena: o autor construía personagens aparentemente pobres na ação externa, mas abundantes na sua complexidade interna.

conhecimento prático sobre o assunto. É compreensível que tais conhecimentos, tão vivos, avessos à mera especulação e funcionais num domínio profundamente complexo da psicologia, inspirassem Vigotski e sustentassem algumas de suas idéias sobre as emoções⁹⁵.

É desse modo que, para o Stanislavski de Vigotski, o sentimento tem certa qualidade involuntária. Para ele, não temos poder direto sobre os sentimentos como sobre os movimentos ou os processos associativos desencadeados voluntariamente, mas somente indireto, através da criação de um *sistema* complexo de idéias, conceitos e imagens de que a emoção é uma parte. Esses sentimentos não são aqueles que os atores experimentaram na vida. São mais provavelmente sentimentos e conceitos purificados de tudo que lhes é estranho; são generalizados, podendo ser provocados por meio das idéias. O caminho é tortuoso. O psicólogo, aparentemente por conta própria, afirma que os sentimentos do ator parecem-se mais com conceitos do que com sentimentos cotidianos (Vigotski, 1932/1999c, p.243).

Os próximos textos relevantes de Vigotski na temática das vivências e emoções constituem-se num desdobramento da idéia central do texto “On the problem of the psychology of the actor’s creative work” (1932): a das emoções como funções psíquicas superiores (culturizadas). Vigotski passa a trabalhar uma ampla discussão filo e ontogenética, no interior da qual elas emoções adquirem o perfil de parte do funcionamento psíquico como um todo (ou seja, da consciência e personalidade). A temática alcança, ainda, um plano

⁹⁵ Possivelmente, Vigotski tomou conhecimento do método Stanislavski a partir da “Minha vida na arte” (Stanislavski, 1924/1989), pois ele já era falecido quando, segundo Gonçalves (2001, p.9-10), foram publicados “A preparação do ator” (1936) e “A construção do personagem” (1949), os grandes manuais de Stanislavski sobre a arte de representar. Mas a “Minha vida na arte” (idem, p.300-308) já documenta parte significativa do percurso de Stanislavski na linha da intuição e do sentimento, muito presente nas montagens *tchekovianas* produzidas por ele.

filosófico da maior importância (e dificuldade) para nosso trabalho, com o aprofundamento da participação de Espinosa em suas reflexões. Procurarei, a seguir, refletir sobre as idéias do autor, no centro do salto qualitativo implicado na teoria histórico-cultural.

7 – *The Teaching about emotions* e o debate filosófico-científico sobre as emoções na União Soviética

7.1 – *Um difícil manuscrito*

Começamos pelo texto em que Vigotski procura estruturar o caminho de investigação para uma teoria das emoções, traduzido para o inglês como “The teaching about emotions. Historical-psychological studies” (1933/1999e), edição com a qual cotejamos a espanhola: “Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico” (1933/2004), procurando, pela sua maior semelhança com a língua portuguesa, citar a segunda, conquanto consideremos a americana mais completa pelas notas de rodapé que apresenta. Nossa análise tem por objetivo mostrar como, no processo de refutação da teoria periférica das emoções, Vigotski esboça um elenco de problemas fundamentais sobre o desafio da relação entre corpo e mente, enunciando alguns aspectos que considerava importantes para uma nova teoria das emoções em sua época⁹⁶. Pretendemos demonstrar as lacunas e valorizar os pontos fortes desse manuscrito inacabado, procurando elaborar idéias que orientem os futuros estudos da perspectiva histórico-cultural, através de reflexões fundadas, tanto quanto possível, na

⁹⁶ No “Teaching about emotions”, Vigotski utiliza os termos “emoções” e “sentimentos” de forma indiferenciada. Mas utiliza, principalmente, “emoção”. O nome original do manuscrito, cuja tradução no inglês, ao contrário do espanhol, é mais correta, seria “Uchenie ob Emotsijakh. Istoriko-psikhologicheskoe Issledovanie” (Vigotski, 1933/1999e, p.297). Também nos títulos provisórios anteriormente atribuídos pelo autor o vocábulo utilizado é “emotsia, emotsi” (emoção, emoções). Embora não tenhamos acesso ao original russo, cremos que, neste texto, o termo vivência (*pereživânie*), pode ter sido traduzido como “emotional experience”, ou “experience” (face subjetiva das emoções, em contraposição às suas manifestações observáveis) (Vigotski, 1933/1999e, p.108;130). A edição americana traz o termo “experience” (secundariamente *emotional experience*) para designar fenômenos subjetivos. Cotejando as edições, podemos perceber que, nos mesmos pontos da edição espanhola, o vocábulo aparece como “vivencia”. A raiz russa é, provavelmente, o termo *pereživânie*, tal como consultamos num texto análogo da mesma época, a conferência de Vigotski (1932/2005b) sobre as emoções.

própria obra do autor. Se arriscamos posições um pouco temerárias, fazemo-lo somente porque os aspectos mais difíceis e importantes do papel de Espinosa na obra de Vigotski, da pesquisa neurocientífica/neurofisiológica no futuro da sua psicologia das emoções, bem como o todo de suas idéias, são aspectos que vêm sendo ignorados, depreciados ou trabalhados fragmentariamente pelos comentadores de sua inacabada teoria das emoções, tanto no Brasil quanto no exterior.

O “Teaching about emotions” é um manuscrito inacabado, redigido aproximadamente entre 1931 e 1933 (última versão datada de 1933). Recebeu vários títulos e teve excertos publicados no *Voprosy Psikologii* (1968) e *Voprosy Filosofii* (1970). Há muitas especulações sobre as razões de seu autor não o ter concluído, mas é provável que, com o agravamento de sua tuberculose, Vigotski tenha abandonado o manuscrito para finalizar outros trabalhos, entre os quais “Pensamento e Linguagem”, para o qual dispunha já de resultados experimentais acumulados. Muitos trabalhos inconclusos foram encontrados em seus arquivos. Van der Veer & Valsiner (2001, p.385) insinuam, sem escudar sua idéia com fatos, que Vigotski teria percebido que entrava num caminho errado e ingênuo ao buscar apoio na obra espinosana. Não consideramos tal perspectiva razoável e procuraremos mostrá-lo no item 7.3 deste trabalho.

Cremos que as dificuldades intrínsecas ao manuscrito e seu impacto precisam ser consideradas como uma das possíveis determinações para sua inconclusão: sob inúmeros aspectos, tratava-se de um trabalho árduo, tanto científica quanto politicamente. Por exemplo: Vigotski considerava Espinosa um autor materialista, mas esta não é uma idéia de fundamentação filosófica simples, mormente num contexto regido por um materialismo cada

vez mais mecanicista, esfacelado pelo cânone stalinista. Nesse contexto desfavorável, ele precisaria de independência para arquitetar tanto seu elogio quanto sua crítica ao próprio Espinosa. Sua dificuldade também se vinculava à diferença entre os vocabulários fisiológico e espinosano, como provava o extenso esforço do autor para comparar a teoria James-Lange com Descartes e o cartesianismo. Tal esforço fazia-se também relativamente inútil a curto ou médio prazo, pois Vigotski considerava tão grande a pobreza das pesquisas neuropsicológicas de sua época sobre o assunto, que defendia uma mudança do modelo filosófico no qual se inspiravam.

Não obstante, era grande seu interesse no assunto, pois o “Teaching about emotions” foi mexido e remexido, tendo várias versões intermediárias. Apesar dessa inconclusão, notamos que se trata de um projeto de grandes dimensões: em cerca de 260 páginas, concentra um grande número de leituras de Descartes, Espinosa e seus comentadores, boa parte delas inédita noutras obras vigotskianas.

Luria e Zinalda, irmã de Vigotski, fracassaram ao tentar editar o manuscrito após a morte do autor, nos sinistros anos 1930 (Van der Veer & Valsiner, 2001, p.377). Sua primeira publicação integral ocorreu em 1984, no Tomo VI das Obras Escolhidas em russo (Van der Veer & Valsiner, 2001, pp.377-387). Quanto às suas fontes, estes mesmos autores informam que Vigotski fez uso extenso das atas do Simpósio de Wittenberg, realizado no Wittenberg College, Springfield, Ohio, em 1927, o qual contou com as presenças de Karl Bühler, Cannon, Washburn, entre outros. Leram-se trabalhos de especialistas como Adler, Bekhterev, Claparède, Jaensch, Janet e Stern para a platéia. Confirma-se, em Vigotski (1933/1999e, p.272), que essa publicação foi realmente utilizada, mas é incerto que seu

impacto sobre o autor tenha sido grande. Além dos filósofos que já comentamos, surgem também vários outros – caso de Brentano, Dilthey, Platão, e, como já afirmamos, Descartes e Espinosa.

No “Teaching...”, Vigotski faz uso de tão extensas citações que a perda de um sinal de abre aspas leva-nos a atribuir ao autor comentários de terceiros. Às vezes não conseguimos identificar se ele fala em seu próprio nome ou apenas resume outros. Com frequência, o bielo-russo limita-se a aprovar esta ou aquela citação de um autor, mas não chega a dar forma às idéias alheias no interior de sua própria teoria. Por isso, precisamos de uma leitura cautelosa para não incorrer no erro de atribuir idéias de outros ao próprio Vigotski, limitando o alcance de algumas partes do texto, bem como ressaltando a importância de outras, pela unidade que elas formam com a concepção vigotskiana de emoções e vivências como um todo.

Nesse sentido, mencionemos uma primeira idéia: o dito de Bentley que, venenoso, perguntava-se: “¿La emoción es algo más que el simple título de un capítulo?” (in Vigotski, 1933/2004, p.54). Isso porque todas as obras de psicologia continham uma parte denominada “As emoções”, mas, para o bielo-russo, esse era o domínio menos elaborado da ciência psicológica (1926/2001c, p.127). Parecia, pois, uma intenção protocolar dos autores em discutir o tema, sobre o qual nada tinham a dizer. E, no entanto, Vigotski considerava que, talvez, devesse ser esse o capítulo principal da psicologia (1933/1999e, pp.56-58), embora o mais difícil de avançar na profunda crise teórico-metodológica enfrentada por ela.

O “Teaching about emotions”, na sua primeira e única parte, sintetiza as críticas vigotskianas ao legado da teoria periférica das emoções (identificada como “velha

psicologia”), a partir do relato de experimentos com animais e análises clínicas de pacientes com lesões cerebrais locais (que ele denominou de “nova psicologia”), defendendo que tal disputa científica era uma reedição não apenas da antiga querela entre Descartes e Espinosa, mas também da guerra travada entre materialismo e idealismo no plano filosófico. Foi elaborado num contexto de popularidade da teoria periférica na Rússia, onde a psicologia reactivológica considerava-a “materialista” (Vigotski, 1933/2004, p.247). Através do “Teaching...”, Vigotski leva a cabo um primeiro objetivo: refutar esta teoria, negar seu suposto materialismo e expor seu dualismo, integrando filosofia, filosofia, neurologia e psicologia clínica na resolução dos problemas então existentes no âmbito das emoções.

Assim sendo, algumas características marcantes do “Teaching about emotions” são a existência de comentários extensos sobre a fisiologia das emoções, a psicologia comparada de humanos e animais, além do modelo filosófico nelas aplicado. Já se buscava, na época, uma análise evolucionária do comportamento emocional, cujo pontapé inicial fora dado por ninguém mais, ninguém menos, que o próprio Charles Darwin, com a publicação de “The expression of the emotions in man and animals” (1872/1934).

Nesse contexto, para Vigotski, o capítulo referente à reação emocional dos animais e à sua evolução era o item que a psicologia desenvolvera com maiores detalhes (Vigotski, 1932/1999a, pp.81-82). Dois trabalhos basilares para a história da psicologia e, também, para nossa discussão, foram os de William James e Carl Lange: doze anos após Darwin, James, americano com passagens pela medicina, filosofia e psicologia, publica um artigo intitulado “What is an emotion?” no *Mind* (1884, vol. IX, pp.188-205). De forma completamente independente, o anatomista e fisiologista dinamarquês Lange lança, em 1885, o livro

“Emotions”, com idéias essencialmente iguais às de James. Tal concepção, que reivindicava na psicologia o pensamento evolucionista, passou a ser denominada de teoria James-Lange, ou teoria periférica das emoções. A intimidade de Vigotski com o debate fisiológico deve ter se fundamentado nos estudos de medicina que ele realizava, embora jamais tivesse obtido o diploma de médico (baseado em A.A. Leontiev, 2005).

James (1884/1967b, pp.12-17) propunha que os processos emocionais eram simplesmente os processos sensoriais do cérebro, a partir da relação com estímulos externos. O que chamamos de emoção não seria mais que a percepção de uma reação corporal particular a um fato determinado (uma exceção apresentada por ele seria um caso de “dispepsia nervosa”, como medo sem a possibilidade de atribuição de um fato causador, 1884/1967a, p.110). Nenhum conteúdo cognitivo seria capaz de provocar uma emoção: a causalidade última dos processos de reação emocional estaria na evolução da espécie, na seleção natural que cria seqüências comportamentais determinadas, percebidas como emoção.

[...] a sentença mais racional é que nós nos lamentamos porque choramos, sentimos raiva porque lutamos, amedrontados porque trememos, e não que choramos, lutamos, ou trememos porque nos lamentamos, enraivecemos ou nos amedrontamos. Sem os estados corporais seguindo a percepção, a última seria puramente cognitiva na forma, palidez [...] destituída de calor emocional. Poderíamos ver o urso, e julgar melhor correr, receber o insulto e considerar melhor lutar, mas não realmente sentirmo-nos assustados ou enraivecidos. (James, 1884/1967b, p.13, tradução nossa)

O resultado principal dessa teoria era simplificar as noções sobre a fisiologia cerebral (idem, p.12). Reduzindo-se as emoções à mera percepção de sensações no corpo, facilitava-se

muito o estudo das mesmas. O cérebro era, para James, sede dos processos de conhecimento; o corpo, o território da vida emocional. Os fisiólogos do período seguinte entusiasmaram-se com tal concepção, para a qual a fisiologia do sistema nervoso autônomo poderia explicar as emoções, fornecendo uma alternativa viável para a mui limitada metodologia experimental da época. Mas, paradoxalmente, eram as próprias pesquisas fisiológicas que refutavam as idéias de James-Lange. Por exemplo: descobriu-se que as mudanças viscerais de medo e raiva não diferiam muito – como, pois, poderiam causar emoções tão diferentes do ponto de vista subjetivo? Comprovou-se, ainda, que reações orgânicas envolvendo o sistema nervoso periférico, idênticas às emocionais, nasciam em circunstâncias que nada tinham a ver com a vivência emocional, como a prática de esportes. Também, estados emocionais do animal podiam se apresentar na ausência das reações vegetativas correspondentes. Além disso, estudos comprovavam que a ressecção do sistema nervoso simpático em nada alterava as reações emocionais.

Vigotski, que então estudava um lugar para a psicopatologia clínica em sua obra, aponta que a psicopatologia da vida afetiva também servia à negação da teoria periférica. Os trabalhos de S. Wilson (in Vigotski, 1933/1999e, pp.96-98), por exemplo, indicavam, em alguns pacientes, uma ausência de paralelismo entre elementos mentais e somáticos das emoções. Outros pacientes, de H. Head⁹⁷, com lesões no tálamo óptico, apresentavam uma hipersensibilidade emocional do lado afetado, enquanto que outros, mesmo com a musculatura facial paralisada, relatavam continuar sentindo toda espécie de sentimento; outros, nos quais se injetavam substâncias responsáveis por alterações autonômicas,

⁹⁷ Não foram encontradas referências no Google a H. Head e S. Wilson. Nenhuma das edições oferece dados sobre tais autores.

descreviam uma vivência parecida, mas não idêntica, a medo ou raiva. Elas desencadeavam-se apenas se o indivíduo já estivesse no limiar de uma forte experiência emocional (*emotional experience*). Nesta linha de exposição, Vigotski considera frutífera a combinação do estudo de aspectos objetivos e subjetivos da reação afetiva (1933/1999e, p.94). Provava-se que as sensações periféricas de emoções, exceto em condições especiais, não desencadeiam vivências emocionais; as sensações são apenas parte destas. Deduzimos, pois: ocorre *algo* no organismo durante as vivências emocionais, cuja origem não está apenas no sistema nervoso periférico, mas também no central e que é denominado (classificado culturalmente) pelo sujeito como ódio, medo, alegria.

Através de seu trabalho experimental com animais e humanos, Walter Bradford Cannon, fisiologista americano e aluno de James em Harvard, acabou por negar a teoria periférica das emoções, propondo uma teoria talâmica em 1915. A comprovação do papel do “tálamo óptico” na vivência emocional relaciona-a ao sistema nervoso central: segundo Cannon (in Vigotski, 1933/1999e, p.144), as diferenças entre emoções não poderiam ser encontradas nas alterações dos órgãos internos⁹⁸. Sua consciência, e também possibilidades de regulação voluntária (como sobre as expressões faciais, por exemplo), depende do córtex

⁹⁸ “Tálamo óptico” é um termo que caiu em desuso na nomenclatura anatômica (embora possa ser ocasionalmente encontrado ainda em referências atuais), que, hoje, divide o tálamo em núcleos e não pela sua proximidade com outras estruturas, como o olho, o quiasma óptico ou o nervo óptico (que se conecta com o encéfalo no corpo geniculado lateral do tálamo). Guyton (1993, p.231) inclui o tálamo entre as estruturas do sistema límbico, o sistema das emoções e motivações. Conforme a Wikipedia (2007b) e Guyton (1993), o tálamo é importante na passagem e interpretação das informações sensoriais, ligando-se ao ciclo sono-vigília (pois tem núcleos no sistema reticular ascendente) e a consciência, já que existem diversos circuitos córtico-talâmicos; conexões bidirecionais com todas as regiões do córtex. Mudanças de humor decorrentes de acidente vascular cerebral costumam formar parte de um complexo chamado de “síndrome talâmica”. O tálamo é um centro importante de triagem inicial dos sinais sensoriais, oriundos das regiões inferiores do sistema nervoso, como o mesencéfalo e a medula, antes de ser redistribuído ao córtex, interagindo estreitamente com este (ver Figura 8). De fato, achados mais modernos confirmam a existência de uma complexa localização das funções afetivas no sistema nervoso central, envolvendo córtex e subcórtex, inclusive o tálamo.

em relações com o subcórtex. Os centros talâmicos, subcorticais, seriam apenas responsáveis pela sua regulação espontânea. A evidência anatômica desta dupla regulação seria, para Vigotski, a de que nenhum impulso chega ao córtex sem passar pelo subcórtex⁹⁹.

Vigotski (1933/1999e, pp.107-111) disserta sobre os achados de Cannon e de seu colaborador, Dana, para os quais as qualidades específicas das emoções seriam adicionadas pela atividade do tálamo óptico (o que convergia com o trabalho experimental de Bekhterev). As evidências de Cannon são algumas das primeiras relativas à existência de áreas encefálicas relacionadas à vida emocional, que muitos ainda hoje denominam de sistema límbico.

No “Teaching about emotions” (1933), de modo similar à “Psicologia Pedagógica”, é especialmente clara a raiz instintiva das emoções nos instintos mais primitivos, mais elementares, as emoções inferiores. Num texto sobre o primeiro ano de vida:

Los impulsos afectivos son el acompañante permanente de cada etapa nueva en el desarrollo del niño, desde la inferior hasta la más superior. Cabe decir que el afecto inicia el proceso del desarrollo psíquico del niño, la formación de su personalidad y se cierra ese proceso, culminando así todo el desarrollo de la personalidad. No es casual, por tanto, que las funciones afectivas estén en relación directa tanto con los centros subcorticales más antiguos, que son los primeros en desarrollar y se encuentran en la base del cerebro, como con las formaciones cerebrales más nuevas y específicamente humanas (lobos frontales) que son los últimos en configurarse. En este hecho halla la expresión anatómica aquella circunstancia que el afecto es el alfa y el omega, el primero y último eslabón, el prólogo y el epílogo de todo el desarrollo psíquico. (Vigotski, 1996g, p.299)¹⁰⁰

⁹⁹ “La nueva teoría, al igual que la de James y la de Lange, parte del hecho de que existe un estrecho parentesco entre sensaciones y emociones. Sin embargo, ésta resuelve la cuestión de la correlación existente entre esas dos clases fundamentales de procesos psíquicos de modo distinto a como lo hace la teoría organicista. Esta última disolvía las emociones en las sensaciones, reducía las primeras a las segundas, y no veía em éstas más que sensaciones de una especie particular, precisamente sensaciones resultantes de una irritación de los órganos internos.” (Vigotski, 1933/2004, p.60).

¹⁰⁰ O autor, com o termo afeto, denomina um “simples impulso sem qualidade especificamente emocional”.

“Afeto” e “instinto” são processos que se sobrepõem no início da vida. A princípio fusionados, separam-se e se culturizam. Enquanto as emoções diferenciam-se e ganham em complexidade, com a maior participação do córtex, os instintos, como comportamentos da espécie preparados para situações prototípicas, regridem. Os impulsos, sofisticando-se, tendem a ser enquadrados na vida emocional.

O trecho transcrito não contém grande verdade anatômica, pois o cérebro trabalha de forma integrada: as funções psíquicas superiores e sua complexa localização cortical têm alguma relação com áreas evolutivamente antigas do encéfalo. As estruturas responsáveis pelas emoções dependem de múltiplos centros e redes neurais, espalhando-se no cérebro, tal qual as outras funções psíquicas estudadas pelo autor, como veremos no item 7.4 e 8.2.1. Mas a citação mostra claramente a concepção vigotskiana sobre os impulsos, cuja teoria realçava a construção progressiva das funções cerebrais, desde o chamado nível primário (atenção imediata, percepção imediata), ao secundário (atenção mediada, memória mediada, percepção mediada pelos meios culturais) e ao terciário (personalidade, consciência, auto-consciência¹⁰¹, além das zonas de integração dos vários tipos de estímulo em conceitos: caso da confluência entre as zonas temporal, occipital e parietal – ver Figura 1), em que o terciário, sediado nos lobos frontais, rege os demais, servindo-se das possibilidades de regulação criadas culturalmente (baseado em Luria, 1981).

Um outro objetivo de Vigotski (1933/1999e, pp.118;126) no “Teaching about

¹⁰¹ “Sobre a base da reflexão, da auto-consciência e compreensão dos processos próprios surgem novos agrupamentos, novas relações entre as ditas funções e precisamente estas relações que surgem na base da auto-consciência e que caracterizam a estrutura da personalidade nós as denominamos indícios terciários. [...] Todas as convicções internas, sejam quais forem, as diversas normas éticas, uns ou outros princípios de conduta plasmam-se, afinal de contas, na personalidade graças a esse tipo de relações.” (Vigotski, 1996f, p.246, tradução nossa)

emotions” era mostrar como a doutrina das paixões, de Espinosa, vinha sendo erroneamente vinculada à teoria de James-Lange que era, na verdade, herdeira do dualismo de Descartes e Malebranche. Com essa relação, Vigotski pensava expulsar o dualismo da ciência psicológica, substituindo-o pelo monismo espinosano. Nesse caminho, refuta também trabalhos como os de Fischer, que consideravam Espinosa um herdeiro de Descartes, e o próprio Descartes a partir da nova psicologia fisiológica que já comentamos.

Vigotski não era o primeiro a explorar os vínculos entre a teoria James-Lange e o texto cartesiano “As paixões da alma” (1649): Dumas e Ribot já haviam assinalado estas semelhanças (1933/1999e, pp.129-130)¹⁰². Para estes autores, como para o bielo-russo, James simplesmente substituíra a terminologia teológica cartesiana pela fisiológica: no dualismo cartesiano, são os espíritos animais a causa das paixões. Tais entes, causa mais próxima das paixões, movem a glândula pineal, possibilitando à alma percebê-las. A alma pode, algumas vezes, causar estas paixões ao conceber este ou aquele objeto, conquanto todas as paixões possam ser estimuladas por um objeto que afeta os sentidos¹⁰³. A causa das paixões não se encontraria apenas no cérebro, mas também no coração, baço, fígado e em outras partes do corpo que concorrem para a produção do sangue e, posteriormente, dos espíritos animais (Descartes, 1649/2004, pp.141;163).

¹⁰² Georges Dumas (1866-1946), médico e psicólogo francês, foi professor da Sorbonne. Amigo de Pierre Janet, que, tal como ele, fora aluno de Théodule Ribot, criou a primeira cátedra da disciplina de psicopatologia de que se tem notícia, em 1905. Vigotski menciona o prefácio de Dumas à tradução francesa do livro de K.G. Lange.

¹⁰³ “De acordo com o que se afirmou mais acima, sabe-se que a mais próxima causa das paixões da alma é a agitação com que os espíritos movem a diminuta glândula localizada no meio do cérebro. Mas isso não é suficiente para podermos diferenciá-las umas das outras; é necessário procurar suas fontes e analisar suas primeiras causas; mas, ainda que possam algumas vezes ser causadas pela ação da alma, que se determina a conceber estes ou aqueles objetos, e também pelo exclusivo temperamento do corpo ou pelas impressões que se encontram acidentalmente no cérebro [...] parece, pelo que foi dito, que todas elas podem também ser estimuladas pelos objetos que afetam os sentidos e que tais objetos são suas causas mais comuns e principais” (Descartes, 1649/2004, p.141).

Para Vigotski, em James, o termo “espíritos animais” é meramente substituído por “mudanças vasomotoras”. Considera, entretanto, que James vacilava quanto ao nascimento das paixões, pois chegara a admitir a existência de emoções intelectuais, puramente perceptivas, diversas das emoções-padrão e suas mudanças fisiológicas. Recaía, assim, num dualismo mente-corpo (Vigotski, 1932/1999a, pp.86;94). Fechavam-se tanto as portas de comunicação entre emoções inferiores (animais) e superiores (humanas) quanto das emoções com outros processos psíquicos.

O bielo-russo não poupa mesmo Cannon, personagem central da negação da teoria periférica das emoções, embora a crítica vigotskiana seja um pouco indecisa: no “Teaching about emotions”, considera que o autor teria formulado uma teoria fundamentalmente fisiológica, não acrescentando novidade ao entendimento das dinâmicas emocionais. Mas, em texto anterior (1932/1999a, p.94), atribui a Cannon o mérito de demonstrar que as emoções em humanos isolam-se cada vez mais do reino instintivo. Para o fisiólogo, no entanto, as emoções iriam desaparecendo filogeneticamente, enquanto Vigotski é categórico ao defender que, no homem, elas se enriquecem e se diversificam (1932/1999a, p.94). No mesmo texto, Freud é elogiado por pesquisar a dinâmica da vida emocional, ao invés de restringir o entendimento das mesmas à dos seus caminhos neuronais.

Diante deste debate, como ficaria o futuro da psicologia das emoções?

Com Vigotski, selecionamos uma idéia central: *o futuro da psicologia das emoções concentra-se na resposta ao problema da divisão entre psicologia explanatória e descritiva ou fenomenológica, dirigindo-se ao desenho de um quadro único das múltiplas manifestações da vida emocional humana, vivenciais e comportamentais, e de seus processos de determinação.* Tal idéia, que fundamentaremos a

seguir, está algo dispersa no “Teaching...”.

Por que acomodar todas as manifestações da vida emocional num mesmo quadro, monista? Porque as diferentes pesquisas segmentavam o psiquismo: o dualismo não era exclusividade de James. Todas as psicologias, sem excetuar Pavlov, encontravam-se ainda numa encruzilhada dualista, fato habilmente demonstrado em “O significado histórico da crise na psicologia” (1927/1996j). Nosso autor defendia a criação de uma psicologia geral, cujos conceitos contemplassem o que seria próprio do humano. A psicologia enfrentava dificuldades para se separar da filosofia e da fisiologia, lutando contra os vestígios da escolástica, dos quais Descartes era herdeiro (baseado em Yaroshevsky, 1999, pp.252-253). Trabalhava-se no contexto de luta da intelectualidade socialista contra o ranço teológico de uma União Soviética semifeudal, e ainda sob inspiração do materialismo militante de Lênin, (ver item 4).

Aí devemos compreender a interpretação de Vigotski, para quem a teoria James-Lange recaía numa visão mecanicista: a evolução das espécies, expressa na mecânica do corpo no mundo, explicava o problema da causalidade das emoções, que se descolavam da personalidade e da história, reduzindo-se a um mecanismo animal sem sentido próprio nem vida subjetiva: não há vivência das emoções, há só percepções de mudanças na periferia do corpo, independentes da interpretação humana e dos processos de pensamento.

Já a psicologia descritiva, capitaneada por Wilhelm Dilthey, concedia um lugar central à descrição das vivências¹⁰⁴. O bielo-russo louvava o valor da hermenêutica diltheyana na

¹⁰⁴ Dilthey (1833-1911), notável filósofo das ciências, rejeitava firmemente a aplicação do modelo das ciências naturais (*Naturwissenschaften*), para as ciências humanas, ou do espírito (*Geisteswissenschaften*). Nestas últimas, ao contrário das primeiras, era a compreensão e não as explicações em termos de causa e efeito que deveria prevalecer (Wikipedia, 2007c).

compreensão do sujeito da vivência. Mas esta não contribuía para desvelar a relação entre idéia, corpo e cérebro, limitando-se a descrições nas quais uma vivência simplesmente desagüava na outra, causavam-se a si mesmas, de forma tautológica (Vigotski, 1933/2004, p.241).

Fazia-se, pois, necessário superar essas falhas: emoções tão diversas quanto o medo dos animais e o amor de Dante por Beatrice (baseado em Vigotski, 1933/2004, p.214) precisavam ter sua gênese esclarecida pela mesma teoria¹⁰⁵. Este era um princípio básico do autor, relacionado à sua concepção de funções psíquicas superiores (amplamente exposta em Vigotski, 1931/1995). O autor trata as emoções como processos do organismo humano tornados funções da personalidade, histórica e culturalmente contingentes. Idéias teológicas, políticas, estéticas e científicas precisavam ganhar um lugar não só na descrição, mas também na explicação das emoções humanas. E a psicologia mecanicista, concentrada no estudo do sistema nervoso periférico, jamais atingiria esse grau de complexidade.

É neste ponto do problema que surge Espinosa, como Penélope cortejada por muitos pretendentes. O monismo parecia ser o substituto óbvio do dualismo cartesiano, o que tornava a doutrina espinosana dos afetos uma alternativa filosófica interessante. Não decorre daí, contudo, que esses pretendentes compreendessem, ou aceitassem por completo, sua preferida: extraíam-se partes da obra do filósofo, e, segundo Vigotski, nem sempre as mais importantes. O maior exemplo da confusão dos trabalhos sobre emoções era que tanto Dilthey quanto Lange invocavam Espinosa para completar suas lacunas (Vigotski,

¹⁰⁵ Vigotski endossa uma citação de Brett “En lugar de oponer una categoría de emoción a otra, hay que admitir que cada emoción puede adoptar diferentes formas, tan distintas como, por ejemplo, la rabia de un animal y una fundada indignación.” (1933/2004, p.138).

1939/2004, pp.122;233-236) E, por sua vez, esses autores lidavam com problemas já propostos na obra espinosana: Dilthey, com o problema de seu sentido e significado; Lange, com a causalidade natural das emoções.

Frente à imensidão de dados dispersos e idéias confusas, Vigotski (idem, p.58) sustenta que o futuro de uma psicologia das emoções dependeria de uma divisão de trabalho entre as ciências e no interior da própria psicologia da vida emocional. Para desânimo dos mais afoitos, aponta: os problemas não resolvidos constituiriam tarefas a se solucionar em muitos anos, com extensas e sérias investigações (idem, p.55). A primeira, que ele próprio realizava, era compilar e relacionar o material fático sem coordenação, expondo a luta de idéias filosóficas por detrás das psicológicas, abrindo um caminho para futuras investigações. Tropeçava-se na minguada compreensão do sistema nervoso dos primórdios do século XX: caberia mais formular hipóteses sobre as direções futuras da pesquisa do que tecer afirmações seguras no assunto.

A expressão “divisão do trabalho” é um tanto indefinida. Nosso autor não esclarece a quais tarefas se refere, mas apenas o passo seguinte: para revolucionar a pesquisa na psicologia das emoções, diante dos novos fatos neurológicos – ainda incipientes – era necessário mudar o modelo filosófico que embasava a teoria das emoções (Vigotski, 1933/1999e, pp.101-105), substituir o modelo cartesiano pelo espinosano, considerando que tanto a ciência pode se acabar com uma grande idéia filosófica como, através dos novos fatos concretos sobre a mente humana, seria possível resolver velhos problemas filosóficos.

Essa postura era cara ao nosso autor: em algumas obras, considerava, por exemplo, que a ciência psicológica poderia ser uma espécie de “filosofia experimental”. Os trabalhos de

Koffka e de Piaget eram exemplos disso (1933/1999e, p.103). O mesmo se aplicava aos experimentos de livre-escolha capitaneados pelo próprio Vigotski (1931/1995, p. 288): vários de seus textos foram perpassados pelo objetivo de compreender experimentalmente o desenvolvimento do livre-arbítrio (Toassa, 2004a). Tal preocupação espalhava-se também a suas idéias sobre emoções, aproximando-o de Espinosa neste terreno.

7.2 – Para pensar Vigotski e Espinosa

Vigotski, provavelmente, tomou contato com a filosofia espinosana na graduação em Shaniavski, sendo, para muitos, um especialista no assunto (A.A. Leontiev, 2005). Segundo A.N. Leontiev (1991, p.423), Espinosa era o filósofo favorito de seu mestre¹⁰⁶. Mas nessa simpatia um tanto deslocada de modismos, tempo e espaço, Vigotski estava, presumivelmente, só: chama-nos a atenção a completa ausência de comentadores russos nas referências de seu “Teaching about emotions”. À exceção de Lev Chestov, não temos notícia de qualquer outro psicólogo ou filósofo de sua época que simpatizasse com a filosofia espinosana. Tal lacuna pode ter sido razão importante para que o bielo-russo planejasse, justamente, sobrelevar a importância de Espinosa nos estudos sobre emoções na União

¹⁰⁶ Baruch de Espinosa (1632-1677), autor holandês de origem judaica, foi um dos maiores malditos da história da filosofia. Pois foi perseguido não apenas pela sua comunidade de origem, que o excomungou, mas também por outras grandes religiões e (caso mais raro) também por outros filósofos (Chauí, 1999a). Perdendo sua herança, esta “terra espinhosa (*terra spinosa*) que a maldição divina há de secar e cobrir” (Chauí, 1999a, p.25) ganhou a vida como um modesto fabricante de lentes, tendo sua filosofia sempre marcada pelo peso da estranheza e da incompreensão mesmo dos amigos próximos. Apesar de toda a virulência religiosa que chegou a ameaçar-lhe a vida, defendeu de forma intransigente sua liberdade de pensar. Segundo Chauí (2005), sua obra mestra foi a “Ética”, publicada apenas postumamente, no ano de sua morte. Em 1690, toda sua obra póstuma foi banida pelo Santo Ofício. Sua obra foi recuperada apenas durante o Iluminismo, desde quando é alvo de sublimes encômios e terríveis pragas, numa luta apaixonada que, ao contrário do ele que propunha, ultrapassam a intenção maior de sua filosofia: não rir, não lamentar, mas sim compreender (Chauí, 1999a, p.26).

Soviética. Mas, até onde sabemos, ele não deixou herdeiros entre seus discípulos e o assunto foi esquecido após sua morte.

A primeira aparição conhecida de Espinosa na obra vigotskiana está na “Psicologia da Arte” (1925), livro que o autor abre e fecha com uma citação espinosana da terceira parte da “Ética” sobre o desconhecimento das capacidades do corpo (ver o item 5.1). Há referências breves ao holandês em vários outros textos, tendo sido ainda pouco estudada sua presença em Vigotski. Não obstante esse problema, é certo que ele conhecia pelo menos as seguintes obras de Espinosa: o “Breve Tratado sobre Deus, o homem e sua felicidade”, o “Tratado Político”, as “Cartas”, o “Tratado da correção do intelecto”, e a “Ética”, como podemos constatar em Vigotski (1933/1999e; 1927/1996j; 1931/1995). No “Teaching about emotions”, o autor reporta-se à “Ética”, seguida de longe pelo “Breve Tratado”.

Como tese fundamental sobre a relação Vigotski-Espinoza, adotamos a idéia de que o bielo-russo estabelecia com a obra espinosana uma relação de crítica construtiva. Na citação a seguir:

No pensamos hallar en la teoría de las pasiones de Spinoza una teoría preparada, válida para las necesidades del saber científico moderno. Al contrario, durante nuestra investigación nos proponemos, basándonos en lo que de verdadero hay en la teoría de Spinoza, poner en evidencia sus errores. Pensamos que para hacer la crítica de Spinoza no tenemos arma más segura y poderosa que la verificación de sus ideas a la luz del saber científico contemporáneo. Pero creemos que la única manera de sacar a la teoría moderna de las pasiones de su atolladero histórico es con ayuda de una gran idea filosófica. (Vigotski, 1933/2004, p.58)

Um dos aspectos mais complexos da presença de Espinosa em Vigotski era a oscilação entre o elogio e a crítica ao filósofo, postura que, no bielo-russo, era freqüente.

Quase todos os textos de Vigotski evidenciam o talento de seu autor para a crítica teórico-metodológica, capaz de atingir, de pronto, a essência de um pensamento, separar o joio do trigo e conquistar boas idéias para sua própria psicologia, incluindo seu processo de trabalho experimental e clínico. Tal postura, amplamente fundamentada em Vigotski (1927/1996j), salvava o autor do ecletismo, imprimindo uma marca inconfundível em seus trabalhos.

Qualquer leitor de Vigotski lembrar-se-á de pelo menos um caso no qual o bielo-russo comenta dados e concepções de outros pesquisadores, fornecendo-lhes sua própria interpretação, corrigindo, mostrando como um autor contribuíra para resolver um problema e em quais aspectos havia falhado. Seu olhar, tão amplo e isento de preconceitos, trabalha num compasso próprio que, se contém defeitos devidos principalmente à sua rápida elaboração, goza, no entanto, de grande harmonia interna¹⁰⁷. Por essas razões, cremos que é preciso ser cauteloso e colocar cada idéia esparsa lançada sobre Espinosa em seu lugar: o de sua possível utilidade ou de relação com a perspectiva histórico-cultural, na medida de nossas possibilidades nesta tese.

Indicação das intenções vigotskianas, a última citação transcrita não nos alivia, contudo, da tarefa de investigar e formular hipóteses sobre a forma e o conteúdo das bases filosóficas que Vigotski pretendia tomar a Espinosa na constituição de uma teoria das emoções; de compreender, à luz dessa intenção delineada pelo autor, as afirmações elogiosas ou críticas ao filósofo.

¹⁰⁷ Críticos stalinistas, anos depois, decapitando citações de seu contexto, haveriam de se aproveitar dessa amplitude para caluniá-lo: acusaram Vigotski de fascismo, biologicismo (Rudneva, 1937, p.82-85), desconhecimento da lingüística estrangeira e russa (Kozyrev e Turko, 1936, p.65); de defensor da idéia de que parentes e professores não têm o direito de prescrever nada (Rudneva, 1937, p.75-88). Também, de ser um autor machista (adepto da filosofia de Ernst Mach, incisivamente criticada por Lênin), com um trabalho experimental muito limitado.

Nesse terreno de possível interlocução entre os finados, é importante lembrar “O significado histórico da crise na psicologia” (1927/1996j, pp.252-269), texto no qual Vigotski desaprovava as tentativas ecléticas de conjugar elementos de teorias heterogêneas. Empreendendo uma análise da história da psicologia, mostrou o sentido estratégico dessas tentativas. Tachou parte delas como mera “anexação de um território alheio” (em que uma teoria absorve de outra os produtos científicos considerados interessantes) ou “tratado de aliança”, em que os interesses teóricos complementares uniam-se sem perder a independência, mas tampouco acrescentavam novas descobertas a cada território. Um exemplo recente eram as tentativas de agregar a psicanálise a outros sistemas de investigação. Para isso, usavam-se métodos confusos, ecléticos, em oposição aos quais Vigotski defendia o cuidado metodológico¹⁰⁸. O livro, parcialmente dedicado à crítica da importação de modelos de outras ciências para a psicologia, comenta a lamentável arbitrariedade de se minimizar questões filosóficas de importância, de se mutilar sinônimos teóricos esquecendo seus significados e seu processo de produção no sistema original, além das premissas fundamentais presentes em cada afirmação menor de um autor¹⁰⁹.

Uma análise escrupulosa e crítica deveria retrair a rota metodológica demonstrativa de um conhecimento. A ciência, para Vigotski, não era uma superfície homogênea, contínua, e o processo de obtenção de dados e sua análise poderia conter tanto virtudes quanto vícios (caso, por exemplo, do inflacionamento da sexualidade na psicanálise: conceito importante na

¹⁰⁸ Lembremos que o autor não reduzia o termo “metodologia” apenas às técnicas de pesquisa, mas também às questões de filosofia da ciência subjacentes a qualquer investigação (1927/1996j, p.283).

¹⁰⁹ Por exemplo: contra o suposto “materialismo médico” freudiano, defendido por Zalkind como porta de comunicação entre marxismo e psicanálise, Vigotski argumenta que no plano ontológico/gnoseológico Freud mantinha-se idealista e dualista. Nos seus pressupostos fundamentais a teoria freudiana estava longe do materialismo e suas conclusões práticas eram anti-históricas e anti-dialéticas.

análise da histeria, mas absurdo quando extrapolado à análise de Dostoievski, à igreja cristã, à horda primitiva).

Vigotski considerava que a psicanálise era um conhecimento ainda carente de consciência sobre si mesmo, com idéias em parte interessantes, mas que estudava seu objeto – o inconsciente – por meios impróprios. Seria preciso, antes de tudo, elevar-se com relação ao conteúdo real dos problemas pesquisados e comprovar o significado do conhecimento produzido, dispondo de um ponto de vista próprio. Pois era um sistema de idéias próprio que, segundo o autor, criava um porto seguro para o processo de investigação e relação com outras teorias: o exemplo mais contundente era o de Pavlov, que se deparara no laboratório com fenômenos similares à clínica freudiana, e, instigado pelas idéias deste último, investigara-as com sua própria metodologia, explicara-as com seus próprios conceitos. Os dois sistemas podiam coincidir num ponto de interseção, num domínio comum, mas sem perder sua origem, significado e valor original. A verdadeira ciência psicológica, para cuja direção apontava sua psicologia histórico-cultural, não deveria realizar um processo grosseiro de importação mutiladora de outros autores, em prejuízo, pois, do próprio sistema vigotskiano.

Aqui começa, então, a dificuldade própria à relação Vigotski-Espinosa: enquanto podemos comentar de forma localizada, por exemplo, sua simpatia crítica para com Cannon, no que se refere a Espinosa existe uma complexidade muito maior. O clima criado pelos apontamentos esparsos de Vigotski sobre a obra espinosana, além das próprias características filosóficas das obras vigotskianas, implicam em dificuldades ético-políticas e metodológicas bastante significativas. Conhecemos as idéias de Vigotski sobre as emoções, mas elas

constituem uma concepção e não propriamente uma teoria; o autor elaborou um pensamento psicológico que pode nos orientar no comentário a Espinosa, mas não sabemos de todo como o bielo-russo era provocado pelo trabalho daquele.

É por essa dificuldade que procuraremos chegar, tanto quanto possível, a indicações úteis na comparação dos dois sistemas. Podemos elencar alguns apontamentos teórico-metodológicos de Vigotski sobre Espinosa, analisando-os no texto a seguir. Nossa linha discursiva passará através da “Ética” (1677/2008), obra-mestra do filósofo e também portadora de mais conteúdos sobre sua doutrina dos afetos. Espinosa é, provavelmente, um autor pouco conhecido para os leitores desta tese; e sua própria autora ainda não estabeleceu contato com todas as obras dele conhecidas por Vigotski. Procuramos construir um texto introdutório, um resumo que atravesse os aspectos relevantes em Espinosa para o bielo-russo. Mais do que respostas, desejamos uma problematização.

7.3 – Os apontamentos de Vigotski. A doutrina espinosana dos afetos.

Os principais apontamentos de Vigotski sobre Espinosa, quanto a uma psicologia das emoções, são os seguintes:

- a) A obra espinosana poderia ser referência para um modelo de natureza humana, para a própria formação de uma idéia de homem (Vigotski, 1933/2004, p.59)
- b) Espinosa seria um autor materialista, naturalista e determinista (seu naturalismo reside na crença de que a psique não é um estado dentro do outro, não é algo fora da natureza).

- c) Espinosa teria elaborado uma importante doutrina psicofísica (1927/1996j, p.359).
- d) Espinosa teria evidenciado a importância do conceito de afeto e sua influência no pensamento (na acepção de raciocínio, resolução de problemas) (1933/2004, p.16; 1935/1997b, p.266).
- e) A partir da idéia de que o indivíduo inteligente é amo das suas emoções, tenderia Espinosa a uma atitude genética correta, a mostrar um caminho que conduziria à regulação da vida emocional (1996f, p.245; 1935/1997b, p.272), da passividade à atividade dos estados psíquicos (1996g, p.307), a uma liberdade como processo dependente do desenvolvimento do pensamento (1931/1995, p.288). Pensar liberto com respeito à servidão dos afetos.
- f) Espinosa é elogiado por negar os poderes absolutos da vontade na determinação da conduta. Vontade e liberdade não são processos que ocorrem fora, mas dentro da natureza; são aspectos da necessidade natural (Vigotski, 1933/2004, p.160) e seu controle depende das manifestações e natureza do afeto experimentado.
- g) Como apontara Espinosa, nada podemos fazer em relação com a nossa alma, sem o auxílio da recordação (Vigotski, 1931/1995, p.262)¹¹⁰.
- h) Não era possível calcular as possibilidades do futuro nem para a arte, nem para a vida, pois, como afirmava Espinosa, ninguém havia definido do que o corpo era capaz (Vigotski, 1925/2001b, p.329).
- i) Espinosa planteou os problemas do significado vital dos sentimentos humanos e sua relação com o que há de superior/específico na vida emocional humana, sem abrir

¹¹⁰ Esta idéia é vinculada pelo bielo-russo ao emprego de estímulos auxiliares, à porção involuntária dos atos volitivos, da qual dependia a voluntária (ver o item 10.2.2).

mão da sua explicação causal (1933/2004, pp.235-236).

- j) Como Espinosa afirmara, não é necessário um método para descobrir qual o método verdadeiro, sob pena da multiplicação dos métodos. O instrumento para investigação, de algum modo, é o próprio intelecto dotado de potência ou força natural, utilizando, de início, apenas seus instrumentos inatos (Vigotski, 1927/1996j, pp.242-243)¹¹¹.
- k) Espinosa equivocava-se ao tratar dos afetos com os mesmo métodos utilizados para o estudo geométrico das linhas, superfícies e corpos (1927/1996j, pp.385-386): para Vigotski, não seria possível construir, por exemplo, uma ciência psicológica geométrica. O método analítico é o das ciências reais, naturais; o fenomenológico, ou apriorístico, seria o das ciências matemáticas e o da ciência pura do espírito.
- l) Vigotski (1930/1991g, p.92), embora aprovando a idéia espinosana de que a personalidade deveria se referir a um fim máximo; ser um sistema de centro único, descartou que a idéia do amor intelectual a Deus, como em Espinosa, ocupasse esse centro.
- m) A classificação e definições dos afetos, na terceira parte da “Ética”, seriam os aspectos mais datados da doutrina espinosana, revelando mais as condições produtoras de um estado mental determinado, do que o conteúdo dos afetos (Vigotski, 1933/2004, p.232).

* * *

¹¹¹ Tais instrumentos eram, presumivelmente, as mãos e o pensamento.

Nossa primeira tarefa é assinalar um problema: a filosofia de Espinosa não pode ser considerada materialista no sentido cartesiano do vocábulo *materia*, que seria um sinônimo de *extensão*. A leitura de sua “Ética” não deixa dúvidas: em nenhum momento, a substância única que constitui o universo espinosano é denominada “matéria” sem ambigüidade¹¹². E, tampouco, surge como mera idéia ou pensamento. Para aprofundar a discussão, cremos, pois, ser necessário atentarmos ao contexto preciso do livro vigotskiano.

Vigotski (1933/2004) menciona o “materialismo” espinosano apenas de passagem. Primeiro: na página 89, ataca tanto os positivistas e seu enfoque de Espinosa a partir do suposto “paralelismo” corpo-mente deste autor, quanto os fenomenólogos da época: considera que, sob a aparência de um paralelismo, Espinosa teria desenvolvido, essencialmente, uma concepção materialista do mundo. Abraçar a idéia de um paralelismo espinosano, naquele contexto, seria recair no dualismo, desmembrando-se as conexões corpo-mente em benefício de uma psicologia dos nexos puros da consciência. Contra isto, Vigotski recomenda o estudo de Espinosa a partir das *relações* corpo-mente e da neuropsicologia de sua época.

Segundo momento: contra a captura de Espinosa pela psicologia descritiva, Vigotski defende que a tarefa histórica direta do autor teria sido resolver, de forma materialista, problemas propostos pelo idealismo de sua época, confirmando um importante fato: o idealismo inteligente está mais próximo de um materialismo autêntico, que um materialismo estúpido (1933/2004, p.91). Espinosa seria idealista? Vigotski (idem, p.93), materialista

¹¹² Ver as Definições da Parte I da “Ética”, acerca de substância, atributos e modos. Ver, em particular, o Escólio da Proposição 15 da Parte I, em que o autor se refere a “matéria” (no latim: *materia*), mas é difícil dizer se Espinosa denomina a substância de seu próprio sistema filosófico, ou apenas o atributo extensão, ou faz uma espécie de concessão retórica ao seu interlocutor imaginário.

histórico, considera, neste trecho, a história da filosofia como uma luta entre materialismo e idealismo num ciclo de tese-antítese-síntese, afirmando que Espinosa seria a refutação materialista de Descartes, e o idealista Hegel, posteriormente, criador da única refutação válida de Espinosa¹¹³.

Terceiro momento: novamente tratando da necessidade de unificação entre explicação e descrição, para a superação do dualismo, Vigotski agrega o materialismo ao naturalismo e ao determinismo espinosano, opondo-os ao espiritualismo, ao indeterminismo, às teleologias e ao sobrenatural: “Es precisamente Espinosa quien luchó por una explicación causal, determinista, natural y materialista de las pasiones humanas” (Vigotski, 1933/2004, p.232).

Quarto momento: Vigotski comete um lapso: a teoria James-Lange teria resolvido um dos problemas centrais da *psicologia* materialista e determinista de Espinosa (1933/2004, 236; 1999e, p.222). Estranha palavra: Vigotski reputava a Espinosa a condição de filósofo e não psicólogo, tal como aparece no restante de ambas as edições do manuscrito. Nosso bielorusso comete lapso semelhante ao comentar que nenhuma psicologia explanatória, ou fisiológica, forneceria base para as *ciências do espírito*, referindo-se, com este termo, à sua psicologia dos processos mentais superiores (1933/1999e, pp.148-149). O termo é diltheyano e não nos lembramos de Vigotski tê-lo empregado em qualquer outro livro, com referência à sua própria psicologia.

Essas sutilezas mostram que, embora o manuscrito seja dotado de unidade interna, é às vezes vago; apresenta problemas de revisão e detalhes semânticos que nos impedem de

¹¹³ É fato que Hegel, em mais de um trabalho, criticou a filosofia espinosana. Na “História da Filosofia”, por exemplo, critica-o, entre outros aspectos, por ter “confundido” filosofia e matemática, errando no conteúdo de sua filosofia e ao escolher um critério de verdade matemático (Andrade, 1998, p.11).

dizer, por ora, se Vigotski considerava Espinosa: 1) materialista (apenas pela sua crítica ao dualismo); 2) alguém historicamente fadado ao materialismo; 3) criador de um materialismo. Como o autor não comentou mais profundamente o suposto materialismo espinosano, o problema resta temporariamente irresolvido. Vigotski compreendia o materialismo num viés materialista histórico, mas, dadas as complexidades desta perspectiva (Bottomore, 2001, pp.254-258), também é-nos difícil precisar o que Vigotski afirmava ao qualificar a obra espinosana como materialista.

Mas, de todo modo, considerar Espinosa materialista é um fato comum na história da filosofia, que conta com alguns exemplares de monismo materialista: caso do próprio materialismo histórico. Há quem tenha considerado a ontologia espinosana como monismo naturalista a anunciar materialismos futuros (Chauí, 1999a, pp.22;638), precursora de formas modernas de materialismo (com simpatia pelas suas formas passadas: caso de Lucrecio), entre os quais, o marxista.

De resto, existe certo consenso filosófico: a filosofia espinosana é monista e determinista. A doutrina dos afetos ganha sentido numa concepção repleta de sinônimos em que Deus, ou natureza, ou ente absolutamente infinito, ou substância (única, não havendo outras), ou real, é composto pela natureza naturada e a natureza naturante. A naturante engloba a substância e seus atributos que exprimem uma essência eterna e infinita, isto é, Deus como causa livre, independente de qualquer outro ser, sendo que os dois atributos aos quais o autor dedica maior atenção são o pensamento e a extensão. A natureza naturada engloba os *modos* dos atributos de Deus, enquanto considerados como coisas que neles existem, sem existir nem ser concebidas sem eles (Espinosa, 1677/2008, p.53).

A Parte I da “Ética” – “Deus” – dedica-se a expor esses fundamentos. A Parte II apresenta “A natureza e a origem da mente”; a Parte III, “A origem e a natureza dos afetos”; a Parte IV, “A servidão humana ou a força dos afetos”; e a Parte V, “A potência do intelecto ou a liberdade humana”. Demonstrada à maneira dos geômetras, a “Ética” faz-se num ciclo de definições, axiomas, postulados, proposições, corolários, escólios, demonstrações, apêndices, prefácios; elementos que obedecem a um ciclo analiticamente rigoroso, no qual cada ponto remete-se aos seus complementares no interior da obra.

Entre os modos finitos corporais, podemos incluir todos os corpos (no sentido amplo, físico, desta palavra). Os modos infinitos da extensão são as leis físicas; o modo infinito mediato do atributo extensão é o universo, sendo a extensão, essência do mundo físico. As almas, ou modos finitos anímicos ou psíquicos são indivíduos feitos por nexos de idéias (baseado em Chauí, 2005, p.48). Se colocados numa ponta causal do cosmos espinosano, a dos modos finitos, pode-se afirmar que os corpos causam-se uns aos outros, mas sempre causados pelos modos infinitos. Tal idéia está próxima de se dizer: os homens são causa de si, mas como parte de uma natureza rigorosamente determinada. Pela causalidade eficiente imanente (baseado em Chauí, 1999a, p.66), Espinosa, geometricamente, passa da exposição de Deus, natureza ou substância à constituição do corpo humano e seus afetos, à ética e à sociedade. Não é possível compreender a concepção espinosana sobre a servidão humana perante a força dos afetos (na Parte IV da Ética), sem acompanhar a apresentação à moda geométrica que define a condição do homem na natureza (nas Partes I, II e III). Tanto menos, os meios para que se alcance maior potência, realidade ou perfeição, admitindo que os afetos sejam transições de potência, realidade ou perfeição do corpo em

agir, e da mente em pensar.

A filosofia espinosana é um racionalismo que critica profundamente as grandes religiões, consideradas como tributárias da superstição. Esta se constrói porque o homem, parte da natureza, tem uma existência carente de muitas outras partes, mas, via de regra, não conhece as verdadeiras causas das suas benesses e desgraças, criando idéias confusas sobre elas. Sua “Ética” tematiza, então, entre outros assuntos, a potência e a impotência humanas frente ao restante da natureza: não há acaso, milagre e nem situação ininteligível. Nossa incompreensão de um fato decorre de que, muitas vezes, não conseguimos reconstituir por completo a cadeia de suas causas, das próximas às absolutas, os quais têm como causa última toda a natureza. Esta não é estática, mas dinâmica: idéia com a qual Espinosa dá uma de suas estocadas no criacionismo, o qual postula a existência de um mundo imutável, criado por Deus de uma vez para sempre.

Parte da ignorância humana surge em função das relações entre corpo e mente, na qual abundam as idéias confusas, entre as quais os afetos ditos paixões. Assim, tanto quanto o conhecimento verdadeiro, a ignorância faz parte da natureza. A superstição consiste numa série de idéias confusas sobre as causas dos fatos¹¹⁴, mostrando como os homens são levados a imaginar o mundo de modo finalista, como que construído para o seu prazer e a sua dor

¹¹⁴ Parodiando o modo religioso de se questionar as causas de ter uma pedra caído sobre a cabeça de um homem, matando-o, Espinosa concatena uma série de perguntas: “se a pedra não caiu, por vontade de Deus, com esse fim, como se explica que tantas circunstâncias (pois, realmente, é com freqüência que se juntam, simultaneamente, muitas circunstâncias) possam ter se juntado por acaso? Responderás, talvez, que isso ocorreu porque ventava e o homem passava por lá. Mas eles insistirão: por que ventava naquele momento? [...] E assim por diante, não parando de perguntar pelas causas das causas até que, finalmente, recorras ao argumento da vontade de Deus, esse refúgio da ignorância.” (Espinosa, 1677/2008, p.69-71). A visão antropomórfica de Deus apresenta-o como um homem gigante, uma espécie de Rei com poderes absolutos: pois, afinal, detendo em suas mãos o poder sobre o mundo, precisava ser bem maior que os próprios reis.

(no Apêndice da Parte I da Ética)¹¹⁵. Mas essas imaginações não são uniformes: embora certos bens sejam desejados pela maioria dos homens, nem todos os homens desejam os mesmos bens ao mesmo tempo, na mesma época de suas vidas, ou do mesmo modo. Daí um pressuposto fundamental para sua doutrina dos afetos, o caráter *relativo* do desejo: o que é bom para uns, é mal para outros, embora cada qual acredite que seu desejo particular seja universal.

Espinosa não criou uma mitologia sobre a origem do universo. Absteve-se de imaginar qualquer ponto de partida cosmológico. Seu determinismo, que tanto atraiu Vigotski, atravessa toda a “Ética”, perfazendo causalidades que vão da substância infinita aos seus modos finitos: todo efeito contém uma ou mais causas; tudo que existe pode ser explicado pelas suas causas. Por isso, Chaui (2005, p.32) identifica em Espinosa um racionalismo absoluto, cujo sentido prático é uma libertação com respeito à ignorância, incluindo seus efeitos religiosos e políticos.

Conhecer pelas causas, para Espinosa, segundo Chaui (idem, p.37), é conhecer a origem necessária de algo conhecendo a maneira como é produzida – a sua gênese. Epistemologia e ontologia, assim, ligam-se de modo indissolúvel: Espinosa distingue a *definição real* ou idéia verdadeira, que nos dá a razão ou causa necessária da essência e existência de um ser qualquer, da simples *definição nominal*, que descreve as propriedades do objeto. Afastando a tradição aristotélica de definição da coisa pelas suas propriedades (exemplo: o homem é animal racional, capaz de falar etc), sujeitas ao caráter fortuito de nossa

¹¹⁵ “E como aqueles que não compreendem a natureza das coisas nada afirmam sobre elas, mas apenas as imaginam, confundindo a imaginação com o intelecto, eles crêem firmemente que existe uma ordenação nas coisas, ignorando tanto a natureza das coisas quanto a sua própria” (Espinosa, 1677/2008, p.71).

imaginação, do hábito, Espinosa defende as definições genéticas da geometria. Não significa que o autor não descrevesse as propriedades das coisas: mas sim que apenas conhecendo as causas formadoras das propriedades singulares *dessa* coisa, ou de um determinado gênero de coisas, e distintivas quanto à formação de outras coisas, seria possível compreendê-las.

Tal como na geometria, o autor mostra o modo pelo qual certa causa (processo), sendo dada, produz algo – por exemplo, um círculo ou triângulo – e sendo retirada, extingue o produzido (Espinosa, 1677/2008, p.79). Mas este aspecto passa por uma polêmica filosófica secular: o papel da matemática, em particular da geometria, nas obras de Espinosa, que comentaremos mais adiante. Passemos a uma breve exposição da sua doutrina psicofísica e dos afetos.

O corpo é maneira definida e determinada da essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa. O corpo é modo definido do atributo extensão. O homem, além de ser um corpo, pensa. Ou seja: a mente é modo definido do atributo pensamento. As idéias, a vontade, os afetos (enquanto idéias das afecções do corpo) são todos compreendidos no atributo pensamento. O sentido do termo é, portanto, mais amplo do que para Vigotski. Não há diferença de substância entre idéia e coisa: um círculo existente na natureza e a idéia desse círculo são *uma só e a mesma coisa*, ora compreendida sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão, e não como externalidades que se determinam.

Na Proposição 7 da II Parte, lemos: “A ordem e a conexão das idéias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (Espinosa, 1677/2008, p.87). Por isso, tudo que ocorre no corpo é percebido pela mente (embora não seja, necessariamente, rotulado por ela). Nessa Proposição, segundo pensamos, centraliza-se a genialidade do monismo espinosano que

envolve sua doutrina dos afetos. Não há afeto puramente físico ou mental, razão pela qual Espinosa fornecia a Vigotski uma alternativa à confusão dualista entre emoções “baixas” e “elevadas” em que derrapavam as psicologias da sua época (e, de algum modo, também as de nosso tempo). O que isso significa em termos neurocientíficos, psicossomáticos, tem sido explanado mais recentemente: não há estado emocional sem efeitos corporais e mentais. Esses fatos, mostrando o processo de mapeamento do corpo pelo cérebro e a contínua produção de hormônios por este último (Herculano-Houzel, 2008), desqualificam as teorias fundadas numa dicotomia corpo-mente. Mesmo a sonoridade da música, ou bons relacionamentos de amizade, exercem efeitos antes insuspeitos no bem-estar corporal.

O corpo humano, para Espinosa, é um todo composto. A seqüência explicativa da Proposição 13, Parte II da “Ética”, evidencia os processos físico-fisiológicos próprios aos corpos e completa-se com as considerações de que o corpo humano é ser composto de muitos indivíduos, os quais, por sua vez, compõem-se de corpos mais simples. O próprio corpo é, pois, um ente coletivo¹¹⁶: “é composto de um grande número de indivíduos de natureza diferente, e pode, portanto, ser afetado de muitas e diferentes maneiras por um só e mesmo corpo” (1677/2008, p.185). Nele existem partes duras, moles e fluidas, em movimento e repouso, havendo uma transmissão interna de forças e mudanças de forma.

Um indivíduo composto pode ser, então, afetado de muitas maneiras e ainda conservar sua natureza. Espinosa afirma: os indivíduos que compõem o corpo humano, e por conseguinte, ele próprio, são afetados pelos corpos exteriores de muitas formas. E, ainda:

¹¹⁶ Conforme exprimiu, com justeza, o Professor Laurent Bove em sua conferência “Sobre o princípio do conhecimento dos afetos em Espinosa. Causalidade e esforço sem objeto na Ética III”, dia 23 de outubro, 2008, no Anfiteatro do Instituto Sedes Sapientiae – São Paulo – SP.

“O corpo humano tem necessidade, para conservar-se, de muitos outros corpos, pelos quais ele é como que continuamente regenerado” (Espinosa, 1677/2008, p.105). O corpo humano, por sua vez, também afeta (modifica, altera) os corpos exteriores.

Assim, na concepção dos afetos espinosana, a capacidade de afetar é indissociável da de ser afetado, bem como da natureza dos corpos que se afetam. Isso se acompanha, é claro, da existência de idéias na mente acerca do próprio corpo e dos demais. Mas – ponto fundamental na causalidade das nossas idéias – elas indicam mais o estado de nosso corpo enquanto afetado pelos exteriores que a natureza de qualquer deles (como o signo emocional comum de Vigotski). Pois, em primeiro lugar, a mente é a idéia do seu corpo existente em ato: a idéia de uma afecção (mudança decorrente da relação com outro corpo) do corpo persiste enquanto este for afetado. E, posteriormente, a mente pode considerar presentes os corpos exteriores pelos quais o corpo humano, do qual constitui a idéia, foi antes afetado, conservando deles as idéias imaginativas enquanto durar a afecção correspondente.

Como propriedade da nossa imaginação¹¹⁷, podemos considerar presentes coisas que não existem. Esta é uma virtude da mente, sendo errônea apenas caso não se percebam razões para dúvida. As imaginações são forma adequada de conhecimento do estado do corpo em ato e inadequada de suas relações com outros corpos: são idéias confusas, conclusões sem premissas. Por meio delas, a mente conhece a si mesma apenas enquanto percebe as idéias das afecções do corpo.

A imaginação, pela sua virtude a um só tempo cognoscente e confusa, é posta no

¹¹⁷ Chaui (2005, p.32) afirma que, no século XVII, “imaginação” não significa fantasia criadora, mas sensação, percepção e memória. A imaginação é o conhecimento sensorial que produz imagens das coisas em nossos sentidos e cérebro. “Uma imaginação é uma idéia pela qual a mente considera uma coisa como presente” (Espinosa, 1677/2008, p.277)

primeiro gênero de conhecimento espinosano. Ao todo, esses gêneros são três: I. A imaginação (Chauí, 2005, pp.35-36); II. As noções comuns e as idéias adequadas das propriedades das coisas; III. A ciência intuitiva¹¹⁸. Sendo o corpo humano composto de muitas partes, também a mente é uma idéia composta: como as afecções são muitas, são muitas as imaginações. Calor, frio, fome, sede (e suas respectivas idéias) são algumas delas, pelas quais imaginamos, por exemplo, uma casa com aquecedor, um prato de yakissoba, um sorvete La Frutta. Tão logo sejamos satisfeitos, é provável que a afecção cesse e paremos de imaginar tais coisas. Isso, contudo, depende da nossa natureza singular e das circunstâncias que envolvem a afecção. O yakissoba e o sorvete, entretanto, terão sido modificados por partes de nosso corpo até um nível molecular. Mas isso não significa que saibamos algo sobre a natureza desses corpos decompostos, ou mesmo por que, retrospectivamente, nossa mente os imaginava.

A memória é uma certa concatenação de idéias que envolve a natureza das coisas exteriores segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano. Portanto, dependente do hábito ou experiências pregressas de quem imagina. A variedade e dinâmica das afecções é obstáculo para a mente formar um conhecimento adequado das mesmas: ela não compreende as concordâncias, diferenças e oposições entre todas as coisas. Assim, a imaginação é, antes de tudo, processo corporal e passivo. Se a mente deixar-se confundir pela

¹¹⁸ No Escólio 2 da Proposição 40, Parte II: “De tudo o que foi anteriormente dito conclui-se claramente que percebemos muitas coisas e formamos noções universais: 1. A partir de coisas singulares, que os sentidos representam mutilada, confusamente, e sem a ordem própria do intelecto [...]. Por isso, passei a chamar essas percepções de conhecimento originado da experiência errática. 2. A partir de signos; por exemplo, por ter ouvido ou lido certas palavras, nós nos recordamos das coisas e delas formamos idéias semelhantes àquelas por meio das quais imaginamos as coisas [...]. Vou me referir posteriormente, a esses dois modos de considerar as coisas como conhecimento de primeiro gênero, opinião ou imaginação. 3. Por termos, finalmente, noções comuns e idéias adequadas das propriedades das coisas [...]. A este modo me referirei como razão e conhecimento de segundo gênero. Além desses dois gêneros de conhecimento, existe ainda um terceiro, como mostrarei a seguir, que chamaremos de ciência intuitiva” (Espinosa, 1677/2008, p.135)

idéia imaginativa, tomando-a passivamente como verdade absoluta, estará propensa às paixões, e, portanto, à servidão.

Espinosa (1677/2008, pp.143-145) edifica, a partir da multiplicidade constitutiva da mente e do corpo, uma doutrina dos afetos que se caracteriza por uma recusa da faculdade de compreender, desejar ou amar como posse transcendente e abstrata do ser humano. A vontade não subordina o desejo. A vontade é o próprio desejo, enquanto referido à mente. É a determinação da mente a pensar, a afirmar ou negar alguma coisa. Pensamos falar ou calar por livre determinação da mente, mas nossas “decisões” não são mais do que os apetites, enquanto referidos à mente (idem, p.171).

Num contexto de negação da doutrina estoica da potência absoluta da mente com relação ao corpo, Espinosa define:

3. Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções.

Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão. (Espinosa, 1677/2008, p.163)

Vemos, pois, como um afeto difere de uma simples afecção do corpo, pois o conceito implica: 1) numa mudança de potência (inexistente em muitas das afecções); 2) na idéia desta mudança. Modificações tanto numa como noutra dimensão definem afetos diferentes¹¹⁹. Fernández G. (1999, p.94) nota como esse conceito, diversamente da tradição que entende os sentimentos como estados internos, apresenta os afetos como um processo relacional-

¹¹⁹ Não devemos confundir a “ação” no sentido convencional da palavra, “algo que se faz”, qualquer movimento do corpo, e ação como afeto. Espinosa afirma que tanto se pode *fazer* algo por *paixão*, como por *ação*.

transicional, a partir de sua natureza e intrínseca necessidade.

Essas transições de potência/perfeição/realidade são a mudança do *conatus*, ou essência atual, ou desejo (enquanto referido ao corpo e à mente, como apetite consciente), ou vontade (enquanto referido apenas à mente), ou apetite (enquanto referido apenas ao corpo). Uma afecção qualquer apenas pode ser afeto ao implicar, pois, a essência desejante de uma pessoa e uma correspondente mudança de potência/perfeição/realidade na sua relação com o restante da natureza.

As definições de ação e paixão mostram como o homem pode ser causa adequada de seus afetos, ou apenas se assujeitar à variação das causas externas. No percurso que leva de uma existência dominada por paixões às ações, variamos também entre extremos absurdos: ser a completa resultante de causas exteriores a causa de todos os eventos de nossa vida. Tudo isso depende da qualidade de nossos desejos, e da maneira como nos relacionamos com as numerosas, e infinitamente mais poderosas, forças externas. Depende, ainda, da natureza do desejado, e com o fato de o que se deseja ser ou não obtido (Chauí, 2005, p.60).

Agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede um efeito de que somos causa adequada, a qual pode ser compreendida de forma clara e distinta a partir de nossa essência (Espinosa, 1677/2008, pp.163-165). Vale dizer que as paixões têm por fonte um conhecimento inadequado: meras opiniões que, como ondas, formam-se e dissipam-se com a próxima afecção. Pois, se tudo soubéssemos do que nos afeta, menos estaríamos sujeitos às paixões. O conceito de afeto como ação refere-se a uma mente mais capaz de pensar as causas reais das afecções, e a um corpo mais capaz de agir, sem o assujeitamento às causas voláteis da imaginação: quanto mais idéias adequadas tem a mente, menor o seu número de

paixões. Uma mente pode o que pode o seu corpo, e um corpo o que sua mente pode: ambos são ativos ou passivos na mesma medida (Chaui, 2005, p.61).

Do latim, o *conatus* (esforço, impulso, inclinação) espinosano circunscreve a potência natural que os seres têm para se autoconservar. Todos os modos finitos são dotados dessa força para permanecer como são (Chaui, 2005, p.58). Pulgas, hidroaviões, a Via Láctea, homens, sociedades, as Torres Gêmeas estão/estavam aquinhoados com seu *conatus*. Do lado do corpo, o desejo produz ação; da mente, pensamento, impulsionando o homem a ambas as atividades. Nos homens, se algo aumenta ou diminui a potência de agir do corpo, sua idéia aumenta ou diminui a potência de pensar da mente (Espinosa, 1677/2008, p.177), pressuposto, como vimos, elogiado por Vigotski. A mente sempre se esforça por imaginar sua potência, entristecendo-se conforme esse esforço é refreado por imaginações adversas. Nos humanos, o *conatus* tem a rara propriedade de ser um esforço consciente de si próprio (o desejo), cuja destruição vem sempre do exterior da pessoa. Uma idéia que exclui a existência de nosso corpo não pode existir também em nossa mente.

O suicídio, o ciúme, a auto-abjeção, para Chaui (2005, p.62), são indícios da servidão, mostrando um indivíduo em contradição consigo próprio, completamente submisso ao governo alheio. Pois, da nossa essência, se considerada por si mesma, sempre decorrem meios para nossa conservação, conquanto ela possa ser complexa, difícil: é possível que os nossos esforços, impulsos, apetites e volições, dependendo das circunstâncias, sejam opostos entre si, arrastando-nos para direções diferentes (Espinosa, 1677/2008, p.239).

A Parte III da “Ética” é especialmente dedicada a trabalhar definições genéticas dos afetos e flutuações de ânimo a partir dos três básicos: desejo, alegria e tristeza. Os principais

afetos e flutuações são definidos a partir de suas causas próximas e com propriedades precisas (Espinosa, 1677/2008, pp.163;237): dos afetos básicos, constrói-se um enorme número de outros, tantos, que o autor não é capaz de determinar, muitos dos quais não têm nome¹²⁰.

A disposição dos afetos por suas causas, na “Ética”, estrutura-se geometricamente, de tal modo que a variação de um ponto, de uma característica, faz mudar a definição do afeto, e portanto, sua natureza: são entidades discretas definíveis linguisticamente e postas no interior de uma dinâmica ininterrupta. São como pontos, retas e planos cujas relações podem ser esquematizadas. Contudo, para Fernández G. (1999, p.98), a geometria espinosana dos afetos inclui linhas quebradas e vazios: fato que se aplicaria, por exemplo, à maior atenção dedicada às paixões, que às ações.

Como impulso vital consciente de si, é apropriado considerarmos o desejo como o afeto fundamental; a essência humana por excelência, enquanto concebida como determinada por uma afecção, a agir de uma dada maneira (Espinosa, 1677/2008, p.237): alegria e tristeza, variações da potência ou *conatus*, evidenciam satisfação ou insatisfação de um ou mais desejos. Assim, define Espinosa: “a alegria e a tristeza são o próprio desejo ou apetite, enquanto ele é aumentado ou diminuído, estimulado ou refreado por causas exteriores” (idem, p.233). No

¹²⁰ “Pelo que foi dito, fica evidente que somos agitados pelas causas exteriores de muitas maneiras e que, como ondas do mar agitadas por ventos contrários, somos jogados de um lado para o outro, ignorantes de nossa sorte e de nosso destino. [...] creio, pelo que já foi dito, ter ficado claramente estabelecido que os afetos podem compor-se entre si de tantas maneiras, o que faz surgir tantas variações, que se torna impossível determinar seu número” (Espinosa, 1677/2005, p.237). No século XVII, vários outros autores procuraram articular uma linguagem específica para as paixões, num contexto cultural no qual seu domínio saltava ao primeiro plano, sendo as paixões estudadas nas suas relações mútuas e com a razão, o que também levou ao reconhecimento de seus papéis e importância. Tratava-se (de modo semelhante à idéia de “redirecionamento” do instinto, defendida por Thorndike – ver item 6.2) de tomar as paixões por forças produtivas e colocá-las para trabalhar em favor dos homens, domesticá-las, como a animais selvagens que poderiam ser de utilidade doméstica. Espinosa inscreveu-se nesse horizonte de reforma corporal e mental (Fernández G., 1999, p.77-79).

afeto de alegria a mente passa a uma potência (perfeição, realidade) maior; na tristeza, a uma menor perfeição (1677/2008, p.177).

Subscrevemos as observações de Fernández G. (1999, p.99) sobre a importância da imaginação, acompanhada de seus derivados memória e tempo, como elementos mínimos da ordem genética dos afetos. Oras, pensemos a partir de Espinosa, fabricante de lentes: se a visão, parte da imaginação, pode ser geometrizada, por que não os afetos a ela relacionados? Sua natureza associativa é uma das causas fundamentais dos afetos, mormente das paixões¹²¹.

A mente desejante tende a imaginar, a afirmar, a recordar, objetos que lhe causam/causaram/causarão alegria e a negar as causas de tristeza: esforça-se por recordar o que exclui a existência das últimas (Espinosa, 1677/2008, p.181), esforço que é o próprio *conatus* enquanto se refere à mente. Daí, por exemplo, Espinosa depreende o amor e o ódio: o amor é alegria acompanhada da idéia de uma causa exterior, e o ódio, a tristeza acompanhada da idéia de uma causa exterior. Quem ama esforça-se por conservar e ter presente o que é causa disso; quem odeia, esforça-se por afastar e destruir o objeto de seu ódio, e o mesmo vale para as suas imagens. Essas relações não são tópicas, circunscritas, localizadas: as Proposições 14 a 18 da Parte III da “*Ética*” tratam dos processos associativos da imaginação. É como se os afetos se refratassem e irradiassem na mente, à moda ondulatória do olho kepleriano, tão vivo na época de Espinosa (Chauí, 1999a), criando redes voláteis de objetos e pessoas (Fernández G., 1999, p.99).

Espinosa propõe que afetos simultâneos presentes na mente numa certa ocasião, futuramente, são repetidos caso o corpo seja afetado por um deles. Uma coisa pode ser,

¹²¹ Usamos aqui a idéia de “associação” apenas para facilitar a compreensão do leitor, pois raramente o termo apresenta-se na tradução da “*Ética*” consultada.

também, causa dos afetos de alegria, tristeza ou desejo por mero acidente, apenas por considerarmos essa coisa, ou nos defrontarmos com ela, enquanto afetados por outra coisa. O autor mostra como as circunstâncias que acompanham um afeto podem suscité-lo no futuro, mesmo não sendo a sua causa eficiente – idéia semelhante ao signo emocional comum de Vigotski (Espinosa, 1677/2008, p.183). Além disso, as semelhanças de algo ou alguém com o objeto-causa de um afeto causam-nos antipatia ou simpatia, podendo não ter, pois, qualquer relação com a causa original pela qual somos afetados.

Objetos novos são sempre introduzidos nessas redes afetivas, cuja dimensão é tanto pessoal quanto política. Praticamente tudo com que tomamos contato, e o mundo humano em particular, pode implicar-se nessas relações dúcteis e mutantes. Mutantes, porque o corpo não é sempre afetado da mesma maneira pelos mesmos objetos; também, porque as idéias imaginativas não são estáticas¹²².

A vida em sociedade tem um papel especial em nossos afetos: as Proposições 21 a 30 da Parte III (Espinosa, 1677/2008, pp.189-199) são capitais no caráter social e político que o autor atribui-lhes, melhor desenvolvida nas duas últimas partes da “Ética”. Aí, Espinosa considera: aquilo que se assemelha a nós é, apenas por isso, causa dos afetos. Ora, nada se nos assemelha tanto quanto outras pessoas (e, além disso, há bens e males que só um ser humano pode proporcionar a outro: somos, pois, causas de desejo). Nossos próprios afetos variam diretamente com os que imaginamos afetar as pessoas amadas e se associam às causas

¹²² Por exemplo: o tempo transcorrido desde a ocorrência de um afeto tende a contribuir para sua diminuição. Se um objeto causa ódio, e depois, amor, esse amor pode arrefecer o ódio anterior, e vice-versa, ou causar-nos um estado caracterizado pela flutuação de afetos contrários (flutuação de ânimo). Um ódio recíproco aumenta, contudo, o ódio particular de cada pessoa por ele afetado; a atração pode tornar-se tédio quando saciada, os afetos se compõem e se reforçam, ou se diminuem uns aos outros (Fernández G, 1999, p.99); se nossa tristeza ou alegria for vinculada pelo pensamento a outras causas, então, elas diminuem, podendo se extinguir.

presumidas desses afetos originais, pois a potência/impotência dos amados aumenta ou diminui a nossa. O mesmo para os afetos de outros seres que, sob algum aspecto, julgamos semelhantes a nós. A comiseração, por exemplo, é a tristeza originada por imaginarmos a desgraça de nosso semelhante. Trata-se da *imitação dos afetos*. Muito saliente na infância, é propriedade da natureza humana “da qual se segue que os homens são misericordiosos [...] também que eles são invejosos e ambiciosos” (Espinosa, 1677/2008, p.201)¹²³.

Muitos afetos explicam-se parcialmente a partir da imitação e daí decorre uma danosa consequência: as pessoas querem a aprovação de outras e, assim, acabam por se obstaculizarem e se odiarem mutuamente (o que chega a ser reforçado pela educação)¹²⁴. Espinosa disserta sobre o efeito da semelhança imaginária no amor, e a diferença, no ódio: nossos afetos variam na proporção direta e na valência inversa daqueles que tomamos por nossos inimigos. Isso inclui, por exemplo, pessoas de nacionalidade diferente da nossa, caso essa nacionalidade seja vista como causa de nossa tristeza (idem, p.217). Mas o autor julga necessário evitar imitar os afetos de outras pessoas, dada a textura imaginária e tendencialmente ignorante dessa imitação (idem, p.355).

A necessidade de o *conatus* expandir-se e excluir o que o diminui explica como, muitas vezes, os homens subestimam o que odeiam e superestimam o que amam – inclusive a si próprios, como causa do amor alheio. Compõem-se, nesse contexto, relações de alegria e

¹²³ Como as imagens das coisas são afecções do corpo que envolvem a natureza de nosso corpo e a do corpo exterior: “se a natureza de um corpo exterior é semelhante à de nosso corpo, então a idéia do corpo exterior que imaginamos envolverá uma afecção de nosso corpo semelhante à do corpo exterior. [...] Essa imitação dos afetos, quando está referida à tristeza, chama-se comiseração” (Espinosa, 1677/2008, p.195)

¹²⁴ Desejamos o que imaginamos ser desejado pelos outros (emulação), esforçamo-nos para amar ou odiar tal como nossos pares, para que todos aprovelem o que amamos e odeiem o que odiamos, e também para provocar alegria em sociedade (ambição); esforçamo-nos por ter alegrias que outros têm e evitar que outros partilhem bens/alegrias sem nossa participação (inveja, ciúme) e evitamos fazer o que a sociedade abomina (vergonha, humilhação).

tristeza para com nossa própria pessoa, a partir de, por exemplo, fazermos/imaginamos fazer coisas causadoras de alegria ou tristeza noutros: afetos chamados de glória e vergonha (idem, p.199). A nossa própria pessoa ou ação pode ser considerada causa de um afeto, uma vez que a mente tem idéias não só sobre o corpo, mas sobre si mesma a partir da idéia do corpo. A idéia é muito semelhante à que Vigotski denomina de “afeto da personalidade própria” e formação afetiva, como veremos no item 8.2.3.

O restante da Parte III mostra como os afetos humanos ganham um modelo multicausal e entram por um caminho cada vez mais diversificado e complexo, multiplicando-se o número de suas causas, pois se multiplicam as ações e pensamentos geradores de efeitos no mundo e diferenciam-se os efeitos exteriores no indivíduo: se, por exemplo, imaginamos que alguém ama o que amamos, isso reforçará o amor. Reforça-se também se imaginarmos que o amado liga-se a nós mais estreitamente, ou se imaginarmos no objeto amado novas causas de amor. A intensidade dos afetos depende, também, de imaginarmos serem eles gerados por uma causa livre: assim, o mal supostamente infligido por uma pessoa causa-nos mais ódio que aquele envolvendo desastres naturais (baseado em Espinosa, 1677/2008, p.217). O contexto, as circunstâncias, são também importantes: podemos ser levados a querer um mal menor (o temor), para evitar um maior. Tristeza e medo podem levar ao ódio (idem, pp.209-211). Dessa gênese e dinâmica decorrem, como vemos, novos desejos, ações e pensamentos: tenderemos a aliviar a desgraça de quem nos causa misericórdia, a destruir quem odiamos, a devolver o mal a quem nos prejudica, e a sermos gratos a quem nos ama sem que imaginemos um motivo para isso.

Em termos de compreensão singular das paixões, Espinosa (idem, pp.231-233)

considera que o conhecimento da natureza de cada paixão deve exprimir a natureza do objeto pelo qual somos afetados, bem como a do nosso desejo e a potência de ânimo reguladora da paixão (trata-se de um amor lascivo? De um amor afiliativo? É regulado pela castidade/sobriedade?); existem tantas espécies de alegria, tristeza, amor, quantas espécies de objetos há. Os afetos de um cavalo, por exemplo, diferem dos de um homem tanto quanto a essência de um difere da do outro, o mesmo valendo para dois homens entre si.

Nesse sentido, Vieira Neto (2002, pp.129-132) alerta-nos: as combinações de imagens afetivas não são ilimitadas, não são tributo apenas das associações por semelhança e contigüidade. Importam as totalidades que constituem cada afeto e sua disposição na ordem do mundo. A essência desejante do homem determina-as: é causa *dessas* associações *nessa* situação. Isso pode nos remeter, pois, à história, à ontogênese do indivíduo, às dinâmicas da cultura. Além disso, como os afetos são mudanças da essência atual de alguém, homens diferentes podem ser afetados diferentemente por um só objeto, e um mesmo homem, ser afetado diferentemente por um objeto em tempos distintos (Espinosa, 1677/2008, p.221). A fonte primordial dos afetos é, então, a relação de nossa essência atual com o mundo, considerada como corpo e mente nele implicados. Assim: “[...] as nossas paixões só podem ser por estarmos *no mundo*, e não poderia haver indício maior de estarmos realmente mergulhados nele, sem possibilidade de exílio.” (Espinosa, segundo Vieira Neto, 2002, p.121).

Estamos, então, condenados aos ventos tanto do nosso desejo quanto de suas dinâmicas imaginativas? Podemos passar das paixões às ações? Como, e até que ponto? Perguntas da maior importância para Vigotski, como podemos constatar nos elogiosos

apontamentos do autor sobre Espinosa, no início deste item.

Esboçemos uma breve resposta, começando pelo Escólio da Proposição 1 da Parte IV da “Ética”: nada otimista. Nele, as imaginações não se desvanecem pela presença do verdadeiro, mas por se apresentarem outras mais fortes que excluem a existência presente das coisas que imaginamos (Espinosa, 1677/2008, p.271). Mesmo que saibamos da verdadeira distância do Sol à Terra, continuaremos a vê-lo próximo, enquanto nós e a estrela formos assim constituídos. Estamos, pois, sempre submetidos às paixões, e sua força, permanência e expansão é função da relação entre a potência da causa exterior e a nossa. Mas é preciso ressaltar: podemos ser determinados a uma certa ação tanto por imagens de coisas que concebemos confusamente, quanto por imagens de coisas concebidas clara e distintamente (idem, p.335). A imaginação não conduz necessariamente ao erro: apenas enquanto a mente é passiva com relação a ela, sem elaborar idéias adequadas. Os afetos são nocivos conforme nos impedem de pensar, mas todos os homens têm o poder (racional) de compreendê-los em alguma medida.

Vigotski, como mostramos no início deste item, considerava correta a “atitude genética” espinosana, que buscava a concordância entre a ordem e conexão das emoções com a ordem e conexões da razão. cremos que o autor provavelmente parafraseava a Proposição 10 da Parte V da Ética: “Durante o tempo em que não estamos tomados por afetos que são contrários à nossa natureza, nós temos o poder de ordenar e concatenar as afecções do corpo segundo a ordem própria do intelecto” (Espinosa, 1677/2008, p.379). Esta capacidade racional transcende a atribuição imaginativa de causas para um afeto. Assim, um afeto-paixão, que inicialmente não passa de idéia confusa, deixa de sê-lo quando

formamos dele uma idéia clara e distinta (Espinosa, 1677/2008, pp.371-373). A razão é ação própria do intelecto e pode descobrir a causalidade imanente, real, determinante das mudanças do *conatus* postas em cada afeto.

Espinosa não considerava que, prontamente, atingíssemos o conhecimento de nossos afetos. E, enquanto isso não ocorresse, valeria adotar um princípio correto de viver, regras seguras de vida, próprias a afetar nossa imaginação, a diminuir nossa servidão contra o caráter confuso das idéias imaginativas (idem, p.379). Esse processo de transformação tem similaridade com a obra vigotskiana, que nega radicalmente o inatismo na origem dos sistemas psicológicos, explicando sua gênese desde os reflexos incondicionados da criança até a formação de uma consciência coordenada pelo pensamento. Para Vigotski e Espinosa não nascemos adultos e livres, mas crianças, ignorantes, dependentes; sendo que, para o holandês, não é raro sermos mutuamente nocivos quando a servidão das paixões nos faz seus prisioneiros. Apesar disso, há mais vantagens que desvantagens na vida em sociedade, sendo esta mais útil que a solidão (Espinosa, 1677/2008, pp.304-305).

A passagem do estado de natureza ao estado civil implica na construção de uma norma de vida comum a partir da multiplicação do *conatus* individual pelo *conatus* coletivo: a colaboração de muitos cidadãos multiplica as forças de cada um. E se, no estado civil, vivermos sob a condução da razão (na forma do segundo e terceiro gênero de conhecimento) e seus afetos (que são desejos: piedade, lealdade), os outros homens ser-nos-ão ainda mais úteis.

[...] o esforço para perseverar, aumentar a potência de agir, experimentar paixões alegres, elevar ao máximo o poder de ser afetado, por mais que

sempre se efetue, só se logra na medida em que o homem se esforça por organizar os seus encontros: isto é, entre os outros modos, se esforça por encontrar aqueles que convêm com a sua natureza e se compõe com ele, e por encontrá-los sob os mesmos aspectos em que se convêm e compõem. Ora, é este o esforço da Cidade, e, de uma maneira ainda mais profunda, o da Razão. (Deleuze, 1981/2002, p.108)

Os verbos *ordenar* e *concatenar* aparecem num contexto privilegiado: implicam num processo de pensamento das idéias adequadas (ou seja, causadas pela mente). É possível conhecermos ao máximo a ordem dessas causas, da rede de conexões em que nos envolvemos (não obstante nossos afetos, como nossa natureza, estejam em contínuo movimento). Também, segundo Fernández G. (1999, pp.86-94), são importantes para Espinosa os verbos *coercere* e *moderare*, tendo *coercere* o sentido de amplexar, encerrar, manter em seus limites, reprimir; refere-se à ação que um afeto, em particular o desejo, exerce sobre outro. O remédio para os afetos busca-se em sua própria origem e natureza. Princípios corretos de viver, além de recursos práticos como a imaginação, a memória, os hábitos e os próprios afetos agem contra a servidão: existe uma seleção e transformação dos afetos, uma diminuição de sua flutuação e danos, embora nunca a completa eliminação dos seus efeitos nocivos.

A razão, ao invés de se opor aos afetos, procura o que se segue da própria natureza do homem, de seu *conatus*; do pensar, enquanto mente, e do agir, enquanto corpo: “É útil ao homem aquilo que dispõe o seu corpo a poder ser afetado de muitas maneiras, ou que o torna capaz de afetar de muitas maneiras os corpos exteriores” (Espinosa, 1677/2008, p.311). É útil, assim, o que alimenta e nutre as diversas partes do corpo. Esforçamo-nos para que o corpo de nossa infância transforme-se, tanto quanto lhe permitir sua natureza e conveniência,

tornando-se capaz de muitas coisas, referido a uma mente com extrema consciência delas, de si, de Deus (Espinosa, 1677/2008, p.407). Esse pressuposto do holandês afina-se com a permanente tentativa de Vigotski em compreender a gênese dos homens.

Sermos afetados de várias maneiras é, também, um remédio contra os excessos do amor ou do desejo (idem, pp.317-329). Viver sob condução da razão significa evitar os afetos de ódio, respondendo-os com amor ou generosidade; esforçar-se por fazer o bem, conhecer-se e aos demais homens¹²⁵. Quem ordena seus afetos com a razão, também ordena os bons encontros, nos quais ocorre uma somatória de potências, de alegrias; dos afetos, pois, que decorrem de nossa natureza. A potência do intelecto, sua capacidade de pensar idéias claras é, então, indissociável de um certo modo de viver. A importância do segundo gênero de conhecimento neste processo foi bem trabalhada por Deleuze¹²⁶.

Para Chauí (1999a, p.46), conhecer-se demanda partir da experiência (individual e coletiva) rumo ao conhecimento da sua gênese e essência, indissociáveis da gênese e encadeamento de toda a realidade; efeito imanente da causalidade substancial que a produz. A ordem da razão é, pois, a do próprio real. E quanto mais corpo e mente são ativos, constroem-no, mais usufruem dele e o conhecem. Fernández G. (1999, pp.89-108) mostra

¹²⁵ As vicissitudes da alma racional em sociedade aumentam ou diminuem a potência de agir do homem na associação com outros (conforme estes concordem ou não concordam com sua natureza), sendo bem apresentadas no Apêndice da Parte IV da “Ética”.

¹²⁶ Deleuze (1981/2002) valoriza as idéias espinosanas sobre a composição de relações entre corpos-mentes que se convêm, a qual conduz primeiro às paixões alegres e posteriormente à idéia adequada das causas dessa composição. Conhecemos mais e melhor o que convém conosco. A mente percebe tanto mais adequadamente quanto mais propriedades em comum tem com outros corpos: por isso, as noções comuns têm um sentido mais biológico que matemático. O autor defende, inclusive, que a idéia de noção comum (existente apenas na “Ética”) produziu uma mudança radical na doutrina espinosana da Razão (e que ao referir-se à Razão, ele não se refere, pois, apenas à matemática).

como, em Espinosa, a idéia pertence estruturalmente à modalidade operativa do afeto¹²⁷.

O Vigotski (1930/1991g, p.87) simpatizante de Espinosa é, então, aquele que compreende razão e emoção como partes de sistemas psicológicos: as emoções entram em conexão com as normas gerais relativas à autoconsciência da personalidade e à consciência da realidade¹²⁸. O problema dos sistemas intitula um dos importantes textos nos quais o autor menciona o holandês, levando-o mesmo a afirmar que tal problema passava entre Espinosa e a psicologia estrutural à qual se vinculava sua idéia de sistema. O aspecto ideacional das emoções não pode ser delas dissociado, compondo-as: a relação entre compreensão/valorização de uma pessoa e o afeto que lhe dirigimos é própria da psicologia humana, como será explicado no item 8.2.3. Sendo imaginárias ou não as causas que atribuímos às afecções, estão sujeitas à apropriação dos significados da língua e à formação de conceitos a partir desse processo. Mas, quando a razão compreende os afetos, as causas antes imaginadas para eles recuam a um segundo plano, ou se dissolvem como miragem e erro.

Para o bielo-russo, conforme verificamos no item 6.3, o desenvolvimento histórico dos afetos ou emoções é a alteração das conexões cerebrais com que nascemos, o fim do seu nocivo e pueril isolamento com respeito ao restante da personalidade (Vigotski, 1926/2001c,

¹²⁷ Enquanto a imaginação e o olho kepleriano, passivo, refratam e recortam a luz natural, a razão é luz que reencontra as causas construtoras do real. A pintura holandesa no século XVII, herdeira da tradição do Norte europeu, recusou a tradição italiana em que o pintor é como um soberano, o que foi reforçado pela difusão da óptica e da dióptrica de Kepler. Este último entende que o olho, na visão, é passivo e distorce os objetos, tendo fundado, a partir da análise da câmara escura, princípios básicos da óptica como foco e convergência. Kepler compreendera, também, as lentes como instrumentos corretivos para os olhos. Tratava-se de uma nova teoria da luz, muito influente sobre Vermeer, Espinosa e Rembrandt, ensinando, aos dois últimos, a presença da luz nas paixões (baseado em Chauí, 1999, p.47-55).

¹²⁸ A idéia espinosana é enquadrada no trabalho sobre a mudança de conexão entre as funções psicológicas, acompanhadas de uma progressiva expansão do sistema psicológico da consciência e da compreensão da realidade, ao longo do desenvolvimento. Espinosa teria negado, também, o papel puramente passivo dos afetos, defendendo seu papel efetivo e ativo.

p.146). A harmonia com Espinosa é, nesse ponto, completa: Fernández G. (1999, p.105) comenta que, no filósofo, não há “razão fria”. Há tão somente razão desejante e inervada de afetos. Nossa capacidade de mudá-los reside na posição da razão dentro da estrutura multidimensional do afeto. Entre corpo e mente, considerados por Espinosa como uma só e mesma coisa, não há uma causalidade plana, eficiente, como a que existe entre corpos distintos. Assim, Espinosa acaba por confluir com Stanislavski e autores da neuropsicologia, como explanado nos itens 1 e 10.2.2 deste trabalho, para a convicção vigotskiana de que as emoções eram funções psíquicas superiores passíveis de regulação, conquanto de forma especial, indireta, através de vários recursos. Mas há focos de divergência entre Vigotski e Espinosa.

Spinoza defiende una teoría (que yo modifíco ligeramente) según la cual el alma puede conseguir que todas las manifestaciones, todos los estados, se refieran a un mismo fin, pudiendo surgir un sistema con un centro único, la máxima concentración del comportamiento humano. Para Spinoza la idea única es la de Dios o de la naturaleza. Psicológicamente eso no es necesario en absoluto. Pero el hombre puede ciertamente reducir a un sistema no sólo funciones aisladas, sino crear también un centro único para todo el sistema. Spinoza mostró este sistema en el plano filosófico. (Vigotski, 1930/1991g, p.92)

Admitindo ter traduzido a filosofia espinosana em sua própria linguagem e interesses, Vigotski rechaça a beatitude, o amor intelectual da alma para com Deus, mas aprova a noção de que a personalidade deveria constituir-se de modo a concentrar forças num único fim. E qual(is) deveria(m) ser o(s) pressuposto(s) central(is) que deslocava(m) tal amor, admitindo que poderia até ser geneticamente possível a constituição de vários sistemas de centro único? Por ora, não temos qualquer resposta.

Muitas outras perguntas podem ser feitas. Por ora, havemos de nos ater à preocupação de Vigotski com o método e o processo de construção das teorias com as quais dialogava. E, nesse contexto, às críticas que dirigiu à filosofia espinosana. Alertamos, contudo, que elas descortinam problemas de difícil tratamento, razão pela qual, dados os objetivos e limites desta tese, podemos apenas problematizá-los e indicar caminhos de resolução, sem quaisquer pretensões de realizar uma crítica à obra espinosana.

Vigotski (1927/1996j, pp.376-385) afirmara, em consonância com suas idéias sobre as raízes do psiquismo humano, que Espinosa tentara analisar geometricamente os vícios e estudar os atos e paixões humanos, mas com um modo não-científico de pensar problemas próprios à psicologia, ou seja, a partir da matemática: criava abstrações perfeitas onde elas não poderiam existir. Irônico, solicita a seus leitores que imaginem uma matemática inexata para obter uma psicologia geométrica, donde concluímos que, para ele, o holandês, pensando filosoficamente, não teria observado as determinações, os processos de investigação e os limites de uma generalização demandados pela ciência psicológica. A crítica vigotskiana ganha sentido, também, pela completa inexistência de uma psicologia dita científica à época de Espinosa. Segundo Chaui (1999a, p.644), existia mesmo um acirrado debate sobre a cientificidade da matemática no seu processo de aplicação à natureza (sem excluir a física) ¹²⁹.

Tema muito vivo para Espinosa, que, conforme Chaui (1999a, p.604; 1999b, p.140),

¹²⁹ Conforme Chaui (1999, p.604-609), Espinosa diferenciava a *experientia*: confirmada pelos sentidos enquanto nenhuma outra a desmentir; e o *experimentum*: publicamente demonstrável, saber comum a todos, inconfundível com a iluminação pessoal; é uma experiência determinada pelo intelecto e dirigida pela norma da idéia verdadeira. O experimento comprova o que já fora demonstrado matematicamente. A experiência é, por exemplo, a consciência (inadequada e adequada) que temos das afecções, podendo incitar o intelecto a buscar as verdadeiras causas. É fato notável que o próprio Espinosa, conhecedor das ciências naturais de sua época, realizou alguns experimentos com o nitro (também conhecido como salitre, ou o gás KNO₃, in Espinosa, 1661-1676/1988, p.90-110). A correspondência espinosana mostra que o filósofo gozava de um considerável prestígio científico, recebendo pedidos de opinião de especialistas como Boyle, Oldenburg e Leibniz, além de amigos próximos.

considerava o experimento como mera comprovação do que já fora demonstrado matematicamente. A soberania da intuição intelectual de cunho matemático seria, então, completa no processo construtivo de um conhecimento experimental. Isso porque a principal inspiração física de Espinosa, como Vigotski (1927/1996j, p.359) afirma, foi Galileu Galilei (nascido em 1564-morto em 1642), o criador da física moderna¹³⁰.

Vigotski (idem, p.375) refere-se a Galileu num contexto discursivo positivo, como fonte que respaldaria as verdades da doutrina psicofísica espinosana. Suas idéias sobre a experimentação em psicologia são, sem dúvida, consideravelmente diferentes das espinosanas para as ciências naturais¹³¹. Cabe, entretanto, uma ressalva: se Vigotski negou à obra do holandês a cientificidade (de um conhecimento psicológico), reiterava que Espinosa defendia o conhecimento científico do homem (Vigotski (idem, p.234; 1933/2004), mormente por corroborar a abordagem dos fenômenos pelas suas causas. Como vimos, o autor também aprovava diversas idéias espinosanas sobre os afetos. Ora, como acatar idéias espinosanas descartando o seu processo de construção? A geometria da “Ética” seria uma mera forma de apresentação do seu conteúdo? Ou Espinosa ambicionava criar, efetivamente, um universo filosófico dotado de confiabilidade geométrica? De que modo a geometria compõe a

¹³⁰ Para Pessanha (2004), Galilei foi importantíssimo: 1) pelas contribuições feitas ao método científico; 2) por acreditar que o livro da natureza escrevia-se em caracteres matemáticos; 3) por criar a noção de um universo aberto, indefinido e até mesmo infinito, no qual todos os objetos físicos deveriam ser tratados de modo idêntico.

¹³¹ Ao tratar da física, Vigotski analisa não métodos da física propriamente ditos, mas sim as idéias engelsianas acerca deles. Estas têm um caráter indutivo e são algo semelhantes à própria concepção experimental do bielo-russo. Sob tal prisma, crê que uma das tarefas do experimento seria separar o essencial e o secundário na determinação de um fenômeno, delimitando o caráter das generalizações daí extraídas; criando leis modelares algo ineptas para explicar cada aspecto de um fenômeno encontrado na realidade, mas próprias à reconstituição da essência dos fenômenos. Assim ele compusera o método de análise da reação estética na “Psicologia da Arte”. Assim edificara sua concepção de psiquismo: não com abstrações perfeitas, absolutas, mas sim relativas, cultural e historicamente demarcadas por uma metodologia de fontes distintas, envolvendo antropologia, ontogênese, filogenese etc (ver item 6.1).

construção metodológica de sua filosofia? Desde a crítica hegeliana a Espinosa, formulam-se tais perguntas (que também fogem aos limites deste texto), razão pela qual nos limitaremos a contextualizá-las, selecionando como referência algumas obras de Marilena Chaui e alguns artigos¹³².

Numa profunda análise do pensamento do *Seicento*, Chaui expõe o impacto da geometria no método espinosano, mostrando seu lugar algo original, complexo e difuso no trabalho do holandês. Para a autora (1999a, pp.565;631), nenhuma outra modalidade de saber mostrava, como a matemática, a potência auto-suficiente do intelecto para o verdadeiro. À matemática são atribuídos dois efeitos: o primeiro, liberador, afasta os homens dos preconceitos finalistas, nascidos da superstição e da ignorância das causas; o segundo, pedagógico, ensina-lhes outra norma de verdade.

A relação entre saber e potência cresce numa filosofia que coloca a potência dos seres, seu *conatus*, no centro de sua ontologia, sem fazer exceção ao mundo humano. Na matemática, a mente é causa adequada do saber, “aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma” (Espinosa, 1677/2008, p.163), ou seja, sem a concorrência de outras causas – enquanto uma causa inadequada ou parcial demanda outras para a

¹³² Além dos textos de Chaui, consultamos também o Volume III dos “Cadernos Espinosanos” (1998), o qual dedica-se à apresentação de alguns problemas acerca da matemática em Espinosa. Nesse volume, alguns autores concentram-se no efeito supostamente pretendido por Espinosa: Wolfson (in Reynol Filho, 1998, p.18) é o principal defensor da completa externalidade do método geométrico (ou axiomático) com respeito ao conteúdo da filosofia espinosana, sustentando que o autor o teria adotado exclusivamente por razões pedagógicas e literárias. Para Mark (in Reynol Filho, 1998, p.21) e outros autores, entretanto, a ordem geométrica da “Ética” pretendia dotar, efetivamente, o conteúdo exposto de uma confiabilidade matemática. Espinosa teria considerado as premissas – definições e axiomas – como auto-evidentes, tão universais para sua época quanto a própria geometria euclidiana. Defendia o caráter auto-evidente da idéia verdadeira, independente da correspondência com seu ideado: por ser verdadeira ela concordaria com o ideado, e não o contrário; por explicar a produção deste, ela seria verdadeira. Mais do que uma mera ordem de apresentação, a ordem geométrica seria de demonstração, implicando-se na própria natureza de seu método genético. O mesmo Mark, contudo, nega que Espinosa tenha atingido seu objetivo de criar um conhecimento auto-evidente.

formação do real e a compreensão dele. Conforme Chauí (1999a, pp.486-496), a revolução matemática perpassou todo o pensamento do século XVII: muitos contemporâneos de Espinosa consideravam que as idealidades matemáticas podiam ser conhecidas porque eram construídas pelos homens: assim, a análise e a síntese dos geômetras são a desmontagem e remontagem de um mecanismo que explica como e por que uma coisa foi feita. O próprio “Tratado da correção do intelecto”, texto no qual o método genético é apresentado pela primeira vez, mostra um intelecto que se faz, conhecendo-se e conhece-se fazendo-se.

Resumindo a construção da filosofia espinosana, Chauí (2004, pp.11-12) defende que Espinosa utilizou dois instrumentos de trabalho no combate ao irracionalismo e à superstição: o método genético e o histórico-crítico. O primeiro, destinado a controlar os desatinos da imaginação, desdenha do conhecimento pelos efeitos e quer compreender as causas, a produção das coisas; formular definições genéticas, adequadas à ordem da natureza e não meramente descritivas de suas propriedades. O segundo interpreta as Escrituras mostrando que nelas não há verdades auto-evidentes, mas sim preceitos morais e políticos¹³³. Tal idéia da definição pelas causas existe também no método genético-condicional de Vigotski (1994), bastante inspirado no determinismo marxista e, enquanto ciência psicológica, no trabalho de Kurt Lewin.

Essas características, presentes nos apontamentos de Vigotski sobre Espinosa; as similaridades que podem ser estabelecidas entre os autores, configuram a relação ambivalente

¹³³ Este último fundamenta a análise exposta no “Tratado Teológico-Político”. O Capítulo VII desse tratado desdobra tal método em três grandes preceitos: estudo histórico da língua, do povo (políticos e culturais) e do sentido próprio ao texto bíblico (Espinosa, 1670/2003, p.117-120). Isso porque o texto bíblico não é construído com princípios claros, sendo resultado de inúmeras distorções e alterações decorrentes da perda de documentos, da distância dos redatores das Escrituras com relação aos acontecimentos, de problemas de revisão, e da sanha de poder dos intérpretes diante das massas iletradas.

que o bielo-russo estabelece com a obra espinosana. A contextualização dessa obra, como indica nosso esboço de pesquisa sobre a metodologia espinosana, pode ser bastante útil para compreender as críticas que lhe foram dirigidas pelo bielo-russo. Os elogios de Vigotski (sendo de se suspeitar que o filósofo tenha exercido uma influência menos explícita sobre outras idéias na metodologia vigotskiana) auxiliam-nos, de algum modo, a estabelecer pontos de contato entre os sistemas, sem descartar a diferente maneira como foram construídos¹³⁴.

Vigotski pretendia amassar o pão da doutrina dos afetos espinosana com o fermento dos estudos da atividade nervosa superior de sua época. Infelizmente, não viveu o suficiente para fazê-lo. cremos, entretanto, que o breve panorama traçado através de Espinosa auxilia-nos a problematizar e esclarecer alguns traços da influência de sua doutrina dos afetos sobre Vigotski. E, até o momento, essa relação limita-se a isso: são mesmo traços, impressões. Pegadas que mostram um autor prestes a formular para sua relação com a doutrina espinosana um plano extenso, com objetivos diversificados (éticos, epistemológicos, ontológicos), tendo os estudos neurocientíficos (“neurociência” era termo então inexistente, sendo as disciplinas segmentadas em fisiologia, anatomia, neurologia clínica etc) como primeiro passo. É sobre essa relação Espinosa-neurociência que pretendemos dissertar a seguir. Fazendo-o, a partir das dúvidas do bielo-russo, nosso objetivo é fornecer bases para um conceito de emoção na perspectiva histórico-cultural (ver item 10.2.2), sem grandes

¹³⁴ Por ora, podemos indicar algumas fontes espinosanas, algumas das quais permanecem vivas na psicologia e nas neurociências. São elas: outras doutrinas filosóficas das paixões, a experiência comum aos homens, a física (em particular de Galileu, Kepler e Huygens), as Sagradas Escrituras, visualizadas no interior da história lingüística, cultural e política do povo judaico, e que serviam à reflexão antropológica e psicológica do autor. Outra fonte: o conhecimento sobre os avanços na medicina de sua época, como as descobertas de Harvey sobre a circulação sangüínea (Damásio, 2004, p.249-231; Espinosa, 1661-1676/1988, p.235-241). Consta, ainda, que um dos passatempos favoritos do autor era apanhar aranhas e colocá-las em luta, ou colocar moscas em teias de aranha, observando os efeitos desses encontros. Deleuze (2002, p.18) enxerga nesse hábito ressonâncias da concepção do autor sobre a composição e decomposição das relações entre os corpos.

detalhes anatômicos ou fisiológicos, já que vários problemas estão aí implicados: as cadeias de processos neurais de cada emoção, seu desencadeamento, sua expressão comportamental/vivencial e sua regulação.

7.4 – Emoções/afetos hoje: resumo neurocientífico

Setenta e seis anos depois do “Teaching about emotions”, as neurociências avançaram a um patamar muito sofisticado. Damásio (2004, p.22) sustenta que Espinosa não é referência corrente para elas. Mas até que ponto sua doutrina dos afetos teria continuado viva e possivelmente provocadora de novas reflexões? Em quais aspectos ela teria se tornado obsoleta?

A produção “científica” sobre emoções multiplicou-se imensamente em nossa época, assinalando a amplitude dos interesses políticos, terapêuticos e financeiros ligados ao tema trabalhado nesta tese. Um simples levantamento na base de dados PubMed em outubro/2008¹³⁵ resultou em referências a 9.067 artigos com o termo “emotion” no título ou

¹³⁵ O PubMed é uma base de dados mantida pelo U.S. National Library of Medicine e pelo U.S. National Institutes of Health, especializada em publicações de ciências médicas e biológicas. Um olhar geral sobre essas pesquisas mostrou-nos alguns temas recorrentes: a busca por definir os papéis deste ou daquele sistema/região encefálica(a) nos processos emocionais, definir e aplicar modelos experimentais para testes de medicamentos, descrever as manifestações emocionais desta ou daquela síndrome neurológica ou psicopatológica, propor métodos de tratamento psicoterápico, lançar hipóteses criminológicas, discutir interações grupais. Os autores são tantos que nos é difícil até mesmo listar, quanto mais definir, os achados mais relevantes. Realizamos, ainda, em 07/11/2007, um breve levantamento em duas bases de dados internacionais especializadas em ciências biológicas (a CABI e a Zoological Record, disponíveis no site da USP: <http://www.usp.br/sibi>), encontrando nelas artigos relativos à psicologia comparada, a partir das palavras-chave “emotion” e “feeling” sem limite de data. Foram freqüentes as referências a pesquisas veterinárias, dirigidas a temas práticos de condicionamento e tratamento dos animais, ao seu bem-estar, saúde mental, felicidade, prazer, *stress* e sofrimento animal (e os indicadores desses fenômenos), estudos sobre os efeitos das expressões faciais e de fármacos, além de modelos sobre a interação cognição-emoção na filogênese.

resumo, 7.846 deles reportando pesquisas (principalmente clínicas) realizadas com humanos; 2.961 com o termo logo no seu título. Pesquisamos, ainda, livros e artigos no Scientific Electronic Library Online Brazil (SciELO)¹³⁶, tendo como palavra-chave a expressão “sistema límbico” – busca que retornou três artigos de nosso interesse (Ribas, 2006;2007; Esperidião-Antônio et al., 2008). Nossa finalidade foi realizar uma breve varredura no assunto, combinando-a com estudos de revisão mais amplos (caso de Kagan, LeDoux e Damásio). Duas obras de Luria também foram consultadas.

À parte a freqüente reprodução de uma lamentável concepção psiquiatrizante e normatizadora de individualidade, os estudos mais sintéticos, de revisão, mostram que Vigotski, ligado aos estudos na neuropsicologia de sua época (bem como à explanação do funcionamento cerebral em geral), e elemento-chave no desenvolvimento desta ciência – especialmente através de Luria – acertava ao supor que as emoções eram funções psíquicas que envolviam várias áreas encefálicas, e também reações corporais, em sistemas complexos. A literatura neurocientífica caminha no sentido de compreender as íntimas relações entre emoção e razão/pensamento, mostrando os circuitos neurais pelos quais as emoções humanas são, como afirmava Vigotski, reações inteligentes, e não meramente reações desordenadas, resquícios evolutivos do cérebro reptiliano ou mamífero.

Mas, ainda, o peso relativo da interação córtex-subcórtex e a relação do cérebro com o restante do organismo é um importante foco de atrito entre os autores. Tamanha é a diversidade dos processos emocionais que vários defendem a demolição ou ampliação do conceito clássico de sistema límbico (ou cérebro visceral de MacLean), criado a partir do

¹³⁶ Acesso em novembro, 2006 e outubro, 2008, da página: <http://www.scielo.br>.

cérebro reptiliano – o qual já atravessou muitas revisões¹³⁷, propondo-se a existência de diversos sistemas/circuitos cerebrais responsáveis pelas funções emocionais (caso de LeDoux, 1996; Damásio, 2004; Esperidião-Antônio et al., 2008). Luria (1981, p.41) já suspeitava que as zonas mediais do cérebro, que envolvem partes do dito cérebro visceral, desempenhassem também funções na consciência e na memória, não podendo ser restritas às emoções.

Conforme LeDoux (1996, p.20), cada sistema evoluiu com uma finalidade funcional diferente e, por isso, existem diferentes tipos de emoção. Kagan (2007) mostra como, neles, mobilizam-se processos de estimulação e inibição mútua capazes de misturar e individualizar, de acordo com a situação, estados cerebrais, fazendo variar a importância de um mesmo acontecimento em momentos diferentes da vida e entre diferentes pessoas (aspectos estes, como vimos no item anterior, que encontram um precursor em Espinosa).

Esperidião-Antônio et al. (2008) afirmam que, em substituição à idéia de sistema límbico, propõe-se o conceito de *sistemas das emoções* no SNC. Nestes, não existem componentes morfofuncionais regulatórios mais pronunciados: todos os elementos

¹³⁷ Segundo Esperidião-Antônio et. al (2008), Pierre Broca foi o primeiro anatomista a identificar o lobo límbico – anel composto de várias estruturas corticais na face inferior e medial do encéfalo – em muitos mamíferos. Acreditava, entretanto, que sua função era olfativa. Cannon e Bard foram autores importantes na idéia de que o SNC causava a experiência subjetiva e as manifestações fisiológicas e comportamentais das emoções. James Papez, em 1937 (ver Figura 9), deslocou a perspectiva de centros emocionais isolados para uma concepção de sistema, mostrando que as diferentes porções do lobo límbico coordenavam-se entre si, num circuito que envolvia o córtex cingulado, o hipocampo, o giro para-hipocampal, o hipotálamo e os núcleos anteriores do tálamo. Ribas (2007) inclui também o fórnix e o corpo mamilar no circuito original de Papez, considerando que a Terminologia Anatômica Internacional de 1998 identifica o lobo límbico como um dos lobos cerebrais, embora nele inclua apenas os giros do cíngulo e parahipocampal. Ribas mostra ainda que Paul MacLean, acrescentando outras estruturas a partir do núcleos originais de Broca, batizou-o com o nome de sistema límbico (ver Figura 2). Conforme Esperidião-Antônio et al. (2008), a maioria dos investigadores que defende a permanência do conceito tende a retirar o hipocampo e o tálamo desse sistema, acrescentando, ao circuito de Papez, a área do septo e a amígdala. Mas é consenso hoje a fundamental participação de várias outras estruturas nos processos emocionais, como o hipocampo, o cerebelo, o tálamo e a área pré-frontal, que não se prestam, contudo, a eles apenas.

exerceriam papéis regulatórios semelhantes entre si, organizados em rede, de forma não-hierárquica e funcionalmente integrada, que envolve estruturas de distinta antigüidade evolutiva: o diencefalo (principalmente tálamo e hipotálamo), rombencéfalo (especialmente o cerebelo), cérebro propriamente dito, ou telencéfalo (giro do cíngulo, hipocampo, amígdala, área pré-frontal, gânglios basais, regiões dos lobos temporais – ver Anexo). MacLean propusera seu conceito de sistema límbico tendo em mente as estruturas que se comunicavam com o hipotálamo. Mas estudos recentes mostram que todo o cérebro com ele se comunica, tornando o conceito obsoleto (LeDoux, 1996, p.91)¹³⁸.

Conforme Esperidião-Antônio et al. (2008, p.63) as informações que atingem o cérebro são processadas em estruturas límbicas e paralímbicas (caso do circuito de Papez) nas quais adquirem um teor emocional, dirigindo-se posteriormente ao córtex. A integração das informações emocionais com os processos cognitivos mais refinados ocorre provavelmente no córtex pré-frontal ventromedial e orbitofrontal (com a possível participação da amígdala), daí seguindo para um importante centro da “consciência” ou memória de trabalho, o córtex pré-frontal dorsolateral (ver Figura 10)¹³⁹.

Sobre o mesmo tema, Ribas (2007) comenta que a nossa freqüente impressão de descontrole emocional decorre da anatomia do SNC: as estruturas consideradas límbicas,

¹³⁸ “Os circuitos relacionados às emoções localizam-se em várias regiões no encéfalo, possuindo inúmeras conexões com o córtex, área (substância) subcortical, seus núcleos e as estruturas infratentoriais – pertencentes ao tronco encefálico e cerebelo. Destacam-se ainda as relações com o tronco encefálico, as quais facilitam sinapses à substância reticular, núcleos como o rubro, o ambíguo e os formadores dos nervos cranianos [...] fazendo parte da porção craniana do sistema nervoso parassimpático. A partir de então, um estímulo dirige-se ao cerebelo e à medula espinal, sendo distribuído por nervos espinais aos segmentos corporais e ao sistema nervoso simpático [...] e parassimpático. Esta seria uma visão panorâmica da integração biológica entre as emoções e o controle neurovegetativo.” (Esperidião-Antônio et al., 2008, p.64).

¹³⁹ Lúria (1966;1981), inspirado majoritariamente por Vigotski e suas idéias sobre consciência e vontade, elaborou importantes contribuições para o entendimento do papel do córtex pré-frontal na regulação voluntária da conduta.

como a amígdala, projetam-se sobre o hipotálamo e o tronco encefálico, desencadeando reações hormonais e do sistema nervoso periférico, sem que haja, em várias situações, um efetivo controle cortical (ver Figura 3).

Ribas (2006) e, principalmente, Kagan (2007) defendem a existência de mudanças importantes dos papéis das diferentes estruturas anatômicas, na passagem dos outros primatas ao *Homo sapiens*. Isso se deveria tanto ao surgimento de novas estruturas quanto às suas relações com as antigas numa totalidade qualitativamente nova: existe, neste sentido, um alinhamento para com as idéias fundamentais de Vigotski (1933/2004). Parece não ser destituída de sabedoria a velha punição pavloviana: aplicar multas aos pesquisadores de seu laboratório que utilizassem frases mentalistas como “o cachorro pensou”, “o cachorro preocupou-se” enquanto trabalhavam.

Podemos tomar como exemplo o caso da amígdala, estrutura em forma de amêndoa, cujo corpo situa-se próximo da cabeça do hipocampo (na região medial alongada do córtex temporal) associada ao desencadeamento das reações de medo condicionado (comportamentos de fuga), e de raiva (comportamentos agressivos) em mamíferos de forma geral. Sendo esses comportamentos emocionais filogeneticamente associados na “luta-fuga” (Esperidião-Antônio et al., 2008), ambos podem envolver maciças reações do sistema nervoso autônomo partindo da amígdala. Por isso, alguns defendem que, nos humanos, a amígdala envolve-se, simplesmente, na resposta rápida, sem grande participação do córtex, a estímulos emocionalmente importantes, sejam eles agradáveis ou desagradáveis (Damásio,

2004, p.61), função aparentemente inexistente em animais¹⁴⁰. Expondo idéias que se coadunam com as de Luria acerca das funções cerebrais como sistemas funcionais (ver item 8.2.1), Kagan (2007, p.70) comenta que em humanos a amígdala (como outras estruturas cerebrais), serve a muitas funções.

Entre elas: a surpresa e o estranhamento (Kagan, 2007, p.73): quando o cérebro, a partir da análise do estímulo, habitua-se a uma situação antes imprevista (por exemplo: a visão de uma foto ameaçadora) a amígdala pode ser inibida pelo córtex pré-frontal, pois se descarta uma ameaça real. E por aí em diante: os comportamentos de raiva humana e de outros mamíferos não corresponderiam ao mesmo fenômeno neurofuncional. A linguagem e a memória, por exemplo, confere um caráter simbólico às experiências, com possibilidades de regulação novas.

Aos clássicos núcleos de recompensa e punição do hipotálamo, tão antigos evolutivamente e celebrados como indícios da persistência do animal no humano, centros por excelência de recompensa/punição ou prazer/desprazer, a pesquisa neurocientífica acrescentou inúmeras formas de modulação e participação de outras estruturas cerebrais constitutivas da textura vivencial e comportamental das emoções humanas. Hoje, tende-se a acreditar que manifestações de felicidade/alegria/prazer relacionam-se também aos gânglios basais, ao cerebelo e ao córtex orbitofrontal (Esperidião et al., 2008, pp.60-62). Damásio (2004, pp.126-134) salienta a importância dos circuitos dopaminérgicos, serotoninérgicos, opióides, de GABA A e glutamato na sensação de prazer. Kagan (2007) especula que as vivências de êxtase podem significar a ativação simultânea de várias dessas regiões.

¹⁴⁰ LeDoux (1996, p.151) classifica a relação tálamo-amígdala(tronco cerebral) como um sistema de processamento veloz e tosco, cuja função evolutiva teria sido proteger a vida de grandes perigos.

Todas essas vivências marcam a memória e a atenção: é significativo que as zonas estruturas médio-basais do cérebro tenham se relacionem a essas funções psíquicas: conforme Luria (1981, pp.41-45), o hipocampo e núcleos relacionados compõem o sistema reticular ascendente – o grande sistema encefálico responsável pelo ciclo sono-vigília – influenciando na manutenção do tono cortical necessário a atividades conscientes (ver Figura 8). Superpõem-se ao tronco cerebral e ao sistema reticular¹⁴¹. Os neurônios que compõem esse córtex não possuem especificidade definida em termos de modalidade sensorial (auditiva, olfatória, visual), mas respondem a alterações internas no estado do corpo. Isso é fundamental para retenção dos traços da vivência direta e a comparação imediata de fatos novos com antigos, independente da modalidade sensorial. Também, segundo cremos, pode explicar o caráter vago, inefável de certas emoções, refratário à definição e localização no espaço, além do fato de que qualquer modalidade de percepção ou memória possa ser permeada por qualidades emocionais. Estímulos indicativos de recompensa e punição sempre geram descargas nas zonas médio-basais, cujos neurônios, segundo Luria (1966, p.67) não obedeceriam à lei do “tudo-ou-nada”: neles a excitação se propaga através de ondas lentas que surgem e desaparecem gradualmente¹⁴². Com isso, ocorrem modificações gerais nos estados cerebrais e no pano-de-fundo de recompensa ou punição para um certo comportamento.

¹⁴¹ Nas zonas médio-basais do cérebro (ver Figura 6), Luria inclui o lobo límbico, a ínsula, as superfícies basais e mediais dos lobos frontal e temporal. Também aí se localizam estruturas evolutivamente mais antigas, como o diencefalo (tálamo, hipotálamo), o hipocampo, o córtex olfatório, a amígdala.

¹⁴² Não temos confirmações desta idéia um tanto estranha, também exposta em Luria (1981, p.43). Pois, conforme Guyton (1993, p.68) o “tudo ou nada” é um princípio básico de propagação dos potenciais de ação no neurônio: a despolarização da membrana do neurônio em qualquer ponto (especialmente nos dendritos) trafega ao longo de toda a membrana em condições adequadas, seguindo um limiar de excitação constante. Ou seja, um mesmo neurônio não se excita “mais” ou “menos”. Segundo a Wikipédia (2008a) a propagação do potencial de ação é basicamente a mesma para as diferentes células.

A imensa quantidade de novos estudos tem possibilitado a criação de formulações teóricas mais abrangentes: caso de Damásio (2004), especialmente no livro “Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos”. Destinado ao público leigo em neurociências, funde Espinosa com o pensamento darwinista atual: ratifica as idéias espinosanas sobre a variedade da composição do corpo, mostrando sua incessante interação com o encéfalo¹⁴³. Ao invés de concentrar-se apenas nas vias eferentes, de partida, do encéfalo para o corpo, como a maioria dos estudos, o autor concede grande importância à direção oposta.

No que tem de espinosano, Damásio concede especial atenção à geração contínua de mapas neurais do estado/das alterações do corpo (mormente através do lobo parietal direito, córtex do cíngulo, insula, tálamo, hipotálamo, núcleos posteriores do tronco encefálico)¹⁴⁴, que seriam os alicerces dos processos mentais e o substrato dos sentimentos (percepção/consciência das emoções, as quais são respostas automáticas ou comportamentos reflexos, comportamentos referentes ao estado do corpo – ver Figura 4). As sensações do corpo, como a de dor, podem ter um maior ou menor peso afetivo: as regiões de processamento da informação de dor são diferentes daquelas responsáveis pelo componente afetivo da dor, que intensifica ou ameniza essa dor primária, sempre relacionada às necessidades. Por isso, podemos, também, sentir fome na ausência de implicações afetivas.

¹⁴³ Podemos perceber que o limite do corpo em Damásio, a borda que separa os acontecimentos do corpo de seu processamento neuronal é a dos receptores sensoriais que, como propõe Guyton (1993) traduzem as alterações mecânicas, térmicas, químicas, eletromagnéticas (caso da retina do olho) em impulsos nervosos que acabam atingindo o sistema nervoso central.

¹⁴⁴ Esses mapas podem ser, também, simulados pelo cérebro: podemos imaginar como é estar na pele de alguém ou numa situação futura. São fundamentais na imitação, dependentes dos neurônios-espelho presentes no córtex frontal e parietal inferior de macacos e humanos, muito importantes nas emoções sociais (Wikipedia, 2009a).

Damásio (2004, pp.207-228) diferencia das imagens da carne (ou seja, das vísceras e do meio interior do organismo) as de partes especializadas do corpo, geradas a partir de objetos exteriores nos receptores sensoriais periféricos. Defende que a mente é idéia de segunda ordem, composta por duas idéias de primeira ordem: do objeto externo e do nosso corpo, conforme é afetado por ele e o percebe. Nesses encontros, poucas de nossas percepções são emocionalmente neutras: praticamente todo objeto percebido causa emoções. Elas são percebidas de um modo especial, pois, enquanto nossa percepção de objetos externos, por si mesma, em nada os modifica, o corpo e seu mapa neural podem estabelecer um processo reverberativo, de mútua influência, criador de traços mnêmicos, suscitados posteriormente num novo encontro com o objeto ou sua idéia. Os sentimentos não são, pois, puramente passivos. Com Damásio e Espinosa, podemos considerar que a razão pode ordená-los, influenciá-los, modulá-los: especialmente através do córtex pré-frontal, zona cerebral responsável pela regulação de tarefas motoras complexas, inteligentes, e de processos decisórios (ver Figura 10).

A alegria, para o Damásio (2004, p.147) influenciado por Espinosa, significa, realmente, uma maior perfeição, no sentido de corresponder a uma maior harmonia funcional do organismo. Suas idéias condizem com achados da medicina psicossomática nas últimas décadas: não há apetites que sejam puramente físicos ou mentais, como Vigotski (1933/2004), galhofeiro, também afirmou¹⁴⁵. A alegria aumenta, como propunha Espinosa, a

¹⁴⁵ “el sentimiento religioso, que por regla general se considera uma emoción puramente espiritual, probablemente no debe ser referido al grupo de las emociones superiores en piadosos caníbales que sacrifican seres humanos a la divinidad. Por consiguiente, no existe emoción que sea por naturaleza superior o inferior, como no existe emoción que sea por naturaleza independiente del cuerpo, que no esté unida a este” (Vigotski, 1933/2004, p.213)

fluência das idéias, bastante diminuída na tristeza (Damásio, 2004, pp.92-110). A tristeza não é só o mal-estar do corpo, mas também o mau-pensar; é uma produção reduzida de imagens mentais; um mau estado do corpo, que desencadeia pensamentos negativos.

Damásio (idem, pp.53-61) classifica os comportamentos emocionais em emoções de fundo (manifestações sutis, resultante de reações regulatórias simples do organismo e ainda pouco estudadas), primárias (medo, raiva, nojo, surpresa, tristeza e felicidade) e sociais (simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, culpa, orgulho, ciúme, inveja, gratidão, admiração, espanto, indignação e desprezo)¹⁴⁶. Numerosas reações regulatórias e componentes das emoções primárias integrariam as emoções sociais (como o desprezo, que se associa a zonas cerebrais correspondentes às do nojo). Damásio sustenta: em alguns casos, as emoções são inteiramente inatas; noutros, requerem um grau mínimo de exposição apropriada ao ambiente. Essa visão inatista não causa espanto no contexto do livro, pois o neurocientista considera as emoções como ações ou movimentos captáveis como respostas químicas ou padrões eletrofisiológicos, *reflexos* altamente elaborados e coordenados (idem, p.61). Damásio mostra-se um darwinista ortodoxo: também Darwin (1872/1934), com suas observações de humanos e animais, tinha a expressão das emoções na categoria de comportamento reflexo.

Contudo, cremos que tanto a conceituação de Damásio quanto sua apropriação de Espinosa precisam ser tratadas cautelosamente: sob o ponto de vista de uma materialidade apenas mecanicista, tão criticada por Vigotski, as dominâncias da atividade cerebral são enfocadas em detrimento de sua integração em sistemas psicológicos. Sob tal foco, as

¹⁴⁶ As emoções básicas reproduzem a classificação de Paul Ekman (Damásio, 2004, p312).

emoções são, sim, “coleção de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto” (Damásio, 2004, p.61)¹⁴⁷. Entretanto, devemos dizer que a definição não esgota a totalidade essencial dos fenômenos, simplificando tanto os circuitos neurológicos quanto os problemas sociais e culturais imbricados no tema, numa ortodoxia darwinista que simplifica as origens do humano nas noções de genótipo/fenótipo ou inato/adquirido.

O fato de determinadas regiões encefálicas mostrarem-se mais ativas não significa que as outras estejam mortas ou destituídas de importância neste ou naquele processo emocional. Como afirma Kagan (2007): a definição de Damásio funda-se nas neuroimagens que permitem “ver” a emoção. Mas: “[...] a colored photograph of a brain state created with the help of a brain scanner is no more equivalent to an emotion than a picture of an apple represents the texture and taste of the fruit” (Kagan, 2007, p.26). Em outras palavras: a complexidade vivencial das emoções, suas várias características, não são representadas pela neuroimagem (ver Figura 5).

Damásio atribui um baixo valor à aprendizagem, à culturização do biológico e seu resultado fundamental – a personalidade que se emociona – aí expressando uma prevalência do darwinismo, extrapolado à condição de darwinismo social. Criam-se, pois, divergências bastante importantes para com a teoria histórico-cultural. E, modestamente, poderíamos assinalar suas diferenças para com aspectos importantes da própria teoria espinosana, atenta à determinação dinâmica dos afetos na sua singularidade e relação com a essência atual do

¹⁴⁷ Frise-se: o próprio Damásio reconhece a importância dos pensamentos e memórias no sentimento. Mas, na esteira de William James, relata casos clínicos nos quais a estimulação de áreas isoladas do tronco encefálico e da área suplementar motora do lobo frontal esquerdo produzem posturas físicas e expressões faciais condizentes com a alegria ou tristeza, após o que, sem nenhuma razão ambiental, seguem-se sentimentos e pensamentos de alegria ou tristeza. Isso provaria a importância do *feedback* dos sinais da execução comportamental do corpo para o cérebro, das mudanças corporais induzidas pela ação, na alteração dos mapas neurais do corpo e criação das percepções de emoção: ou seja, dos sentimentos.

sujeito (ver item 7.3): preocupações algo incompatíveis com o conceito de emoções como reflexos da espécie. Ignorando-as, Damásio seleciona apenas os aspectos da doutrina espinosana mais próximos do darwinismo, como a tendência à auto-conservação e a inserção dos homens na ordem da natureza, para aquém do sobrenatural e do criacionismo.

Não negamos o grande valor científico dos estudos do próprio Damásio, a sua importância na ratificação de alguns aspectos da teoria espinosana, ou mesmo a necessidade do estudo evolucionário das emoções. Mas tampouco subestimamos o conservadorismo político-econômico que fundamenta o planejamento dos estudos dito evolucionários e sua interpretação dos dados sobre seres humanos. É nesse contexto que numerosas críticas e outras tantas defesas e replicações experimentais foram feitas com respeito às tão populares seis emoções primárias de Ekman, das quais se utiliza Damásio¹⁴⁸. Desde seus conhecidos estudos dos anos 1970, Paul Ekman, hoje aposentado, vem considerando como universal a existência de certos “programas afetivos centrais” para as seis emoções básicas, incluindo neles, além das expressões faciais, dados de comportamento interpessoal, mudanças fisiológicas, respostas vocais e autonômicas do sistema nervoso. Seus estudos têm sido importantes na consolidação da tradição darwinista, como relatam Lutz & White (1986). Esta tradição valoriza o papel da expressão emocional na manutenção de hierarquias sociais (mormente de cooperação-ataque-submissão – seqüência comportamental à qual podemos

¹⁴⁸ Os primeiros estudos da equipe do americano Paul Ekman (nascido em 1934), nos anos 1970, envolveram respostas de escolha emitidas por pessoas do povo Foré, da Nova Guiné, a partir de fotos de expressões faciais consideradas protípicas das seis emoções especificadas. Os experimentadores expunham situações como “O teu amigo chegou e tu estás feliz”, ou “Estás zangado e preparado para lutar”, apresentando, a seguir, 30 fotos de expressões faciais de americanos, consideradas prototípicas das seis emoções consideradas básicas (Oatley & Jenkins, 1998, p.91). As respostas consideradas corretas para a “cara alegre” chegaram a 90%, mas os sujeitos não discriminaram caras de “medo” das de “surpresa”. Apesar das críticas, Ekman efetivamente considera as ditas emoções como universais, tendo ampliado seus trabalhos para outros aspectos além da mímica facial.

perfeitamente acrescentar Damásio). Coadunam-se com a justificação das desigualdades sociais como fatos naturais, geneticamente herdados. A incorporação das expressões faciais e corporais em amplos sistemas culturais e lingüísticos também é negligenciada¹⁴⁹.

Como Ekman, e na contramão de Vigotski, Damásio (2004) criou uma teoria que subestima a diversidade das emoções humanas, tomando como referência uma espécie de sujeito universal dos processos cerebrais. Nesse contexto, destaca-se a ausência quase completa de algumas fontes importantes: a antropologia e lingüística das emoções e, também, os estudos da ontogênese das funções mentais e da personalidade humana¹⁵⁰. Tal como podemos observar, Damásio (idem, p.48) não ultrapassa a doutrina da utilidade biológica das emoções, criticada por Vigotski, recaindo numa espécie de finalismo que encontra propósitos evolucionários diretos ou indiretos para cada emoção: quando as manifestações emocionais parecem não adaptativas, como as fóbicas, o autor persegue-as no Santo Graal dos momentos evolucionários anteriores. A condição humana aparece apenas a partir da sua causalidade filogenética, sem se considerar sequer a história social do comportamento, tal qual defendiam Vigotski e Luria (1930/1996).

¹⁴⁹ Kagan (2007, pp.93-94), numa crítica metodológica, ressalta a baixa confiabilidade existente na mudança de padrões faciais como signos de estados emocionais. Refere-se a pesquisas que mostram o desencontro entre as emoções refletidas na mímica facial e os relatos de vivências dos sujeitos: tanto quanto um amplo sorriso pode não denotar grande felicidade, a ausência dele pode não significar indiferença. As expressões faciais de homens são menos salientes com relação às das mulheres, mas eles não parecem ser menos capazes de afetos intensos. Ocasionalmente, contudo, a face pode revelar características de um sentimento e um temperamento, com destaque para as situações envolvendo a presença de outra pessoa.

¹⁵⁰ Sem convidar para sua reflexão os estudos ontogenéticos, Damásio (2004, p.41) chega, por exemplo, a classificar os comportamentos lúdicos humanos entre as pulsões e motivações, ao lado da fome, da sede e dos comportamentos sexuais. Mas o brincar humano é precocemente simbólico e constitui-se numa atividade bastante complexa, substantivamente diferente do brincar animal (ver Elkonin, 1998). Mesmo sob um ponto de vista neuropsicológico, cremos que não poderia ser classificado ao lado de sensações orgânicas tão simples como a fome e a sede.

Nesse sentido, Jerome Kagan (2007)¹⁵¹ oferece-nos uma contribuição propriamente psicológica que reflete sobre pesquisas e problemas ignorados por Damásio (2004). Entre todos os autores recentes com que interagimos desde o início deste trabalho de doutorado, Kagan agradou-nos imensamente pela crítica e cuidadosa reflexão metodológica. Integrando muitos dados (à primeira vista, divergentes), numa visão complexa de desenvolvimento humano, mostra os erros existentes na dicotomia entre inato e adquirido para explicação das origens do psíquico. Defende que o estudo das emoções ainda não amadureceu ainda o suficiente para confiarmos num grande número de premissas (Kagan, 2007, p.214). Nas ciências das emoções, o autor critica a falsa universalização das emoções vividas no Ocidente, atribuindo importância à cultura e à história das emoções e sentimentos em seres humanos. Em alguns tópicos, explica as relações entre alterações encefálicas e a culturização do cérebro ao longo do desenvolvimento, numa exposição similar a Vigotski e Luria. Extraíndo-se ao binômio estímulo-resposta que permeia a obra de Damásio (2004), binômio este tão criticado por Vigotski (1931/1995, p. 62), Kagan concentra-se nos complexos de processos conceituais e de julgamento fundadores dos estados emocionais e de suas repercussões nas relações sociais, afastando-os da condição de mera resposta à percepção de estímulos. Defende o caráter estrutural das emoções, nelas integrando muitas dimensões distintas e estudos sobre os seus diversificados impactos nos pensamentos, decisões e atos individuais de acordo com diferentes culturas e comunidades.

¹⁵¹ Kagan (1929-) notabilizou-se pela pesquisa do temperamento, emoção e cognição na primeira década da vida humana, acompanhando muitas crianças a longo prazo. Atualmente, é Professor Emérito da Harvard University e diretor do Mind/Brain Behavior Interfaculty Initiative. Pesquisando o papel do temperamento na formação de diferenças individuais, criticou a Teoria do Apego de John Bolwby, entre outras, defendendo que as experiências dos primeiros anos de vida são menos determinantes para a personalidade adulta do que se pensa (Alic, s/d).

Kagan (2007) defende que muitas emoções existem, mas não chegam a ser percebidas pelo sujeito e tampouco se manifestam de modos perceptíveis por outros: são como a temperatura dos processos mentais. Há um oceano de manifestações emocionais que ficam aquém da língua – até porque as estruturas cerebrais que alicerçam os sentimentos são menos vinculadas às áreas da linguagem do que as representativas de objetos e lugares do ambiente – embora todas as línguas conhecidas apresentem termos descritivos de emoções (Kagan, *idem*, p.42). Sustenta o autor (*idem*, p.23) que a idéia de emoção humana na psicologia das últimas décadas é a de um constructo que se refere a quatro fenômenos imperfeitamente relacionados: 1) uma mudança no perfil da atividade cerebral (*brain profile*) para selecionar incentivos (recompensas, punições); 2) uma mudança conscientemente detectada no sentimento (*detected feeling*), com qualidades sensoriais identificáveis; 3) processos cognitivos que interpretam e/ou rotulam o sentimento com palavras (*appraisal*); e 4) uma prontidão (*preparedness*) para uma resposta comportamental, ou uma demonstração nesse sentido¹⁵². Cada perspectiva psicológica varia na significância e nomenclatura atribuídas aos componentes (Kagan denomina “sentimento” ao segundo componente e “emoção” ao terceiro). Nos encontros e desencontros dos componentes, padrões de neuroimagem semelhantes não significarão necessariamente a associação de todos eles, nem influenciarão

¹⁵² Kagan (2007, p.27-28) acredita que futuros investigadores elaborarão diferentes construtos para componentes separados da estrutura que caracteriza a emoção, na esteira dos antigos gregos, que separavam a taquicardia e o calor facial após um insulto, das emoções de raiva e vingança subseqüentes à avaliação do sentimento corporal. Os futuros constructos precisariam, por exemplo, separar um *primeiro grupo* de respostas a expressões faciais na forma de estados/padrões cerebrais consistentes, sem que o sujeito perceba nenhuma mudança no sentimento, de um *segundo grupo* de estados, acompanhados de comportamentos involuntários ou respostas autonômicas, de um *terceiro grupo* que resulta também em sentimentos detectados, mas não interpretados, de um *quarto grupo* envolvendo também a interpretação; e um *quinto grupo*, englobando todos os fenômenos: um estado cerebral, um sentimento detectado, uma avaliação e uma resposta. Mas, de fato, essas diferentes fontes de dados são descritas, por exemplo, com o rótulo “ansiedade”, tanto no encontro com estranhos quanto a ativação da amígdala perante caras raivosas.

igualmente o pensamento e as relações interpessoais.

Afirma:

Although every emotion originates in brain activity, each is first and foremost a psychological phenomenon that is underdetermined by a brain state because each brain profile can give rise to an envelope of emotions. The specific emotion that emerges depends on the setting and always on the person's history and biology. (Kagan, 2007, pp.1-2)

Uma mudança no sentimento pode ser ignorada ou nomeada e considerada importante. Para Kagan (2007, p.42), as palavras que utilizamos sofrem a influência do contexto imediato, ações ou pensamentos contínuos, os discursos e a *folk theory* (a psicologia do cotidiano, psicologia ingênua ou teoria popular corrente sobre os processos mentais, à qual nos referimos no item 1). É por atribuir um importante papel à cultura que o autor descrê das definições de emoções básicas, considerando que as classificações existentes apenas refletem os modelos e hierarquias de emoções em diferentes culturas. Para uma nova concepção científica das emoções seria também necessária a criação de diferentes termos para as manifestações emocionais de crianças e adultos: a reação a que hoje denominamos “medo” de um bebê que chora reagindo ao frio imprevisto não é como o “medo” de um adulto que descobre um imprevisto sangramento em sua boca. Nossa capacidade de avaliação de um fato impõe diferenças de natureza em todas as manifestações hoje consideradas emocionais, sendo importantes a ponto de interferir na sua própria essência.

Uma das geniais intuições de Espinosa parece ter sido, então, como vimos, a de incluir as idéias do sujeito sobre as emoções na definição das mesmas, como parte de sua estrutura: elas não existiriam como fenômenos humanos sem uma atribuição de sentido,

sofrendo as vicissitudes da situação. LeDoux (1996), por exemplo, relata pesquisas sobre a influência dos conteúdos mentais momentâneos da memória de trabalho na atribuição de causas para a emoção, embora eles possam não ter qualquer relação com as causas reais da cascata de reações emocionais – em outras palavras: são causas imaginárias para processos, em grande medida, inconscientes.

Com os poucos conhecimentos de sua época sobre o sistema nervoso central, Espinosa não descrevia a natureza modular da memória, hoje mais conhecida e classificada em sistemas cerebrais distintos (memória de trabalho, episódica etc). Mas sua doutrina constrói-se de molde a não ser obscurecida pelas pesquisas mais recentes, continuando a provocar polêmica e reflexão – não só pelas intrigantes idéias sobre a relação corpo-mente, mas também como concepção de natureza humana com profundas implicações ético-políticas. Pois Espinosa foi um agudo crítico do Estado Teológico-Político, da concepção dos homens como anjos ou demônios, assim como do incentivo à busca de glória religiosa através das paixões tristes: arrependimento, culpa, vergonha, tristeza do pecador. Vale a pena que futuros estudos trabalhem também neste plano de corte.

Vigotski (1933/2004, p.59) chegou a considerar a doutrina espinosana dos afetos como inspiração para futuras idéias sobre a natureza humana. As afinidades entre as teorias realmente existem, embora demandando maiores estudos, apesar das dificuldades que tendem a se colocar no plano filosófico da psicologia histórico-cultural, teoria marxista por excelência. É possível aliar o potencial das duas filosofias na forma de uma psicologia histórico-cultural, tal como desejava Vigotski? Podemos conciliar as idéias espinosanas sobre a natureza com as marxistas? E quanto à concepção de imaginação, fronteira entre corpo e

mente em ambos os autores, mas com um significado bem mais abrangente em Espinosa que em Vigotski? Conseguiremos nos apropriar de contribuições das neurociências e superar a dicotomia entre mecanodeterminismo e hermenêutica? Como?

Perguntas que encerram, por ora, nossas reflexões sobre esse intrigante “Teaching about emotions”.

8 – Emoções e vivências na ontogênese do psiquismo: textos pedológicos

Este capítulo estuda os textos que trazem contribuições especialmente a uma abordagem ontogenética das vivências e emoções. Os conceitos passam a se ligar ao problema do desenvolvimento de um eu singular, de uma consciência/personalidade determinada, nos derradeiros anos de vida de Vigotski. Neste âmbito, sofrem mudanças significativas, expandem-se sob um ponto de vista teórico-metodológico (pois novos conceitos aí se integram), embora sejam marcados pelo inacabamento que caracteriza boa parte das obras maduras do autor.

8.1 – Contextualização histórica: Vigotski, estudo do desenvolvimento e pedologia

O precoce interesse de Vigotski pelo estudo de crianças, de seu desenvolvimento e educação era muito variado: segundo Elkonin (1996b), ele fora professor em Gomel (1917-1924). A prática da clínica pedológica e o trabalho experimental consistiram noutros meios de contato teórico-prático com crianças.

Vigotski e Luria (1930/1996, pp.95;151;157) discutiram como o desenvolvimento de uma personalidade singular atravessa vários estágios – de modo apenas esquematicamente análogo, também a evolução histórico-cultural teria partido do homem primitivo até o homem cultural moderno. Para os autores, os estudos da ontogênese proporcionariam a descoberta dos elos psicológicos entre desenvolvimento biológico e cultural, processo com a vantagem de ocorrer sob os próprios olhos do pesquisador, de não demandar a reconstrução

de vestígios escassos, perdidos na arqueologia do comportamento.

Segundo Wertsch (1985, p.49), os estudos de crianças notabilizaram Vigotski e seus seguidores na URSS e no Ocidente. Exercem uma função central tanto na edificação de sua psicologia geral (expandindo-se, pois, para diversos campos científicos e práticos da psicologia), quanto nas teorias e nas práticas particulares, tais como a pedológica e a defectológica. É comum verificarmos que teoria geral e particular sobrepõem-se com frequência em textos como a “Paidología del Adolescente ” e os “Problemas de la psicología infantil”.

A pedologia da União Soviética atravessava, nesta época, uma intensa expansão¹⁵³. Conforme Van der Veer & Valsiner (2001, pp.321-325), na década de 1920 os efeitos da pesquisa pedológica fizeram-se sentir em muitas instituições de educação e pesquisa na URSS. A pedologia foi incluída como uma das seções do 1º Grande Congresso Geral sobre o Estudo do Comportamento (1930). Entre 1927 e 1928 realizou-se o Primeiro Congresso Pedológico Soviético (participaram Lunacharsky, Krupskaya, Bukharin, Vigotski, entre outros), cuja diretriz era a reestruturação marxista da pedologia, com ênfase no papel do ambiente social para o desenvolvimento das funções psicológicas de inferiores a superiores. Este foco de pesquisa interessava a Vigotski, e foi na revista “Pedologia”, fundada após o I Congresso, que ele lançou as bases da teoria histórico-cultural (ver item 6). A publicação ganhou importância: no início de 1929 já tinha cerca de 1.500 assinaturas, apenas 30% delas

¹⁵³ Conforme Van der Veer & Valsiner (2001, p.320-321), o primeiro Congresso sobre Pedagogia Experimental (antigo nome para a pedologia) ocorreu em 1911. Em 1907, como parte do Instituto Psiconeurológico de Bekhterev, organizou-se o Instituto Psicopedológico, o qual se concentrou na pedologia de bebês e da primeira infância, sendo planejado como uma espécie de internato. Conquistou sede própria a partir de 1911. Apesar do grande interesse de Bekhterev, o Instituto não tinha orçamento próprio, sobrevivendo de doações. Quando o governo czarista concordou em financiar o projeto, houve a Revolução de 1917 e o Instituto Pedológico subordinou-se ao Commissariado de Educação.

individuais. Vigotski foi um de seus conselheiros editoriais e lecionou a disciplina de pedologia enquanto a tuberculose o permitiu.

Em meados da década de 1920, proliferava a literatura pedológica escrita em russo. Importantes obras internacionais sobre desenvolvimento infantil e estudos de crianças foram traduzidas (Baldwin, Compayré, Stern, Groos, Sully, Claparède, Binet, Meumann, Bühler entre outros), num ritmo acelerado até o início da década de 1930. Num país que reorganizava seu sistema educacional, a pedologia soviética interessava-se pela reconstrução da personalidade no socialismo. Tarefa ingrata: havia milhões de analfabetos adultos e também crianças órfãs ou oriundas de famílias separadas pela guerra, fome, terror, entre outros motivos. No clima cientificista da época, Vigotski (in Van der Veer & Valsiner, 2001, pp.334-335) enxergava na pedologia uma ciência para síntese das várias disciplinas de estudo da criança. O autor tinha seu próprio projeto nesta área, como mostram as suas palestras e aulas de 1931 em diante, algumas publicadas por M.A. Levina nos “Fundamentos de pedologia” (1935).

A concepção pedológica vigotskiana tinha uma peculiaridade: para Van der Veer & Valsiner, enquanto outros pedólogos frisavam a natureza interdisciplinar da pedologia, Vigotski definia-a como ciência do desenvolvimento infantil (em que, segundo Elkonin, 1996b, p.389, incluía-se a psicologia infantil evolutiva). Frise-se: *ciência* e não *psicologia* do desenvolvimento infantil:

Pode-se estudar doenças infantis, a patologia da infância, e isto também seria, em certa medida, uma ciência sobre a criança. Em pedagogia, pode-se estudar a criação e a educação de crianças, e isto também, em certa medida, é uma ciência da criança. Pode-se estudar a psicologia da criança, e isto

também seria em certa medida uma ciência sobre a criança. [...] é mais exato afirmar que a pedologia é a ciência do desenvolvimento da criança. *O desenvolvimento da criança é o objeto direto e imediato de nossa ciência.* (Vigotski, in Van der Veer & Valsiner, 2001, p.335, grifo do autor)

Podemos criticar a interpretação de Van der Veer & Valsiner: não é por ser considerada “ciência do desenvolvimento” que a pedologia de Vigotski deixava de ser interdisciplinar. Contudo, é fato que o autor eventualmente a sobrepunha à psicologia do desenvolvimento: em suas conferências de orientação pedológica (como “El problema de la edad”, 1996h), por vezes, ele afirma que seu objetivo é a composição de uma psicologia infantil. Enfatizava o estudo da integridade natural da criança tomada como objeto de influência da educação, comportando conhecimentos da pedagogia, psicologia e pediatria, entre outros saberes (in Elkonin, 1996b, p.389)¹⁵⁴.

Os pedólogos também dividiam espaço com os psiquiatras. Segundo Wortis (1953), muitos problemas considerados psiquiátricos nos Estados Unidos tratavam-se na URSS como de ordem disciplinar ou pedagógica. O novo governo rapidamente estendeu os serviços de psiquiatria às crianças: em 1926 a URSS tinha 211 instituições que asilavam 8.226 crianças “anormais”. Em 1930, existiam 150 estabelecimentos de psiquiatria infantil preventiva, em que as crianças eram submetidas a exame médico, psicológico e neurológico, sendo encaminhadas para novos estudos ou tratamento em locais adequados.

No cruzamento dessas muitas práticas, Vigotski objetivava criar novos métodos (ou antes, uma metodologia) de pesquisa e intervenção clínica. Em busca da essência das

¹⁵⁴ A natureza interdisciplinar da pedologia acompanhava-se, ainda, por uma certa indefinição das atribuições profissionais. Segundo Wortis (1953, pp.121-123), historiador da psiquiatria russa, ainda durante a monarquia havia uma tendência a separar a psiquiatria infantil da geral para constituir uma disciplina especial, a defectologia, que se consagrava à atenção das crianças deficientes. Mas o vocábulo “defeito” sugeria estados incuráveis, com um campo de interesses restrito, tornando-se terminologia progressivamente ignorada.

diferentes situações de desenvolvimento atravessadas pelas crianças, examinava-as acompanhado de vários especialistas, propondo-lhe tarefas, fazendo perguntas (Barroco, 2007, p.210). A metodologia da teoria histórico-cultural tendia a diversificar-se.

Empezaremos por la fundamentación principal del método de nuestra investigación por el esclarecimiento de su relación con otros métodos psicológicos y pasaremos luego al cuadro esquemático del método concreto, es decir, a la técnica y organización de la investigación experimental. La técnica concreta puede adoptar formas variadas según sea el contenido del problema que se estudia (memoria, pensamiento, etc.), la personalidad del sujeto (el niño de edad y tipo diferente), las tareas específicas de la investigación en concreto (análisis, génesis de algún proceso) y, finalmente, el carácter de la investigación (experimental, clínica). (Vigotski, 1931/1995, p.48).

O autor acreditava que seria necessária uma mudança radical para superar as limitações metodológicas da psicologia infantil (idem, p.45). Nesse sentido, uma de suas inovações foi o método genético-experimental, que servia a questionar o esquema estímulo-resposta como forma de experimentação, defeito comum às psicologias de sua época (Vigotski, 1994a, pp.78-80). Confundia-se o comportamento humano como reação passiva, animal, ao ambiente, menosprezando-se o processo criador de cultura que permeia a relação homem-natureza. Vigotski (idem, pp.79-81) considerava que a experimentação psicológica, tal como praticada por Wundt, por exemplo, só se aplicava ao estudo/quantificação de processos simples: as funções psíquicas superiores e o problema da personalidade como síntese de tais funções permaneciam fechados para a psicologia introspeccionista.

Lewin e Marx (e, talvez, Espinosa) inspiraram Vigotski (1994a, pp.82-83) a priorizar a análise genotípica e a separá-la da fenomenológica, baseada na simples descrição. O objetivo da psicologia precisaria ser a revelação das bases dinâmico-causais do desenvolvimento, que

podem, inclusive, permanecer veladas ao sujeito que relata. É nesse contexto que o autor critica as psicologias introspeccionistas de Wundt e Titchener, em que os sujeitos se limitavam a descrever suas vivências¹⁵⁵.

Não era recorrendo às próprias vivências que se podia explicá-las. E não era o introspeccionismo, nas suas cansativas minúcias, desprovidas de atribuição de sentido, que forneceria uma descrição correta das mesmas. Ao invés de serem encaradas como elos passivos em cadeias de estímulo-resposta, melodias internas que acompanham as reações, as vivências deveriam ser compreendidas no interior do problema da dinâmica da personalidade e da consciência, tornando-se, como em “A Tragédia do Hamlet”, elos causais do comportamento (veja-se Vigotski, 1933/1996b, p.383 e 1935/2008). Nestes textos, o autor lega um novo papel à análise das vivências da consciência e personalidade.

8.2 – O desenvolvimento da personalidade, da consciência e das vivências

8.2.1 – A noção de sistema em Vigotski: problemas de definição

Em “Sobre los sistemas psicológicos” (1930/1991g) temos uma definição cuja

¹⁵⁵ Noutra passagem: “Como dijimos ya era um análisis puramente descriptivo de las vivencias que transmitia com escrupulosa exactitud las vivencias del sujeto durante la reaccion, pero como la vivencia, por sí misma, no constituye un proceso integral de reaccion, ni es siquiera su base fundamental, sino tan sólo una faceta del proceso que también debe ser explicada, resulta, como es natural, que la autoobservación ni siquiera es capaz de proporcionar una descripción correcta, sin hablar ya de explicar el aspecto subjetivo de la reacción.” (Vigotski, 1931/1995, p.110). Um exemplo da experimentação de Vigotski: o autor julgava que o livre-arbítrio deveria ser estudado a partir de escolhas concretas, provocadas pelo pesquisador, e para solução das quais o uso de mediadores culturais fosse imprescindível (Toassa, 2004a). Era necessário estudar a gênese contendo em si os elementos externos e internos indispensáveis da escolha, e não meramente com os dados atomizados da vivência direta (Vigotski, 1931/1995, p.90-104)

vagueza é admitida pelo próprio autor:

Denominaremos *sistema psicológico* a la aparición de estas nuevas y cambiantes relaciones en las que se sitúan las funciones, dándole el mismo contenido que suele darse a este – por desgracia excesivamente amplio – concepto. (Vigotski, 1930/1991g, p.73)

O caráter amplo do conceito de sistema paira em todos os textos do autor que o envolvem. Por isso, antes de nos aprofundarmos na sua utilização, precisamos refletir sobre ele. No vivo processo de construção da sua teoria, Vigotski não costumava definir os termos utilizados e, como um narrador engajado, emprestava ou comentava os da psicologia de sua época, saltando rapidamente entre as muitas esferas culturais que ele conhecia. Em decorrência disso, adquirem sentido no contexto em que se colocam, criando expressões similares e de difícil definição na teoria histórico-cultural. Circunscrever o alcance de suas afirmações, assim como comunicar as idéias vigotskianas, tornou-se um sério problema para seus comentadores: é relativamente fácil afirmar, com ele, que as vivências são unidade sistêmica da consciência e personalidade (ou pessoa, como em Vigotski, 1929/2000) no contexto das suas conferências pedológicas. Muito mais difícil é tentar explanar o significado destes conceitos, tão peculiares em sua psicologia, em vários textos e, não raramente, de dois pontos num mesmo texto.

Em linhas gerais, podemos afirmar que a noção de sistema tem três fontes em sua obra: a psicologia da Gestalt, a estrutural (de Lewin) e a filosofia marxista. Postulam: 1) a primazia do todo com relação à soma das partes; 2) a importância da análise de relações (estruturas) componentes desse todo, com respeito a objetos isolados. A rigor, *sistema* é mais

um princípio geral que um conceito rigorosamente definido. Van der Veer & Valsiner (2001, p.185) enxergam, na preocupação vigotskiana com a análise de unidades, uma posição teórica orientada contra a fragmentação do psiquismo em elementos sem estrutura interna. Contém aspectos fundamentais do pensamento vigotskiano, como a análise da gênese e transformação dos processos psicológicos e contribui, sobretudo por meio de Luria (1966), para a teoria da localização dinâmica das funções mentais no cérebro na ciência soviética.

A noção de sistema envolve os seguintes aspectos:

- a) As relações entre as próprias funções (estruturas) psicológicas culturizadas: a rigor, não existe função psicológica isolada. Elas constroem-se de níveis simples – como as relações entre processos sensoriais e motores, após o nascimento – até níveis complexos, como a formação de conceitos (1930/1991g, pp.72;82)¹⁵⁶. Aí se alteram as conexões estruturais, que são sistêmicas e de origem social.
- b) A relação entre as unidades elementares de uma mesma função: caso dos sistemas de conceitos. São um sistema mais elevado do que as simples funções, pois os conceitos envolvem diferentes modalidades perceptuais e mnemônicas (o conceito de maçã, por exemplo, implica numa fruta de certo tamanho, peso e cor, diferente do de outras frutas): um conceito é um agregado de características do objeto formado a partir do real, que só pode ser definido num conjunto de outros conceitos (Vigotski, 1934/2001a).
- c) Os níveis mais complexos se referem a sistemas psicológicos mais amplos, como

¹⁵⁶ “[...] la memoria no sólo cambia cuando contrae matrimonio, si se nos permite decirlo así, con el pensamiento, sino que éste, al modificar sus funciones, no es el mismo que conocemos cuando estudiamos operaciones lógicas.” (Vigotski, 1930/1991g, p.77)

personalidade (e seu subsistema mais profundo, o caráter), consciência e auto-consciência (ver Toassa, 2006).

Seguindo Goldstein e Gelb, Vigotski aposta na seguinte idéia: qualquer sistema psicológico complexo é produto de uma estrutura cerebral (1930/1991g, p.89). Os fenômenos morfológicos e fisiológicos, a forma e a função, condicionam-se reciprocamente (1931/1995, p.124), ou seja, a criação de sistemas se dá nos limites e possibilidades do organismo para formação dessas novas conexões que, em grande medida, são formadas em sociedade. Luria (1981, pp.5-9) critica a frenologia de Gall por procurar funções psíquicas em zonas cerebrais isoladas, definindo regiões para a “vivacidade”, “amor às crianças”, “instinto de economia” etc. O neuropsicólogo defende que, se a secreção de bile é função do fígado, o mesmo não pode ser dito, por exemplo, da digestão ou respiração: para que o oxigênio atinja os alvéolos pulmonares e posteriormente o sangue, demanda-se um aparelho muscular complexo, agregando diferentes partes dos aparelhos secretor, motor e nervoso. É o que Anokhin, após a morte de Vigotski, denominou de *sistema funcional*. No caso das funções psíquicas, relacionando-se com o organismo e os diferentes módulos encefálicos:

A presença de uma tarefa constante (invariável), desempenhada por mecanismos diversos (variáveis), que levam o processo a um resultado constante (invariável) é um dos aspectos básicos que caracterizam a operação de qualquer “sistema funcional”. O segundo aspecto característico é a composição complexa do “sistema funcional”, que sempre inclui uma série de impulsos aferentes (ajustadores) e eferentes (efetadores).

Este conceito de uma “função” como um *sistema funcional* inteiro é uma segunda definição [...] Enquanto os processos autonômicos e somáticos mais complexos estão organizados como “sistemas funcionais” deste tipo, este conceito pode ser aplicado com ainda maior propriedade às “funções” complexas do comportamento. (Luria, 1981, p.13, grifos do autor)

Por exemplo: para resolver uma operação de adição, é possível tanto recorrer a uma calculadora quanto somar mentalmente. Se me sentir triste, posso tanto procurar uma mudança de humor jogando xadrez quanto encontrando amigos. Isso configura a relação ativa da consciência para consigo mesma e seu mundo, que comentamos anteriormente. Como afirma Luria (1981, p.16): os apoios externos ou artifícios gerados historicamente (signos, instrumentos) são fundamentais para estabelecer conexões entre partes individuais do cérebro. São novos órgãos funcionais que caracterizam o cérebro humano. Tanto que, caso exista uma lesão cerebral, dentro de certos limites, é possível que outras áreas exerçam uma substituição do papel anteriormente exercido pela área lesionada. *A tarefa do investigador é descobrir qual contribuição cada zona cerebral exerce no sistema funcional complexo, e como o sistema modifica-se nos vários estágios do desenvolvimento.*

Os sistemas psicológicos mais complexos de relação com o mundo, que contêm os outros, seriam a personalidade, a consciência e a auto-consciência (ver item 7.1). O desenvolvimento destas três formas sintéticas é explorado de forma conexa nos textos pedológicos/psicológicos de Vigotski (1996e;1998a). Como a análise do mais complexo em sua obra serve de referência à do mais simples, precisamos também abordar as emoções e vivências no interior dos referidos sistemas, por meio das categorias metodológicas mais abrangentes da psicologia histórico-cultural (atividade, vivência, tomada de consciência, significado), variáveis de acordo com o momento e as condições de desenvolvimento da pessoa. Assim, precisamos focar as funções psíquicas (como as emoções) no interior dos sistemas que elas compõem; a partir do seu mutante papel.

Em trabalho anterior (Toassa, 2006, pp.73-78), mostramos como o conceito de

consciência (сознание – *coznanie*) desdobra-se em três acepções: 1) um processo e seu produto: a tomada de consciência; 2) um atributo: qualificando diversas funções ou conteúdos psíquicos com o termo consciente; e 3) um sistema psicológico do sujeito em relação com o meio e consigo próprio; um tipo de mecanismo que se desenvolve e resulta em graus variáveis de tomada de consciência. Luria (1988) utiliza o termo *sistema estrutural com função semântica* para explicar o conceito vigotskiano. Na sua face biológica, sintetiza a ação das funções da matéria altamente organizada no cérebro (inspiração marxista), expressão subjetiva da atividade cerebral.

A consciência é, pois, um único sistema psicológico, composto pelas estruturas de conduta consciente (sinônimo de funções psíquicas superiores); verdadeiras relações sociais internalizadas como ações, representações e palavras que, encaradas em si mesmas, podem ser tidas como sistemas específicos – a consciência é, portanto, uma estrutura composta de outras estruturas. Desenvolve-se com modificações da estrutura geral e de vínculo entre seus elementos, os quais mantêm entre si uma relação dialética de parte-todo, criada pela inserção dos sujeitos nas atividades sociais. Integrando-se a novas atividades humanas, as pessoas apropriam-se das funções psíquicas superiores que as medeiam: memória, atenção, linguagem oral, sentimento, linguagem escrita etc. (Toassa, 2006, p.78)

As impressões sensoriais que bombardeiam o cérebro são trabalhadas pelas funções psíquicas superiores, cuja atividade consiste em atribuir-lhes sentido. O caráter voluntário e criativo da atividade cerebral permite, assim, dizer que a realidade reflete-se não apenas *no*, mas também *pelo* cérebro. Este processo desenvolve-se graças à mediação da experiência acumulada e sintetizada na linguagem. As vivências e ações são a expressão sistêmica dessa atividade consciente, a um só tempo ativa e passiva, mediata e imediata, como relação interna entre pessoa e meio. As vivências englobam tanto a tomada de consciência quanto a relação

afetiva com o meio e da pessoa consigo mesma, pela qual se dispõem, na atividade consciente, a compreensão dos acontecimentos e a relação afetiva com eles. Não há, então, grande diferenciação entre os sistemas “consciência” e “auto-consciência”. O irracional e o racional, a passividade e a atividade convivem lado a lado na consciência humana como sistema gradativamente mais complexo: Vigotski renuncia definitivamente à exclusiva irracionalidade como núcleo do conceito de vivência.

Se a consciência, o grande objeto de sua psicologia (conforme Leontiev, 1996), que tencionava esclarecer os aspectos complexos e especificamente humanos da conduta, mereceu extensas considerações que facilitaram nossa pesquisa, não se pode afirmar o mesmo sobre a personalidade (личность – *litchnost*). Aguardamos novas traduções do autor e futuros debates sobre o assunto. Por ora, podemos afirmar que o conceito de personalidade, por vezes, sobrepõe-se ao de consciência (como será perceptível nos textos pedológicos que estudamos), desenvolvimento cultural ou desenvolvimento voluntário¹⁵⁷. As sobreposições com estes últimos conceitos ocorrem na “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores” (Vigotski, 1931/1995, pp.328-329), que condensa uma grande quantidade dos resultados experimentais do bielo-russo e de seus colaboradores sobre a conduta voluntária.

Contudo, o próprio autor admitia que seus conceitos estavam em mutação. Como poderemos constatar na análise dos textos pedológicos, item 8.2.3, o uso do termo

¹⁵⁷ Também Bozhovich, segundo Robbins (2004, p.3), acreditava que a “personalidade” para Vigotski era um termo análogo a “desenvolvimento cultural” ou a “síntese superior”. Parte do esforço teórico da russa foi elaborar um estatuto próprio para a idéia de personalidade. Nas palavras de Vigotski: “No es [la personalidad] innata, surge como resultado del desarrollo cultural, por ello la “personalidad” es un concepto histórico. La personalidad abarca la unidad de la conducta que se distingue por el indicio del *dominio* (véase el capítulo sobre la voluntad). En este sentido lo correlativo a la personalidad es la relación entre las reacciones primitivas y superiores y el concepto que introducimos coincide en esse plano con el establecido por Kretschmer no campo de la psicopatología.” (Vigotski, 1931/1995, grifo do autor) A personalidade teria uma aceção mais limitada do que o habitual, sem incluir os traços pessoais, diferenciadores dos indivíduos.

“personalidade” passa a ocorrer no interior de um campo semântico mais próximo de seu sentido comum: o de individualidade, que ganha força com a estruturação do sistema psicológico da consciência. Temos uma nova sobreposição em alguns trechos: desta feita, entre personalidade e consciência. Relacionam-se, nos textos psicológicos, à forma pessoal como uma função psicológica pode desempenhar um papel primário ou secundário na consciência/personalidade, na hierarquia dos sistemas psicológicos, havendo diferenças de cultura e diferenças caracteriológicas importantes: o homem primitivo, por exemplo, distribuiria suas funções psicológicas de modo diferente do ocidental culto¹⁵⁸. Mas essa diferente distribuição também pode ocorrer com a mesma pessoa em mais de uma situação. Vigotski trata, aí, da personalidade no seu plano genético e diferencial – ou seja, dos sistemas que distinguem este ou aquele sujeito. A personalidade constituir-se-ia exclusivamente em novos vínculos interfuncionais, mais do que no desenvolvimento de uma função específica.

Neste trabalho, optamos por abordar o conceito de consciência e de personalidade como próximos, porém distintos. Utilizamos o segundo para nos referir aos aspectos diferenciadores dos sujeitos no interior de uma cultura ou grupo em particular. Consciência (como sistema responsável pela nossa compreensão do mundo) e personalidade estabelecem relações nas quais um sistema psicológico impacta o outro.

¹⁵⁸ Idéia semelhante aparece em Vigotski (1930/1991g, p.85). Sua psicologia comporta a idéia de que uma ou outra função psicológica, como uma ou outra característica da personalidade, predomina em momentos distintos de atividade da consciência/personalidade (poderíamos dizer: numa ou noutra vivência, que se rotula como vivência predominantemente afetiva, cognitiva ou outra). Uma influência presumível para a idéia da hierarquia dos sistemas psicológicos é o *princípio do dominante* de Ukhtomski, apresentado no II Congresso de Psiconeurologia de Toda a Rússia (1924). O autor, enfocando especialmente a motricidade, propôs que em cada atividade há um foco principal de excitação no sistema nervoso central, o qual determina temporariamente o caráter da resposta do organismo às estimulações externas e internas, acumulando a excitação que pertence a outros centros (Shuare, 1990, p.50-51).

* * *

O Tomo IV das Obras Escogidas (Vigotski, 1996e) apresenta-nos importantes textos pedológicos. Divide-se em duas partes – “Paidología del Adolescente” (1996f) e “Problemas de psicologia infantil” (1996i): a primeira, redigida por Vigotski como parte de um manual, entre 1930 e 1931 (Elkonin, 1996a, p.43). Continha, originalmente, o resumo de pedologias estrangeiras, filtrado por Vigotski, além de um plano de estudo indicando referências bibliográficas para futuros pedólogos. Dos “Problemas de psicologia infantil”, apenas os dois primeiros capítulos, “El problema de la edad” e “El primer año” foram escritos e concluídos. Os outros (“Crisis del primer año de vida”, “La infancia temprana”, “La crisis de los tres años”, “La crisis de los siete años”), são estenogramas de conferências ditadas no Instituto Pedagógico A.I. Herzen entre 1933 e 1934, onde Vigotski realocou-se com parte de seus colaboradores, após se lhe fecharem as portas da Academia de Educação Comunista e do Instituto de Psicologia de Moscou.

Conforme Elkonin (1996a, p.339), que presenciou essas conferências, apesar de seu intuito didático, Vigotski refletia em voz alta, analisando questões cruciais, tanto sobre múltiplas referências estrangeiras, na maior parte das vezes ligadas à psicologia alemã, quanto sobre dados de pesquisa de seus orientandos (Konnikova, Fradkina, Slavina, Morozova).

Como Blonski, Vigotski (1996i) entende que as mudanças devidas à idade podem produzir-se de modo violento, crítico, mas também gradual e lentamente. Eis porque o autor periodiza o desenvolvimento em estágios e crises transitórias (que podem não aparecer, ou mesmo durar de alguns meses a no máximo dois anos), em que a personalidade da criança

muda muito lentamente e de modo quase imperceptível. Num paradigma teórico dialético, tais mudanças acumulam-se até um limite e se manifestam depois como uma formação qualitativamente nova (uma neoformação¹⁵⁹), correspondente a novos processos mentais. As relações com outras pessoas são o principal fundamento ontológico do desenvolvimento, sendo que as crises, quando emergem, são fenômenos que envolvem a personalidade em seu todo e, segundo Vigotski, haviam sido descobertas por via empírica, não tendo, ainda, sido sistematizadas no campo da psicopatologia.

Para Vigotski, o primeiro grande sistema psicológico a surgir na vida da criança é a consciência; ou antes, uma neoformação consciente, denominada como “proto-nós” (1996g, p.306) ou “grande-nós”, típica do final do primeiro ano de vida. A criança já toma, aí, consciência de que alguém cuida dela. Ou seja: há uma diferenciação mínima pela qual a criança se une às pessoas e se separa dos objetos físicos. Esta neoformação é constituída por uma estrutura sensório-motora e afetiva que possibilita à criança e seus cuidadores interações conjuntas, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e dos sistemas psicológicos terciários. Mas, perto do fim da primeira infância (1-3 anos), devido às maiores possibilidades de ação infantil, à interferência do próprio adulto (que tende a diferenciar a criança dele próprio), ao maior nível de consciência da criança quanto a seu mundo, na perspectiva dela própria a díade interacional separa-se em diferentes indivíduos: de forma suficiente para que Vigotski (1996a) considerasse a personalidade como neoformação típica dos três anos de vida.

¹⁵⁹ Uma neoformação central é uma espécie de guia para o processo de desenvolvimento, em torno da qual se agrupam as outras formações parciais relacionadas a facetas isoladas da personalidade, podendo mudar de lugar (e importância) no desenvolvimento.

Quando os conceitos de personalidade e consciência diferenciam-se, neste debate acerca das crises, portanto, personalidade e consciência travam relações nas quais um sistema impacta o outro. Esta é a tendência geral dos trabalhos incluídos em Vigotski (1996e), mas há um trecho importante no qual os referidos sistemas se sobrepõem, o qual transcreveremos mais adiante. Passemos ao debate da nova posição do conceito de vivência no quadro geral das discussões sobre personalidade e consciência.

8.2.2 – *As vivências como unidade de consciência e personalidade*

Ao invés de uma pedologia dos fatores que opõe hereditariedade e ambiente, a metodologia vigotskiana enfatiza uma análise estrutural e sistêmica. Procura as unidades que contenham em si as propriedades mínimas de um todo estrutural do psiquismo. Ficaremos apenas em duas unidades teórico-metodológicas claramente assinaladas em suas obras de pedologia:

- a) Unidade funcional da consciência: a *tomada de consciência*, ou seja, a relação de compreensão do sujeito para com a realidade exterior, ou consigo próprio; uma consonância entre os fatos internos ou externos e sua representação, ainda que de forma inconclusa ou imperfeita, no sistema psicológico da consciência. A tomada de consciência é unidade funcional por ser processo pelo qual a consciência realiza um trabalho intencional, desde as formas mais simples até as mais complexas do desenvolvimento humano, tendo uma relação íntima com o sentido do termo “consciência” no marxismo (conhecimento, segundo Toassa, 2006, pp.73-76). Trata

tanto do processo reflexivo que culmina na “Heureca!” de Arquimedes, quanto especialmente de seu resultado, seu produto, na consciência de quem o elaborou. Esse processo tem início muito cedo: o bebê precisa, por exemplo, “tomar consciência” de que alguém cuida dele para poder engajar-se no processo de comunicação emocional com o seu cuidador (Toassa, 2006, p.73). O conceito não se reduz ao pensamento ou percepção, mas a uma interação das funções psicológicas culturizadas, a cada etapa do desenvolvimento, com a realidade.

- b) Unidade sistêmica da consciência e também da relação personalidade-meio: *vivência* – unidade dinâmica que contém o meio e a personalidade da criança. É, a princípio, uma espécie de “campo psicológico” que contém criança e meio. Refere-se a uma relação interior e pessoal da criança com o meio, englobando o processo de tomada de consciência como uma das formas de relação com o mundo.

La vivencia constituye la unidad de la personalidad y del entorno tal como figura en el desarrollo. Por tanto, en el desarrollo, la unidad de los elementos personales y ambientales se realiza en una serie de diversas vivencias del niño. La vivencia debe ser entendida como la relación interior del niño como ser humano, con uno u otro momento de la realidad. [...] La teoría moderna introduce la vivencia como unidad de conciencia, es decir, como unidad en la cual las propiedades básicas de la conciencia figuran como tales, mientras que en la atención, en el pensamiento no se da tal relación. La atención no es una unidad de la conciencia, sino un elemento de la conciencia, carente de otros elementos, con la particularidad de que la integridad de la conciencia como tal desaparece. La verdadera unidad dinámica de la conciencia, unidad plena que constituye la base de la conciencia es la vivencia.

La vivencia posee una orientación biosocial, es algo intermedio entre la personalidad y el medio, que significa la relación de la personalidad con el medio, revela lo que significa el momento dado del medio para la personalidad. (Vigotski, 1996b, p.383)

Aí estão, sobrepostos, os conceitos de consciência e personalidade, embora se

mostrem dissociados noutros trechos¹⁶⁰.

Uma peculiaridade importante da idéia de vivência, contudo, é sua utilização até mesmo para denominar as relações do bebê com o meio anteriores à estruturação da consciência, mas que, com a formação deste sistema, transformam-se qualitativamente (situação que podemos considerar análoga à do esquizofrênico, o qual não separa suas vivências internas das externas, conforme Vigotski, 1996f, pp.185-189). Existe uma mudança paulatina: impossível esquecer que, para Vigotski, a consciência – como sistema psicológico humano – torna-se internamente diferenciado nas partes que o compõe: indivíduo, objetos, circunstâncias, interpretações, à moda de Lewin. Mas a criança vivencia o mundo desde os seus primeiros níveis de desenvolvimento, em que imperam as reservas biológicas de comportamento. Só a partir da estruturação de um sistema que possa ser denominado “consciência” as vivências podem constituir, pois, unidade mínima da consciência. Nasce do caráter não-lapidado da experiência do bebê, de sua forma em-si, pré-descritiva e antepredicativa (ou seja, anterior à linguagem) e transformam-se num processo psicológico mais complexo, permeado pela linguagem – a qual permeia todos os processos psicológicos (daí seu caráter sistêmico), criando o sentido do popular *enfoque semântico da consciência* na obra do autor (Elkonin, 1996b). Sistêmico e semântico integram-se na idéia de que as funções psíquicas superiores constituem-se de meios culturais (signos, instrumentos) e também, obviamente, o todo da consciência. Mas, pelo conceito de vivência, o autor aproxima-se de uma psicologia hermenêutica e clínica que experimental; da análise do conteúdo da vida da

¹⁶⁰ Na tradução americana: “Experience must be understood as the external relation of the child as a person to one factor or another of reality” (Vigotski, 1998c, p.294). Mas a idéia de relação externa não condiz com o restante do texto, contradizendo-o; eis porque preferi a tradução espanhola que toma a vivência como “relação interna”.

personalidade que dos estudos sobre o desenvolvimento parcial da atenção, memória, percepção etc.

Vigotski (1934/1991d, p.120) atribuía às noções de consciência então existentes a oscilação entre “sistema de funções” e “sistema de fenômenos”. Não é exagero dizer que pretendia criar unidades de análise aptas a transcender essa dicotomia. É marcante, nos textos pedológicos dos anos 1930 e no trabalho experimental do autor com o intelecto prático (1994a, p.34), o desenvolvimento de um sujeito capaz de falar (com os outros, consigo próprio) sobre si próprio, seus próprios processos psicológicos. Nas obras de Vigotski analisadas até o momento, a vivência aparece ligada especialmente a um contato irracional, imediato e emocional com o meio. Os textos pedológicos quebram esta tendência e mostram seu desenvolvimento, como objeto de um processo de tomada de consciência, similar à tomada de consciência motivacional, ou mesmo de operações semióticas e conceituais (conforme Toassa, 2006). O signo aglutina vivências dispersas, sem direção, possibilitando que a criança intelectualize e adquira experiência sobre sua presença no mundo.

A última citação transcrita mostra-nos, ainda, uma modificação importante: as vivências, diferente do que seu sentido culto, do russo, pode nos conduzir a pensar (e que acompanhara Vigotski nos seus textos sobre arte e psicologia), deixa de ser considerada pelo autor como um “estado de exceção” do psiquismo. Podemos deduzir que havendo atividade cerebral humana, haverá vivência. Também, as vivências não podem ser meramente deduzidas dos atos da criança, de seu comportamento, pois, embora determinando as ações infantis, a relação interior da personalidade com o meio e seus acontecimentos dá-se na perspectiva do próprio indivíduo. Adquire, então, um importante papel na análise da vida

infantil.

O desenvolvimento da consciência e da personalidade – portanto, das vivências – tem momentos de inflexão, coincidentes com as crises de desenvolvimento e os marcos do desenvolvimento da consciência/personalidade, conforme explicitadas em Vigotski (1996e):

- a) A incorporação do adulto como centro da situação de desenvolvimento, no primeiro ano de vida e a formação do “proto-nós” (a comunicação emocional é a principal atividade trocada entre criança e adulto).
- b) A crise dos três anos e o surgimento de um sujeito claramente independente do meio;
- c) A crise dos sete anos de vida e as vivências atribuídas de sentido.
- d) A adolescência (13-17 anos).

A seguir, vamos debater o conceito de vivência e este processo de desenvolvimento, com especial atenção para a forma como as emoções aí aparecem¹⁶¹.

* * *

Segundo a edição espanhola, as conferências coligadas pronunciaram-se em vários anos. Em Vigotski (1996e), aparecem normalmente os termos “afeto” e “afetividad”; com menos frequência, “emoción” e suas derivações. Não tivemos acesso aos originais russos correspondentes.

¹⁶¹ As páginas de Vigotski (1996e) em que se encontram os referidos termos e suas derivações são, salvo erro: 30, 70-72, 106, 125, 129, 169-173, 176, 184-191, 193-195, 198, 200, 210, 213, 218, 221-223, 225, 231, 259, 280-283, 286, 291, 298-299, 302-304, 306, 309, 314, 319, 335, 342-345, 357, 362, 365, 370-375, 377-385. A edição americana (Vigotski, 1998a) normalmente traduz o termo vivência como “experience” (a espanhola tende a utilizar o termo “experiencia” referindo-se apenas à acumulação de práticas ou de conhecimento pelo sujeito). Em “A questão do meio na pedologia” (1935/1994b) apresenta-se o conceito (*pereživânie*) repetidamente, traduzido como “vivência”.

Duas conferências são especialmente relevantes: “La crisis de los siete años” (1996b) e “A questão do meio na pedologia” (1935/2008)¹⁶². A vivência passa a ser um constructo de natureza tanto ontológica (pois representaria um processo psíquico) quanto metodológica (pois representa, na teoria e no método da clínica pedológica, uma forma de análise e intervenção na vida infantil, conforme Vigotski, 1996f, p.244). O conteúdo conceitual e os objetivos das conferências é bastante semelhante e ambas contêm uma crítica da pedologia dos dois fatores: hereditariedade e ambiente.

“La crisis de los siete años” realiza duas tarefas: 1) discutir o conteúdo dessa crise e das neoformações psíquicas que surgem com ela; 2) apresentar elementos de uma nova abordagem metodológica, com um perfil clínico, ao estudo do desenvolvimento infantil. Em ambas as conferências, critica os estudos de sua época pela abordagem separada das crianças e do meio social, como forças extrínsecas, não considerando os pequenos como sujeitos deste meio. Se, para Zalkind, o meio social humano, à semelhança do animal, permanecia invariável ao longo do desenvolvimento, para Vigotski isso só era verdadeiro no que se referia aos seus índices absolutos (onde a criança dormia, quantas vezes tomava banho, mudava de roupa etc). Defeito dos estudos teóricos e práticos d’então, que negligenciavam até mesmo a idade da criança. Mas, para o autor, a criança humana é sempre parte de um meio social vivo: sua interação com ele precisa ser considerada não a partir de índices relativos – o que é *certo meio* para uma *certa criança*. Então, *interessa a Vigotski o meio tal como é subjetivado, interiorizado pela criança*.

¹⁶² Tradução direta do russo, cuja versão americana é “The problem of the environment” (1935/1994b). A conferência foi editada em 1935 sob a direção de Levina, orientanda de Vigotski, sob o título “Osnovi Pedologii” (Vigotski, 1935/1994b, p.353).

O conceito de vivência admite que a consciência e a personalidade são relações com o meio – idéia inspirada por Marx & Engels (1845-1846/1999). Não há, pois, consciência ou personalidade invariáveis, “em-si”. Especialmente em “A questão do meio na pedologia” reforça-se a tendência do autor a classificar uma psicologia das diferenças humanas/do caráter como questão para o estudo da personalidade¹⁶³. Este texto tende a incluir a tomada de consciência da criança (sobre si e sobre o meio) no interior das vivências.

*A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa [tcheloviék] – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitucionais que possuem relação com dado acontecimento. Desta forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência. [...] se a pedologia, à diferença de outras ciências, estudar não o meio enquanto tal, sem referência à criança, mas sim estudar o papel e a influência do meio ao longo do desenvolvimento infantil, então ela deverá sempre saber encontrar aquele prisma que reflete a influência do meio na criança, isto é, a pedologia deverá saber encontrar a relação existente entre a criança e o meio, a vivência da criança, isto é, de qual forma ela toma consciência e concebe, de como ela se relaciona afetivamente para com certo acontecimento. Isso é o **prisma** que determina o papel e a influência do meio no desenvolvimento do, digamos, caráter da criança, do seu desenvolvimento psicológico e assim por diante. (Vigotski, 1935/2008, p.6, grifos do autor)*

¹⁶³ Tais como as conferências (e diferentemente dos textos que tratam a personalidade exclusivamente a partir do problema da conduta voluntária), “Sobre los sistemas psicológicos” (1930/1991g, p.92) defende que a personalidade, nos seus traços diferenciais e caracteriológicos é, mais do que tudo, as conexões caracteriológicas. Vigotski (1928/1997a, p.170-172): elogia que Adler tivesse restituído a temporalidade na análise do caráter. Numa definição sucinta: “El carácter es la impronta social de la personalidad que se ha solidificado, cristalizado, en la lucha por una posición social. Es el trazado de la línea fundamental, de la línea directriz de la vida, del plano inconsciente de la vida” (Vigotski, 1935/1997b, p.172). Compreendido dialeticamente, é função mais da posição do sujeito em sociedade do que de suas disposições internas; relacionado a cada ato psicológico do indivíduo. Apesar de, atualmente, o vocábulo caráter não ser muito utilizado, o bielo-russo considerava o assunto digno de mais estudos (como proclama-nos o capítulo final da “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores”).

O título da conferência acima, em russo, é “Проблема среды в педологии” (“Problema sredi v pedologii”). Nele, Vigotski volta a firmar posição numa polêmica que remete à disparidade evolucionista entre inato e adquirido, ambiente e hereditariedade; em que uma abstrata teoria dos fatores tinha certo peso (por exemplo, na obra de Kornílov, conforme Rubinstein, 1946/1967, p.102). O autor trata aí não do ambiente físico imediatamente presente, mas do meio fenomenal, ou seja, realmente existente para o sujeito (a idéia lembra-nos um pouco a “lei da realidade dos sentimentos”).

Outro aspecto, referente à utilização do vocábulo “meio” é de que o meio fenomenal imediato constitui-se na única verdade psicológica para a criança, nas primeiras etapas do seu desenvolvimento. Mas se desenvolve gradativamente o núcleo interno das vivências, na forma de fantasias, lembranças e outros elementos ligados ao eu, de algum modo, provocadas pelo meio, mas que são expressões da experiência singular da criança. Nas palavras do autor: as vivências se articulam em dois núcleos básicos de reflexo¹⁶⁴: mais nitidamente a partir da crise dos sete anos de vida. É o que o trecho seguinte, da mesma época (entre outros), permite-nos concluir:

Sin embargo, hemos visto ya que la conciencia de la realidad y la autoconciencia de la personalidad también se apoyan en la experiencia interna y externa sistematizada en conceptos. Por ello, la compleja desintegración de *la vivencia de la realidad y de sí mismo*, el complejo cambio de la conciencia objetual y personal, propias de la afasia, quedan fuera del campo de estudio de los investigadores. (Vigotski, 1996f, p.185, grifo nosso)

¹⁶⁴ Vigotski (1996b, p.383) divide a vivência em dois núcleos básicos de reflexo: por um lado, o meio na sua relação com o sujeito e o modo que ele o vive e, por outro, as peculiaridades do desenvolvimento do próprio eu.

As fronteiras psicológicas das vivências implicam, pois, em duas dimensões fundamentais frente a um evento, emergentes com a diferenciação externa e interna da personalidade. Segundo nossa leitura: *temos vivências marcadas por uma base perceptual na realidade (externa) ou no próprio sujeito, ou seja, marcadas pela referência a objetos externos ou ao próprio corpo/ aos processos mentais singulares ao sujeito, indicando, pois, processos distintos, porém articulados, pelos quais o indivíduo conscientiza-se de si próprio no mundo* (baseado em Vigotski, 1996b, pp.379-380). Ou seja: com base na apreensão da realidade ou de si mesmo (do próprio corpo ou dos processos psicológicos como representações, afetos etc). A consciência das vivências não é, pois, mais do que a tomada de consciência (ou seja, uma relação de compreensão) pelo sujeito deste processo que pode estar predominantemente num pólo ou noutro.

Sobre la base de la reflexión, de la autoconciencia y comprensión de los procesos propios surgen nuevas agrupaciones, nuevas relaciones entre dichas funciones y precisamente estas relaciones que surgen en la base de la autoconciencia y que caracterizan la estructura de la personalidad nosotros denominamos indicios terciarios. [...] Todas las convicciones internas, sean cual fueran, las diversas normas éticas, unos u otros principios de conducta se plasman, en fin de cuentas, en la personalidad gracias a ese tipo de relaciones. (Vigotski, 1996f, p.246)

Vigotski (1935/2008) permite-nos afirmar que mesmo nossas vivências corporais mais marcantes são compostas por perceptos externos, representações e outros elementos da consciência: existe uma representação do ambiente associada aos nossos sentimentos sobre ele: evidência do monismo radical do autor. Sentimentos, representações e estímulos externos vêm constituir partes de um todo homogêneo sob o ponto de vista da atividade cerebral.

Como podemos constatar na antepenúltima citação transcrita, a vivência é determinada, ainda, pelas características pessoais que desempenham um papel na atitude da criança/adolescente a cada situação singular. Isso implica na prevalência de uma ou outra função psíquica, ou de um ou outro sistema psicológico em atividade – lembremo-nos da idéia, recorrente em Vigotski, de que a cada momento ou situação uma ou outra função/sistema psicológica(o) destaca-se na vida consciente.

O conceito de vivência, nos textos pedológicos como em outras obras vigotskianas, não reduz o sujeito ao momento da investigação, dando margem a que se compreenda sua ação no meio de forma muito mais profunda e multiforme. Sua lógica é dialética, pois observa o homem em permanente movimento: com ele, Vigotski defende a investigação observacional e dialógica das várias facetas do meio social e da sua relação com o sujeito, pondo a criança no interior de um feixe de relações sociais. Não há meio em-si, como um sólido que exerce violenta força sobre a criança, mas um meio em que se partilham funções psicológicas.

8.2.3 – *Vivências e emoções na ontogênese*

Esse debate tem fragmentos dispersos por toda a obra vigotskiana (em particular: 1996f; 1996i, exceto por 1996b; e 1934/2001a). Nessa análise da ontogênese das emoções e vivências na criança, pretendemos destacar as configurações psicológicas que vão se formando e seu impacto nos conceitos aqui estudados, mais do que apresentar os detalhes de sua concepção.

Como se afirmou, as vivências do recém-nascido seriam a modalidade mais simples de existência psíquica¹⁶⁵; vida em que prevalecem os estados afetivos, instintivos; a indiferenciação das funções psíquicas próprias das reservas biológicas de comportamento. Seguindo as tendências teóricas da época, Vigotski entende que as vivências iniciais do recém-nascido fundem-se a tal ponto que caberia qualificá-las como estados sensitivos emocionais ou estados de sensações marcadas emocionalmente (1996g, pp.281-282). Não seria exagero afirmar que elas têm um perfil inconsciente (no sentido tanto de que a criança não compreende sua relação com os eventos do meio social, quanto de que essas vivências também são algo veladas ao próprio meio social).

Na primeira infância, à percepção segue-se a ação no mundo (1996d, p.343), com as quais o sentimento forma uma unidade indissolúvel. Neste momento: “pensar significa orientarse em las relaciones afectivas dadas y actuar de acuerdo com la situación externa que se percibe” (Vigotski, 1996d, p.345). Mas, para Vigotski, existem elementos indicativos da

¹⁶⁵ “Disponemos, por tanto, de dos momentos esenciales que caracterizan la peculiaridad de la vida psíquica del recién nacido. El primero de ellos se refiere a la supremacía exclusiva de vivencias no diferenciadas, no fraccionadas, que representan, por decirlo así, una fusión de atracción, afecto y sensación.” (1932-1934;1996, p.282). Aquí Vigotski segue Kretschmer (1922/1954, p.109).

diferenciação da criança – ou seja, da construção de uma personalidade – com relação ao meio antes mesmo dos três anos de vida (Vigotski, 1996i, pp.266;348)¹⁶⁶.

Ao redor dos três anos, a neoformação própria da primeira infância – a percepção mediada pela linguagem – sofre um salto qualitativo. Isso porque a linguagem (verbal) trocada entre a criança e outras pessoas quebra a unidade sensomotora imediata com o meio, diminuindo a dependência situacional da criança quanto ao adulto (Vigotski, 1996d, p.350)¹⁶⁷. A criança pode até atuar contra seu desejo imediato para diferenciar-se do adulto (idem, p.370): um dos sintomas das mudanças da sua esfera afetiva. No contexto das suas vivências profundas e intensas, a criança na crise dos três anos pode imergir numa série de conflitos neuróticos, internos e externos. O problema tornava-se, em muitos casos, uma questão para a clínica pedológica e um desafio para o pesquisador. Paulatinamente, a criança também começa a compreender e nomear os próprios processos psíquicos que a relacionam ao mundo¹⁶⁸.

Sob tal prisma, a crise dos sete anos de vida é notável, pois evidencia o aprofundamento, a expansão interior das vivências infantis. As crianças são como pequenos Hamlets existindo na casa-de-espelhos de si mesmas e dos outros: a idéia central para a compreensão dessa crise seria a de que, nesta época, existiria uma “diferenciación incipiente de la faceta interior y exterior de la personalidad del niño” (Vigotski, 1996b, p.378),

¹⁶⁶ “Dicho más sencillamente, la crisis [dos três anos] es producto de la reestructuración de las relaciones sociales recíprocas entre la personalidad del niño y la gente de su entorno.” (1996a, p.375)

¹⁶⁷ “Esta propia conciencia que él denomina producto histórico, nace en realidad junto con lenguaje, es decir, en todo caso, cuando el niño empieza a comprender verbalmente los propios objetos, tanto como su propia actividad, cuando se hace posible una comunicación consciente con otros y no la directa relación social que existía en el primer año.” (Vigotski, 1996d, p.366)

¹⁶⁸ “Qué significa tal sistema de conciencia para la percepción interna, para la introspección? Las generalizaciones del niño son percepciones generalizadas. En su mundo interior, el niño mucho mejor toma conciencia de su percepción. En el plano de la percepción visual y auditiva (“yo veo”, “oigo mal”) tiene una introspección bastante amplia, hecho que caracteriza su actividad interior.” (1996d, p.365)

coincidente com a diminuição quantitativa da linguagem egocêntrica da criança, e uma correspondente expansão de sua linguagem interior. A vida emocional transforma-se sobremaneira, pois são adquiridos conceitos sobre seus afetos peculiares; pois suas necessidades e motivos, como nas outras crises, mudam, e tal mudança impacta suas vivências principais¹⁶⁹.

Existem duas dimensões principais implicadas nas vivências de si mesmo: a tomar a tradução espanhola, de sentido bastante semelhante à americana, a primeira são os *estados internos* – apenas as sensações definidas do corpo – frio, fome, calor etc¹⁷⁰. A segunda, são as *formações afetivas*: partes de vivências mais complexas, pelas quais a criança pode compreender e utilizar expressões genéricas como: “estou alegre”, “estou desgostoso”, “sou bom” etc. Trata-se de formações de sentido consciente sobre a própria personalidade, ou sobre seu estado passageiro, que o autor considera como uma fusão de pensamento, linguagem e emoção/afeto. São, pois, momentâneas ou generalizadas. Na sua forma momentânea, podemos considerá-las partes de “formações reativas” (Vigotski, 1931/1995, p.295) mais complexas – do próprio motivo de ação, composto por uma série de tendências negativas e positivas que medeiam a relação sujeito-objeto. Na sua forma generalizada: as formações afetivas seriam, por exemplo, o amor-próprio, a auto-estima, que servem à abstração de sua relação consigo mesmo e o mundo.

São novas maneiras pelas quais a criança pode sentir-se como objeto social. Mostram que, mesmo no nível mais espontâneo do funcionamento consciente (pois o paradoxo da

¹⁶⁹ Vigotski não oferece detalhes sobre a mudança destas necessidades e motivos.

¹⁷⁰ O termo “estado” neste sentido repete-se em “Pensamento e Linguagem” (1934/2001a, p.13). Mas, no inglês, num determinado ponto tais estados chegam a se denominar “feeling”.

vivência é sua mescla de espontaneidade e pensamento verbalizado), existe a mediação da cultura¹⁷¹. Com base tanto nos vínculos lingüísticos em que é capturada, como naqueles que ela estabelece, a criança generaliza suas próprias vivências, classifica-as minimamente no interior de um conjunto: “Tomamos conciencia de nuestras impresiones, de su conjunto al mismo tiempo y a la par de las impresiones externas” (Vigotski, 1996b, p.378). Esse processo não é linear, pois, como vemos, para Vigotski as relações criança-adulto são perpassadas tanto pela harmonia, quanto por conflitos e tensões. As vivências, contudo, tendem a se organizar num sistema de conceitos, pois anteriormente a criança pequena alegrava-se, enfadava-se, mas não conhecia esses estados (idem, pp.379-381). Conhecendo-as, a criança pode, também, escolhê-las (idem, p.381), tornar-se livre, instaurar nas vivências uma orientação consciente, o que implica, pois, em algum domínio voluntário sobre idéias e ações¹⁷².

As crianças vivem num meio *impregnado de sentido* e este aspecto é determinante para a construção de uma personalidade e uma consciência de si¹⁷³. Vigotski (1996b, pp.378-380) explica o desenvolvimento da percepção das próprias vivências em analogia com a dos objetos externos: desde pequenas, as crianças aprendem com outros a expressar os

¹⁷¹ É possível que uma simples palavra ou frase seja suficiente para comunicar a emoção vivenciada? “Estou faminto”, ou mesmo: “um conflito interior pautado pelo vínculo ambivalente com a mãe, repleto de amor e terror” (Vigotski, 1935/1994b, p.339) podem tanto ser frases plenas de sentido, suficientes para as necessidades comunicativas da pessoa num momento, quanto meras pontas de um *iceberg*, aparência e não essência. Embora possamos nomear de forma isolada as sensações corporais ou os afetos, os processos psicológicos parciais, não os considerar partes das teias causais que os determinam, nas formas pelas quais eles se tornam causas da própria realidade social é recair num subjetivismo elementarista que Vigotski muito criticou.

¹⁷² Esse processo mostra-se afinado com o desenvolvimento do “brincar de faz-de-conta” (em 1926/2001c, p.147, o autor já comentara o papel da brincadeira na organização do comportamento emocional).

¹⁷³ “Al igual que las primeras palabras del niño, no es otra cosa que un grito afectivo [...]. Luego los demás, también antes que el niño, atribuyen a esas palabras afectivas un determinado contenido. Por tanto, al margen de la voluntad del niño, la gente de su entorno confiere un sentido objetivo a sus primeras palabras.” (Vigotski, 1996f, p.231).

significados dos objetos (além de sua referência nominal), de suas ações, das alheias, bem como de seus estados internos (quero dormir, tenho frio etc) e personalidade¹⁷⁴. Pela toada das conclusões do autor, podemos afirmar que, tanto para a faceta interna quanto externa do psiquismo, vale a lei genética geral de desenvolvimento humano: que começa *em-si*, torna-se *para-os-outros* e depois *para-si* (Vigotski, 1994a, p.75).

O desenvolvimento da linguagem egocêntrica, na idade pré-escolar, mostra os primórdios de uma função *para-si*, meio de análise, síntese, representação e comunicação intencional com o mundo. Formam-se, tal como mostramos noutro trabalho, as funções comunicativa, representativa e reguladora da linguagem (Toassa, 2004b, pp.56-57), evidências da transformação das funções psíquicas. O contato afetivo com as pessoas, a capacidade de julgamento e dedução aumentam. Nas palavras de Vigotski: “Desde o primeiro momento, as palavras são para a criança como uma espécie de saída que encontra em seu caminho para a aquisição da experiência” (1931/1995, p.232).

Essas mudanças são discutidas, noutro livro, a partir dos trabalhos de Köhler, Learned e Yerkes (Vigotski, 1934/2001a)¹⁷⁵. Learned concluíra que formas comunicativas primatas determinam-se pela situação, correspondendo a estados emocionais fortes e instintivos, não

¹⁷⁴ “Para se comunicar alguma vivência ou algum conteúdo da consciência a outra pessoa não há outro caminho a não ser a inserção desse conteúdo numa determinada classe” (Vigotski, 1934/2001a, p.12). Ou seja: é preciso situar a sensação particular que vivencio numa categoria de estados internos conhecidos pelo meu interlocutor.

¹⁷⁵ Dados biográficos sobre Learned, colaboradora de Robert Yerkes (1876-1956), não foram encontrados no Google. Darwinista, Yerkes foi uma importante figura da psicologia comparada americana. Politicamente conservador, foi presidente da APA e do National Research Council Psychology Committee, com trabalhos controversos que “primatologizavam” a psicologia humana e, para muitos, recaía no simples eugenismo (Plucker, 2003). Vigotski, como lhe era típico, apropriou-se dos dados etológicos dos autores legando-lhes sua própria interpretação.

intelectuais. Aprovando a idéia de Sapir¹⁷⁶, entende que, no campo do instinto, cujas estruturas comportamentais são fundadas na percepção e no afeto, só seria possível o contágio emocional entre indivíduos de uma mesma espécie e não a compreensão e a comunicação baseadas na simbolização – peculiaridades da fala humana (Vigotski, 1934/2001a, pp.12;126-131)¹⁷⁷, não obstante a primeira função da fala infantil seja, como a primata, afetivo-volitiva (e não intelectual) no seu sentido psicológico¹⁷⁸. Diferencia-se da primata porque a criança procura intencionalmente exprimir uma situação global a outra pessoa, comunicando emocionalmente. Funções comunicativa e emocional (sendo a emocional similar ao “contágio emocional” da comunicação primata) da fala, então, apresentam-se já no primeiro ano de vida. Esta compreensão do autor atravessará toda a sua visão de pensamento e linguagem como processos imanentemente socializados: a linguagem humana, desde seus primórdios, não é só uma reação expressivo-emocional do corpo, mas também um meio de contato psicológico com outras pessoas a partir de referências objetivas.

Mais tarde, quando as palavras representam a emoção da criança “para-si” mesma, no interior das formações afetivas, ao invés de meramente manifestar estados no corpo, elas *simbolizam-nos*, formando padrões de relação mais complexos que o autor denomina de “lógica dos sentimentos”, pois têm uma estrutura própria a um sistema de conceitos espontâneos. No novo sistema verbalizado, passam a poder se estabelecer relações

¹⁷⁶ Sapir, famoso lingüista judeu emigrado da Alemanha para os EUA, teve uma influência significativa em Vigotski, no que se refere ao pressuposto da globalidade da experiência e da linguagem infantis. Não foi possível identificar a qual trabalho Vigotski refere-se.

¹⁷⁷ Esta idéia também se apresentara no “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores” (1931/1995).

¹⁷⁸ “Qué significa el contenido afectivo y volitivo de las palabras infantiles? Esto significa: lo que el niño expresa en el lenguaje no corresponde a nuestros juicios sino más bien a nuestras exclamaciones con ayuda de las cuales manifestamos la apreciación afectiva, la relación afectiva, la reacción emocional, la tendencia volitiva.” (Vigotski, 1996c, p.335)

lingüísticas de luta interna entre os motivos de ação: daí a impressão de conflito multifacetado que transmitiam a Vigotski as crianças difíceis de educar, aos sete anos de vida. O autor compara a nova estrutura de vivências à percepção de um jogo de xadrez por um jogador experiente, que regula suas impressões numa estrutura de parte-todo/figura-fundo: percebe o conjunto (o jogo de xadrez – a vivência/a formação afetiva¹⁷⁹) em suas partes articuladas (as peças – as impressões permeadas de afetividade). Analogia semelhante é feita entre o salto qualitativo da memória natural para a memória lógica (Vigotski, 1930/1991g, pp.86-87).

A criança pode tomar consciência de suas vivências no interior de um novo tipo de estrutura psicológica¹⁸⁰. Da expressão emocionalmente carregada (uma espécie de *função emocional* da palavra que poderíamos enfileirar junto da comunicativa, representativa e reguladora), imediata e holística da criança pequena, transita-se a uma expressão emocional articulada simbolicamente, mais completa e precisa¹⁸¹. Outro texto vigotskiano, ainda sem o termo “formação afetiva”, aborda os afetos sob a mesma perspectiva estrutural:

La forma de pensar, que junto con el sistema de conceptos nos ha sido impuesta por el medio que nos rodea, incluye también nuestros sentimientos. No sentimos simplemente: el sentimiento lo percibimos en

¹⁷⁹ No início do texto, Vigotski parece considerar a idéia de vivência isolada como processo geneticamente anterior às “formações afetivas”. Mas, no fim do texto, afirma-nos que as vivências são unidade sistêmica da consciência – processo dependente de várias funções psíquicas, não apenas dos afetos.

¹⁸⁰ Adquirir conceitos significa, também, reconfigurar o real segundo uma hierarquia e uma sistematicidade. Continuando a analogia, comparemos com o exemplo de Vigotski (1934/2001a, p.362): a criança sabe os nomes isolados de “mesa”, “cadeira”, “sofá” etc. Mas o conceito de “móvel”, mais genérico, significa o acréscimo de algo novo: o primeiro conceito que se situa verticalmente com relação aos outros. Assim poderia ser, por exemplo, a aquisição de palavras como “sou zangado”, na qualidade de um conceito mais totalizante sobre a personalidade do que “sinto medo” ou “sinto ódio”.

¹⁸¹ O conteúdo da linguagem infantil corresponderia predominantemente a exclamações com a ajuda das quais se manifestam a apreciação, a relação afetiva e a reação emocional perante o meio, idéia provavelmente elaborada por Meumann (in Vigotski, 1934/2001a, p.131).

forma de celos, cólera, ultraje, ofensa. Si decimos que despreciamos a alguien, el hecho de nombrar los sentimientos hace que éstos varíen, ya que guardan cierta relación con nuestros pensamientos. [...] Lo mismo que nos resulta imposible separar dónde termina la percepción superficial y dónde comienza la comprensión en cuestión de un objeto determinado (en la percepción están sintetizadas, fundidas, las particularidades estructurales del campo visual y la comprensión), exactamente igual a nivel afectivo nunca experimentamos los celos de manera pura, sino que a la vez somos conscientes de sus conexiones conceptuales. [...] Mi desprecio a otra persona entra en conexión con la valoración de esa persona, con la comprensión de ella. Y en esa complicada síntesis es donde transcurre nuestra vida. El desarrollo histórico de los afectos o las emociones consiste fundamentalmente en que se alteran las conexiones iniciales en que se han producido y surgen un nuevo orden y nuevas conexiones. (Vigotski, 1930/1991g, pp.86-87)

A relatividade histórica do conceito, do significado é, pois, introduzida no âmbito das emoções complexas. Na citação, pesam as idéias de Espinosa sobre a mudança das emoções pela razão, bem como a relação indissociável entre afecção e idéia; o caráter sistêmico, portanto, dos constructos teóricos que podem ser denominados emoção ou afeto. No desenvolvimento da criança, no caráter cada vez mais conceitual de seu afeto, formam-se representações mais complexas dela própria e de outras pessoas, à moda espinosana; proporcionando condições para afetos mais abstratos (indignação, vergonha, culpa, misericórdia etc)¹⁸².

As reflexões vigotskianas sobre a adolescência também abordam o papel do pensamento nos afetos, mas deixam dúvidas sobre seu sentido prático. Aí se configura a

¹⁸² Numa leitura dos sistemas psicológicos como totalidades compostas, podemos também considerar importante a influência de Ribot (1905/2005, p.26), provável inspirador da expressão “lógica dos sentimentos”¹⁸². Este, como Vigotski, trata das formas mistas pelas quais não só as impressões emocionais associam-se, mas também os traços conceituais e mnemônicos que elas possuam em comum, quase à revelia da interferência consciente: pensamento e afeto não podem, pois, se desvincular.

formação de uma consciência sistematizada, racional, criativa e voluntária¹⁸³, com tintas da ética e da antropologia marxista, da “Psicologia Médica” (Kretschmer, 1922/1954) e, secundariamente, de Espinosa. O ápice do desenvolvimento adolescente condiz com a estruturação de uma personalidade caracterizada pelo livre-arbítrio, pelo domínio do homem por ele próprio e sobre a natureza: aspectos complementares, pois somos parte do mundo natural.

As vivências continuam se aprofundando com o desenvolvimento dos conceitos (mercê da educação escolar), o qual “permite que el adolescente se adentre en su realidad interna, en el mundo de sus propias vivencias” (Vigotski, 1996f, p.70)¹⁸⁴. Aprofundamento interno e externo: no lugar do estreito ambiente infantil, surge o mundo (idem, p.200). E isso se acompanha por uma elevação da excitabilidade dos sentimentos, própria de períodos em que se rompe o equilíbrio indivíduo-ambiente (1930/1987, p.66). O exagero do adolescente é (pode ser) uma deixa para sua educação artística, para a socialização e circulação de seus afetos:

¹⁸³ “La palabra no es tan sólo el medio de comprender a los demás, sino también a sí mismo. Para el parlante la palabra significa, ya desde el principio, el medio de comprender-se, de percibir las propias vivencias. Por ello, tan sólo con la formación de conceptos se llega al desarrollo intenso de la autopercepción, de la autoobservación, al conocimiento profundo de la realidad interna, del mundo de las propias vivencias. Según la certera observación de W. Humboldt, el pensamiento llega a ser claro sólo en el concepto y es entonces cuando el adolescente comienza a entenderse realmente a sí mismo, a comprender su mundo interior.” (Vigotski, 1996f, p.71)

¹⁸⁴ O principal texto para este estudo é a “Paidología del Adolescente” (1996f), tradução espanhola de cinco capítulos do original russo publicado entre 1930 e 1931 como manual didático para centros de ensino de pedologia à distância (idem, p.43). Como a desintegração dos sistemas e funções psicológicos na histeria, na afasia e na esquizofrenia, para Vigotski, incide sobre a formação de conceitos (científicos), a auto-consciência e o domínio voluntário da conduta, o autor toma tais patologias como fonte de esclarecimento sobre a gênese e funcionamento do desenvolvimento adolescente, comparando-o com o desenvolvimento “normal”. O trajeto é semelhante ao das conferências dos “Problemas de psicología infantil”, com a diferença de que, naquelas, o autor escolhe comparar o desenvolvimento “normal” especialmente ao das crianças difíceis de educar.

El sentido y la importancia de esta creación artística reside tan solo en que permite al niño superar la angosta y empinada garganta en el desarrollo de su imaginación creadora que imprime a su fantasía una dirección nueva, que queda para toda la vida. Consiste también su sentido en que profundiza, ensancha y depura la vida emocional del niño que por vez primera despierta y se dispone a la acción seria; por último [...] permite al niño, ejercitando sus anhelos y hábitos creadores, dominar el lenguaje, el sutil y complejo instrumento de formular y transmitir los pensamientos humanos, su sentimientos, el mundo interior del hombre. (Vigotski, 1930/1987, p.84)

Nos trechos da “Paidología del Adolescente” (1996f) concernentes à compreensão das próprias emoções e vivências, Vigotski utiliza a palavra “conceitos” de modo amplo. Supomos que se refira aos científicos. Mas a mera transformação das *formas* espontâneas em científicas do pensamento sobre as vivências seria suficiente? Seria necessária a aquisição de *conteúdos* de psicologia, filosofia da mente, arte e outros tipos de experiência social da humanidade para que os jovens se conhecessem a si próprios? Para uma tomada de consciência, bastaria a análise e a categorização das próprias vivências cotidianas, das relações com outras pessoas, em atividades como a escrita dos diários íntimos, de poemas que o jovem escreve para si mesmo (Vigotski, 1996f, p.222), levando à criação de novas formas do pensar sobre si?¹⁸⁵.

¹⁸⁵ A tendência à racionalização, abstração e sistematização também se estende aos processos imaginativos do adolescente. Em “A imaginação e seu desenvolvimento na infância” (Vigotski, 1999a, pp.124-128), a imaginação e o pensamento podem ser “autistas” (destinando-se apenas ao prazer do indivíduo) ou “realistas” (destinando-se a criar produtos para a realidade externa). Suas fronteiras são tênues: o pensamento e/ou a imaginação, nas suas duas formas, não se distinguem pela maior ou menor dose de emoção – em ambos, os processos psicológicos ela desempenharia um papel fundamental. Neste debate podemos identificar uma ressonância da relação de mão dupla estabelecida entre emoção e a imaginação, tal como analisamos em Vigotski (1930/1987). Tanto a forma autista, quanto a realista, atravessam um grande desenvolvimento na adolescência. O desejo insatisfeito é sua pedra de toque. E, como na “Psicologia da Arte”, a imagem é meio de descarga afetiva.

8.2.4 – Das origens teóricas do conceito de vivência

Nossa tese central sobre as origens desse conceito, nos textos pedológicos dos anos 1930, é de que o autor oferece, através dele, respostas ao debate russo sobre o papel do meio social no desenvolvimento a partir de uma psicologia alemã impregnada de fenomenologia e gestaltismo. Seu sentido é próprio a Vigotski, como o de muitos outros conceitos que o autor emprestou de terceiros, reconhecendo o papel da subjetividade no desenvolvimento infantil sem recair no dualismo ou idealismo.

É fato que as principais conferências a discutir o tema trazem poucas referências precisas, mas quase todos os autores mencionados por Vigotski (1996e) são alemães, ou intimamente ligados à cultura germânica¹⁸⁶. Uma tradução alemã para o significado culto de *pereživânie* (vivência) é *Erlebnis*, conforme discutimos no início deste trabalho. Do jogo de semelhanças dos autores que estudamos para com a obra do bielo-russo, pretendemos extrair alguns fundamentos epistemológicos e ontológicos importantes para se compreender e utilizar o conceito vigotskiano.

¹⁸⁶ São eles: W. Stern, W. Köhler, Siegfried Bernfeld, Sandor Ferenczi, Ch. Bühler, Karl Bühler, H. Hetzer, A. Schopenhauer, I. Kant, G.W.F. Hegel, K. Marx, F. Engels, K. Koffka, Ernst Kretschmer, H. Volkelt, F. Schiller, E. Bleuler, S. Freud, H. Ebbinghaus, K. Stumpf, F. Kniger, K. Lewin, A. Busemann, R. Virchow, K. Lashley, W. Wundt, M.S. Maslov, O. Pfister, K. Vierordt, K. Schneider, Kronfeld, K. Wernicke, I. Herder, R. Müller-Freienfels, A.E. Jaensch. Os demais autores mencionados são russos, como Troitsky (*sic* em Vigotski, 1996e), Blonski, N.M. Shchelovanov, F.A. Rau, N. Ya. Marr, L.S. Slavina, L. Tolstoi, I.M. Sechenov, D.B. Elkonin, K.I. Chukovsky, Pavlovich e Ilyasevich, N.G. Morozova, A.B. Zalkind, E.K. Sepp, Minkowski, V.I. Lênin. Além destes, há autores conhecidos como Gesell, Shakespeare, Spinoza, H. Wallon, Charles Darwin, J. Piaget, Yerkes, Tolman. A origem de alguns autores (J. Lermite, D. Canestrini, Hutinel, Finkelstein e Reis, B. Tudor-Hart, Vöster, Babinski, G. Compayré, S. Fajans, W. Eliasberg, K. Groos, A. Homburger, O. Pötzl, T. Hobbs) não pôde ser identificada via pesquisa no Google. Vários deles não têm referência completa em Vigotski (1996e), problema que dificultou sua identificação. A leitura de Bristol (1999, p.430) instigou-me a acreditar que também Ossip Mandelstam, poeta acmeísta e amigo de Vigotski, influenciou-o no conceito de vivência: Mandelstam, que viveu em Heidelberg, Alemanha, acreditava que as coisas não eram tão importantes em si como o era a percepção delas.

A tomar pelas traduções a espanhol e ao inglês de que dispomos, entre os autores mencionados por Vigotski, o termo vivência foi muito empregado por Wilhelm Stern, Ernst Kretschmer, Wilhelm Dilthey e Edmund Husserl (um tanto menos por Kurt Lewin)¹⁸⁷. Tal como o próprio Vigotski, nenhum desses autores limita as vivências à infância. Mas é preciso frisar que Vigotski considerava “subjetivistas” e “idealistas” a fenomenologia husserliana, a psicologia descritiva de Dilthey e o personalismo crítico de Stern (in Vigotski, 1926/1991f, pp.62-64). Em contraponto a elas, uma virtude da psicologia da Gestalt seria a proposta de fundamentar um método subjetivo-objetivo que abarcasse os pontos de vista descritivo-introspectivo e o funcional (objetivo-reactológico). Ou seja: a fundação de uma metodologia que pressupunha o monismo do seu objeto, estudando-o num quadro único, irreduzível a um universo fenomenológico considerado, por Vigotski, como idealista. Apenas apreciava, na psicologia da Gestalt, seu diálogo com a fenomenologia a partir dos elementos que a tornavam críticas ao introspeccionismo wundtiano (1927/1991e, p.338).

Sobre o sentido de “vivência” na obra de Dilthey e Husserl:

Vivência (al. *Erlebnis*). Experiência viva ou vivida, a V. designa toda atitude ou expressão da consciência. Dilthey utilizou bastante essa noção assumindo-a como instrumento fundamental da compreensão histórica e, em geral, da compreensão inter-humana. Caracterizou-a do seguinte modo: “A V. é, antes de mais nada, a unidade estrutural entre formas de atitude e conteúdos. Minha atitude de observação, juntamente com sua relação com o objeto, é uma V., assim como meu sentimento de alguma coisa ou meu querer alguma coisa. A V. é sempre consciente de si mesma” (*Grundlegung der Geisteswissenschaften*, II, 1, 2). Do mesmo modo, Husserl considerou a V. como um fato de consciência, logo, como um entre os demais conteúdos do *cogito*. “Consideramos as V. de consciência em toda a plenitude concreta

¹⁸⁷ As traduções americanas de Kurt Goldstein também trazem o termo *experience* com sentido semelhante ao de vivência. Não temos acesso ao original nem a nenhuma indicação de qual seria o termo alemão de origem.

com que se apresentam em sua conexão concreta – o fluxo da consciência – e na qual se unificam graças à sua própria existência. Portanto, é evidente que toda V. do fluxo que o olhar reflexivo consegue apreender tem uma essência própria, a ser captada intuitivamente, em conteúdo que pode ser considerado em sua característica intrínseca.” (*Ideen*, 1 § 34) (Abbagnano, 2000, p.1006)

Podemos dizer que, similarmente a Dilthey, Vigotski valorizou a vivência como encontro de formas e conteúdos psicológicos e unidade entre sujeito e objeto. Husserl e Dilthey (embora este último não possa ser considerado fenomenólogo), de modo similar a Vigotski, propunham a vivência como unidade da consciência – sendo a consciência, para Husserl, uma relação intencional com o objeto, uma corrente de vivências que podem ser objeto da percepção imanente, ou seja, da auto-percepção (da imaginação, recordação, desejo etc, conforme Abbagnano, 2000, p.191)¹⁸⁸.

Quanto a Stern: várias obras são discutidas ao longo da “Paidología del Adolescente ” e de quase todas as conferências de pedologia/psicologia infantil de Vigotski (1996e), exceto por “La crisis de los tres años” e “La crisis de los siete años”. Uma delas é a “Psychology of early childhood” (1914/1924), único livro de Stern lido por Vigotski que obtivemos. Este contém um capítulo dedicado ao *gain of experiences* (presumivelmente, tradução de *Erlebnis*) pela criança¹⁸⁹. Através deste conceito, Stern (1914/1924, pp.102-103) mostra-se contrário à atomização do psiquismo, defendendo que a experiência, mesmo das crianças pequenas, faz-se na convergência dos processos de estimulação externa com a atividade psíquica. Em suas

¹⁸⁸ Apesar desta similaridade, o impacto preciso da obra dos autores é difícil de determinar: em 1927, Vigotski já lera “A filosofia como ciência rigorosa” (Vigotski, 1927/1991e, p.410) de Husserl. De Dilthey, conhecia a “Psicologia descritiva” (idem, p.409) e de Brentano, “A psicologia de um ponto de vista empírico” (Vigotski, 1999e, p.276).

¹⁸⁹ Sua *opera magna*, a “Psicología General”, data de 1938 (Stern, 1938/1957) (quatro anos após a morte de Vigotski). O conceito de vivência (*Erlebnis*), traduzido como “experience” na edição inglesa, ocupa nela um lugar central, referindo-se a experiências especiais, estados de tensão marcados por tensão e sofrimento.

palavras: é “parcialmente física” e “parcialmente mental”, dividindo-se, já nos primeiros anos de vida, entre experiências subjetivas e percepções objetivas.

Acabamos por descartar a influência de Kretschmer no conceito de vivência vigotskiano, embora o autor tenha exercido um papel relativamente importante na concepção neuropsiquiátrica do bielo-russo¹⁹⁰. Uma referência especialmente importante nos textos pedológicos/de psicologia infantil de Vigotski é a de Kurt Lewin: eles se encontraram em 1931 e 1933 e trocaram correspondência por alguns anos. Conforme Luria (1988, p.34), Bluma Zeigarnik, após longo período de estudo com Lewin, voltou à Rússia no fim dos anos 1920 (Van der Veer & Valsiner, 2001, pp.313-314). Numa tradução ao inglês (Lewin, 1926/1961), aparece o termo “experience” com um sentido semelhante ao de Vigotski. Mas as parecenças se estendem para além disto¹⁹¹.

Vários conceitos de Lewin, como o de “campo psicológico”, eram conhecidos pelo bielo-russo. Outras idéias importantes vieram a público um ano após a morte do autor, na “Teoria dinâmica de personalidade” (1935) e posteriormente nos “Princípios de psicologia topológica” (Lewin, 1936/1973). O Lewin que Vigotski comentou e conheceu, contudo, teria sido mais o da fase dedicada ao estudo dos fatos afetivos e da vontade (baseado em Garcia-Roza, 1974, p.205).

As referências a Lewin em Vigotski (1996e) aparecem em “El primer año”, “La

¹⁹⁰ A “Psicologia Médica” (1922/1954) é debatida especialmente na “Paidología del Adolescente ” do autor. O psiquiatra julgava importante a análise das vivências dos pacientes, entendendo por vivência ou experiência interna: “la penetración espontánea de um *grupo psíquico com tonalidad afectiva* en el seno de la conciencia” (Kretschmer, 1922/1954, p.221). As vivências não são experiências ordinárias, mas séries de representações e percepções com acento afetivo mais intenso, à moda dos complexos mnemônicos freudianos, que adquirem influência sobre o curso psíquico ulterior (algo como o “pensamento autista” para Vigotski). Esta, como vimos, não é a perspectiva dos textos pedológicos de Vigotski.

¹⁹¹ Por exemplo: a tomar por Cairns (1983, p.84-85) Lewin também enfatizava o estudo de crianças na situação concreta, total, levando em conta a relatividade contextual da experiência em detrimento de métodos estatísticos.

infância temprana” e na “Paidología del Adolescente”. Lewin tem relação, via de regra, com os debates de Vigotski sobre a psicologia da motivação, a experimentação com crianças e também com seus princípios metodológicos mais gerais: acompanhou o método fenomenológico de Husserl e Brentano, que tentava compreender a implicação entre os fenômenos físicos e psíquicos¹⁹². O principal texto comentado por Vigotski (1996e) é o “Vorsatz, Wille und Bedürfnis” (“Intention, will and need”, 1926/1961). Vigotski aponta-nos na direção da teoria lewiniana para uma análise do ambiente e sua relação com o desenvolvimento:

Vamos a deternos, ante todo, en la relación del niño con la realidad exterior, con el medio exterior. Tenemos una serie de momentos que debemos examinar para comprender la relación del niño con la realidad exterior en esta etapa del desarrollo. Considero que la peculiar relación del niño con la situación, en el sentido de su comportamiento y actividad en ella, es bien conocida por los experimentos.

El conocido científico alemán K. Lewin, psicólogo estructuralista, es, en mi opinión, el que demostró experimentalmente mejor que otros dicha relación. Le debemos excelentes trabajos en ese terreno. Intentó, asimismo, formular la teoría sobre la peculiar conducta del niño de edad temprana en la situación exterior. (Vigotski, 1996d, p.341)

Embora sempre sustentando que a história do comportamento determina a sua estrutura, Vigotski valoriza as descrições lewinianas sobre a imersão da criança no seu meio. Seguindo Lewin, entende que toda a conduta da criança pequena é determinada pela situação – pela estrutura do campo psicológico, como se de cada objeto emanasse um afeto de atração ou repulsão que conduzissem a uma determinada ação (1996d, pp.342-343). Isso se embaraça

¹⁹² Para Lewin, a consciência caracterizar-se-ia por um funcionamento global e intencional, não fragmentado (Garcia-Roza, 1974, p.42-45). Existiria uma objetividade imanente ao fenômeno psicológico, ou seja, a consciência sempre aponta para além de si. Husserl acrescentou que as essências são indissociáveis dos fatos; que se deve buscar as essências na existência, as propriedades teóricas de um objeto junto da verdade fenomenal da experiência humana.

com o estado subjetivo: para Lewin (1926/1961, pp.1254-1255), a valência de uma estrutura não é constante, mas depende do encontro entre a situação interna e externa da pessoa. Acreditamos existir, aí, certa similaridade com os encontros espinosanos, a tomar pelo parentesco que Vigotski (1930/1991g, p.87) já assinalara entre a psicologia estrutural e Espinosa.

Para Lewin, inicia-se na primeira infância uma progressiva diferenciação de estruturas e regiões da personalidade. O resultado acaba sendo uma unidade psicológica das necessidades entre sujeito e objeto, dialética, complexa e indivisível, como Hegel reconheceu (Vigotski, 1996f, pp.18-19)¹⁹³. A idéia do bielo-russo, de que as vivências referem-se a um certo evento ambiental, tem afinidade com o debate lewiniano sobre o campo psicológico como uma “região de estruturas e eventos”¹⁹⁴ (Lewin, 1926/1961, pp.1260-1261) precedentes à satisfação das necessidades e intenções (quase-necessidades)¹⁹⁵.

Garcia-Roza (1974, pp.59-60) define o campo psicológico em Lewin como uma dinâmica envolvendo o espaço vital e a zona de fronteira. Essas regiões não se definem de modo independente; a totalidade dos fatos que determinam o comportamento do indivíduo num momento vital dado, tal como em Vigotski, possui duas regiões: a pessoa e o meio. O

¹⁹³ Afirma Vigotski, tecendo loas a Lewin: “La esterilidad del viejo planteamiento del problema de los intereses era debido a que se dividían los aspectos objetivos y subjetivos del proceso cuando la base real del mismo es, precisamente, su doble naturaleza en la cual están sintetizados de forma compleja ambos momentos: el subjetivo y el objetivo” (1996f, p.20-21). Mas Vigotski critica a teoria estruturalista especialmente por não captar a diferença entre os interesses e necessidades instintivas.

¹⁹⁴ Um fato curioso: no dia 20/09/2007, enquanto conversávamos sobre o conceito de vivência, o professor Boris Meshcheriakov, da Universidade Estadual de Moscou, falou-me sobre o encontro entre Lewin e Vigotski e afirmou que o conceito de vivência assemelha-se muito ao de “espaço psicológico” na obra de Lewin, sem que eu tivesse, antes, comentado minha própria opinião – igual à dele.

¹⁹⁵ Nas palavras de Lewin: “The psyche of an individual is not a homogeneous unity in which every structure and event is equally related to every other; nor does the mutual influence of these psychic structures and processes depend solely on their intensity, power, or significance. There are psychic regions and complexes which are most closely related to each other, while they are engaged in various degrees from other psychic complexes”. (1926/1961, p.1275-1276)

meio não é uma realidade em si, mas apenas como percebido pelo sujeito – é o meio fenomenal.

Em Lewin, uma situação psicológica precisa ser entendida como situação num certo momento, podendo ser representada topologicamente a partir dos fatores conscientes e inconscientes que a determinam¹⁹⁶. Também em Vigotski, as vivências são processos dinâmicos, participativos, que envolvem indivíduo e meio. Seus exemplos remetem a uma análise profunda da vivência humana e dos sentidos atribuídos a ela. Mas, diferentemente de Lewin, o autor não distingue situação psicológica (momentânea) e espaço vital: o exemplo mais ilustrativo dessas relações entre os autores, segundo pensamos, está em Vigotski (1935/2008), num relato sobre três diferentes crianças que têm uma mãe alcoolista e violenta com elas. A situação externa dos pequenos é idêntica. Mas, diante dos acessos de violência da mãe, suas vivências e características são muito diferentes: o caçula desenvolveu sintomas de natureza defensiva, com ataques de terror, enurese e gagueira. O segundo filho apresenta um conflito interior pautado pelo vínculo ambivalente com a mãe, repleto de amor e terror¹⁹⁷. O filho primogênito mostra sinais de maturidade precoce, seriedade e solicitude para com os irmãos, protegendo-os da mãe. Este exemplo indica que os mesmos eventos têm diferentes papéis no desenvolvimento, dependendo: 1) de que idade eles acontecem (o que tem relação,

¹⁹⁶ Cada situação é também determinada pela situação de vida do sujeito, que pode não ser consciente a cada momento. Exemplo de situação psicológica (Garcia-Roza, 1974, p.60-61): uma criança brinca e sua mãe a convoca para fazer os deveres escolares. Suja e com sede, não quer entrar em casa para evitar uma reprimenda. Além dessa situação psicológica momentânea, seu espaço vital é complementado pela sua situação de vida: é filha de um casal estrangeiro. Caçula, é mais protegida, sendo implicada em muitos conflitos dentro e fora da casa. As escolhas que a criança pode fazer e as condições em que ela se implica compõem seu espaço vital, que terá graus maiores de diferenciação interna e de complexidade em indivíduos adolescentes e adultos.

¹⁹⁷ Vigotski (1932/1999b, p.96) já admitira a ambivalência das emoções nas primeiras etapas do desenvolvimento ao comentar Freud. Para o bielo-russo, as emoções vão sofrendo uma certa diferenciação de núcleo, que encerra sentimentos contraditórios. Nesta linha de raciocínio, segundo Vigotski (1932b/1999, p.96), a Freud teria cabido o mérito de demonstrar a ambivalência das emoções infantis – fenômeno que o bielo-russo identificará, posteriormente, nos seus estudos sobre as crises de desenvolvimento infantil.

principalmente, com o nível de compreensão da criança); 2) da diferente vivência da situação pelas crianças, permeada pelo singular vínculo com a mãe. Forma-se, aí, uma psicologia da personalidade e do conflito (Vigotski, 1931/1995, p.287).

9 – Três tópicos no “Pensamento e Linguagem”

“A construção do pensamento e da linguagem”¹⁹⁸, canto do cisne de Vigotski, resume cerca de uma década de reflexão e pesquisa do autor e seus orientandos, como Sakharov, Paskovskaya e Kotelova (Vigotski, 1934/2001a, p.XVIII; Van der Veer & Valsiner, 2001, pp.281-294). “Pensamento e Linguagem” responde a polêmicas fundamentais da época e carrega em si toda a trajetória do autor que, desde “A Tragédia de Hamlet”, como verificamos no item 3.2, intrigava-se com o problema das transições entre essas funções psicológicas – para cuja resolução passa a utilizar, além de um robusto trabalho experimental, fontes mais variadas, como a observação do cotidiano, as ciências da linguagem, a psicologia.

Nesse contexto, são três os tópicos de reflexão vigotskianos que nos interessam: 1) a relação pensamento, afeto e consciência; 2) a relação pensamento e palavra e 3) as vivências.

* * *

Nosso primeiro tópico remete-nos aos pontos de confluência e desencontro entre pensamento e linguagem, além de algumas relações destes com os afetos, através das categorias “consciência” e “sentido”. O “afeto” (*affekt*) e sua relação com a consciência aparecem especialmente no início e no fim do livro, pois o que interessa a Vigotski é a gênese, estrutura e funcionamento da relação pensamento-linguagem e a forma como, desta

¹⁹⁸ Trata-se da edição integral do original “Pensamento e Linguagem”, também editado resumidamente, com o nome original, no Brasil. As páginas que contêm os termos vivências, emoções e afetos são, no texto “A construção do pensamento e da linguagem” (1934/2001a): 12, 13, 16, 50-51, 72, 83, 107, 116, 126, 131, 289, 315, 367, 424, 465, 479-480. O vocábulo “sentimento” e suas derivações não aparecem nesta tradução.

que é a relação fundamental à consciência, pode-se saltar para a compreensão da mesma – inclusive no seu verso impalpável: os afetos, as necessidades, os desejos – o subtexto. Nas profundezas da linguagem interior, nuançava-se o caráter mais pessoal da vivência humana.

Com essa perspectiva, perfazendo uma espiral, o autor conclui seu livro retornando aos objetivos do início: eis que a palavra (unidade básica da linguagem) é a célula da consciência; a consciência reflete-se na palavra como o sol em uma gota d'água; a palavra está para a consciência como o pequeno mundo para o grande mundo (Vigotski, 1934/2001a, p.486)¹⁹⁹.

As considerações de Vigotski no que concerne às emoções resumem-se na célebre afirmação:

Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento neste ou naquele aspecto. De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexa do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica, uma vez que o exame determinista da vida do psiquismo exclui, como atribuição do pensamento, a força mágica de determinar o comportamento do homem através do seu próprio sistema, assim como a transformação do pensamento em apêndice indispensável do comportamento, em sua sombra impotente e inútil. (Vigotski, 1934/2001a, p.16)

Pérola da história da psicologia, esse trecho é uma radical demonstração de que Vigotski não concede primazia ao pensamento ou ao afeto na explicação da vida

¹⁹⁹ Vigotski (1934/2001a, p.1) afirma que o problema fundamental da relação pensamento-linguagem é a relação pensamento-palavra. Uma de suas teses é de que estes processos, embora fossem estudados separadamente, precisavam ser considerados como portadores de um vínculo mui íntimo que se constitui no desenvolvimento da criança, transformando-se mutuamente.

consciente²⁰⁰. Sua compreensão dialética do psiquismo transita da parte (os processos psíquicos parciais), ao todo da consciência. Revela-nos, ainda, com particular clareza, uma idéia já esboçada noutros livros²⁰¹: uma função do afeto é a *orientação* do pensamento (ou seja, seu direcionamento). A influência do conceito de afeto espinosano como mudança da potência da mente para pensar, e do corpo para agir, parece-nos evidente²⁰².

A dinâmica própria aos processos de pensamento e seu desenvolvimento, não é, pois, de natureza meramente intelectual: sua fonte imediata é afetiva (termo amplo que, como vemos no trecho transcrito, inclui as idéias, motivos, necessidades, motivações, interesses), fundamentando-se em necessidades concretas da pessoa na relação com sua realidade, nos *porquês* do pensar, nas fontes psicossociais dos problemas que o pensamento deve resolver. A orientação afetiva apresenta a relação vital da pessoa (corpo e mente) com seu meio, impedindo a transformação do pensamento numa seqüência de abstrações vazias e auto-explicativas. No sentido inverso, também o pensamento verbalizado priva o afeto do caráter impulsivo, explosivo presente nos seus estágios primitivos, intelectualizando-os.

Tanto a última citação transcrita, quanto outros enunciados do autor dirigem-nos à defesa do papel orientador dos afetos no decorrer da atividade pensante. Eles não cessam quando o pensamento inicia-se: contudo, concluímos que a função psicológica dominante na vivência seja a do pensamento. Vigotski entende que em toda idéia existe uma relação afetiva

²⁰⁰ Vigotski utiliza, no “Pensamento e Linguagem”, predominantemente o termo “afeto” (*affekt*) e suas derivações, mas também o termo “emoção” apresenta-se, por exemplo, na página 130 da edição brasileira.

²⁰¹ Ver as idéias de “lei da realidade dos sentimentos” (Vigotski, 1925/2001b, p.264) e a do signo emocional comum (1930/1987, p.21), além das considerações sobre o “pensamento autista” (Vigotski, 1932/1999a, p.105).

²⁰² Vigotski não menciona a ação no trecho citado, mas sim noutros, um dos quais merece transcrição: “El pensamiento no motivado dinámicamente es tan imposible como una acción sin causa. En este sentido, ya Spinoza define el afecto como algo que aumenta o disminuye la capacidad de nuestro cuerpo para la acción y obliga al pensamiento a moverse en una dirección determinada” (Vigotski, 1935/1997b, p.266).

do homem com a realidade nela representada (1934/2001a, pp.16-17), como já afirmara similarmente (1935/2008, p.4; 1926/2001c, pp.136-137). Existiria, contudo, uma influência das circunstâncias: um exemplo pode ser o do próprio processo dialógico (Vigotski, 1934/2001a, p.315), no qual cada pergunta torna necessária uma resposta, cada incompreensão demanda uma explicação. A linguagem falada seria regulada por uma situação dinâmica que decorre de sua própria natureza e dos seus condicionamentos situacionais (idem, p. 318).

Vigotski não chega a especificar melhor, no “Pensamento e Linguagem”, como ocorre a determinação mútua entre afeto/pensamento no interior da atividade. Elaboramos, então, duas perguntas:

- a) As emoções são dotadas de uma propriedade vivencial básica (dependendo da tradução): “prazer/desprazer”, “satisfação/insatisfação”²⁰³ e essa propriedade chama ou faz renunciar à ação. Em “As emoções e seu desenvolvimento na infância”, tal propriedade relaciona-se à atividade infantil – idéia de Ch. Bühler (Vigotski, 1932/1999a, pp.96-100). Elogiada por Vigotski, como vimos no item 6.3, a autora compreende que o prazer poderia acontecer no início, durante a atividade ou no seu fim, exercendo influência no pensamento²⁰⁴. A dita propriedade vivencial serviria como uma forma de controle da atividade pelo organismo?

²⁰³ Ver vários trechos dispersos na “Psicologia da Arte”, além das idéias sobre o pensamento autista (Vigotski, 1932/1999a, p.105). A sensação primordial de prazer/desprazer seria momento secundário das reações, seu conteúdo e estímulo, regulando e orientando-a (Vigotski, 1926/2001c, p.138).

²⁰⁴ Vigotski (1932/1999a, p.96-100) trata do trabalho experimental de Bühler na psicologia infantil. Embora as idéias sobre a motivação da fala e do pensamento no “Pensamento e Linguagem” não se limitem à atividade infantil, podemos estabelecer uma analogia com o “prazer funcional” (*Funktionslust* de Bühler), que se realiza no decorrer da atividade de brincar ou de se alimentar. Um outro estágio viria com a antecipação do prazer (*Vorlust*), no jogo criativo, nas adivinhações e resolução de problemas. Também Vigotski (1935/1997b, p.253), com base em Lewin, sustenta que qualquer atividade pressupõe a existência de um estímulo que encontra descarga com o fim da ação.

- b) Qualquer idéia, sensação, fala, representação pode ser perpassada por uma relação afetiva sem que isto oriente o pensamento/a atividade propriamente ditos?

Se a resposta à primeira pergunta, nos textos de que dispomos, é positiva (ver também a “Psicologia Pedagógica”, 1926/2001c, pp.136-139), não podemos dizer o mesmo da segunda. Vigotski teria acolhido a possibilidade de que uma relação afetiva qualquer com um objeto possa não ter conseqüências na atividade? Ou não chegou a posicionar-se quanto a isso?

* * *

O segundo tópico de nossa reflexão trata da relação entre pensamento e palavra, cujo foco é a natureza psicológica da linguagem interior e sua relação com o pensamento. A questão dos afetos se integra nesta relação. Vigotski mostra como ocorre um desencontro entre os aspectos semântico e sonoro da linguagem; entre a gramática do pensamento e da língua.

O significado é a unidade básica da relação pensamento-linguagem; um fenômeno tanto discursivo quanto intelectual que se desenvolve (Vigotski, 1934/2001a, p.396). O sentido (смысл – *smisl*) é categoria que engloba a face estável representada pelo significado (значение – *znatchenie*), estendendo-se às ignotas profundezas da consciência na forma do pensamento e da linguagem interior. Apontam-se dois planos semióticos: o texto e o subtexto. O significado convencional das palavras, a superfície das frases e palavras é o texto, que transcende o significado padrão na língua, incorporando também o subtexto.

Compreender as relações texto-subtexto é compreender o próprio pensamento e até as vivências. Essa idéia ratifica o caráter estrutural das emoções, mostrando, com o vocábulo *subtexto*, uma unidade entre palavra, entonação e gestualidade: múltiplas vias de entrada para a análise da vida emocional.

Stanislavski, mais uma vez (ver o item 6.3), é o interlocutor escolhido num momento crítico da reflexão vigotskiana: a idéia de subtexto (cuja fonte mais provável é o próprio diretor) rodeia-se de marcações para montagem de um drama²⁰⁵. Conforme Guinsburg (2001a, p.145), a partir da peça tchekoviana “A Gaivota”, o Teatro de Arte inicia a descoberta das potencialidades cênicas da escritura lírica do drama e seus subtextos, marca ímpar de Stanislavski na arte teatral.

Nessa atmosfera, no sentido não habitam meramente os fatos de pensamento – também afetos e outros fenômenos o compõem. Numa definição entre obscura e ousada, Vigotski declara basear-se em Paulhan, para quem: “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência” (Vigotski, 1934/2001a, p.465). O subtexto é marca do sentido na escrita, fazendo transparecer, em seus pequenos indícios, a construção mais íntima de nossa consciência. A presença de Stanislavski mostra que Paulhan não era a única fonte vigotskiana.

O bielo-russo não menciona em qual trabalho de Paulhan baseou-se, mas Kellogg sugere o artigo “Qu’est-ce que le sens des mots?” (1928), publicado no *Journal de Psychologie: normale et pathologique*. A visão do sentido como “soma dos fatos psicológicos” que a palavra

²⁰⁵ Um recurso subtextual importante eram, por exemplo, as longas pausas que serviam para forrar de significação os pensamentos (Guinsburg, 2001a, p.99). “Mais do que um tecido de meias palavras subentendidas e frases sussurradas, trata-se, entretanto, de ações indiretas, que ocorrem no reverso da peça, enquanto o verso se apresenta estático” (Guinsburg, 2001a, p.90)

desperta na consciência incitou-me um questionamento que se confirmou com a leitura de trechos do referido artigo²⁰⁶: no seu contexto, o trecho vigotskiano permite-nos concluir que a palavra *impacta* o sujeito não só intelectualmente, mas também afetivamente, desencadeando uma cadeia de processos psicológicos. Esta idéia não chega a ser nova no autor: lembremos, por exemplo, do efeito catártico das obras de arte. Mas, no “Pensamento e Linguagem”, é bastante provável que Vigotski tenha sido influenciado pelas duas funções de linguagem de que trata Paulhan: a comunicativa e a sugestiva (Kellogg, comunicação pessoal, 14 de setembro de 2007). Como em Vigotski, em Paulhan a palavra não apenas significa, mas também influencia os processos de atividade consciente de modo muito especial²⁰⁷.

A palavra não apenas pode significar emoções – realidade extralingüística à qual podem se atribuir significados – mas também provocá-las, excitá-las, tornando-se, reversamente, um dos próprios princípios construtores da linguagem humana. Na análise da fábula “A libélula e a formiga”, o autor mostra que a palavra *dance* adquire um sentido intelectual e afetivo mais amplo que seu significado convencional: aí ela já significa simultaneamente “divirta-se e morra” (Vigotski, 1934/2001a, p.465).

²⁰⁶ Autor de uma teoria psicológica pouco conhecida fora da França, Paulhan tratou dos fenômenos afetivos, da memória, da arte e da criação, entre outros. Segundo Castel (2001-2002), Paulhan (1856-1931), ministro protestante e psicólogo experimental francês (num sentido que, conforme Baillaud e Cornick, 2004, compreendia uma estreita ligação entre experimentação e filosofia), foi uma importante personagem dos bastidores da psicopatologia. Teria sido secretário da revista *Revue Philosophique* de Ribot, a quem mostrou seus manuscritos. Teria, ainda, influenciado Pierre Janet, discípulo de Ribot. Kellogg (2007, artigo: “Words in Minds and Minds in Classrooms: Heterogeneity in Word Meanings and “Uptake” from Primary EFL Lessons” (no prelo), sugere que as fontes implícitas do bielo-russo tenham sido Voloshinov (o verdadeiro autor do “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, para ele, erroneamente atribuído a Bakhtin) e Mandelstam, já que o pensamento de Paulhan impregnava-se de aspectos incompatíveis com a concepção vigotskiana. A ação da censura, todavia, teria-no impedido de citar tais autores. Os trechos do artigo de Paulhan foram-nos enviados por e-mail pelo próprio Kellogg, razão pela qual optamos por não citá-lo nas referências deste trabalho.

²⁰⁷ Excerto extraído por Kellogg (comunicação pessoal, 14 de setembro de 2007), enviado via e-mail, do texto “La double fonction du langage” (1929, p.56), Paris: Librarie Felix Alcan.

Essa dupla composição do sentido mostra o quanto a palavra é, para Vigotski, uma estrutura aberta, absorvendo de todo o contexto os conteúdos intelectuais e afetivos, adquirindo uma singularidade expressiva que perde em generalidade (idem, pp.455-466). Sob ela, pulula um contexto, uma qualidade afetiva – veja-se a “negação desdenhosa”, ou a “indignação” dos bêbados de Dostoievski. A comunicação dos afetos e pensamentos transcende o que é explicitado, declarativo, denotativo. Muda para uma mesma consciência e de acordo com as circunstâncias, já que o sentido do signo é um processo vivo, confundindo-se com o plano indefinido das idéias, da linguagem interior; em seu estado bruto, sintético e não analítico.

Vigotski encaminha-nos para considerar que a possibilidade de comunicação de uma certa vivência dependeria tanto de condições psicossociais existentes numa interação humana, quanto dos objetivos da comunicação e da modalidade de linguagem. Analisando Dostoievski, defende que “é possível exprimir pensamentos, sensações e reflexões profundas com uma palavra. Isto é possível quando a entonação transmite o contexto psicológico interior do falante” (Vigotski, 1934/2001a, p.455). Recursos adicionais podem comunicar o subtexto emotivo da consciência – Stanislavski demonstrou-o bem. Além disso, a intimidade entre os interlocutores torna possível a abreviação da expressão para qualquer conteúdo psíquico. Na fala, o uso de recursos acessórios como os gestos e a entonação podem complementar a incorporação do sentido do pensamento na palavra, contribuindo para seu caráter mais sintético com relação à escrita. Tais dimensões compõem o subtexto da fala que, embora também exista na escrita, realiza-se através de outros meios e com a utilização de outros recursos expressivos.

Cremos que nem todo conteúdo pode ser comunicado em poucas palavras. A recriação lingüística da vivência vigotskiana da monografia “A tragédia de Hamlet, o Príncipe da Dinamarca”, por exemplo, na tradução brasileira, não tem 252 páginas e o pressuposto inicial de que a peça era inefável? Não eram as palavras de Hamlet meros fragmentos de suas vivências, lançando as demais personagens em confusão, gerando uma verdadeira explosão polissêmica, para além do sentido aparente dos acontecimentos? Pode-se afirmar que, para nosso autor, o encontro entre vivência/emoção e linguagem, como o do pensamento com a linguagem, não é coroado por facilidades.

* * *

O terceiro e último tópico a se focar no “Pensamento e Linguagem” é a categoria vivência. Sua aparição é rara. Vigotski não volta a declarar que esta é a categoria de análise sistêmica da consciência/personalidade, mas tampouco o nega. Omite-se também a categoria personalidade, em benefício das considerações acerca da consciência.

De modo consistente com o emprego anterior do termo nos textos pedológicos, a vivência refere-se a conteúdos intelectuais, discursivos, sensoriais, motores e afetivos (1934/2001a, pp.367;424). Haja vista os comentários do autor sobre a análise fenomenológica do conceito: “Como mostra a investigação, a medida de generalidade é o momento primeiro e fundamental em qualquer funcionamento de qualquer conceito, assim como no vivenciamento do conceito, como se pode ver pela análise fenomenológica” (idem, p.367). Das várias ocorrências da palavra, podemos depreender que a vivência é uma das

dimensões metodológicas destinadas à descrição da relação sujeito-objeto.

Similarmente a “La crisis de los siete años”, Vigotski trata do desenvolvimento da introspecção (idem, p.289). Como Piaget²⁰⁸, o bielo-russo adota a perspectiva de que a percepção infantil passa de uma condição primitiva e desprovida de palavras à percepção em termos de significado. E que, ainda, desenvolve-se a percepção interior do significado dos próprios processos psicológicos, possibilitando uma tomada de consciência dos mesmos. Este termo já fora vinculado, como discutimos, à conquista dos processos psicológicos pela palavra.

²⁰⁸ Vigotski não especifica a quais estudos piagetianos se refere.

10 – Considerações Finais

10.1 – *Vivências*

Tratemos inicialmente do vocábulo vivência (*pereživânie*). Ele nasce na crítica de arte vigotskiana, a partir da “Tragédia do Hamlet” (1916) – texto em que desempenha o papel de conceito principal – e, embora com uma proporcional perda de espaço no seu quadro teórico, expande-se gradativamente para outras dimensões de debate da vida psíquica. Sob um ponto de vista epistemológico, essas mudanças evidenciam um deslocamento gradativo, repleto de enriquecimentos e alterações no processo de constituição da teoria histórico-cultural. Nesse processo, vai se distanciando um tanto do seu significado dicionaresco na língua e na arte russa do início do século XX para ganhar contornos cada vez mais particulares à obra vigotskiana. O vocábulo sempre se vincula estreitamente às emoções, embora tenda a mudar seu caráter de texto para texto, elucidando processos psicológicos a partir de três núcleos teóricos fundamentais: 1) a sua crítica e psicologia da arte; 2) a neuropsicologia clínica; e 2) os textos pedológicos dos anos 1930 (em especial, as conferências de psicologia infantil proferidas entre 1932 e 1934).

A “Tragédia do Hamlet” surpreende pelo seu tom bastante poético, permeado por temáticas existenciais, cuja proposta é reproduzir a vivência da obra pelo crítico naqueles que lêem seu trabalho (dimensão eliminada em textos posteriores). Vigotski emprega a palavra “vivência” num sentido especialmente devedor tanto das raízes russas do termo – pois designa situações de vida profundas, marcantes – quanto do simbolismo. O príncipe Hamlet

de Vigotski é personagem que vivencia situações arrebatadoras. Vigotski percebe a força destas e projeta, no seu ensaio sobre a peça, suas idéias sobre o jogo de sentimentos contraditórios produzido na tragédia. Mas o termo vivência tem um caráter muito genérico: não há, ainda, uma psicologia que teça categorias de análise ou síntese do psiquismo.

E o que se vivencia? Qual é o sujeito das vivências nesse momento de sua obra? Em Vigotski (1916/1999f, pp.XXXVII;39-136), a vivência designa tanto a experiência do mundo externo pelo sujeito, quanto seu mundo interno, passíveis de simbolização e tomada de consciência (o crítico de arte, o leitor, as personagens)²⁰⁹. Vigotski entende que todo o conteúdo vivenciado implica numa tonalidade afetiva e a vivência demanda a suspensão de qualquer julgamento imediato.

Nesse contexto, as características pessoais de Hamlet (de seu ser singular) são um filtro para o modo como ele vivencia as diversas situações. Este debate tem afinidade com as duas conferências de psicologia infantil mais importantes para este trabalho (“La crisis de los siete años” e “A questão do meio na pedologia”): também nelas a vivência relaciona o sujeito (a criança), em suas características pessoais, ao meio no qual se encontra. Negativas ou positivas, as vivências sublinhadas na peça são as de Hamlet, como são as vivências singulares de cada pequeno nos casos clínicos relatados.

Sobre o conceito de vivência propriamente dito, podemos recordar que, sendo, no russo, palavra imperfectiva, *pereživânie* designa experiências participativas vitais, imediatas,

²⁰⁹ Fato que persiste na “Psicologia da Arte” (Vigotski, 1925/2001b, p.241). No Hamlet: “As outras personagens personificam conflitos dramáticos (não todas), a luta contra obstáculos externos e internos, em suma, todos aqueles momentos das vivências que caracterizam o drama e poderiam transformar cada uma dessas personagens em herói de um drama independente e particular; são apenas personagens dramáticas na peça pelo sentido do papel que desempenham e a qualidade dos vivenciamentos.” (Vigotski, 1916/1999f, p.136).

ante-predicativas, perpassadas de emocionalidade, do leitor frente à obra ou do sujeito no mundo (posteriormente, é possível também dizer que os bebês e esquizofrênicos vivenciam algo). Existe, neste livro, uma tendência a opor vivências, sentimentos e sensações ao pensamento: a vivência artística é como um “sonho” (1916/1999f, p.XXXVII). Para nós, tal idéia significa a suspensão do julgamento a que é levado o sujeito no processo de apreensão da arte, ao acompanhar seqüências semióticas que não foram elaboradas por ele; processo pré-cognitivo que ocorre com o receptor da arte e é melhor detalhado na “Psicologia da Arte” (1925/2001b). No espírito simbolista da monografia sobre o Hamlet, essa suspensão de julgamento acontece pela expressão simbólica²¹⁰.

A monografia enfoca as relações mútuas que implicam o sujeito no mundo; de modo similar à fenomenologia, abole-se o limite entre sujeito e objeto da experiência. Esta dimensão conceitual atravessa toda a obra de Vigotski, voltando a se colocar nos textos pedológicos, em que a palavra implica os pólos da relação interior da criança com a realidade externa – ou melhor, com um ou outro evento ou situação ambiental. Ilustra-se a relação imanente que a pessoa, sujeito de necessidades, estabelece com sua realidade, com sua existência.

Persistem, na “Psicologia da Arte”, todas as características que circunscrevem o termo “vivência” e suas derivações. Contudo, o livro traz uma teoria sobre o sentimento artístico embarçada em quatro categorias fundamentais que acomodam a idéia no nascente quadro teórico-conceitual da psicologia vigotskiana: *reação estética, catarse, consciência e inconsciente*.

²¹⁰ Experiência e vivência aparecem como sinônimos. E mesmo a palavra “experiência mística” tal como usada por James, é modificada para “vivência mística” (ao menos na tradução editada pela Martins Fontes, Vigotski, 1916/1999f, páginas XXV, 11,18, 98 e 185).

O autor debate a sua importância na interação com uma obra. Segundo Vigotski (1925/2001b, p.81), ao gostarmos de uma obra, não sabemos o porquê; não sabemos qual a essência da emoção. As vivências, nos três primeiros livros do autor e em trechos esparsos da “Paidología del Adolescente”, revestem-se de um caráter irracional, marcado por sentimentos e sensações que demandam compreensão, porém, *após* sua vivência. Traduzindo o engolfamento do receptor pela obra de arte, proporciona que o sujeito mais participe, reaja, do que julgue, ou seja, crie uma espécie de “campo transicional” entre receptor e obra, que contém a ambos e alcança a sua triunfal dimensão catártica no conflito entre forma e conteúdo, no qual a primeira vence o segundo²¹¹.

Nesse contexto, a emoção (e a vivência) é inconsciente apenas enquanto não se traduz pelo pensamento. Não há, na “Psicologia da Arte”, a completa dicotomia emoção-razão, a segunda desvalorizada em benefício da primeira, como na monografia sobre o Hamlet. Os processos mentais realizar-se-iam num interjogo entre sentimento, palavra e pensamento, no qual a elaboração de juízos sobre uma inquietação extrai o sujeito ao universo da pura vivência artística, trazendo novos elementos para a reflexão sobre tal vivência (baseado em Vigotski, 1925/2001b, p.94). Tratando dos paradoxos do Hamlet, Vigotski comenta como o espectador “sente e vivencia todas aquelas contradições difíceis que lhe dilaceraram a consciência e o inconsciente enquanto assistia à tragédia” (idem, p.245).

Encontramos, então, na arte, algo de especificamente humano, mais do que a simples

²¹¹ O conceito de vivência, na multiplicidade dinâmica que já analisamos, posteriormente criará afinidade com a estrutura do campo psicológico lewiniano que precede a satisfação das necessidades e intenções, que apontam para uma certa valência dos objetos presentes, com uma diferenciação de estruturas e regiões da personalidade, fatores conscientes e inconscientes relativos não só ao momento presente, mas também às condições de vida do sujeito. As tensões relacionais são imanentes neste campo desde “A Tragédia de Hamlet”.

percepção animal. Carrega um universo de fantasia, de sentimento e vida que não se reduz à estimulação do ambiente. Eis como o substantivo “vivência”, nestes textos, denota um processo humanizado, exigindo um complemento que remeta o sujeito para além das reações instintivas (emocionais) programadas. Contra tal reducionismo, Vigotski fala especialmente: 1) na vivência de determinado(s) sentimento(s) ligado(s) a uma obra de arte (Vigotski, 1925/2001b, pp.259;272) e 2) na vivência de uma obra/da arte, como um conjunto (idem, pp.47;48;91;260). Diversamente da monografia sobre o Hamlet, Vigotski tende a tratar apenas secundariamente das vivências internas das próprias personagens, concentrando-se na vivência da arte pelos seus apreciadores. Um sentido próximo àquele expresso no Hamlet seria a idéia de que estes apreciadores podem vivenciar os acontecimentos *com* as personagens (idem, p.192).

Pela vivência, somos impactados; sofremos a ação da obra de arte, do texto, do quadro. Vivenciar é processo pautado pela imediatidade. Mas, em 1932, ao tratar das vivências conscientes, Vigotski defenderá que elas podem ser compreendidas, e (relativamente) sistematizadas, extraídas à idiossincrasia, reguladas pela palavra, e atravessadas sempre por tons emocionais. Nos últimos, como nos primeiros, textos vigotskianos, a vivência é campo de conflitos, entreposto do funcionamento psíquico concreto, linguagem do impacto vital do entorno no sujeito, e de sua resposta a isso, através de uma consciência operante num concerto de funções psicológicas que não pode ser plenamente enquadrada nem nas regulações voluntárias nem nas reações espontâneas. Ficaria, para nós, um problema importante: esse impacto antecede a linguagem que o descreve? Acompanha-a, sucede-a?

Nos textos pedológicos, como vimos, as vivências passam a ser consideradas unidades

da personalidade com seu entorno; da relação interior da criança com um ou outro momento da realidade. Nesta transição conceitual, surgem expressões impensáveis em 1916, tais como “vivências intelectuais” (Vigotski, 1932/1999a, p.101), e “vivenciamento do conceito” (1934/2001a, p.367). “Vivência” é um termo que passa a descrever ainda conteúdos intelectuais, discursivos, sensoriais, motores e afetivos (1934/2001a, pp.367;424). Descortina-se, então, um conceito mais amplo. Por qual razão ocorre essa mudança?

Porque Vigotski constrói um conceito de consciência a partir da noção de sistema, em que se englobam processos conscientes e inconscientes, racionais e irracionais (associativos, por exemplo). De certo modo, essa diversidade de natureza não deixa de ser tributária da própria semântica originalmente russa da palavra *pereživânie*, como “estado espiritual suscitado por impressões e sensações fortes”, ou seja, podendo conter qualidades diversas. Sua amplitude autoriza-nos a afirmar que toda função psíquica superior, na obra madura de Vigotski, tem uma face vivencial – ao lado, propriamente, de sua ação no mundo. Não afirma, também, o autor que o vivenciamento do discurso acompanha qualquer forma de linguagem (Vigotski, 1934/2001a, p.424)? Uma ou outra função psicológica se dilata, fundindo-se com o mundo de forma mais ou menos aparente: a face vivencial é muito acentuada, por exemplo, no caso da emoção artística e pode ser menos marcada na execução de um exercício físico.

A vivência torna-se unidade dinâmica da vida consciente, marcada pela referência ao corpo, às representações e idéias, ou ao mundo externo; com maior atividade desta ou daquela função psíquica. A lógica empregada é dialética, pois observa o humano em permanente movimento, relações de parte-todo, síntese e mudança histórico-cultural pela

qual o sujeito reconhece-se tanto como objeto no meio, como se nega como algo coincidente com o que o rodeia, como com outros homens, afirmando suas relações com as condições particulares encontradas.

A nova idéia de vivência abrange, na teoria histórico-cultural, vários tipos de estado da consciência e de intensidade existencial – pois se trata simplesmente da relação interior da consciência com o meio, generalizável na linguagem, e não um estado psicológico especial. Embora implique também as dinâmicas profundas da personalidade e do discurso, não se relacionam apenas às situações de grande impacto emocional. A ontogênese mostra como as vivências podem ser relativamente generalizadas na linguagem; mostra como os processos psicológicos que assumem o plano de figura na hierarquia da consciência podem ser nomeados de acordo com a linguagem social, sofrendo um salto qualitativo importante quando surgem as chamadas formações afetivas: a criança passa a não atribuir sentido apenas a aspectos externos das suas vivências, aos processos psicológicos parciais, e às sensações corporais intensas, mas às próprias vivências de si, às características estáveis de sua personalidade. Seus desdobramentos internos não se realizam apenas no presente: com a aquisição das funções intelectuais da linguagem, é possível imaginar como vivenciariíamos uma certa situação – atributo do caráter abstrato que os processos psicológicos vão adquirindo, da evolução do cérebro etc (ver item 7.4 deste trabalho).

Esta tese mostrou, ainda, outro aspecto que vai se configurando na obra do autor: a diferenciação entre núcleo interno e externo das vivências. Estas duas dimensões já se esboçavam em 1916, quando Vigotski defendera que as vivências de Hamlet não tinham relação com os acontecimentos imediatos do mundo, mas com o seu sentido para o príncipe.

Aos mundos externos – aqui e além – correspondiam os internos – imediato e existencial. Nos monólogos e diálogos, o racional e o místico, o consciente e o condicionado, lutam continuamente. De modo análogo, posteriormente Vigotski afirmará que as vivências têm *dois núcleos básicos de reflexo*, marcados pelos objetos externos X próprio corpo-processos mentais. Mas esses núcleos tendem a perfazer uma unidade: mesmo nossas vivências corporais mais marcantes são compostas por perceptos externos, associando-se a representações do ambiente, e vice-versa (Vigotski, 1935/2008). Ambos os núcleos vivenciais vão se diferenciando na vida da criança (o que não ocorre nas vivências do esquizofrênico, dissociadas entre si e regidas não pelo pensamento lógico, mas pela associação).

Vigotski, no decorrer de sua obra, também se indaga sobre o papel metodológico do conceito de vivência. Este serviria tanto como fonte de informações sobre o funcionamento neuropsicológico humano (veja-se o debate sobre o papel do tálamo óptico), diferenciando vivência e comportamento. O problema das vivências é fundamental para resolução dos conflitos emergentes nas eventuais crises de desenvolvimento infantil. Se anteriormente os conflitos eram apenas entre a criança e seu entorno; entre os motivos externos que se lhe ofereciam, a crise dos sete anos de vida mostra que os conflitos passam a transcorrer no núcleo interior das vivências, pois podem se estruturar lutas verbais internas entre os motivos. Parece-nos óbvio deduzir que a história do núcleo interno das vivências – num corte transversal, das dimensões mais profundas da personalidade infantil – também é a história de anteriores interações da criança com a realidade social, e especialmente, das crianças para consigo mesmas a partir dessa realidade social. Esse importantíssimo conceito aguarda futuras implicações, pesquisas práticas e novos campos de problematização.

10.2 – Emoções

O conceito de emoção/sentimento/afeto envolve questões bem mais delicadas, permeadas por um maior número de fontes epistemológicas e um lugar teórico distinto do das vivências, que implica em muitos desafios teórico-metodológicos. Procuraremos resumirlos e problematizá-los a seguir.

O primeiro texto vigotskiano em que se desenvolveram idéias importantes sobre o conceito de emoções, já sem se confundir com o de vivências, foi a “Psicologia da Arte”. Nele, *reação* e *vivência* vêm a ser categorias muito amplas, abarcando fenômenos que transcendem a própria arte. *Reações estéticas* e *vivências de obras de arte* são suas subcategorias, cuja gênese o autor procura interpretar. Quais as características particulares destas? Para Vigotski, a base das reações estéticas são as emoções *suscitadas pela arte*, ou seja, trata-se de um tipo de reação essencialmente emocional, uma energia concentrada no sistema nervoso central que articula fantasias, representações, estados internos e manifestações corporais externas, de um modo ambivalente que culmina na catarse especificamente estética. Vivenciar uma obra literária é quase como sentir a história na própria carne, desejos, percepções e memórias (lembremo-nos de que, no Hamlet, Vigotski considerava fundamental a identificação com a personagem para uma plena vivência da peça).

A reação emocional comum, cotidiana, que ocorre independentemente da arte, seria outra subcategoria, outro tipo de reação diferente da estética (ressaltemos que há dois sentidos para o termo “reação” na obra do autor, sendo que um deles integra o sujeito na

interpretação dos estímulos)²¹². No contexto monista do livro, é todo o organismo que reage aos estímulos do ambiente, sendo o movimento das idéias e dos sentimentos (os sentimentos designam com maior frequência os estados subjetivos do receptor da arte) uma parte deste processo de reação.

A obra de arte relaciona-se às memórias, impressões, representações, sentimentos do sujeito, produzindo uma excitação emocional que pode culminar em catarse. As emoções estão no centro do impacto subjetivo e das manifestações corporais externas. A atmosfera da obra induz a reação estética valendo-se, para tanto, de múltiplos recursos semióticos, entre eles, das palavras e dos silêncios, como indicam suas análises do “Hamlet”. Se considerarmos apenas os comentários do próprio Vigotski, e não suas citações de outros autores, perceberemos que, da “Tragédia do Hamlet”, para a “Psicologia da Arte”, a ocorrência de palavras como emoção, sentimento, afeto, paixão e estado de ânimo e derivadas sofre um salto: de 46 para 125 páginas (embora o livro seja, também, cerca de 50% mais extenso). Nessa mudança, ocorre também uma considerável diversificação interna do tema, a qual evidencia, para além de uma fenomenologia das emoções estéticas, um processo de construção de um conceito teórico em suas múltiplas propriedades definidoras, além das relações de causalidade determinantes de sua dinâmica.

Essas relações intrapsicológicas implicam-se na idéia de sistema psicológico, que a

²¹² No contexto de suas lutas contra o idealismo na psicologia, Vigotski comenta o termo “reação” no “Prólogo à versão russa do livro de E. Thorndike: Princípios de ensino baseados na psicologia” (1926/1999d). Para Vigotski, a idéia-chave da nova psicologia é considerar a psique e o comportamento como um sistema de reações do organismo aos excitantes externos enviados pelo meio ambiente e excitantes internos do próprio organismo. “A reação é uma resposta do organismo, um ato de adaptação deste a tal ou qual elemento do meio que age sobre ele.” (idem, p.164) Dentro das leis biológicas, a reação teria três componentes: 1) a excitação; 2) os processos internos; e 3) a resposta (há uma possibilidade de influência do próprio Thorndike, para quem a reação era uma síntese de objetivo e subjetivo) Van der Veer & Valsiner (2001, p.63) identificam uma sequência semelhante. Um outro sentido do termo “reação”, mais distante da idéia de “reação estética” é equivalente à idéia de “resposta” propriamente dita.

“Psicologia da Arte” e a “Psicologia Pedagógica” já antecipam, firma raízes na mais importante idéia vigotskiana acerca das emoções, enunciada em “On the problem of the actor’s creative work” (1932/1999c). Inscrevem-se as emoções no interior da teoria histórico-cultural: *as emoções são funções psíquicas superiores*, funções mentais cujas formas e conexões biológicas, inferiores, são transformadas pela vida social e cultural.

10.2.1 – Questões de terminologia

Quais os termos mais apropriados para empregarmos no que se refere às emoções, em conformidade com a teorização vigotskiana? Esta é uma questão da maior relevância para a comunicação científica, além do rigor semântico e conceitual apropriados à perspectiva histórico-cultural, extraindo-nos à utilização cotidiana dos termos relativos à vida psicológica, no português.

Creemos que a expansão e conquista de um novo plano, científico, de compreensão lingüística e sistematização conceitual dependerá, também, do tratamento do tema com uma metodologia apropriada à teoria histórico-cultural. Vigotski (1932/1999a) salientou a necessidade de determiná-los, tendo como fonte futuros trabalhos de pesquisa. Vale ressaltar que uma progressiva determinação auxilia-nos a circunscrever nosso objeto e a estudá-lo de modo a gerar novas contribuições críticas, ético-políticas, numa psicologia histórico-cultural de base materialista dialética.

Apesar do nosso desejo de determinar o emprego dos termos por Vigotski, esta pesquisa não nos ajudou: mostrou, ao invés disso, a multiplicidade deles, tal como é corrente

em tantas outras psicologias. Para as vivências (*pereživânia*), malgrado a diversidade de traduções, é raro o emprego de sinônimos (como, por exemplo, “experiência”) nas traduções a que temos acesso. Isso não se aplica às emoções: desde que no seu devido contexto, emoções, sentimentos e afetos podem ser utilizados e, efetivamente, correspondem a diferentes vocábulos russos. Supomos que esta imprecisão não seja casual: Vigotski (1925/2001b) não apontava que as emoções, no seu aspecto vivencial, são impalpáveis, vagas? Nada mais lógico, pois, do que a diversidade de expressões, através das línguas e no interior delas, que são utilizadas para denominar como nos sentimos, ou nos emocionamos, ou que afetos temos. No seu devido contexto, se nos preocuparmos em defini-los, todos podem ser lidos vigotskianamente.

Apesar disso, cremos que o substantivo feminino “emoção” (*emotsia*), muito utilizado na psicologia da época de Vigotski, é mais freqüente na obra do autor do que “sentimentos” e “afetos” e, fato muitíssimo significativo, é o que intitula a última versão do “Teaching about emotions” (1933/1999e), seu grande projeto inacabado, prevalecendo no decorrer do mesmo. O substantivo neutro “sentimento” (*tchuvstvo*) e suas derivações é o menos utilizado em sua obra. Contudo, conforme constatamos, é amplamente empregado na importantíssima “Psicologia da Arte”.

“Afeto” (substantivo masculino *affekt* – аффект) e suas derivações aparecem mais freqüentemente no “Pensamento e Linguagem” (embora também aí surja *emotsia*) e nas conferências de psicologia infantil²¹³. Ao contrário de *pereživânie*, tanto *emotsia* quanto *affekt*

²¹³ Essa palavra tem como correspondentes latinos *affectus* e *affectio* (que serviram de radicais para Espinosa); na história da filosofia, foi trabalhada pela tradição kantiana e por Freud como *Affekte* (segundo Engelman, 1978, p.28-33).

parecem-nos ser palavras russificadas, transliteradas do alfabeto latino ao cirílico, e não originalmente russas.

Qualquer que seja a escolha adotada, o contexto de pesquisa e o seu futuro, defendemos que um aspecto conceitual fundamental a se manter seja a distinção de termos entre emoções/afetos inferiores (biológicos) e culturizados (primitivos, superiores). Refutamos a possibilidade de se instaurar a dicotomia entre “emoções” (para designar emoções inferiores) e “sentimentos” (para denominar emoções especificamente humanas). Tal dicotomia é algo dualista, estranha ao processo de definição conceitual e semântica por Vigotski (1931/1995), que costumava denominar as diferentes funções psíquicas com a mesma palavra. Por exemplo: atenção (involuntária, imediata, passiva/ voluntária, mediada, ativa), memória (natural/lógica), indicando que certas funções mais simples têm algo em comum com as mais complexas – e, conforme já debatemos, subsistem no funcionamento das últimas.

Uma outra pergunta que deve interessar aos pesquisadores brasileiros: é possível falar em vivências *emocionais* numa psicologia histórico-cultural? Sim, se trabalharmos a partir das obras mais maduras de Vigotski, e, com este termo, descrevermos vivências *intensamente* emocionais, marcadas pela prevalência dessa função psíquica superior. Pois dizer que todas as vivências são emocionais é uma redundância: por definição, todas elas têm aspectos emocionais envolvidos. O substantivo “vivência”, como vimos, receber uma série de adjetivos nas obras de Vigotski a partir de 1925, portando variações de intensidade, de qualidades e de duração.

10.2.2 – Conceituação. Definição do campo teórico

É hora de aprofundar nossa problematização pensando nas implicações mais amplas geradas pela idéia de emoção como função psíquica superior (culturizada), sintetizando o conceito vigotskiano de emoção à luz das discussões efetuadas nesta tese, problematizando os apontamentos do autor no contexto atual de uma perspectiva histórico-cultural.

Nossa referência principal será a “*Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*” (1931/1995, p.28). O objetivo da obra era lançar as bases do conceito de desenvolvimento das funções psíquicas superiores ou desenvolvimento cultural da criança, colocando-o entre os conceitos fundamentais da psicologia infantil. Num nível muito geral, no núcleo mesmo do conceito, todas as funções psíquicas culturizadas (formas superiores de reação psíquica) debatidas por Vigotski (1931/1995, p.29) abarcam dois grupos de fenômenos que jamais se fundem, embora sejam indissolúveis:

- a) O domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e pensamento: por exemplo, linguagem, escrita, cálculo, desenho (aí podemos incluir a arte, a partir de Vigotski, 1925/2001b);
- b) O processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais (que, à época, não haviam ainda sido determinadas com exatidão), como atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos.

Os processos *a* são orientados pelos processos *b*. A inspiração é hegeliana: as funções psíquicas culturizadas submetem-se à lei genética geral de desenvolvimento cultural (Vigotski, 1931/1995, p.148). Transitam da imediatidade das condutas herdadas à regulação externa

própria das relações sociais e dos meios culturais (a princípio, externos) e, posteriormente, à regulação interna e intencional pela própria consciência.

Todas as funções psíquicas culturizadas têm raízes nas reservas biológicas/orgânicas de comportamento (instintos, adestramento, reações intelectuais). Esse é o nível imediato de funcionamento mental²¹⁴. Ambos os níveis, biológico e cultural, desenvolvem-se: a criança experimenta uma evolução natural, meramente espontânea e biológica do seu comportamento, que se inscreve na filogênese da conduta humana²¹⁵. Verdade, por exemplo, para a atenção, a memória, o pensamento (Vigotski, 1931/1995, pp.17;38).

Conforme expusemos no item 6.3, o nível imediato, biológico de funcionamento é incorporado no interior dos sistemas psicológicos superiores, sem desaparecer completamente²¹⁶ (idem, pp.117-118;129;145). Então, o domínio de cada função psicológica superior jamais poderá transcender os limites próprios do organismo, da forma que opera como função, mas aí se constrói: eis o caráter biocultural do desenvolvimento humano criado a partir das relações culturais estabelecidas com outras pessoas.

As funções psíquicas culturizadas têm um caráter sistêmico, correspondendo a uma série de estruturas encefálicas trabalhando juntas. São consideradas “superiores” porque o

²¹⁴ Segundo o “Teaching about emotions”, ainda se sabia pouco sobre as reservas biológicas de comportamento relativas às emoções. Mas, sem dúvida, havia emoções “inferiores”, ou seja, biologicamente herdadas.

²¹⁵ Tem-se considerado a maturação das estruturas emocionais como uma das mais primitivas do sistema nervoso central, conforme o Prof. Dr. Mauro Muzkat, na conferência “Neuroplasticidade em lesões congênitas e adquiridas” (NANI/Unifesp) evento na UNIFESP, Seminário Lesões Cerebrais na Infância, dia 21 de setembro de 2005, São Paulo, SP.

²¹⁶ No texto “Paidología del Adolescente” (Vigotski, 1996f, p.145) Vigotski mostra que Kretschmer é uma das fontes dessa lei, que ele denominou de “Lei de estratificação” na história do desenvolvimento: na dinâmica da conduta, os centros inferiores acham-se unidos aos superiores, como instâncias subordinadas. Ela complementa-se com a lei da “Passagem das funções a um nível superior”: entrega-se uma parte essencial de suas funções anteriores aos novos centros que se estruturam, tornando-se estes centros independentes em casos de lesão cerebral.

córtex, região filogeneticamente mais nova do cérebro, ocupa um papel de destaque no seu funcionamento a partir dos meios de domínio da própria conduta (idem, p.32). Sobre isso, recomendamos ao leitor os itens 7.4 e 8.2.1 deste trabalho. Além disso, realizam funções na relação consciência/personalidade-realidade, mudando ao longo do desenvolvimento e também ocupando diferentes lugares hierárquicos nos sistemas psicológicos de um mesmo indivíduo. Quando fazemos tricô, por exemplo, envolvem-se sistemas psicológicos diferentes de quando representamos uma peça, ou mesmo vivenciamos memórias afetivas intensas. Além disso, diferenciando-se das formas herdadas/puramente biológicas de comportamento, denotam uma relação predominantemente ativa para com o meio social e o ambiente.

Assim sendo, pensadas a partir da noção de sistema psicológico, cuja fonte primária são as relações sociais, as emoções encontram seu lugar na doutrina vigotskiana. Precisam ser pensadas numa totalidade dinâmica e aberta na qual não se destituem de identidade, mas adquirem singularidade como processo psicológico circulante na vida social, nas negociações institucionais e discursos que lhe dizem respeito, numa certa cultura, a partir de sua função primária – motivacional – no encontro com o mundo.

O excelente trabalho de Pino (2000), operando nas entrelinhas e dificuldades do caráter às vezes vago do conceito de função psíquica superior, ensina-nos como, nas suas tintas dialéticas:

- a) Ele rompe com a noção de faculdades da alma, mostrando como o que falamos e sentimos não é algo já pronto.
- b) Ele pode ser pensado tanto no campo sociológico, significando papéis associados a certas posições sociais, quanto no matemático, na correspondência entre conjuntos:

todo papel é função de uma posição, como a de mestre-servo, pai-filho. A interação entre pessoas é função da relação desempenhada por cada uma nessa relação.

- c) Ele é próprio das interações sociais: tanto o princípio como o efeito das ações e reações de cada membro de uma relação nas ações/relações produzidas no outro.
- d) Ele refere-se a funções permanentes da pessoa, também sujeitas às leis históricas e condições concretas em que isso ocorre. Não são algo pronto, passivo dispositivo a ser usado, mas oferecem possibilidades de criação de novas reações.

Assim, o que cada pessoa pensa, fala, sente, rememora, sonha, é função do que a outra pessoa pensa, fala, sente etc (especialmente se forma com ela um só ser, como disposto na carta a Pieter Balling por Espinosa, 1661-1976/1988, p.159; como na declaração de amor trocada entre Kitty e Liêvin, em Vigotski, 1934/2001a). O todo da personalidade, como vimos, é um agregado de relações sociais incorporadas num indivíduo. Várias referências neste trabalho procuraram mostrar o modo especial pelo qual reagimos a outros seres humanos, configurando a especificidade das emoções humanas. O desenvolvimento da personalidade num tempo histórico determinado também é aspecto que responde por sua complexa determinidade e diversidade cultural: as emoções são sociais e culturizadas porque toda a consciência e personalidade o são.

As interações entre pessoas, tornadas interações do encéfalo, e deste com o corpo, explicam a influência da cultura em praticamente todos os problemas colocados para o estudo das emoções. A obra vigotskiana, mesmo em seu inacabamento, cava um lugar específico para ele na teoria que se construía. Em tal lugar, podemos separar nove problemas delineados pelo autor, e intimamente relacionados, concernentes tanto ao conceito de função

psíquica superior explanado quanto a este caráter peculiar das emoções (o qual tanto dependia dos estudos de seus contemporâneos):

- a) Sua topografia no organismo como um todo, e no sistema nervoso em particular;
- b) Sua dinâmica, suas transformações (os conflitos, contradições e oposição de sentimentos; além do processo de reagir pelo sentimento);
- c) Suas propriedades energéticas, impulsivas (de excitação/descarga ou consumo; catárticas; de deslocamento com relação à excitação original);
- d) Seus papéis como função psíquica propriamente dita, na atividade, na consciência e personalidade;
- e) Suas qualidades vivenciais (angustiante, intenso, intelectual, vago etc), tendo a fantasia como expressão mental por excelência;
- f) Sua percepção, pela personalidade, dessas propriedades, incluindo mesmo sua caracterização lingüística;
- g) Seus diferentes lugares ao longo da ontogênese (e, podemos completar, da história social da humanidade);
- h) Sua esfera cultural fundadora (sentimentos líricos, poéticos, éticos, cotidianos); e
- i) Sua regulação voluntária.

Há ainda uma última observação, que nos parece particularmente importante: é muito freqüente nos defrontarmos com a idéia de emoção adjetivando outros processos psicológicos. Processo semelhante ocorre com os adjetivos *consciente*. Essa é a dimensão estrutural própria das emoções. São postas como qualidade de uma série de outros fenômenos psíquicos/obras de arte, em relações claras com as noções de sistema psicológico.

Ao longo da “Psicologia da Arte”, há expressões como: pensamento emocional, expressividade emocional, atitude emocional, colorido emocional, tom emocional, efeito emocional, estrutura emocional geral e da linguagem, impressão emocional geral, mistério emocional, contradição emocional, significado emocional, campo emocional geral, vivências emocionais, tema emocional, atmosfera emocional. Como animais sociais e políticos que somos, pois, cada dimensão da nossa existência é atravessada pelas emoções²¹⁷, este fundo (que se torna, às vezes, figura...) implicado na consciência e sua ação.

O processo de compreensão das emoções no interior dos sistemas psicológicos tem também uma relação com sua tradução pela linguagem, em várias modalidades discursivas. Todas essas dimensões associadas compõem um processo de definição genética, estrutural e funcional, uma concepção, embora nem sempre detalhada.

Tarefas árduas, que demandam uma “divisão de trabalho” entre diversas áreas do saber (Vigotski, 1933/1999e, p.104). Nossas observações ficarão entre os problemas postos na obra vigotskiana e a contemporaneidade, procurando sintetizar aspectos metodológicos (no sentido de olhar geral que circunscreve as investigações) fundamentais a partir dos problemas apontados pelo autor no campo das emoções. Os tópicos que trabalharemos, conforme já procuramos expor, são densos e remetem a estudos acumulados, mas ainda demandando investigações futuras.

* * *

²¹⁷ Numa tradução, o termo utilizado é esfera afetiva (Vigotski, 1935/1997b, p.257)

Um dos grandes objetivos da teoria histórico-cultural é compreender a natureza especificamente humana das funções superiores. Essas peculiaridades precisam, então, ser trabalhadas como permanências e rupturas do animal ao humano, ser criador de cultura, permitindo-nos sintetizar as condições e os limites do processo de culturização das emoções.

Poderíamos destacar, por exemplo, a permanência das emoções na seletividade vital – reações seletivas do sistema nervoso central aos estímulos úteis ou ameaçadores para o organismo. Quanto mais importante um fato, seu encontro com a necessidade, maior a emoção provocada. Nos homens, elas se deslocam dinamicamente no interior das tarefas vitais, persistindo em seu papel na administração das reações, regulando-as e orientando-as (Vigotski 1926/2001c, p.138). Por tal razão, prazer e desprazer surgiriam antes das demais reações.

As relações entre estruturas consideradas emocionais e o sistema nervoso autônomo implicam-se na preparação dos movimentos do corpo. Persiste algo do caráter involuntário da mímica facial e corporal indicativa de reações emocionais em animais (mímica corporal que, para Darwin, são reflexos condicionados funcionalmente idênticos aos incondicionados). A mímica humana também pode se realizar a partir de ações coordenadas por regiões motoras voluntárias do cérebro. Seu caráter impulsivo, de tendência direta à ação, também persiste, modificado, no interior da personalidade humana.

Há mais rupturas, pois as funções psíquicas passam a ser não simplesmente de um organismo, mas de uma consciência/personalidade culturizada. Isso se dá mesmo nos seus aspectos automatizados e espontâneos. As permanências acima dispostas integram-se em novos sistemas do encéfalo humano e sua atividade consciente. As mudanças, mais do que

quantitativas, são qualitativas: há as vivências conscientes e os signos que as definem; desenvolve-se o caráter abstrato, intelectualizado e generalizado das emoções humanas, bem como as regras culturais de sua manifestação. Isto se dá no interior de novos vínculos estruturais e semânticos das emoções com outras funções psíquicas superiores, possibilitando a extensão temporal das marcas de um acontecimento.

Seguindo Darwin, Vigotski (1925/2001b) entende que as emoções animais são reações orgânicas gerais, instintivamente programadas, respostas de todo o organismo a acontecimentos que atingem um único órgão. Esse caráter global persistiria no humano, nas ressonâncias ineliminavelmente corporais e mentais de cada evento (ver item 5.2 deste trabalho). Vigotski atribui às formas iniciais de emoção do bebê a estrutura imediatista e reflexa de reação ao meio. Os instintos, com os quais se confundiriam as emoções inferiores, são logo acompanhados por formas mais simples de aprendizagem que compartilhamos com outros primatas (caso dos reflexos condicionados). Essas formas simples de relação com o meio servem à satisfação das importantes e urgentes necessidades orgânicas da criança. Comportam uma dimensão impulsiva com a função de gerar ações padronizadas: choro, riso etc. A transformação da utilidade das emoções dos pequenos a partir de sua relação com seres mais desenvolvidos significa, também, sua gradativa impregnação com respeito às atividades acumuladas na cultura que o rodeia e a diversificação de suas emoções, de um papel reflexo, para papéis distintos de acordo com o sistema psicológico em atividade.

O autor, como vimos, defende que as emoções/afetos dividem-se em inferiores (naturais) e culturizados(as) (primitivos-as, superiores). Vigotski não chegou a criar um sistema de classificação próprio, num ou noutro nível. O que herdamos? Raiva, medo,

alegria, tristeza? Esses rótulos lingüísticos correspondem a que sistemas encefálicos? De que modo a raiva humana difere da animal? O autor não realiza esta diferenciação natureza-cultura, referindo-se apenas a algumas manifestações dos afetos/impulsos iniciais, tal como apresentavam as psicologias da época²¹⁸.

O trabalho, tanto filogenética quanto ontogeneticamente, é emblemático das mudanças dos sistemas psicológicos. É atividade vital que nos iça para além das barreiras corporais herdadas, amplia nosso poder de ação e cria processos estruturalmente mais complexos de interação com a natureza, constituídos especialmente por relações sociais perpassadas por meios culturais. Denunciando a miopia das psicologias exclusivamente ancoradas no evolucionismo darwinista, o autor sustenta que as funções superiores operam na realidade, desenvolvem-se na relação com o outro e na apropriação da cultura, quebrando a unidade indivíduo-ambiente própria da adaptação biológica. Tais fundamentos ontológicos mostram-se preciosos no processo de construção de sistemas conceituais e formas mediadas de reação, no interior das quais o caráter energético, impulsivo das emoções, sofre alterações substanciais.

A dimensão impulsiva das emoções, seu perfil de potência, tendência à ação (sentido principal do vocábulo *conatus*) casa-se com a simpatia do bielo-russo pelo conceito espinosano: os afetos são transições de potência do corpo e de sua idéia. O sentido do

²¹⁸ Vigotski (1996g, p.281-282; 287) acredita na existência de rudimentos psíquicos no recém-nascido, já que logo após o nascimento, existem movimentos expressivos aos quais, nos adultos, correspondem estados de alegria, euforia, dor, pena, ira, medo etc. Nisso se incluem os movimentos instintivos provocados pela fome, sede, saciedade. Na percepção global e confusa da criança, as impressões exteriores estão unidas com o afeto que lhes matiza ou o tom sensitivo da percepção. Ela percebe antes o afável ou o ameaçador, e não os elementos objetivos da realidade exterior, com a prevalência da atividade de centros subcorticais. Entre as novas formas de comportamento entre cinco e seis meses de vida, observam-se os primeiros movimentos defensivos, arrebatos de alegria, até os primeiros desejos.

vocábulo energia (энергия – *eniérguia*), tal como empregado por Vigotski (1925/2001b), assemelha-se ao do *conatus*, embora atravessado por pesquisas acerca da atividade nervosa superior. O bielo-russo distanciava-se das psicologias que encontravam exclusivamente na energia a marca distintiva das emoções quanto a outros processos psicológicos, acompanhando Orchanski na diferenciação do trabalho nervoso em três tipos²¹⁹. De fato, como poderia ser simplesmente a energia um traço distintivo das emoções, se todo o organismo a consome? De que energia se trata, qual seu perfil evolucionário? Como ela compõe a atividade consciente? Em consonância com os interesses de Vigotski, cabe-nos, pois, avançar um pouco no tempo para compreender a especificidade de seu papel.

O sistema reticular ascendente é a grande estrutura ativadora do cérebro; a grande responsável pelo ciclo sono-vigília. Fatores de excitação no córtex pré-frontal recrutam os sistemas do cérebro antigo (no tálamo e tronco cerebral) e recebem deles uma carga de energia – o que explica, por exemplo, a insônia induzida quando temos atividades pendentes a realizar. A manutenção de uma vigília atenta prepara o indivíduo para formas complexas de atividade consciente. O processamento de informações no córtex, a memória, podem, também, inibir os ditos sistemas antigos, diminuindo o estado de atenção. Daí decorrem, por exemplo, a sonolência e a desatenção próprias da tristeza. Mesmo a execução de qualquer plano motor requer certa quantidade de energia no córtex, proporcionada pelo sistema reticular. Muitos trabalhos mostram que os circuitos córtico-reticulares aumentam a excitabilidade geral do sistema nervoso e até da cóclea, possibilitando-nos, pois, “apurar os

²¹⁹ Vigotski (1925/2001, p.252) admite, com Orchanski, a diferenciação do trabalho nervoso em três modalidades: o sentimento (o dispêndio de energia que embasa as associações), a vontade (base do trabalho intelectual ou motor), e a energia reprimida em estado latente

ouvidos”, ficar mais atentos ao que acontece no mundo externo. Zonas mediais dos hemisférios cerebrais não atuam na comunicação direta com o mundo exterior, mas sim regulam o estado geral, a modificação do tono e o controle das inclinações e emoções (baseado em Luria, 1981, pp.41-45).

As peculiaridades energéticas da emoção parecem residir, pois, nos resultados da integração de estruturas importantes para os antigos comportamentos instintivos (como o tálamo e o hipotálamo) ao sistema reticular, às suas funções na ação (e no pensamento, conforme Damásio, 2004), já comentadas, e à atividade de outras estruturas componentes dos circuitos emocionais (ver item 7.4) em interações com o corpo. Um outro aspecto importante, relativo à função energética/impulsiva das emoções, é a formação de circuitos entre as regiões somatossensitivas, amígdala, hipotálamo e o córtex pré-frontal, influenciando nos processos decisórios que dependem de sistemas organizados por tal córtex. O indivíduo em dúvida tende, então, a esta ou àquela ação, não raro recaindo em conflitos – um papel modificado do instinto. Aí cabe uma análise dramática da personalidade, se pensarmos na afinidade de Vigotski (1929/2000) para com Politzer (1928/1975) e sua compreensão da psicologia concreta. Aí se encontram, como desejava o autor, neuropsicologia e análise semântico-dramática da personalidade.

Essa diversificação do desejo, dum multifacetado corpo espinosano, mostra como pode existir satisfação e tendência à ação de todo ele, ou de uma de suas partes, com a possível obstaculização de outra (através de uma idéia oposta ou da percepção de uma condição adversa). Sobre o desejo, podemos considerar que a textura vivencial e o perfil neuronal da fome de alimento podem não ser os mesmos que os da fome de atenção alheia,

embora ambas possam ter aspectos tanto neuronais quanto vivenciais em comum que se unificam na palavra *fome* (lembremo-nos de que as vivências podem ser, de algum modo, percebidas e generalizadas). Também, perfis neuronais idênticos podem corresponder a emoções consideradas diferentes pela personalidade. A integração de diferentes métodos, indica Kagan, e também nos induz a pensar Espinosa, é um importante caminho para superar a cisão entre as psicologias mecanodeterminista e descritiva, tal qual pretendia Vigotski.

Cada emoção singular, e mesmo seu papel impulsivo, se faz num ciclo complexo e refinado de desativações e ativações das estruturas do SNC que interagem rapidamente com o corpo (daí a sagacidade de Espinosa, ao afirmar que a idéia *acompanha* a afecção, mas não que uma *antecede* a outra); ciclo no qual centros intelectuais propriamente ditos podem exercer um papel subordinado ou dominante na hierarquia do sistema psicológico ativo. Uma novidade com respeito ao psiquismo animal, como já apontamos, é a diversificação do próprio desejo humano e das propriedades vivenciais das emoções, posta nas mudanças genéticas, estruturais e funcionais do psiquismo. Estudos recentes mostram como regiões cerebrais originalmente ligadas à satisfação de necessidades corporais que comungamos com outros animais são integradas em sistemas cerebrais mais complexos, como a apreciação de uma obra de arte²²⁰.

É contra a doutrina evolucionista da utilidade biológica das emoções que Vigotski

²²⁰ As cantatas de Bach, por exemplo, ativam os mesmos centros cerebrais de recompensa que uma relação sexual satisfatória: “Estudos realizados com o auxílio de modernos métodos de imageamento cerebral mostram que o cérebro reage de forma semelhante diante de uma obra de arte, de uma boa conversa ou do rosto de uma supermodelo.” (Paál, 2008, p.13). Mas, para Vigotski (ver item 5.2), a emoção artística difere da comum: é um terremoto desnudando e ordenando camadas de energia sem direção, de caráter propriamente universal que desvela seu poder criador na vida em sociedade.

(1999/1932a) pergunta-se por quê, no ser humano, elas produzem não só distúrbios da vida psíquica, mas uma enorme diversidade de conteúdos mentais que se expressam, por exemplo, na arte. Como a catarse pode afetá-las tão profundamente? São aspectos demonstrativos da especificidade e diversidade das emoções humanas. Aí também se abre a possibilidade de análise de culturas particulares.

Por que os Ifaluk condenam a raiva e raramente a demonstram (Lutz, 1988)? Por que os membros da Klu-Klux-Klan agem de forma oposta? Por que duas pessoas têm histórias emocionais diferentes com um mesmo objeto, ou histórias semelhantes com objetos diferentes? Todas essas estruturas encefálicas e corporais em interação, essa complexa topografia, especialmente no adulto educado em sociedade, são razões para sua enorme diversidade e singularidade: as emoções são culturizadas justamente porque raras vezes se aproximam dos sinais de ódio, medo, ou prazer “absolutos”, pois avaliamos e duvidamos, lembramos e esquecemos, temos reações espontâneas e refletimos sobre elas. Sua textura vivencial congrega qualidades distintas que podem, mesmo, classificar-se linguisticamente, atingindo grande sofisticação no sentimento artístico.

O fato de estruturas consideradas importantes nas emoções constituírem parte do sistema reticular ascendente parece ratificar a idéia de quem, como Russell (1989), defende que um eixo importante da classificação verbal das emoções é seu posicionamento nalgum ponto entre a sonolência e a excitação. Assim, a tristeza e o ódio são emoções negativas sob o ponto de vista do prazer, mas, enquanto a primeira é sonolenta, o segundo é atento, e essas características, junto de outras (por exemplo, as diferentes sensações corporais), seriam importantes na construção dos nossos conceitos sobre elas. Kagan (2007), contudo, alerta: as

possibilidades de significação existentes na língua e o contexto em que se vivencia uma emoção são fundamentais para o falante se decidir por um rótulo e não outro. O autor caminha para ratificar algumas das idéias sobre as qualidades vivenciais da emoção que Vigotski e seus contemporâneos acatavam (com raízes em Wundt), acrescentando outras²²¹.

Nessas qualidades, consolida-se na obra de Vigotski a idéia de que a face vivencial das emoções é diáfana, esquiva à observação externa, inexprimível, até mesmo vaga; e que, superando as formas simples da excitação animal, em que são reações aparentemente pontuais (embora aí pese a impossibilidade de obtenção de relatos verbais sobre alterações emocionais da consciência), nos homens, para Vigotski, elas são muito mais variadas, estendidas no tempo, sempre presentes, ao menos como tom emocional ou estado de ânimo sustentando a motivação de uma conduta em nossos encontros com o meio externo.

As emoções podem ocupar tanto o lugar de orientação construtiva das mensagens, seu pano-de-fundo entonacional e mímico, quanto de conteúdo por elas descrito – assento duplo, duplo encargo, explicitado pela idéia do signo emocional comum. A riqueza vivencial das emoções pode ser resgatada na linguagem. A própria etimologia²²² do nosso vocabulário descritivo de emoções relaciona-se às situações atravessadas pelos homens e à dinâmica

²²¹ Simples e, a princípio, idênticas sensações, podem ser moduladas por uma série de condições psicológicas: “The critical features of a feeling include intensity, duration, familiarity, expectedness, punctateness, apparent location in the body, and a sixth, subtle property called ‘quality’ that is difficult to define because of the lack of appropriate words”. (Kagan, 2007, p.46).

²²² O vocabulário emocional, na sua origem, descreve/constata vivências relativas a situações e a condições sociais determinadas, muitas vezes criando metáforas, metonímias, descrições: o significado de saudade, por exemplo, refere-se a um sentimento de separação sentida de modo suave, que não é nostalgia nem lembrança. Seu étimo é próximo do termo “solidão” (solitude-inis). *Solitas-atís* nomeava a solidão provocada pela falta de alguma coisa, o vazio de não ter. Seu caráter relativamente positivo é acentuado por termos próximos como *suavium* (beijo apaixonado), *suaviatio* (beijo, ternura). (Pereira Júnior, 2006, p.36). Já a palavra “medo” vem do latim, designando temor, receio apreensão, inquietação; mas um étimo mais antigo é o grego *fobos*: ato de fazer fugir aterrorizando; é derivado de *phébesthai* = fugir espavoridamente; aquilo que provoca a fuga pelo pânico. *Fobos* é um demônio filho de Ares (deus da guerra) e de Afrodite. Acompanha o pai onde há batalha e derramamento de sangue (Santos, 1998, p.17).

descrita por esta classe de palavras, um interessantíssimo eixo genético de investigação da história da cultura e do comportamento.

Vigotski defendia também a possibilidade de a personalidade exercer um domínio voluntário sobre as funções superiores que a integram. Isso incluiria, obviamente, as emoções. Mas, aí, surgem paradoxos que exigem uma análise também da noção de vontade na obra do autor e das especificidades neuropsicológicas das emoções na atividade consciente.

Vários autores, conforme comentamos no item 7.4, confirmam a ação inibidora das regiões basais do córtex pré-frontal sobre estruturas originalmente instintivas, impulsivas, modulando suas reações. Sua regulação nunca é social ou politicamente neutra²²³ e suas possibilidades, na literatura psicológica, variam do controle sobre a mímica facial/corporal – como a simulação voluntária de uma expressão que não corresponde à emoção vivenciada – até o mais difícil domínio das vivências de uma emoção e de suas manifestações involuntárias, de sua emergência espontânea, tanto nas suas manifestações internas quanto externas. Mas isso é realmente possível? Em tantas pessoas, não se apresentam as emoções, segundo o próprio Vigotski, como incontrolável sofrimento? Não podem apresentar-se como verdadeiros obstáculos para a atividade, relegando a um segundo plano uma série de funções que asseguram a vida da consciência?

Episódios emocionais prejudiciais à vida da consciência, para o autor, têm uma história, funções criadas em interações sociais adoecidas, relações com a história da

²²³ Uma pergunta: por que sentimos um ódio intenso? Outra: por que e quando nos permitimos reagir com ódio intenso, sem inibi-lo? Ratner (1995, p.67) argumenta que a cultura orienta a emoção. Impõe um conjunto de diretrizes, “direitos e deveres” emocionais originados de códigos sociais, legais e morais.

personalidade como um todo, como mostra “A questão do meio na pedologia” (1935/2008)²²⁴. Aí, tanto o desprazer, a insatisfação, quanto seus opostos, em nossos encontros, aparecem à consciência como qualidades algo incontroláveis e, às vezes, sem qualquer participação na conduta voluntária (1932/1999c). Não obstante, sua emergência pode ser, relativamente, controlada. Cabe-nos, então, compreender as implicações mais profundas entre atividade voluntária e emoção e o que Vigotski denominava de “inferior no superior”, o simples no complexo.

Comparemos as emoções, por exemplo, com o domínio voluntário presente numa função psíquica superior típica: a memória mediada. Vigotski (1931/1995, pp.112-117;247-263) relata experimentos pelos quais ilustra-se a transformação da memorização espontânea e direta de certos estímulos pela criança, para a memória mediada, com o auxílio de estímulos-meios postos entre a criança e os estímulos que ela deve memorizar; os quais podiam ter alguma relação de similaridade com os estímulos originais. É o experimentador quem ensina à criança como usar esses estímulos-meios na evocação dos estímulos originais, mas ela cria as relações entre eles. A necessidade de memorizar e a impossibilidade de fazê-lo diretamente (dada a quantidade de estímulos), além da interferência do experimentador, levam a criança ao uso dos estímulos-meio, com o domínio (*овладение* – *ovladienie*) voluntário, consciente e ativo, das conexões entre os estímulos-meio e aqueles que precisava memorizar, o que corresponde à formação de novas conexões cerebrais através de processos associativos elementares entre os estímulos. Em vez de memorizar diretamente, a criança recorre a

²²⁴ O autor (1999/1932a) encaminha-se para acreditar que as fortes experiências emocionais, como o terror, são desencadeadas, por exemplo, quando o indivíduo desconhece as potenciais condições perigosas de uma situação. A esquizofrenia (em Vigotski, 1996f) é explicada a partir da desestruturação de sistemas conceituais.

operações tais como “destacar lo general, comparar, imaginar, etc., con lo cual crea la estructura precisa. El niño, al mirar el dibujo, inventa pequeñas historias o imagina algo nuevo” (Vigotski, 1931/1995, p.251). Adultos, de modo similar, recorrerão ao meio circundante e ao sentido atribuído aos estímulos para a tarefa mnemônica, mas por meio de uma operação simbólica já internalizada e às vezes automática.

A sequência da ação infantil, após a percepção do novo estímulo e a elaboração mental da resposta, apóia-se num mecanismo reflexo condicionado, filogeneticamente mais antigo do que o estabelecimento da mediação: ao ver o estímulo-meio (exemplo: carroça), a criança passa a lembrar-se do original (cavalo), de forma apenas aparentemente natural e espontânea. Posteriormente, esta reação pode ser utilizada como técnica cultural e voluntária de memorização através de signos: a cada vez que usamos um estímulo para recordar outro, ele nos surge na qualidade de signo. Na sua origem, trata-se de uma relação com outra(s) pessoa(s), que, a princípio, controla(m) de fora nossos processos psicológicos. Ao internalizar as operações com signos e instrumentos, a criança recorre a esses procedimentos mnemotécnicos com frequência cada vez maior.

O verbo russo *ovladiét* (овладеть) tem por tradução *apoderar-se de, dominar, assimilar* (como dominar uma técnica ou assimilar uma língua). E não poderia ser diferente: Vigotski (1931/1995) mostra reiteradamente como toda atividade voluntária depende de uma combinação de passividade e atividade, de meios culturais diversos, numa aplicação do princípio de Bacon (que o autor também relaciona a Hegel e Engels): “Vence-se a natureza obedecendo-a”. As emoções também existem nesta combinação (conforme veremos na discussão sobre Stanislavski) conquanto de forma bem diferente dos experimentos

mnemotécnicos. Não é à-toa que Luria (1981, p.161) encara as regiões pré-frontais como zonas terciárias – ou seja, região de integração e associação de informações – tanto do sistema límbico quanto das regiões motoras, embora a forma como cada qual se integre na atividade consciente seja bem distinta²²⁵.

A mesma “Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores” (1931/1995) esboça o papel das emoções, mas nos estudos das reações de livre-escolha. Mais complexas que as mnemotécnicas, elas nos permitem vislumbrar uma importante questão, melhor desenvolvida em Vigotski (1934/2001a): *por que a criança realiza a atividade experimental?* Ou seja: qual a face motivacional do experimento, que caracteriza o encontro entre atividade e necessidade²²⁶? Avulta aí o papel orientador das emoções com respeito à ação e à consciência. Nas reações de livre-escolha, à criança cabia não só executar, mas criar sua própria instrução voluntária, atribuir sentido aos estímulos, escolhendo a partir de determinações concretas, impostas de fora. O pesquisador indicava à criança opções com momentos agradáveis e desagradáveis, de forma a tornar as possíveis reações complexas e polisignificativas; em seguida, mediante a indecisão da criança, oferecia-se a opção de tirar a sorte (Toassa, 2004a).

Criava-se, pois, um conflito motivacional, em que se fazia necessário não apenas realizar a tarefa, dominando a evocação de certas memórias e as seqüências de movimentos necessários, mas também compreender as possibilidades de satisfação nela oferecidas – o

²²⁵ As principais regiões tradicionalmente relacionadas ao sistema límbico no córtex frontal seriam a região caudal órbito-frontal e a porção anterior do giro do cíngulo, circunscrevendo a área médio-basal do cérebro (Miranda, in Nitrini, 1996) (região aproximadamente definida na Figura 5).

²²⁶ Comentando Lewin: “También es cierto lo contrario, pues [...] los sistemas afectivos y la tensión aparecen en el punto de intersección de alguna situación y alguna necesidad, es decir, sólo en el encuentro del niño con la realidad” (Vigotski, 1935/1997b, p.264). Envolve sempre, então, um posicionamento da criança na situação.

aspecto emocional de cada estímulo era, pois, fundamental. Os experimentos de livre-escolha mostravam as relações intrapsicológicas, ou seja, entre as diversas funções psicológicas, que incluíam as emocionais, na tomada de decisão²²⁷. Nosso autor antecipava, então, descobertas posteriores sobre o papel das emoções nos processos decisórios (Luria, 1981²²⁸; Damásio, 2004).

As funções que foram objeto da análise experimental de Vigotski (1931/1995), como a memória, a percepção, a linguagem oral e escrita, estavam intimamente ligadas à regulação baseada na fala, exercida pelo córtex pré-frontal, cuja compreensão deve muito à obra de Luria (ver Figuras 7 e 10). A função reguladora da fala, pela qual coordenamos nossas atividades, constitui-se num importante recurso desse córtex, regulando aspectos dependentes da programação, coordenação e verificação da atividade, além de muitos outros (Luria, 1981;1966): caso das emoções, suas manifestações externas, a inibição exercida sobre os circuitos emocionais, bem como outras formas de direcionamento da atividade dirigidas a uma maior satisfação da personalidade. São aspectos bem importantes, pois, como vimos, uma das razões do interesse de Vigotski por Espinosa residia nas soluções do filósofo acerca da compreensão e regulação dos afetos.

A natureza fluida, posterior à consolidação da aprendizagem, dos planos motores

²²⁷ Circuitos emocionais mostram-se ativos na sua função de atuar como centros de recompensa/punição, servindo tanto à continuidade ou interrupção do processo regulador baseado na fala (no córtex pré-frontal), quanto à sua preparação do sistema nervoso autônomo e sua participação no estado de alerta.

²²⁸ O autor soviético relata casos indicativos de que a tomada de decisão é processo coordenado pelo córtex pré-frontal, incluindo os impulsos oriundos do sistema límbico. Um grave distúrbio de pacientes com maciças lesões frontais costuma ser a completa passividade comportamental: eles não experimentam desejos e não fazem solicitações, até mesmo quando estão famintos. Perdem por completo a função reguladora da fala, o seu papel voluntário e socializado, tal como idealizado por Vigotski (2000). Já lesões nas regiões basais (ou orbitárias) do córtex pré-frontal evidenciam a diferença entre a regulação motora, a ele relacionada, e a inibição de centros emocionais: como se elimina a função inibitória de centros relacionados à emoção, esses pacientes mostram uma acentuada impulsividade, desinibição generalizada, explosões emocionais violentas de agressividade e violência, sem nenhum comprometimento motor associado (Luria, 1981, p.192-194).

(exemplo: digitar um texto, jogar tênis, escrever uma carta) tende a mascarar a importância das dimensões perceptuais, receptivas e emocionais, não menos culturizadas, no processo de realização do plano voluntário²²⁹. As emoções, as percepções e as memórias (modalmente específicas: auditiva, visual etc e impregnadas por meios culturais), associando-se e integrando tanto os processos analíticos e decisórios quanto a atividade em-si exercem, pois, funções na conduta voluntária. A tendência civilizadora de acreditar na supremacia da vontade sobre a emoção ignora a imbricação de ambas, equivocando-se apostando na existência de um corpo e uma mente feitos personalidade, destituídos de história pessoal, de desejos e sofrimento, servis a qualquer injunção, além de desconsiderar a variedade intrínseca à formação dos sistemas psicológicos e à atividade consciente.

O problema da regulação tanto da vivência quanto das manifestações comportamentais das emoções expressava-se de forma particularmente dramática no trabalho do ator. Já em 1932, tratando dos sistemas de representação teatral como recursos para a produção dos sentimentos do ator:

²²⁹ A região pré-frontal (ver Figura 7) mantém conexões recíprocas com praticamente todas as outras áreas encefálicas. Segundo Luria (1981), tem amplas funções regulatórias: dos estados de atividade, dos movimentos e ações/das funções executivas, das ações mnemônicas e intelectuais, consciência de si próprio/personalidade. Esse grande centro de integração cerebral é ímpar pela quantidade de informações processadas, vindas tanto do interior como do exterior do organismo. Córtex motor e pré-motor (o qual desenha o plano comportamental propriamente dito) são compostos por neurônios piramidais gigantes que se encarregam, no córtex motor, da contração de grupos musculares específicos. A função geral do pré-motor é a integração de impulsos motores no tempo, ou seja, a elaboração do plano geral do movimento. Para tanto, existe um processo de “inervações” e “desnervações”, na maior parte das vezes comandadas conscientemente a partir da região pré-frontal. O “domínio” imediato – ou seja, a ativação/inibição – do córtex pré-motor é feito por áreas difusas na própria subdivisão pré-frontal. Formas complexas de atividade humana dirigidas a metas são realizadas aí. Área motora e pré-motora se relacionam com as zonas sensoriais pós-centrais para conferir a realização de movimentos, conhecendo qual a posição dos músculos envolvidos a cada momento. São estruturas fundamentais na dimensão voluntária de diversas funções psíquicas superiores.

[...] Stanislavsky expresses the involuntary quality of feeling in a certain situation. Stanislavsky says that feeling cannot be commanded. We have no direct power over feeling of this nature as we have over movement or over the associative process. But if feeling “cannot be evoked... voluntarily and directly then it may be enticed by resorting to what is more subject to our power, to ideas” [...]. Actually, all contemporary psychophysiological investigations of emotions show that the path to mastery of emotions, and, consequently, the path of voluntary arousal and artificial creation of new emotions, is not based on direct interference of our will in the sphere of sensations in the way that this occurs in the area of thinking and movement. (Vigotski, 1932/1999c, p.243)

O realismo emocional de Stanislavski transcendia a mecânica simulação comportamental das mímicas faciais e estereótipos gestuais da emoção do ator, defendendo o efetivo despertar também da sua dimensão vivencial. O que para muitos era uma misteriosa questão, uma espécie de dom de certos atores, ele concebia como capacidade a ser desenvolvida. O despertar involuntário da emoção seria provocado artificialmente por uma preparação prévia de todo o elenco (a ação de um ator é fundamental para o trabalho de outro) e de cada ator nele. Era um problema, pois, *técnico*: as idéias, a compreensão íntima do personagem, as memórias emocionais do ator, as ações do ator na peça, as circunstâncias da criação do papel (acontecimentos, época, tempo e local da ação; figurino, iluminação, cenário etc), organizavam para a platéia e o ator um clima tanto externo quanto interno propícios ao sentimento artístico, cuja emergência tinha a mesma qualidade natural e involuntária do sentimento comum²³⁰. A emoção do ator é reação emocional real (com vivências e mudanças

²³⁰ “Frequentemente esse clima influenciava a alma dos atores. Estes sentiam a verdade externa, e as lembranças íntimas de suas próprias vidas ligadas a essa verdade ressuscitavam em suas almas, tirando delas aquele sentimento de que fala Tchekov. Quando o artista parava de interpretar e começava a viver a vida da peça, transformava-se em seu protagonista. O protagonista de uma peça refletia naturalmente a alma do artista.” (Stanislavski, 1934/1989, p.307). E sobre o caráter involuntário do sentimento artístico: “Dizem que em mim o papel saiu por si mesmo [...] mas eu não reparei de onde veio. Os procedimentos técnicos da representação me empurraram para a verdade e a sensação de verdade é o melhor excitante do sentimento, da emoção, da imaginação e da criação” (Stanislavski, 1934/1989, p.165)

corporais), conquanto, segundo Vigotski, diferente das reações da emoção cotidiana, por ser dotada do caráter inteligente presente em toda emoção artística. A preparação do ator, os estudos do papel, buscava mimetizar os seus estados d'alma da personagem, saltando, por exemplo, da solidariedade de um leitor qualquer à identificação com ela: a simples imitação dos afetos convertia-se num recurso artístico poderoso.

Sua compreensão da personagem, entretanto, já era por si mesma não fria e lógica, como a do cientista que analisa o micróbio, mas a do ator que compreende sensibilizando-se; emociona-se intelectualmente. Stanislavski considerava que os elementos cênicos podiam mesmo transportar o ator casualmente à emoção, sem nenhuma preparação, a partir da semiótica de seu tempo (objetos de cena, ruídos etc facilitavam esse processo). Um dos mais poderosos recursos do diretor era a descrição interna, prévia, das mudanças afetivas da personagem, no transcorrer da peça. E a ação. “Se o corpo não passa a viver, a alma tampouco terá fé” (Stanislavski, 1934/1989, p.230).

Corolário: o diretor era de um radical monismo prático.

Distrair os sentidos com uma certa semiótica. Pensar o pensamento alheio. Imaginar e simular estados internos e mímicas. Como em Espinosa, em Stanislavski o mundo percebido é um mundo de signos que nos afetam singularmente, da espontaneidade e da aparência, é o mundo dos encontros e não das próprias coisas. Na emergência das emoções do ator, sintetizam-se e se reconfiguram, pois, num todo perpassado por objetivos artísticos, recursos e propriedades da natureza humana que utilizamos na vida cotidiana. Na regulação do próprio sentimento, desenha-se uma via cultural mais complexa que a da regulação da

própria conduta presente noutras funções psíquicas como memória, atenção e pensamento, pois se demanda, além de signos, também a mediação de outras funções psíquicas superiores.

Stanislavski era um tanto espinosano (talvez sem o saber), pois também criou um meio de regulação dos afetos pela razão e vice-versa; elementos tanto exclusivamente dependentes da própria pessoa, quanto do encontro com as demais. A diferença básica para com Espinosa é que, ao holandês, interessava a ordenação das paixões, sua transformação em ações, o predomínio das alegres. A emoção/afeto artística(o), até onde sabemos, não foi um objeto muito importante em suas reflexões. Mas, a Stanislavski, interessava todo o espectro humano do sentir, falar, agir em forma artística; tendo algumas recompensas no sucesso junto ao público e na satisfação do seu intransigente desejo criador. A fé e o sentimento de verdade, tornaram-se, então pilares de seu sistema.

Fundamento inteligente que reproduz, pois, o nosso próprio e inescapável mergulho no mundo da necessidade, bem como as dimensões tanto ativas quanto passivas da consciência. Mas as emoções do ator, para Vigotski, são permeadas pela catarse, privando o ódio da ação destrutiva, a tristeza do gesto suicida – no seu caráter artístico, são emoções intensas, mas depuradas de seu fim. É na esfera da arte que a erva daninha das paixões estáticas encontra descarga, conversão de polaridade e ordenação racional.

10.3 – Nota metodológica. Questões pendentes

Nossas conclusões têm procurado transitar entre os diversos planos de conhecimento que permeiam a obra vigotskiana. Sua autora não está apta a julgar se os objetivos foram

cumpridos a contento, e independentemente da resposta, cabe-nos admitir que existem ainda inúmeras tarefas pendentes. Todos eles, segundo pensamos, dependem do necessário aprofundamento e radicalização da afirmação sintética de Vigotski, de que as emoções são funções psíquicas superiores (culturizadas).

A relação simbiótica entre arte e emoção determina a concepção vigotskiana tanto de uma quanto doutra, mostrando como, no sentimento comum e no artístico, somos individualidade perpetuamente carente de uma socialidade marcada mais por pistas do interno que a sua revelação, mais pelo desencontro que pelo encontro, circunstâncias, modalidade discursiva, recursos pessoais, intencionalidade: visamos a partilhar ou inocular desejos, trocar angústias, utilizando-nos de um vocabulário emocional permeado por intenções do falante e impactos no ouvinte. Voltamos, então, ao nosso início, no qual consideramos as emoções como uma questão política – uma questão de poder, que cedo se coloca nas interações humanas. Não admite Vigotski que a comunicação emocional é a primeira forma de atividade partilhada entre o bebê e seus cuidadores? Ou que a função emocional é a primeira das funções da fala? O modo como tal função se desenvolve é muito importante para o futuro da perspectiva histórico-cultural.

Podemos não nos referir às emoções e vivências, mas nem por isso elas deixam de permear nossa comunicação, sendo determinantes no poder que atravessa nossas relações. O fato de o discurso sobre elas apresentar-se com maior frequência na vida privada que na pública, no mundo doméstico que no do trabalho, informa mais sobre a natureza cindida do nosso cotidiano que sobre a sua real natureza. Consideramos, no entanto, que a reprodução deste equívoco na psicologia constitui-se num sério erro teórico-metodológico que toma o

invisível como inexistente. Como afirma Kagan: “Emotions are like the weather. There is always some form of weather, but we award special status to the infrequent, distinct arrangements of humidity, temperature, and wind velocity called hurricanes, blizzards, and thunderstorms.” (2007, p.22). Não era a metodologia vigotskiana orientada, em parte, pelo desafio de tornar observáveis processos de desenvolvimento ocultos aos cientistas de sua época? Mas admitimos que se trata de um problema metodológico bastante delicado.

Nosso desejo imediato é o de interromper o trabalho, saindo à francesa. Por ora distantes da definição de pesquisas concretas, preocupando-nos apenas com aspectos mais gerais de uma metodologia, não trabalhamos aqui com propostas de pesquisa determinadas. Gostaríamos apenas de anotar alguns aspectos úteis: por exemplo, uma análise estrutural e funcional das emoções precisaria cobrir-nos de um olhar mais detalhado sobre elas – identificando suas funções nas diversas modalidades de linguagem; as manifestações em cada uma, configurando complexos estruturais distintos, pois não são puramente subjetivas nem objetivas: produzem um e outro tipo de manifestação (vocabulário específico, entonação, gestualidade, mímica, ritmo; pontuação, descrição verbal, versificação e outros recursos escritos); dependem das circunstâncias de sua produção, influenciando a dinâmica de poder em diversas formas de relação social (de trabalho, namoro, amizade etc). Esses elementos implicam em modos como um complexo de manifestações emocionais diferentes será selecionado ou descartado em cada cultura e tipo de relação social. Podemos, ainda, priorizar sua análise a partir de situações, com a participação de conceitos como posição interna e situação social, ambos fundamentados nos textos pedológicos de Vigotski. Como o autor unificava objetivo e subjetivo na noção de estrutura, parece-nos relevante que futuras

pesquisas possam descrever esses complexos estruturais, atentando para o problema investigado (leia-se a citação na página 222-223 deste trabalho) e a integração dos diferentes eixos de estudo necessários à perspectiva histórico-cultural.

Engelmann (1978, p.60), comenta a divergência dos pesquisadores experimentais de humanos e animais acerca dos comportamentos considerados emocionais e dos motivacionais. A questão é bastante relevante para nós: num Vigotski (1934/2001a) abordado a partir de Espinosa, podemos afirmar que o desejo coloca-se *no interior* da vida emocional. Emoção e desejo constituem um todo sob o ponto de vista tanto de um método de conhecimento como dos métodos práticos de pesquisa, pois, apoiando-nos nos defensores da inexistência da neutralidade afetiva, podemos afirmar que raramente uma necessidade/desejo se estabelece; é satisfeita(o), ou frustrada(o), sem implicar manifestações emocionais. Mas isso depende, ainda, de um olhar mais refinado para os diversos tipos de necessidade/desejo e suas relações com as sensações do corpo (ver itens 7.2 e 7.4).

Quanto à análise dramática da vida da personalidade, da emoção como função social, a arte literária pode nos fornecer idéias para uma metodologia de pesquisa, pois, como já comentamos sobre Vigotski (1916/1999f), reconstitui a totalidade de vivências e interações humanas em toda sua profundidade afetiva (fato acentuado na peça shakespereana), em que uma pessoa age em função de outra, do tempo e da situação. São exemplos: a permanente sensação de nulidade do adulto Kafka, lembrando-se de uma noite na qual, após pedir água, fora posto na varanda pelo seu irascível pai; o êxtase sexual de Ana ao, no trem, fazer o amor

com seu longamente desejado Grein (e o de Grein ao redescobrir sua potência)²³¹; o ciúme de Bentinho por Capitu, no desfecho do Dom Casmurro, ou o de Otelo ao matar a esposa, e outras vivências emocionais muito mais complexas, contextual e singularmente demarcadas, às quais não cabe um nome comum na língua, mas que poderiam até ser batizadas com o sobrenome de seu autor: woolfianas, joyceanas, beckettianas, cortazarianas; sociais na sua gênese, consciência e catarse na sua comunicação. Espinosa não nos avisa de que elas podem se misturar, tornando-se até francas expressões de conflitos? Se de um lado, por exemplo, um fato é desejado, pode também ser temido, e essa unidade conflituosa da vida em sociedade é consubstanciada nos significados. Podemos, tendo em vista essa dinâmica, descobrir o potencialmente contraditório sentido de uma atividade? Conhecendo o desejo e a necessidade, definindo-as, conhecemos uma situação objetiva de inveja, ódio, amor para a pessoa? Elas sempre podem se tornar conhecidas? De que modo?

É assim que, falando hipoteticamente, a mudança de qualquer elemento essencial de uma situação vivenciada ou observada, pode, dado seu caráter dinâmico, significar a mudança do próprio complexo estrutural que reconhecemos como uma emoção. Já que o desejo de Vigotski era construir uma teoria capaz de abarcar as múltiplas manifestações da vida emocional explicando sua causalidade²³², defendemos, pois, que a pesquisa histórico-cultural seja feita especialmente a partir de complexos estruturais linguisticamente demarcados e

²³¹ Referimo-nos, nos dois primeiros casos, à “Carta ao Pai” (Kafka, 1919/2003, p.80) e às “Sombras sobre o Rio Hudson” (Singer, 1957-1958/1999, p.147-148).

²³² Vemos similaridade entre essa idéia e a de Engelmann (1978, p.19): um cientista poderia desejar verificar objetivamente quais modificações do corpo de alguém levam à inferência do interlocutor, de que a pessoa está “contente”, podendo compará-las a outras modificações. LeDoux (1996) relata pesquisas cognitivistas que mostram a dependência desses enunciados não apenas frente às modificações no corpo do sujeito observado, mas das situações nas quais ele se inclui. Engelmann (1978, p.59-79) relata, de forma aprofundada, os diferentes métodos de observação, diretas ou através de instrumentos, utilizados na pesquisa sobre emoções (e conceitos afins), as modificações de diferentes parâmetros (movimentos do corpo, alterações fisiológicas; produtos de movimentos diretamente observáveis, de relatos verbais etc)

discernidos por culturas particulares, cujas significações relacionam-se a múltiplas determinações. Não haveremos de supor – só para mencionar numa cidade – a igualdade entre o português falado pelos jovens da favela de Heliópolis ou os idosos dos Jardins. Não são o amor, o desejo, o ódio, a felicidade, partes de complexas posições de vida, de projetos sócio-políticos divergentes? Acompanhando Kagan (2007), e, como Vigotski (1933/2004), considerando que o problema da classificação das emoções é secundário, não defendemos, pois, a definição de um grupo de emoções básicas, mas um olhar para a formação da personalidade como processo cultural, sem excluir as questões mais gerais implicadas na emoção humana²³³. Se desejamos uma psicologia histórico-cultural, cremos ser fundamental, enfim, partir da realidade particular, transitando aos níveis do universal e do singular, em suas múltiplas determinações. Não há vida emocional dissociada da vida concreta, no sentido materialista dialético do “concreto”: “concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é, unidade do diverso” (Marx, 1957/1999, p.39).

A pesquisa da ontogênese das emoções e vivências (categorias que, de início, são quase coincidentes na obra de Vigotski) era tema caro ao autor e referia-se a uma das esferas

²³³ Um outro aspecto do método histórico-cultural – a busca das generalidades da vida emocional culturizada através da análise de diversas formações sócio-culturais – tem sido objeto de animados debates. A enorme variabilidade das emoções entre as culturas é o principal deles. Abundam os dados antropológicos referentes à questão: pesquisa na base de dados JSTOR, abreviatura de *Journal Storage*, contendo textos completos em ciências sociais (principalmente artigos em inglês), a partir do descritor “emotion”, mostra como os referenciais teóricos também são variados, oscilando da psicanálise à etnolingüística culturalista (exemplos: Obeyesekere e Nuckolls, in Harkin, 2003; Rosaldo, 1983). Completamos nosso levantamento neste assunto com os livros da biblioteca do IPUSP. Na literatura de língua inglesa, podemos concluir que há três grandes fontes no debate sobre a inscrição das emoções na cultura e a descrição das teorias psicológicas espontâneas, as *folk psychologies*: a etnopsicologia culturalista (Lutz, 1988), o cognitivismo e o construcionismo social (Ratner, 1995; Kövecses, 1990; Gottfried & Jow, 2003 e muitos outros). Algumas dessas fontes, ao invés de pesquisar as emoções como constructos psicológicos abstratos e a-históricos, prezam a diversidade cultural e a conseqüente diversidade das emoções humanas e da linguagem que as denomina, tal como propunha Vigotski (embora sem coincidir com ele em vários aspectos). Lutz (1988), por exemplo, interage com a vida emocional tal como esta se apresenta, *in loco*, como parte da estrutura dos acontecimentos cotidianos do povo Ifaluk.

epistemologicamente mais bem desenvolvidas de sua obra. Por esta razão, empreendemos uma pesquisa em bibliotecas e bases de dados, localizando interessantes pesquisas recentes, com as quais acreditamos ser possível estabelecer relações, tanto no âmbito experimental quanto etnográfico²³⁴.

Imiscuindo-se nessas questões de pesquisa, acreditamos que é justamente no sentido metodológico mais geral que a obra espinosana pode assumir um papel importante (ver a dinâmica afetiva resumida na página 190 deste trabalho), mesmo pelas razões pontuais de elogio do bielo-russo. Sua influência na idéia vigotskiana de emoção pode ser percebida em vários textos, embora nunca de forma singular, separada de outros autores, mas numa espraçada presença. Seu monismo dá uma estocada fatal nas doutrinas que separam radicalmente mudanças ou afecções como fome, frio ou sede de outras como amor e

²³⁴ Em março de 2006 realizamos levantamentos sobre o desenvolvimento das emoções na infância numa base de dados dirigida à psicologia: a CSA (Cambridge Scientific Abstracts e seus parceiros). Da Science Direct, que contém sites com textos completos, e referência a periódicos que puderam ser localizados no IPUSP e no Portal de Periódicos da CAPES, pudemos fazer uma análise mais detalhada. Procuramos direcionar nosso olhar para as pesquisas envolvendo o desenvolvimento da linguagem e sua relação com as emoções na infância. Também, a partir do levantamento, encontramos volumes especiais sobre o desenvolvimento da relação linguagem X emoção na infância (caso de vários trabalhos de Saarni, 2001, e de Holodynski, 2004). Os trabalhos que encontramos retratam uma psicologia da linguagem cuja preocupação é mensurar o vocabulário emocional utilizado por crianças, ou a quantidade de expressões faciais indicativas de emoções que elas são capazes de identificar a cada idade; produzindo dados normatizadores que recortam sua palavra de forma fragmentária, impessoal (Aldridge & Wood, 1997; Doost et al., 1999); muitos, de fundo etológico, enfocam apenas a análise da comunicação não-verbal (Tronick, 1989), com tendência à psiquiatrização do comportamento; outros estudos, funcionalistas, procuram identificar os modos de desenvolvimento da interpretação das emoções de outras pessoas pela criança, bem como de outros parâmetros de competência emocional emergentes nas interações sociais (Saarni, 2001). O problema da auto-regulação das emoções também surge com frequência – destaque para os trabalhos de Holodynski (2004), Holodynski e Friedlmeier (2006), ambos inspirados em Vigotski. Neste vasto conjunto, identificamos não apenas um crescimento do conhecimento do assunto desde a época de Vigotski, como também das técnicas de coleta e análise de dados no que toca à pesquisa do desenvolvimento emocional. Na biblioteca do IPUSP, localizamos algumas interessantes pesquisas brasileiras: uma delas, por exemplo, trata do desenvolvimento de conceitos sobre processos emocionais entre crianças e adolescentes (Souza & Ramires, 2006). Sobre o processo de aquisição do vocabulário especificamente emocional das crianças, destacamos o texto de Alves & Engelmann (2000). Mas precisamos considerar que esta é apenas uma das partes da constituição de uma análise do desenvolvimento numa perspectiva vigotskiana.

vergonha, desprezando tanto os impactos mentais das primeiras quanto as implicações corporais das últimas. Seus afetos têm uma expressão predominante no corpo ou mente; como, assim determinava Vigotski, se expressa na lei do consumo unipolar de energia: Espinosa não traz uma “luta de classes” para o interior da psicologia, atribuindo necessidades corporais a algumas classes e elevadas a outras.

As similaridades Vigotski-Espinosa, no que diz respeito à afetividade humana, estão no racionalismo, no monismo da relação mente-corpo, no caráter marcadamente social da afetividade, num determinismo multicausal, no interesse pela regulação dos afetos, na defesa da sua diversidade e singularidade, na diferenciação de afetos ativos/passivos e de humanos e animais. As dessemelhanças apresentaram-se neste trabalho, como vimos, no papel atribuído à matemática (apontamento marcado pela incompletude da obra vigotskiana) e nas idéias de pensamento e imaginação. Os aspectos mais difíceis, contudo, que não chegamos a abordar neste trabalho, referem-se aos conceitos de liberdade e natureza em ambos os autores²³⁵.

O bielo-russo considerava Espinosa materialista. Mas a qual aspecto filosófico se referia? Um simples olhar em Bottomore (2001, p.254-263) mostra-nos os desdobramentos internos do conceito de materialismo como problema filosófico (ontológico, epistemológico, prático) e histórico, além das intenções políticas dos clássicos do marxismo ao defender uma postura materialista.

Para o futuro, pode ser interessante o estudo do materialismo de Vigotski, lembrando que ele não foi o único marxista, ou estudioso do marxismo, a aproximar-se de Espinosa: Chauí (2005, p.73) aponta, por exemplo, a existência de defensores da importância de

²³⁵ O primeiro, como analisamos defeituosamente noutro trabalho, construiu-se a partir de tendências marxistas e espinosanas (Toassa, 2004a).

Espinosa na obra de Marx. E temos também o marxismo estruturalista de Althusser (1976)²³⁶.

Para Espinosa nada está fora da natureza; para Vigotski, natureza e cultura estabelecem perpendiculares tensionadas no processo de formação do objeto psicológico: a consciência. Mas, problemas de relação com Vigotski, e mesmo com o marxismo de modo geral, podem ser apontados: o holandês produziu suas obras há vários séculos, ainda no correr do capitalismo mercantil; modo de produção que sofreu profundas mudanças desde então. Além disso, no que sabemos, Espinosa não dispõe o trabalho no centro da ontologia do ser social. Entretanto, sua concepção de homem faz dos afetos e da carência humana um problema ineliminavelmente social e político, e neste aspecto, também se aproxima das idéias sobre necessidade no materialismo histórico.

Também, resta pendente a reflexão sobre o estatuto de realidade que Vigotski atribuía às emoções, vivências e outros processos psíquicos.

Katherine: _ Ocorreu-me no metrô, outro dia – resumiu, com um sorriso. – O que é que faz essas pessoas irem para um lado e não para outro? Não é amor; não é razão; acho que deve ser alguma idéia. Talvez, Mary, as nossas afeições sejam a sombra de um idéia. Talvez não exista uma coisa como a afeição em si... [...]

Mary: _ Tenho uma maneira de pensar diametralmente oposta, sabe?

Katherine: _ Sim, sei – disse, encarando-a como se agora, talvez, ela estivesse pronta a explicar alguma coisa muito importante.

Mary não pôde deixar de sentir a simplicidade e a boa fé que jaziam por detrás das palavras de Katherine.

Mary: _ Acho que a afeição é a única realidade. (Woolf, 1919/1986, p.238)

²³⁶ O desvio de Althusser através de Espinosa visava a compreender o desvio de Marx através de Hegel, autores entre os quais teria havido uma radical ruptura epistemológica. O autor assinala a semelhança entre o critério intrínseco da verdade para Espinosa "*Verum index sui et falsi* " (a verdade é indício de si mesma e do falso), e a importância da prática como evidência da verdade filosófica, para Marx. Althusser defende que Espinosa teria criado um materialismo do imaginário tal como vivido pelos homens na sua prática vital, muito mais dependente dos afetos do que pensava a teoria. Rejeita, também, a teleologia hegeliana que muitos atribuíam a Marx, preferindo encará-lo numa perspectiva não-evolucionista.

A pergunta de Katherine que instiga Mary também nos instiga, e a Vigotski, que desejava incluir a emoção no plano do real, e, de fato, reconheceu-lhe uma realidade *sui generis*, pela lei da realidade dos sentimentos; às vivências, reconheceu seu impacto nas interações humanas que se apresentavam à clínica pedológica. Contra a tendência a robotizar os homens, a descartá-las, a diminuir sua importância na psicologia, opõe-se o reconhecimento de sua realidade na dinâmica da vida concreta: o cenário de elaboração de sua concepção foi a defesa das emoções como funções psíquicas superiores (culturizadas), e das vivências como unidade sistêmica da consciência, uma clara tentativa de negação de uma existência cega, em-si, para uma existência dialética, feita de relações complexas com as idéias, as coisas e, especialmente, as pessoas. Podem ser desqualificadas como mentiras as memórias de uma carne e um pensamento? Podem ser descartáveis as profundas relações entre emoções e personalidade, vivas na obra do bielorusso? Não é a vivência um encontro entre personalidade e meio, um todo singular que supera suas partes isoladas, portando características tanto duma quanto doutra parte? Na berlinda, fica tanto a busca do autor por uma compreensão da diversidade, da determinidade, dos paradoxos, dos absurdos das emoções e vivências humanas – do grão-senhor que chora no teatro, tocado por um drama sensível, enquanto seus cocheiros congelam na rua – quanto sua crítica do pequeno calibre dos sentimentos no cotidiano, do amesquinhamento da vida emocional do velho escriturário de Tchekov, expressa metaforicamente na sua ignorância quanto aos muitos pontos de exclamação que existiam:

Durante todos os seus anos de trabalho o único sinal que nunca teve a oportunidade de encontrar foi o ponto de exclamação; através da mulher, que havia decorado as regras de pontuação no colégio interno, ele fica sabendo que o ponto de exclamação se coloca em expressões de êxtase, admiração, fúria, indignação e outros sentimentos afins. Eram esses sentimentos que o funcionário nunca deparara em sua vida, e uma sensação de infinda amargura pela vida tolamente vivida, uma indignação e uma revolta o faziam pela primeira vez experimentar uma forte explosão e, depois de assinar o livro de felicitações da chefia, colocar três grandes pontos de exclamação.

Se não quisermos que os nossos educandos repitam a vida mesquinha do funcionário de Tchekov devemos nos preocupar com que o êxtase, a indignação e outros sentimentos não passem à margem de sua vida e que nela haja mais sinais de pontuação. (Vigotski, 1926/2001c, p.145)

Expressamos um desejo, um convite, com muitos pontos de exclamação invisíveis; diríamos, mesmo, que exclamações em número equivalente ao de caracteres nesta tese de acidentada e difícil execução: o desejo de que o paciente leitor, nosso abstrato companheiro nessas mais de 300 páginas, tenha podido refletir conosco. E que venhamos, futuramente, a debater as bonitas questões impostas por um dos grandes autores da história da psicologia, tão brilhante na vida, quanto incompreendido na morte.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N (2000). *Dicionário de filosofia* (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA U.R.S.S. (1960) *História da U.R.S.S.: época do socialismo (1917-1957)*. São Paulo: Grijalbo.

ALDRIDGE, M., & WOOD, J. (1997) Talking about feelings: young children's ability to express emotions. *Child Abuse & Neglect*, 21 (12), 1221-1233.

ALIC, M. (s/d) *Kagan, Jerome (1929-)*. Encyclopedia of Psychology by Margaret Alic. Recuperado em 25 de novembro, 2008, de *Encyclopedia of Psychology* web site: http://findarticles.com/p/articles/mi_g2699/is_0005/ai_2699000518.

ALMEIDA, S.H.V. (2004) *O conceito de memória na obra de Vigotski*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ALVES, J.M., & ENGELMANN, A. (2000) Relatos verbais maternos sobre palavras de estados subjetivos que seus filhos pequenos entendem e/ou falam. *Humanitas*, 16 (1/2), 75-85.

ALTHUSSER, L. (1976) *Essays in Self-Criticism*. Recuperado em 9 de dezembro, 2008, de From Marx to Mao web site: <http://www.marx2mao.com/Other/ESC76.html>.

AMÍCOLA, J. (1997) *De la forma a la información: Bajtín y Lotman en el debate con el formalismo ruso*. Rosario: Beatriz Viterbo.

ANDRADE, F.D. (1998) Em que sentido se pode afirmar que a geometria da *Ética* é apropriada, adequada e necessária ao seu conteúdo? *Cadernos Espinosanos*, 3, 9-16.

ANDRADE, H.F. (2005) Breves noções sobre o simbolismo na Rússia. In: A. CAVALIERE, E. VÁSSINA, & N. SILVA (Orgs.) *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental* (pp.143-153). São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

ANTÓNIO, J.L. (s/d) *Impressões da cidade em palavras-pinceladas de uma poesia-pintura de Cesário Verde*. Recuperado em 17 janeiro, 2007, de Projecto Vercial web site: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio23.htm>.

ARISTÓTELES. (1996) *Poética. Organon. Ética a Nicómaco*. São Paulo: Editora Nova Cultural.

AUSTEN, J. (1996) *Razão e sensibilidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Trabalho original publicado em 1811).

BAILLAUD, B., & CORNICK, M. (2004) Jean Paulhan's Influences: The Review Demain. *Yale French Studies*, 106, 11-25.

BAKHTIN, M. (1992) *Estética da criação verbal*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

BALDWIN, A.L. (1973) *Teorias de desenvolvimento da criança*. São Paulo: Pioneira.

BARROCO, S.M.S. (2007) *A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L.S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP.

BAUER, R.A. (1952) *The new man in soviet psychology*. Boston: Harvard University Press.

BEARDSLEY, M.C. (2003) *Theories of beauty since the mid-nineteenth century*. Recuperado em 04 outubro, 2006, de The Dictionary of the History of Ideas web site: <http://etext.virginia.edu/cgi-local/DHI/dhi.cgi?id=dv1-29>.

BERDIAEV, N. (1951) *Les sources et le sens du communisme russe*. Paris: Gallimard.

BESANÇON, A. (1977) *Les origines intellectuelles du léninisme*. Paris: Calmann-Lévy.

BEZERRA, P. (2001) Prefácio à edição brasileira. In: L.S. VIGOTSKI. *Psicologia da arte* (pp.XI-XVIII). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1999) Um crítico muito original. In: L.S. VIGOTSKI. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca* (pp.IX-XV). São Paulo: Martins Fontes.

BIÉLI, A. (2005) Simbolismo e arte contemporânea russa. In: A. CAVALIERE, E. VÁSSINA, & N. SILVA (Orgs.) *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental* (pp.245-264). São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

BOFFA, G. (1998) Stalinismo. In: ISTITUTO DELLA ENCICLOPEDIA ITALIANA. *Enciclopedia delle scienze sociali* (Vol. 8). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

BONIN, L.F.R. (1996) *A teoria histórico-cultural e as condições biológicas*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BOTARELLI (2002) *Exclusão e sofrimento: o lugar da afetividade em programas de atendimento às famílias pobres*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BOTTOMORE, T. (2001) *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOZHOVICH, L.I. (2004) L.S. Vygotsky's Historical and Cultural Theory and Its Significance for Contemporary Studies of the Psychology of Personality. *Journal of Russian and East European Psychology*. 42 (4), 20-34 (Trabalho original publicado em 1988).

BRASIL. (1988) Constituição da República Federativa do Brasil (Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 56 de 20 de dezembro de 2007). Acesso em 10 de novembro de 2008, de Senado Federal web site: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const>.

BRENNER, L. (1984) *The Iron Wall. Zionist Revisionism from Jabotinsky to Shamir*. Recuperado em 04 janeiro, 2007, do Marxists Internet Archive web site: <http://www.marxists.org/history/etol/document/mideast/ironwall/02-ruszion.htm>.

BRISTOL, E. (1999) Turn of a century: 1895-1925. In: C.A. MOSER (Ed.) *The Cambridge history of russian literature* (pp.387-457). Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.

BRODERSEN, A. (1958) New Trends in Soviet Social Theory. *American Slavic and East European Review*, 17 (3), 282-292.

CAIRNS, R. B. (1983). The emergence of developmental psychology. In P. H. Mussen (Ed.), *Handbook of child psychology* (Vol. 1, pp. 41-102.). New York: John Wiley & Sons.

CAMARGO, D. (1997) *As emoções no processo de aprendizagem*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CARMICHAEL, J. (1967) *História resumida da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Zahar.

CARPINTERO, H. (1987) La evolución de la escuela psicológica rusa: ¿un caso singular? In: M. SIGUÁN (Coord.) (1987) *Actualidad de Lev S. Vigotski* (pp.20-32). Barcelona, Espanha: Anthropos.

CASTEL, P-H. (2001-2002) *Vous avez dit "signifiant"? (Seminaire)*. Recuperado em 23 setembro, 2007, da Pierre-Henri Castel page: <http://pierrehenri.castel.free.fr/S%E9minaires/signifiant251001.htm>.

CAVALIERE, A., & VÁSSINA, E. (2005). O simbolismo no teatro russo nos inícios do século XX: faces e contrafaces. In: A. CAVALIERE, E. VÁSSINA, & N. SILVA (Orgs.), *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental* (pp.107-141). São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES (2008). *Marque*. Recuperado em 10 de agosto de 2008, da Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales page: <http://www.cnrtl.fr/synonymie/marque>.

CHAUÍ, M.S. (1999a) *A nervura do real: Imanência e liberdade em Espinosa* (Vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras.

CHAUI, M.S. (1999b) *A nervura do real: Notas, bibliografia e índices* (Vol. 2). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2004) Vida e obra. In: B. ESPINOSA. *Textos escolhidos* (pp.5-20). São Paulo: Nova Cultural.

_____. (2005) *Espinosa: uma filosofia da liberdade* (2a ed.). São Paulo: Moderna.

COLE, M. (1992) Epílogo. Um retrato de Luria. In: A.R. LURIA, *A construção da mente* (pp. 193-228). São Paulo: Ícone.

CORNWELL, N. (1998) *Vladimir Odoevsky and Romantic Poetics: Collected essays*. Recuperado em 15 janeiro, 2006, do Google Books web site: <http://books.google.com/books?id=trSlzb7CcocC&dq=%22odoevsky%22&hl=pt-BR>.

CORTÁZAR, J. (s/d) *O jogo da amarelinha*. São Paulo: Círculo do Livro (Trabalho original publicado em 1963).

DAMÁSIO, A. (2004) *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.

DARWIN, C. (1934) *The expression of the emotions in man and animals*. London: Watts & Co. (Trabalho original publicado em 1872).

DELEUZE, G. (2002) *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1981).

DEPARTAMENTO DE DICIONÁRIOS DA PORTO EDITORA (2000). *Dicionário de alemão-português*. Porto, Portugal: Porto Editora.

DESCARTES, R. (2004) As paixões da alma. In: *Descartes* (pp.101-232). São Paulo: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1649).

DEUTSCHER, I. (1970) *Stálin: A história de uma tirania* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

DIDEROT, D. (2005) Paradoxo sobre o comediante. In: *Diderot* (pp.215-278). São Paulo: Abril Cultural (Trabalho original publicado em 1773).

DOMINGUE, E., & RARDON, J. (2002) Hugo Munsterberg (1863-1916). Recuperado em 17 novembro, 2006, do *History of Psychology 2002* web site: <http://www.earlham.edu/~dominel/webpage.htm>.

DOOST, H.T.N., MORADI, A.R., TAGHAVI, M.R., YULE, W., & DALGLEISH, T. (1999). The development of a corpus of emotional words produced by children and adolescents. *Personality and Individual Differences*, 27, 433-451.

DÓRIA, N.G (2004). O corpo na história: a dupla natureza do homem na perspectiva materialista dialética de Vigotski. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 56 (1). Recuperado em 16 de agosto, 2006, de: <http://seer.psicologia.ufri.br/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=35&layout=abstract>.

DOUGLAS, C. (1975) Suprematism: The Sensible Dimension. *Russian Review*, 34 (3), 266-281. Recuperado em 16 janeiro, 2007, de: <http://links.jstor.org/sici?sici=0036-0341%28197507%2934%3A3%3C266%3ASTSD%3E2.0.CO%3B2-U>.

ELIAS, N. (1994) *O Processo Civilizador: uma história dos costumes* (Vol.1, 2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1939).

ELKONIN, D.B. (1996a) Comentários. In: L.S. VYGOTSKI. *Obras Escogidas* (Vol. 4). Madrid: Visor.

_____. (1996b) Epílogo. In: L.S. VYGOTSKI. *Obras Escogidas* (Vol 4, pp.387-412). Madrid: Visor.

ELKONIN, D.B. (1998) *Psicologia do jogo*. São Paulo: Martins Fontes.

ENGELMANN, A. (1978) *Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*. São Paulo: Ática.

ENGELS, F. (1979) *A dialética da natureza* (3a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Texto original de 1883).

ESPERIDIÃO-ANTONIO, V., COLOMBO, M.M., MONTEVERDE, D.T., MARTINS, G.M.; FERNANDES, J.J., ASSIS, M.B. & BATISTA, R.S. (2008) Neurobiologia das emoções. *Revista de psiquiatria clínica*, 35 (2), 55-65.

ESPINOSA, B. (2008) *Ética* (2a ed.). São Paulo: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1677).

_____. (1988) *Spinoza: Correspondencia*. Madrid: Alianza Editorial. (Textos originais de 1661-1976).

_____. (2003) *Tratado Teológico-Político*. São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1670).

ETKIND, A.M. (1994) More on L. S. Vygotsky: Forgotten texts and undiscovered contexts. *Journal of Russian and East European Psychology*, 32(6), 6-34.

ETKIND, E. (1987) *Histoire de la littérature russe* (Tome 4). Paris: Fayard.

FERNÁNDEZ G., E. (1999) Dominio de los afectos. In: J. BLANCO-ECHAURI (Ed.). *Espinosa: Ética e Política* (pp.73-112). Encontro Hispano-Português de Filosofia, Santiago de Compostela: Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 5-7 de Abril de 1997.

FOLOMKINA, S., & WEISER, H. (1962) *The learner's english-russian dictionary*. Moscou: State Publishing House of Foreign and National Dictionaries.

- GARCIA-ROZA, L.A. (1974) *Psicologia estrutural em Kurt Lewin* (2a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- GIBIAN, G. (1976) Introduction. In: G. GIBIAN, & H.W. TJALSMA. *Russian modernism: Culture and the Avant-Garde* (pp.9-17). Ithaca, NY: Cornell University Press.
- GOLDER, M. (Org.) (2004). *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo*. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Atividade Pedagógica/Xamã.
- GONÇALVES, M. (2001) O autor e sua obra. In: K.S. STANISLAVSKI. *A preparação do ator* (pp.7-11). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GONZÁLEZ-REY, F.L. (1999) O emocional na constituição da subjetividade. In: S.T.M. LANE, & Y. ARAÚJO. (Orgs.) *Arqueologia das emoções* (pp.35-56). Petrópolis, RJ: Vozes.
- GOTTFRIED, G.M., & JOW, E.E. "I just talk with my heart": the mind-body problem, linguistic input, and the acquisition of folk psychological beliefs. *Cognitive Development*, 18, 79-90.
- GUIMARÃES ROSA, J. (2008) *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: MEDIAFashion (Trabalho original publicado em 1962).
- GUINSBURG, J. (2001a) *Stánislavski e o Teatro de Arte de Moscou*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2001b) *Stánislavski, Meierhold & Cia*. São Paulo: Perspectiva.
- GUYTON, A.C. (1993) *Neurociência básica: Anatomia e fisiologia* (2a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- HARKIN, M.E. (2003) Feeling and thinking in memory and forgetting: toward an ethnohistory of the emotions. *Ethnohistory*, 50(2), 261-284.
- HELLER, A. (2000). *O cotidiano e a história* (6a ed.). São Paulo: Paz e Terra.

HELLER, A. (1991) *Sociologia de la vida cotidiana*. 3. ed. Barcelona: Península.

HERCULANO-HOUZEL, S. (2008, setembro) De bem com seu cérebro. *Viver Mente & Cérebro*, 28-35.

HOLODYSKI, M. (2004) The miniaturization of expression in the development of emotional self-regulation. *Developmental Psychology*, 40 (1), 16-28.

HOLODYSKI, M. & FRIEDLMEIER, W. (2006) *Development of emotions and emotion regulation*. New York: Springer.

IVANOV, V.I. (2005) Duas forças no simbolismo moderno. In: A. CAVALIERE; E. VÁSSINA, & N. SILVA (Orgs.) *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental* (pp.197-244). São Paulo: Associação Editorial Humanitas.

IVANOV, V.S. (1999) Notas. In: L.S. VIGOTSKI (1916/1999) *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca* (pp.187-242). São Paulo: Martins Fontes.

JACÓ-VILELA, A.M., & MONTEIRO, D.B.R. (2005). Ribot e a concretude da experiência na psicologia francesa. In: T.A. RIBOT. *A lógica dos sentimentos* (pp.9-16). Rio de Janeiro: EDUERJ.

JAMES, W. (1967a) The emotions. In: C.G. LANGE, & W. JAMES. *The emotions* (pp.93-135). New York: Hafner (Trabalho original publicado em 1884).

_____. (1906) *L'expérience religieuse. Essai de psychologie descriptive*. Paris/Genebra: Felix Alcan.

_____. (1967b) What is an emotion? In: C.G. LANGE, & W. JAMES. *The emotions* (pp.11-30). New York: Hafner (Trabalho original publicado em 1884).

JAPIASSU, R.O.V. (1999) As artes e o desenvolvimento cultural do ser humano [versão eletrônica]. *Educação e Sociedade*, 20(69), 34-59. Recuperado em 25 de julho, 2006 da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br.

KAFKA, F. (2003) Carta a meu pai. In: *A Metamorfose. Um Artista da Fome. Carta a Meu Pai*. São Paulo: Martin Claret. (pp.77-117) (Texto original de 1919).

KAGAN, J. (2007) *What is emotion? History, Measures and Meanings*. New Haven: Yale University Press.

KNOX, J. (1996) Prefácio. In: L.S. VYGOTSKY, & A.R. LURIA. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança* (pp.17-49). Porto Alegre: Artes Médicas.

KÖVECSES, Z. (1990) *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag.

KOZULIN, A. (1990) *La psicología de Vygotski: Biografía de unas ideas*. Madrid: Alianza.

KOZYREV, A.V., & TURKO, P.A. (2000) Professor L.S. Vygotsky's "Pedological School". *Journal of Russian and East European Psychology*, 38 (6), 59-74. (Trabalho original publicado em 1936).

KRETSCHMER, E. (1954) *Psicología médica*. Barcelona, Espanha: Editorial Labor (Trabalho original publicado em 1922).

LANE, S.T.M., & ARAÚJO, Y. (Orgs.) (1999) *Arqueologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes.

LAPIDUS, B.A., & SHEVTSOVA, S.V. (1963) *The Learner's Russian-English Dictionary*. Cambridge, MA: M.I.T. Press.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J.-B. (2001) *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

LEDOUX, J. (1996) *O cérebro emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.

LÊNIN, V.I. (1919) *Anti-Jewish Pogroms*. Recuperado em 24 de setembro, 2006, do Marxists Internet Archive web site:
<http://www.marxists.org/archive/lenin/works/1919/mar/x10.htm>.

_____. (1982) *Materialismo e empiriocriticismo: notas críticas sobre uma filosofia reaccionária*. Moscou/Lisboa: Progresso/Avante (Trabalho original publicado em 1908).

_____. (1922) *On the Significance of Militant Materialism*. Recuperado em 05 de janeiro, 2009, do Marxists Internet Archive web site:
<http://www.marxists.org/archive/lenin/works/1922/mar/12.htm>.

LEONTIEV, A.A (2005). The Life and Creative Path of A.N. Leontiev. *Journal of Russian and East European Psychology*, 43 (3), 8-69.

LEONTIEV, A.N. (1996) Apêndice. In: L.S. VIGOTSKI. *Teoria e método em psicologia* (pp.425-470). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1991) Artículo de introducción sobre el labor creador de L. S. Vygotski. In: L.S. VYGOTSKI. *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.419-450). Madrid: Visor Distribuciones.

LEWIN, K. (1973) *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP (Trabalho original publicado em 1936).

_____. (1961) Intention, will and need. In: T. SHIPLEY. (Ed.) *Classics in psychology* (pp.1234-1289). New York: Philosophical Library. (Trabalho original publicado em 1926).

_____. (1999) The Conflict Between Aristotelian and Galilean Modes of Thought in Contemporary Psychology. In: M. GOLD (Ed.) *The Complete Social Scientist: A Kurt Lewin Reader* (pp.37-66). Washington, DC: American Psychological Association. (Trabalho original publicado em 1931).

LURIA, A.R. (1992) *A construção da mente*. São Paulo: Ícone.

LURIA, A.R. (1981) *Fundamentos de Neuropsicologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP.

_____. (1966) *Higher cortical functions in man*. New York: Basic Books/Consultants Bureau (Trabalho original publicado em 1962).

_____. (1988) Vigotski. In: L.S. VIGOTSKI, A.R. LURIA, & A.N. LEONTIEV. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (5a ed., pp.21-37). São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

LUTZ, C. (1988) *Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago: The University of Chicago Press.

LUTZ, C., & WHITE, G.M. (1986) The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, 15, 405-36.

MAIAKÓVSKI, V. (1971) Poesia e poética. In: B. SCHNAIDERMAN. *A Poética de Maiakónski através de sua prosa* (pp.139-242). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1922).

MARTIN, B. (1966) *The life and thought of Lev Shestov*. Recuperado em 15 de janeiro, 2007, de Lev Shestov web site: <http://www.shestov.by.ru/intro.html>.

MARX, K. (1999) Para a crítica da economia política. In: *Marx* (pp.25-54). São Paulo: Nova Cultural (Texto original de 1857).

MARX, K., & ENGELS, F. (1999) *A ideologia alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec (Trabalho original de 1845-1846).

MIRANDA, O. P. (1983) (Org.). *Trotsky: política*. São Paulo: Ática.

NAMURA, M.R. (2003) *O sentido do sentido em Vygotsky: uma aproximação com a estética e a ontologia do ser social de Lukács*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NEMETH, T. (2006) *Gustav Shpet (1879-1937)*. Recuperado em 04 de janeiro, 2006, de The Internet Encyclopedia of Philosophy web site: <http://www.iep.utm.edu/s/shpet.htm>.2006

NETTO, J.P. (1982) Introdução. In: J.V. STÁLIN. *Stálin: Política* (pp.9-36). São Paulo: Ática.

NOBEL FOUNDATION (1965). *Sir Charles Sherrington*. Recuperado em 18 de novembro, 2008 de http://nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1932/sherrington-bio.html.

OATLEY, K., & JENKINS, J.M. (1998) *Compreender as emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.

OJEGOV, S.I. (1968) *Slovar ruskovo izika*. Moscou: Enciclopédia Soviética.

ORWELL, G. (1999) *Down and out in Paris and London*. London: Penguin Books. (Trabalho original publicado em 1933).

OZELLA, S., & SANCHEZ, S.G. (2001) Breve histórico do desenvolvimento da pesquisa na perspectiva sócio-histórica na PUC-SP. In: A.M.B. BOCK, M.G.M. GONÇALVES, & O. FURTADO (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp.141-158). São Paulo: Cortez.

PAÁL, G. (2008) O despertar da deusa. *Mente & Cérebro*, Edição Especial, 7, 12-17.

PEREIRA JÚNIOR, L.C. (2006, janeiro) As incertezas da saudade. *Língua Portuguesa: Especial Etimologia*, 1, 36-37.

PESSANHA, J.A.M. (2004) Vida e obra. In: G. GALILEI. *O ensaiador*. São Paulo: Nova Cultural.

PESSOA, F. (2007) *Cancioneiro*. Porto Alegre, RS: L&PM. (Textos originais de 1902-1938).

PESSOTTI, I. (1979) Introdução. In: I.P. PAVLOV. *Pavlov: Psicologia* (pp.7-35). São Paulo: Ática.

PINO, A. (2000) O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade*, 21 (71), 45-78.

POLITZER, G. (1975). *Crítica dos fundamentos da psicologia*. (2a ed.). Lisboa: Editorial Presença. (Trabalho original publicado em 1928).

PRUCK, E. (s/d) *Russisch-Deutsch und Deutsch-Russisch*. Berlim: Axel Juncker Verlag

RATNER, C. (1995) *A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: Aplicações contemporâneas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

REIS FILHO, D.A. (2003) *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: UNESP.

REYNOL-FILHO, A. (1998) Espinosa e a ordem geométrica. *Cadernos Espinosanos*, 3, 17-30.

RIBAS, G.C. (2007) As bases neuroanatômicas do comportamento: histórico e contribuições recentes. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29 (1), 63-71. Recuperado em 10 de agosto, 2008 da SciELO (Scientific Eletrocnic Library On line): www.scielo.br.

_____. (2006) Considerações sobre a evolução filogenética do sistema nervoso, o comportamento e a emergência da consciência. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28 (4), 326-338. Recuperado em 10 de julho, 2008 da SciELO (Scientific Eletrocnic Library On line): www.scielo.br.

RIBOT, T.A. (2005) *A lógica dos sentimentos*. Rio de Janeiro: EDUERJ. (Trabalho original publicado em 1905)

_____. (1900) *Essai sur l'imagination créatrice*. Paris: Félix Alcan. Recuperado em 20 de julho, 2008, da Bibliothèque Interuniversitaire de Médecine page: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?52680>.

- ROBBINS, D. (2004) Guest Editor's Introduction. *Journal of Russian and East European Psychology*, 42 (4), 3-6.
- ROSALDO, M. (1983) The shame of the headhunters and the autonomy of the self. *Ethos*, 11 (3), 135-151.
- RUBINSTEIN, S.L. (1967) *Principios de Psicología General*. México, D.F.: Grijalbo (Trabalho original publicado em 1946).
- RUDNEVA, E.I. (2000) Vygotsky's Pedological Distortions. *Journal of Russian and East European Psychology*, 38 (6), 75-94 (Trabalho original publicado em 1937).
- RUDNITSKY, K. (1988) *Russian & Soviet Theatre: tradition & the avant garde*. London: Thames & Hudson.
- RUSSELL, J.A. (1989) Measures of emotion. In: R. PLUTCHIK; H. KELLERMAN (Eds). *The measurement of emotions*. Emotion, theory, research, and experience (Vol. 4, pp.83-111) San Diego, CA: Academic Press
- SAARNI, C. (2001) Cognition, context, and goals: Significant components in social-emotional effectiveness. *Social-Development*, 10 (1), 125-129.
- SANTOS, G.A. (1998) *Medo e exclusão social: um estudo sobre a morte, o medo dos pobres e o medo de pobres*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SAWAIA, B.B. (1999) O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: B.B. SAWAIA (Org.) *As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp.97-118). São Paulo: Vozes.
- _____. (2004) Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico? In: L. SOUZA, & Z.A. TRINDADE. (Orgs.) *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos* (pp.21-43). São Paulo: Casa do Psicólogo.

SCHNAIDERMAN, B. (1971) *A Poética de Maiakóvski através de sua prosa*. São Paulo: Perspectiva.

_____. (1985) Prefácio da 1ª edição. In: H. CAMPOS, & A. CAMPOS. (Trad.). *Poesia russa moderna: nova antologia* (2a ed., pp.13-21). São Paulo: Brasiliense.

SHAKESPEARE, W. (2006) *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1603).

SHUARE, M. (1990) *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscou: Editorial Progreso.

SINGER, I.B. (1999) *Sombras sobre o rio Hudson*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1957-1958).

SOUZA, R.M.; & RAMIRES, V.R. (2006) *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus.

SPRUNG, L., & SPRUNG, H. (2001) History of modern psychology in Germany in 19th- and 20th-century thought and society. *International Journal of Psychology*, 36 (6), 364–376.

STANISLAVSKI, K.S. (2001) *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Trabalho original publicado em 1936).

_____. (1989) *Minha vida na arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Trabalho original publicado em 1924).

STERN, W. (1924) *Psychology of early childhood: up to the sixth year of age*. New York: Henry Holt and Company (Trabalho original publicado em 1914).

_____. (1957) *Psicología general desde el punto de vista personalístico*. Buenos Aires: Paidós (Trabalho original publicado em 1938).

TOASSA, G. (2004a) Conceito de liberdade em Vigotski. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24 (3), 2-11.

_____. (2004b) *Consciência e atividade: um estudo sobre (e para) a infância*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Marília-SP.

_____. (2006) Conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, 17 (2), 59-83.

TODOROV, T. (2001) Signo. In: O. DUCROT, & T. TODOROV. *Dicionário enciclopédico de ciências da linguagem* (3a ed., pp.101-105). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1972).

TOLSTÓI, L. (2007) *A Sonata a Kreutzer*. São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1891).

TRONICK, E.Z. (1989) Emotions and emotional communication in infants. *American Psychologist*, 44 (2), 112-119.

TROTSKI, L.D. (1973) A escola poética formalista e o marxismo. In: D.O TOLEDO (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos* (pp.71-86). Porto Alegre: Globo (Texto original de 1923).

_____. (1930) *The History of the Russian Revolution*. Recuperado em 05 de julho, 2006, do Marxists Internet Archive web site: <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1930/hrr/ch48.htm>.

_____. (1980) *Literatura e revolução*. Rio de Janeiro: Zahar. (Texto original de 1923)

UNIVERSITY OF DENVER (2006). *Verbs and their Conjugations in Russian*. Recuperado em 15 de janeiro, 2007, do University of Denver web site: <http://www.du.edu/langlit/russian/verbs.htm#imperf>.

UNIVERSITY OF GLASGOW (2004). *Lev Shestov biography*. Recuperado em 15 de outubro de 2008, do Lev Shestov website: <http://www.shestov.arts.gla.ac.uk/html/biog.htm>.

VAN DER VEER, R., & VALSINER, J. (2001) *Vygotsky: Uma Síntese*. São Paulo: Loyola/Unimarco.

VIEIRA NETO, P. (2002) Afetos, alienação e liberdade. In: A. NOVAES (Org.) *O avesso da liberdade* (pp.115-134). São Paulo: Companhia das Letras.

VIGOTSKI, L.S. (1971) *The psychology of art*. Recuperado em 13 de outubro, 2006, do Marxists Internet Archive web site: <http://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/1925/index.htm>. (Texto original de 1925).

_____. (1986) *Psikologuia Iskusstva* (Hamlet/Psicologia da Arte). Recuperado em 15 de setembro, 2007, do <http://www.bookap.by.ru/>. (Textos originais de 1916 e 1925).

_____. (1987) *La imaginación y el arte en la infancia*. México, DF: Hispanica. (Texto original de 1930).

_____. (1991a) La conciencia como problema de la psicología del comportamiento. In: *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.39-60). Madrid: Visor Distribuciones. (Trabalho original publicado em 1925).

_____. (1991b) El método instrumental en la psicología. *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.65-70). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original proferido em 1930).

_____. (1991c) *Pedagogúicheskaya Psikhológiya* (Psicologia Pedagógica). Moskva: Pedagoguika. (Trabalho original publicado em 1926).

_____. (1991d) El problema de la conciencia. In: *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.119-132). Madrid: Visor Distribuciones (Texto original de 1934).

VIGOTSKI, L.S. (1991e) El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. In: *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.259-407). Madrid: Visor Distribuciones (Texto original de 1927).

_____. (1991f) Sobre el artículo de K. Koffka “La introspección y el método de la psicología”. A modo de introducción. In: *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.61-64). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original publicado em 1926).

_____. (1991g) Sobre los sistemas psicológicos. In: *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.71-93). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original proferido em 1930).

_____. (1994a) *A formação social da mente* (5a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1994b) The problem of the environment. In: J. VALSINER (Ed.) *The Vygotsky Reader* (pp.338-354). Oxford, UK: Blackwell Publishers (Trabalho original publicado em 1935).

_____. (1995) Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras escogidas* (Vol.3, pp.11-340). Madrid: Visor Distribuciones (Texto original de 1931).

_____. (1996a) La crisis de los tres años. In: *Obras escogidas* (Vol. 4, pp.369-375). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original proferido entre 1933-1934).

_____. (1996b) La crisis de los siete años. In: *Obras escogidas* (Vol. 4, pp.377-386). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original proferido entre 1933-1934).

_____. (1996c) Crisis del primer año de vida. In: *Obras escogidas* (Vol. 4, pp.319-340). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original proferido entre 1933-1934).

_____. (1996d) La infancia temprana. In: *Obras escogidas* (Vol. 4, pp. 341-367). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original proferido entre 1933-1934).

VIGOTSKI, L.S. (1996e) *Obras escogidas* (Vol. 4). Madrid: Visor Distribuciones (Textos originais de 1930-1934).

_____. (1996f) Paidología del adolescente. In: *Obras escogidas* (Vol. 4, pp.3-184). Madrid: Visor Distribuciones (Textos originais de 1930-1931).

_____. (1996g) El primer año. In: *Obras escogidas* (Vol. 4, pp.275-318). Madrid: Visor Distribuciones (Texto original de 1932-1934).

_____. (1996h) El problema de la edad. In: *Obras escogidas* (Vol. 4, pp.251-273). Madrid: Visor Distribuciones (Texto original de 1932-1934).

_____. (1996i) Problemas de la psicología infantil. In: *Obras escogidas* (Vol 4, pp.249-386). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalhos originais de 1932-1934).

_____. (1996j) O significado histórico da crise na psicologia. In: *Teoria e método em psicologia* (pp.203-417). São Paulo: Martins Fontes (Texto original de 1927).

_____. (1997a) Acerca de la dinámica del carácter infantil. In: *Obras escogidas* (Vol. 5, pp.169-180). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original publicado em 1928).

_____. (1997b). El problema del retraso mental. In: *Obras escogidas* (Vol. 5, pp.249-274). Madrid: Visor Distribuciones (Trabalho original publicado em 1935).

_____. (1998a) *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol.5). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers (Trabalhos originais de 1930-1934).

_____. (1998b) Pedology of the Adolescent. In: *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol.5, pp.3-184). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers (Textos originais de 1930-1931).

_____. (1998c) Problems of Child (Developmental) Psychology. In: *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol.5, pp.187-296). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers (Trabalhos originais de 1932-1934).

VIGOTSKI, L.S. (1999a) Conferências sobre psicologia. In: *O desenvolvimento psicológico na infância* (pp.3-131). São Paulo: Martins Fontes (Trabalhos originais de 1932).

_____. (1999b) *Imaginación y creación en la edad infantil* (2a ed.). La Habana: Pueblo y Educación (Texto original de 1930).

_____. (1999c) On the problem of the psychology of the actor's creative work. In: *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6, pp.237-244). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers (Texto original de 1932).

_____. (1999d) Prólogo à versão russa do livro de E. Thorndike: Princípios de ensino baseados na psicologia. In: *O desenvolvimento psicológico na infância* (pp.149-178). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1926).

_____. (1999e) The teaching about emotions. Historical-psychological studies. In: *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6, pp.71-235). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers (Texto original de 1933).

_____. (1999f) *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes (Texto original de 1916).

_____. (2000) Psicologia concreta do homem [versão eletrônica]. *Educação e Sociedade*, 21 (71), 21-44. Recuperado em 10 de abril de 2006, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br (Texto original de 1929).

_____. (2001a) *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes (Texto original de 1934).

_____. (2001b) *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes (Texto original de 1925).

_____. (2001c) *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes. (Texto original de 1926).

VIGOTSKI, L.S. (2004) *Teoria de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Madrid: Akal (Texto original de 1933).

_____. (2005a) *Istoria razvitiya vichikb psikhicheskikh funktsii* (História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores). Recuperado em 15 de setembro, 2007, do http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-4-istoriya_razvitiya_vysshyh_psih_funkciy.pdf.

_____. (2005b) *Lektsii po psikhologii* (Conferências de psicologia). Recuperado em 10 de outubro, 2008, de: http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-6-lektsii_po_psihologii.pdf. (Trabalhos originais de 1932).

_____. (2005c) *Michliénie i riétch* (Pensamento e Linguagem). Recuperado em 15 de setembro, 2007, do http://yanko.lib.ru/books/psycho/vugotskiy-psc_razv_chel-7-myshlenie_i_rech.pdf (Texto original de 1934).

_____. (2007) In Memory of L.S. Vygotsky (1896–1934). L.S. Vygotsky: Letters to Students and Colleagues. *Journal of Russian and East European Psychology*, 45 (2), 11–60 (Textos originais de 1926-1934).

_____. (2008) *A questão do meio na pedologia*. (M.P. Vinha, trad.) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (Trabalho original publicado em 1935).

VIGOTSKI, L.S., & LURIA, A.R. (1996) *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1930).

VOINOVA, N., STARETS, S., VERKHUCHA, V., & ZDITOVETSKI, A. (1989) *Dicionário russo-português*. Moscou: Russki Yazik.

VYGODSKAYA, G.L. (1995) His Life. *School Psychology International*, 5 (16), 105-116. Recuperado em 10 de setembro, 2006, de Vygotsky Project web site: <http://webpages.charter.net/schmolze1/vygotsky/gita.html>.

WERTSCH, J.V. (1985) *Vygotsky and the social formation of mind*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

WIKIPEDIA (2006a). *Imperfective aspect*. Recuperado em 15 de janeiro, 2007, do Wikipedia web site: http://en.wikipedia.org/wiki/Imperfective_aspect.

_____. (2006b). *Johann Ludwig Tieck*. Recuperado em 15 de janeiro, 2007, do Wikipedia web site: <http://en.wikipedia.org/wiki/Tieck>.

_____. (2006c). *Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin)*. Recuperado em 23 de agosto, 2006, do Wikipedia web site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%AAnin#Doutrina.C3.A7.C3.A3o>.

_____. (2007a) *Russo-Japanese War*. Recuperado em 26 de setembro, 2007, do Wikipedia web site: http://en.wikipedia.org/wiki/Russo-Japanese_War.

_____. (2007b) *Thalamus*. Recuperado em 28 de setembro, 2007, do Wikipedia web site: http://en.wikipedia.org/wiki/Thalamus#Location_and_topography.

_____. (2007c) *Wilhelm Dilthey*. Recuperado em 28 setembro, 2007, do Wikipedia web site: <http://en.wikipedia.org/wiki/Dilthey>.

_____. (2008a) *Action potential*. Recuperado em 10 novembro, 2008, do Wikipedia web site: http://en.wikipedia.org/wiki/Action_potential.

_____. (2008b) *Léon Chestov*. Recuperado em 30 de agosto, 2008, do Wikipedia web site: http://fr.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Chestov.

_____. (2009a) *Mirror neurons*. Recuperado em 18 de janeiro, 2009, do Wikipedia web site: http://en.wikipedia.org/wiki/Mirror_neuron

_____. (2009b) *Transliteração de russo para português*. Recuperado em 05 de janeiro, 2009, do Wikipedia web site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Translitera%C3%A7%C3%A3o_de_russo_para_portugu%C3%AAs#Folha_de_S.Paulo

WORTIS, J. (1953) *La psiquiatria soviética*. Buenos Aires: Ateneo.

YAROSHEVSKY, M.F. (1999a) Epilogue. In: L.S. VYGOTSKI. *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6, pp.245-266). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

YAROSHEVSKY, M.F., & GURGUENIDZE, G.S. (1991) Epílogo. In: L.S. VYGOTSKI. *Obras escogidas* (Vol 1, pp.451-477). Madrid: Visor Distribuciones.

ZANCHETTA, L. (2004) Impressionismo: 230 anos de luz. *Ciência e Cultura*, 56 (3), 58-59.

ANEXO: FIGURAS

Figura 1: Vista lateral esquerda do encéfalo. Mostram-se as principais divisões e os quatro lobos principais do cérebro (extraída de Guyton, 1993, p.12)

Figura 2: a Teoria do Cérebro Visceral (sistema límbico de MacLean): o núcleo era o hipocampo (na forma de um cavalo-marinho), que recebia mensagens do mundo externo e do ambiente interno ou visceral, que se considerava base da experiência emocional. Acreditava-se que as células piramidais (triângulos pretos no hipocampo) eram uma espécie de teclado emocional (Reproduzido de P. MacLean, "Psychosomatic disease and the visceral brain", 1949, por Ledoux, 1996, p.87)

Figura 3 – Versão minimalista das regiões capazes de desencadear e executar emoções (extraída de Damásio, 2004, p.67).

Figura 4: Regiões somatossensitivas principais. Do tronco cerebral ao córtex (extraída de Damásio, 2004, p.105).

Figura 5: Mapa das regiões cerebrais ativadas durante os sentimentos de alegria. Experiência de Damásio com PET (tomografia por emissão de pósitrons). As duas imagens da direita mostram uma perspectiva mediana (sagital) do hemisfério direito (em cima) e do esquerdo (embaixo). Nota-se aumento do fluxo sanguíneo (áreas mais escuras), ou seja, de ativação, para a região do cíngulo anterior (ac), do cíngulo posterior (pc), do hipotálamo (hyp), e do prosencéfalo basal (região frontal – bf). Os quatro painéis da esquerda revelam seções do cérebro numa perspectiva quase horizontal (R – right hemisphere; L – left hemisphere). Note-se a atividade significativa da ínsula (in) e do cíngulo posterior (pc) (extraída de Damásio, 2004, p.108).

Figura 6: Diagrama das conexões das regiões médio-basais do córtex (como se os hemisférios cerebrais estivessem abertos pelo dorso). (M) Núcleo medial do tálamo; (V) Núcleo ventral do tálamo; (P) Pulvinar; (G) Corpus geniculados; (O) Região cortical occipital; (T) Região cortical temporal; (R) Região cortical central; (F) Região frontal (extraído de Luria, 1966, p.67).

Figura 7 – As áreas funcionais do córtex cerebral (extraída de Guyton, 1993, p.16)

Figura 8 – O sistema excitatório-ativador do encéfalo (ou sistema reticular ascendente). Também é mostrada a área inibitória no bulbo, que pode inibir ou deprimir o sistema ativador (extraída de Guyton, 1993, p.228)

Figura 9 – O circuito de Papez, um dos precursores da noção de sistema límbico. Peça neuroanatômica e imagem: Esperidião-Antônio et al. (2008).

Figura 10 – Neuroanatomia da tomada de decisão. Esperidião-Antônio et al. (2008) propõem uma neuroanatomia da tomada de decisão a partir do córtex pré-frontal. Mostra-se o papel do córtex cíngulado anterior, que focaliza a atenção perceptual e cognitiva, modulando a atividade das áreas correspondentes. As regiões dorsolaterais do córtex-pré-frontal respondem pela comparação de informações. O derradeiro ajuste, mediado pelos objetivos individuais e contextos sociais, realiza-se pelo córtex pré-frontal ventromedial (ver Figura 3). A imagem foi preparada por R. Siqueira-Batista e V. Esperidião-Antônio (Unifeso), sob inspiração de M.I. Posner & M.E. Raichle (1994). *Images of Mind*. New York: Scientific American Library.